

Saionara Figueiredo Santos

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE IDENTIDADES DE
GÊNERO DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LIBRAS
NÃO HETERONORMATIVOS**

Tese submetida ao Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
doutora em tradução.

Orientadora: Prof.^a Dra.^a Viviane
Maria Heberle

Florianópolis

Ano

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Santos, Saionara Figueiredo
A construção discursiva de identidades de gênero
de tradutores e intérpretes de libras não
heteronormativas / Saionara Figueiredo Santos ;
orientadora, Viviane Maria Heberle , 2019.
250 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução. 3. Gênero. 4.
Não-heteronormativos. 5. Libras. I. , Viviane Maria
Heberle. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da
Tradução. III. Título.

Saionara Figueiredo Santos

**A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE IDENTIDADES DE
GÊNERO DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LIBRAS
NÃO HETERONORMATIVOS**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutora”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Local, x de xxxxx de xxxx.

Prof. xxx, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a xxxx, Dr.^a
Orientadora
Universidade xxxx

Prof.^a xxxx, Dr.^a
Corientadora
Universidade xxxx

Prof. xxxx, Dr.
Universidade xxxxxx

RESUMO

Neste trabalho, analiso as falas de Tradutores/Tradutoras e Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (TILS) não heteronormativos. Desejo entender como as manifestações de suas identidades de gênero se relacionam no contexto da comunidade surda e do trabalho na área da Tradução/Interpretação. Assim, possuo como objetivo geral investigar questões de gênero no contexto social e de trabalho dos profissionais TILS não heteronormativos, principalmente suas visões em relação a preconceito e aceitação da comunidade surda heterossexual para com os profissionais que não o são, teorizando sobre gênero e relações sociais dentro da comunidade surda usando dados empíricos. Para atingir esses objetivos, realizei uma pesquisa com uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, usando entrevistas semiestruturadas com os profissionais acima citados, ouvindo suas narrativas e analisando suas escolhas léxico-gramaticais. Como arcabouço teórico para embasar as análises, uso contribuições teóricas envolvendo os Estudos da Tradução, Estudos de Gênero, Análise Crítica do Discurso, Linguística Sistemico Funcional e Avaliatividade. Pretendo avançar em discussões sobre a questão de gênero dentro da comunidade surda, entendendo que questionar aspectos como diferença e identidade significa questionar os sistemas de performatividade e de gênero. Espero que as reflexões tencionadas nesta pesquisa problematizem as conexões estabelecidas entre sexualidades, gênero e contexto da comunidade surda, refletindo sobre questões histórias e culturais no campo sócio-histórico.

Palavras-chave: Tradutores/Intérpretes. Análise Crítica do Discurso. Identidades de Gênero. Avaliatividade.

ABSTRACT

In this research, I analyse talks by non-heteronormative Brazilian Sign Language Translators and Interpreters (BSLTI). I want to understand how their gender relations in the context of the deaf community and of work in the area of Translation / Interpretation. Thus, as a general objective, I aim to investigate gender in the social context and work of non-heteronormative BSLTI professionals especially their views regarding prejudice and acceptance of the deaf heterosexual community to professionals who are not, theorizing about gender and social relations within the deaf community using empirical data. To achieve these goals, I carried out a qualitative, descriptive and exploratory approach, using semi-structured interviews with the professionals mentioned above, listening to their narratives and analyzing their lexicogrammatical choices. As a theoretical framework to support the analyses, I use theoretical contributions involving Translation Studies, Gender Studies, Functional Systemic Linguistics, Critical Discourse Analysis and Appraisal theory. I intend to advance in discussions on gender within the deaf community, understanding that questioning aspects such as difference and identity means questioning the systems of performativity and representation. I hope that the reflections envisaged in this research may problematize the established connections between sexualities, gender and context of the deaf community, reflecting on historical and cultural issues in the socio-historical field.

Keywords: Translators/Interpreters. Critical Discourse Analysis. Gender Identities. Appraisal theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Níveis ou estratos envolvidos no uso e análise da linguagem segundo a LSF. Extraída da apostila Análise do Discurso, de Meurer e Dellagnelo (2008).	32
Figura 2: Elaboraões sobre campo, relações e modo (retirada de MEURER, 2008, baseada em Souza, 2007)	34
Figura 3: Sistema de Significaões	41
Figura 4: Significados Atitudinais	43
Figura 5: Mapeamento da Disciplina de Estudos da Tradução de acordo com Holmes (1972/1988/2000)	52
Figura 6: Novo modelo de subáreas dos Estudos da Tradução, proposto por Williams & Chesterman (2002).	53
Figura 7: Mapeamento de Pagano e Vasconcellos (2003).	55
Figura 8: Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação, na crítica imagética de Pöchhacker (2004 a) a Gile (1995) e a sua proposta, respectivamente.	58
Figura 9: Saindo da dicotomia Tradução x Interpretação.	59
Figura 10: “Outside”, arte de Gabriele (MG)	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Sujeitos da pesquisa

84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tipos de orações e seus respectivos significados ideacionais	35
Quadro 2: Tipos de orações e seus respectivos participantes	36
Quadro 3: Indicações de Afeto em enunciados	44
Quadro 4: Julgamentos	46
Quadro 5: Apreciações	48
Quadro 6: Resumo dos subsistemas da Atitude	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD – Análise Crítica do Discurso

CED – Centro de Educação

CEP – Comitê de Ética e Pesquisa

CEPSH – Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos

EG – Estudos de Gênero

ET – Estudos da Tradução

ILS – Intérprete de Língua de Sinais

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LSB – Língua de Sinais Brasileira

LSF – Linguística Sistemico-Funcional

PGET – Pós-graduação em Estudos da Tradução

TILS – Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	25
1.1. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS	28
1.2 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO PARA ESTA PESQUISA	28
1.3 ESTRUTURA DA TESE	31
CAPÍTULO 2: SUPORTE TEÓRICO	33
2.1 A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD)	33
2.1.1 Linguagem, discurso e a ação	34
2.1.2 A Linguística sistêmico-funcional e sua relação com a Análise Crítica do Discurso	42
2.1.3 Gênero do Discurso e Avaliatividade	52
2.2 TRADUZINDO E INTERPRETANDO DISCURSOS: ESTUDOS DA TRADUÇÃO E ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO	63
2.2.1. Discursos como Identificação: sobre quem realiza a tradução e interpretação na/para a Língua de Sinais Brasileira	75
2.3 DISCURSO E IDENTIDADE DE GÊNERO	83
CAPÍTULO 3: OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	94
3.1 A NATUREZA DA PESQUISA	95
3.2 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	96
3.3 CUIDADOS ÉTICOS	97
3.4 OS SUJEITOS PESQUISADOS	98
CAPÍTULO 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	104
4.1 A PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS SOBRE A OPINIÃO DO SURDO SOBRE O TILS NÃO HETERONORMATIVO	106

4.2 A PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS SOBRE A OPINIÃO DOS COLEGAS TILS OUVINTES SOBRE O TILS NÃO HETERONORMATIVO	145
4.3 A PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS SOBRE A OPINIÃO DE SI MESMOS ENQUANTO TILS NÃO HETERONORMATIVO	161
CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERENCIAL TEÓRICO	184
APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	208
APÊNDICE 2 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	214

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

Dentro das discussões atuais no que se refere à educação de surdos, o/a Tradutor/Tradutora intérprete de Libras (TILS) vêm sendo um ator substancial na temática relativa à inclusão do surdo/surda na sociedade. No Brasil, sua profissão foi regulamentada pela Lei 12.319, emitida no dia 01 de setembro de 2010. Recentemente, a Lei 13.246 de 06 de julho de 2015 esclareceu aspectos que a Lei anterior não contemplava, como por exemplo a equivalência entre formação requisitada e nível do cargo. Essa última foi resultado de muitas pesquisas teóricas e práticas, que detalhavam o processo de inclusão do surdo em classes regulares, além de elucidar sobre o TILS no contexto da educação do surdo.

Sendo assim, é perceptível a recorrência de discussões em torno do trabalho deste profissional. Na atualidade, há de se perceber os embates relacionado à sua atuação, à autonomia do profissional e à sua relação com o ensino no campo educacional (ALBRES E LACERDA, 2006, 2009, 2013; BELÉM, 2010; CONSTANCIO, 2010; CÓRDOVA, 2009; COSTA, 2008; GURGEL, 2010; LACERDA, 2002, 2006, 2008, 2010; MARTINS, 2009; QUADROS, 2002, 2004; SANTOS, 2010; SOUZA, 2010, entre outros). Todavia, as questões de subjetividade destes profissionais permanecem em aberto. A temática que envolve a história de vida por trás do profissional TILS ganha contornos complexos quando se pensa que este está inserido numa comunidade de língua e cultura diferentes, que influenciam sua historicidade e constituição. Essa constituição e as contradições envolvendo a profissão e a subjetividade do/da TILS vêm sendo alvo de estudos (BARAZZUTTI, 2009; NICOLOSO, 2010, PASSOS, 2010; ROSA, 2005; SANTOS, 2006 por exemplo).

Diante de tantas particularidades da subjetividade e identidade de um TILS, o objetivo deste trabalho é compreender e problematizar aspectos da constituição identitária¹ deste profissional. Interessou-me a história de vida destes sujeitos que se autoidentificam como não heteronormativos, o lugar que a profissão de tradutor(a)/intérprete ocupa nesse processo, principalmente quando os diversos atores da comunidade surda significam suas identidades sexuais.

¹ Nos estudos feministas e culturais, as identidades são plurais (múltiplas), se transformam e podem ser contraditórias. O conceito de identidade muito se relaciona com o sentimento de pertencimento a um grupo étnico, social, sexual, de classe, gênero, constituindo assim o sujeito e tendo papel importante em sua historicidade (LOURO, 2014, p. 29)

É interessante ressaltar, no início desta tese, que o termo não heteronormativo emergiu de primeiros contatos com parte sujeitos pesquisados, que desejaram ser chamados dessa maneira, para não se enquadrarem em um grupo engessado ou rotularem-se. Assim, este termo foi usado sumariamente nesta tese, além dos termos utilizados pelas próprias pessoas entrevistadas. Outro ponto a ser reafirmado é que, nesta tese, entrevisto pessoas surdas e ouvintes, já que ambas podem atuar como TILS e não apenas pessoas ouvintes, como o senso comum afirma.

A escolha do tema dessa pesquisa emergiu de minha dissertação de Mestrado², onde surgiram questões relacionadas ao preconceito dentro da comunidade surda³ para com o profissional TILS, que não conseguiram ser analisadas em sua profundidade. Nesta tese utilizo o conceito de comunidade surda, entendido como o espaço de partilha cultural e linguística, onde surdos e ouvintes convivem e compartilham interesses, histórias e olhares.

É nas comunidades surdas, na interação com o outro-surdo e com o mundo ouvinte, que diferentes trajetórias se encontram, que – na multiplicidade de vozes e de sinais – recriam-se as Identidades Surdas⁴, as narrativas pessoais, os marcadores culturais, as lutas e os discursos que permeiam os grupos Surdos. Os próprios conceitos subjacentes ao “ser Surdo” são produzidos e reconstruídos, em parte, na experiência das diferentes comunidades: uns se focam nos aspectos políticos; outros se focam nos aspectos “referentes à língua de sinais e artes, alguns mantêm um tipo ‘ser surdo’ como minoria, como comunidade, como povo (PERLIN; MIRANDA, 2001, p. 220).

² Dissertação de Mestrado, da Universidade Federal de Rio Grande, cujo tema é: Educação Ambiental: recursos imagéticos na produção de significação de um sujeito surdo.

³ Usei o conceito de comunidade surda de Perlin (1998), designando “o espaço onde as pessoas surdas (e ouvintes fluentes da língua) interagem entre si, sendo esta comunidade identificada por algumas características, tais como a língua, histórias comuns, culturas compartilhadas, entre outras” (SANTOS, 2013, p. 69).

⁴ Utilizo a letra maiúscula para designar os surdos que se identificam com a identidade e cultura surdas, com o uso antropológico e empoderador da palavra surdo, a partir dos estudos de James Woodward em 1972.

A partir desses relatos, além de minhas vivências no contexto da tradução e interpretação e questionamentos de alguns surdos, a temática apareceu e persiste sem muitos posicionamentos da categoria de TILS.

Desejo avançar nas discussões sobre questões relacionadas à profissão de Tradutor/Tradutora e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (TILS) no contexto da diferença de gênero e sexual, pretendendo dar visibilidade a estes grupos e problematizar os embates na profissão neste contexto. Além disso, pretendo contribuir com algumas reflexões sobre aspectos que envolvem a relação da orientação afetivo-sexual e recepção da comunidade surda perante tal perfil de profissional.

As narrativas desses TILS e dos processos de afirmação e construção de orientação afetivo-sexual, que se efetivam pelas escolhas destoantes da norma, nem sempre são conciliadas com a conduta e valores de sua rede social e de trabalho. Nesta tese, essas narrativas são analisadas, bem como os conflitos envolvidos no ambiente de trabalho, que podem interferir nas subjetividades destes sujeitos. Além disso, busco assinalar situações de exposições aos estigmas sociais regulares e persistentes acontecidas no contexto do serviço de TILS à luz da Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2003).

No arcabouço teórico estão os Estudos da Tradução (ET) e Estudos da Interpretação (EI), os Estudos de Gênero (EG), além da já mencionada Análise Crítica do Discurso (ACD). Os conceitos de Identidade e Subjetividade de TILS não heteronormativos também serão teorizados neste contexto. Interrogo, com o suporte teórico de autores como de Fairclough (1989, 1992a, 1992b, 1995, 2001, 2003, 2004, 2008), Butler (2015), Heberle (2000, 2010), Foucault (1988, 2015), Funck (2008), Magalhães (2004, 2006), Guerini (2007), Basnett (2005), Louro (2014), Wurm (2010), Scott (1995), entre outros, com o intuito de questionar o binarismo homossexualidade/heterossexualidade nas dimensões históricas, sociais, políticas e culturais, assim como as diversas premissas que se correlacionam a ele.

Sobre diferença e identidade, Silva (2000) explica que questionar estes aspectos significa questionar também os sistemas de representação que sustentam e dão suporte a estas definições. Ou seja, “ (...) no centro da crítica da identidade e da diferença está uma crítica das suas formas de representação” (SILVA, 2000, p. 91). Problematizar as conexões estabelecidas entre identidade, gênero e contexto da comunidade surda, assim como “propor a visualização do ser humano como sexuado, complexo, diverso e inconcluso” (FRANCO, 2009, p. 18) é o campo em que se situa minha discussão. Refletir sobre esses aspectos conduziu-nos

a analisar questões históricas e culturais aceitas como verdadeiras e únicas no campo sócio-histórico.

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

Partindo do pressuposto que heteronormatividade pode ser definida e problematizada, numa perspectiva que enfatiza o caráter produtivo da linguagem, “como um padrão de sexualidade que regula o modo como a sociedade ocidental está organizada” (PETRY E MEYES, 2011, p. 103) e considerando a minha trajetória pessoal e profissional junto à comunidade surda e tendo presente a escassez de material que siga esta linha temática, eu trouxe como questão de pesquisa:

Como os/as TILS cujas manifestações de identidades de gênero diferem da heteronormatividade, se relacionam no contexto da comunidade surda e do trabalho?

Para responder a essa questão de pesquisa foram elaborados os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

- Investigar questões de gênero no contexto social e de trabalho nos profissionais TILS não heteronormativos.

Objetivos Específicos:

- Ouvir as narrativas de TILS da comunidade não heteronormativos;
- Identificar evidências discursivas que configuram preconceito e aceitação da comunidade surda heterossexual para com os TILS que não o são;
- Teorizar sobre gênero e preconceito na Comunidade surda a partir de dados empíricos.

Nas próximas seções será abordada a justificativa da escolha do tema, os referenciais teóricos que embasam o trabalho, os processos metodológicos que serão utilizados e, para finalizar, algumas considerações.

1.2 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO PARA ESTA PESQUISA

No decorrer histórico das lutas surdas, uma das principais conquistas foi o direito a um intérprete de Libras no âmbito educacional, regulamentado pelo Decreto 5.626 de 2005. Como a maioria dos ouvintes na comunidade surda, também comecei minha carreira profissional sendo TILS. Assim como os surdos vêm conquistando visibilidade e empoderamento, também os tradutores e intérpretes de Libras vêm construindo seu espaço profissionalmente e dentro da comunidade surda, percebendo, assim como eu, o papel imprescindível da profissão nas mediações e comunicação entre surdos e sociedade (SANTOS, 2007).

No campo dos Estudos da Tradução, a área da tradução e interpretação da Língua de Sinais (especificamente a da Língua Brasileira de Sinais) é relativamente recente. Santos (2013) fez um levantamento das categorias que emergem das dissertações e teses sobre TILS no período de 1990 até 2010. Em sua pesquisa, ela percebeu pontos frágeis da pesquisa nessa área:

(...) caracterização do papel do intérprete de língua de sinais em sala de aula; conflito de identidades entre “professor/intérprete” e “intérprete”; trajetórias de formação; condições de trabalho; processos de tradução aplicados em contextos literários e técnicos, sendo a área da Educação o campo de maior interface dessas pesquisas, seguida da área de linguística. Por fim, constatamos a transição teórica da pesquisa sobre TILS, bem como a consolidação e o empoderamento dessa subárea articulada aos Estudos da Tradução. (SANTOS, 2013, p. 9)

Há de se perceber que a área da tradução/interpretação em Libras no campo dos Estudos da Tradução vem restringindo as temáticas às questões políticas e polêmicas voltadas ao trabalho. Essas pesquisas corroboram para o desenvolvimento formal da profissão TILS, para a conquista de espaço e visibilidade dentro das pesquisas teóricas, além de reflexões sobre a atuação e o desempenho no ato de traduzir/interpretar.

Entretanto, a partir do levantamento bibliográfico feito em minha pesquisa de mestrado (Santos, 2013) é perceptível que as pesquisas não avançaram no campo das subjetividades. Silva (2009), em sua tese de doutorado, propõe uma reflexão sobre as representações em ser surdo, a partir dos olhares dos próprios surdos. Tecendo um comparativo com as pesquisas que tratam de TILS poucas contemplam as falas deles, que

não sejam apenas de discussão de aspectos políticos e educacionais da comunidade na qual convivem, mas sim de poder falar de si mesmos e das contradições que podem perceber no âmbito em que convivem. Silva corrobora com essa ideia ao afirmar que as narrativas “não são apenas o produto de uma experiência individual, mas são construídas na interação com o outro” (SILVA, 2009, p. 52). São as histórias que eles podem contar sobre suas vidas que podem representar a “expressão de uma experiência que foi sendo construída nas interações sociais, nas análises compartilhadas sobre os acontecimentos vividos e nas versões reelaboradas desses acontecimentos” (SILVA, 2009, p. 52).

Desse modo, assim como fiz em minha dissertação de mestrado com pessoas surdas, conheci muitas narrativas de colegas TILS e pude compreender, a partir de suas experiências, que as histórias que me contavam foram construídas nas relações sociais, nos acontecimentos vividos. A partir destas histórias e de minha dissertação de mestrado, tive contato com questões voltadas à identidade de gênero do TILS, influenciando seu contato com a comunidade surda, sua aceitação perante o público no qual trabalha, além da sua visão como profissional. Além disso, impulsionada pelas pesquisas de Nicoloso (2010 e 2015) em seu mestrado e doutorado respectivamente, encontrei as pesquisas brasileiras pioneiras que trabalham com questões relacionadas a Estudos de Gênero no contexto do TILS. Essas pesquisas, aliadas às lacunas que permaneceram da minha dissertação de mestrado me encorajaram a me desafiar a trilhar este caminho de pesquisa relativamente novo para mim.

Assim, este trabalho busca, através de empirismo, dar voz aos TILS não heteronormativos e suas discussões, percepções e críticas acerca do posicionamento que conseguiram dentro de seu “meio ambiente”: a comunidade surda, de sua subjetividade e no contexto do trabalho. Este tema busca iniciar este campo específico de pesquisa reconhecendo, logo de início, que há outras identidades aqui não contempladas para pesquisa que exigem aprofundamento.⁵ Portanto, o tema escolhido para esta pesquisa se mostra relevante para o campo dos Estudos da Tradução; se justifica por haver poucas pesquisas que tratem teoricamente sobre as pessoas não heteronormativas que trabalham com tradução/interpretação de Língua de Sinais Brasileira, além de ser uma tentativa de desvendar questões sociais no contexto destas minorias.

⁵ Por exemplo, esta pesquisa não contou com TILS transexuais, bissexuais, travestis, agêneros e assexuados.

Baseado nas entrevistas realizadas com 3 pessoas, foi possível identificar e classificar as argumentações dos discursos em três eixos:

- A percepção dos sujeitos sobre a opinião do surdo sobre o TILS não heteronormativo;
- A percepção dos sujeitos sobre a opinião dos colegas TILS ouvintes sobre o TILS não heteronormativo;
- A percepção dos sujeitos sobre a opinião de si mesmos enquanto TILS não heteronormativo.

Assim como a pesquisa de Nicoloso (2010), esta tese também visa informar cientificamente a população surda a respeito de questões relacionadas a diversidade de gênero no contexto de sua comunidade. Assim, tento, a partir dos discursos aprendidos, refletir e aprofundar os valores culturais, identidades, crenças e subjetividades dos indivíduos surdos sobre os TILS não heteronormativos.

1.3 ESTRUTURA DA TESE

Feitas as considerações preliminares, passo a apresentar a estruturação na qual pretendo desenvolver esta tese.

O capítulo 2 trará as bases teóricas que embasam este estudo. Neste sentido, são três as áreas de conhecimento que serão abordadas: a Análise Crítica do Discurso (ACD), os Estudos da Tradução (ET) e Interpretação (EI) voltados ao profissional TILS e, por último, os Estudos de Gênero (EG).

No que se refere à ACD, dentre os principais autores, está Norman Fairclough. A ACD é uma área de conhecimento que se dedica a estudar o discurso, sendo uma alternativa multidisciplinar de estudos da linguagem e de práticas sociais. Os fenômenos discursivos são estudados especialmente em questões relacionadas a gênero, questões sócio-econômicas, políticas e culturais. Pela ACD, os textos são também 'elementos dos eventos sociais', já que o contato com a linguagem e com o texto pode influenciar as pessoas. Assim, ao analisar um texto, é perceptível que este pode produzir mudanças, justamente por haver uma relação dialética entre texto e contexto social. De outra forma, serão chamados a subsidiar a análise da tese Fairclough (1989,1992a, 1992b, 1995, 2001, 2003, 2004, 2008), Heberle (2000, 2010), Foucault (1988, 2015), Magalhães (2004, 2006), entre outros, os quais também se dedicaram aos estudos de Norman Fairclough.

Ainda no mesmo capítulo, na área dos Estudos da Tradução, uso como principais autores Basnett (2005) e Guerini (2007), Santos (2006, 2013), Nicoloso (2010), Wurm (2010), entre outros. Estes autores apontam os ET como uma ponte entre as lacunas teóricas nas áreas que trabalham com linguagem e se preocupam com a formação da pessoa que traduz e interpreta, valorizando a qualidade e empoderamento da profissão. A prática de traduzir e interpretar também é abordada, assim como o papel das competências linguística e referencial no ato tradutório. De pronto, também abordo questões sobre os ET como área de pesquisa, bem como investigo a pessoa que está por trás do serviço de tradução e interpretação.

O último pilar epistemológico do terceiro capítulo trata da questão de gênero. Os Estudos de Gênero são fundamentais na área na qual essa tese se concentra, já que a análise é focada na identidade de gênero. Trago, prioritariamente, as considerações de Butler (2015), Heberle (2000, 2010), Foucault (1988, 2015), Funck (2008), Louro (2014), entre outros.

O capítulo 3 contempla a metodologia utilizada: apresento um breve panorama de como a pesquisa se dará, quais métodos utilizarei, quantos sujeitos. Também descrevo os passos éticos tomados para que a pesquisa acontecesse sem prejuízo algum para os sujeitos pesquisados. A perspectiva é qualitativa, na forma de entrevistas semi-estruturadas. Assim, trago os procedimentos, técnicas e fases da coleta de dados.

O capítulo 4 contempla efetivamente a investigação: a análise dos dados, feita após a conversa com os sujeitos. Para a análise, uso a ACD, além de todo o aparato teórico descrito no capítulo 3, como Estudos de Gênero e Teoria da Avaliatividade. Este capítulo também apresenta as análises relacionadas aos eixos elencados a partir dos discursos dos entrevistados.

Por último, trago as considerações finais da pesquisa. Pretendo apresentar algumas proposições no intuito de colaborar na discussão das identidades dos TILS que transitam pela diversidade de gênero e sexual (pessoas não heteronormativas), além de dissertar sobre como a comunidade surda encara essa diversidade no contexto diário e de aceitação de um trabalho de tradução que envolva uma pessoa com esse perfil.

CAPÍTULO 2: SUPORTE TEÓRICO

Neste capítulo apresento os supostos epistemológicos essenciais ao andamento da pesquisa. De pronto, trago os eixos teóricos que contribuíam, para a análise das falas dos sujeitos, ao andamento da pesquisa.

Este estudo tem uma perspectiva interdisciplinar demonstrada nesse capítulo, que está dividido em três partes principais: primeiramente disserto sobre os seguintes aspectos da Análise Crítica do Discurso (ACD), a saber: Linguagem, Discurso e Ação e Hegemonia e mudança social. Como o objetivo desta tese é compartilhar e analisar as representações discursivas de TILS não heteronormativos no contexto de sua atuação, o aprofundamento de aspectos sobre as práticas discursivas e relações de poder podem contribuir para entender crenças e conhecimento e, assim, provocar transformações nas relações sociais e nas identidades⁶ sociais. Abordo também algumas questões da Linguística Sistêmico Funcional (LSF), Teoria da Transitividade e Avaliatividade, já que analisei entrevistas e o plano linguístico também é uma faceta social, sendo possível estratificá-las e analisá-las.

Também há uma seção sobre os Estudos da Tradução e Interpretação, que embasaram as relações da área de estudo com o profissional que realiza a tradução e interpretação. Por último, os Estudos de Gênero serão notáveis, já que o cerne do estudo é analisar as identidades de gênero de TILS.

Ressalto que o objetivo deste capítulo teórico foi delimitar as teorias utilizadas na base teórica de análise. Espero, a partir deste arcabouço teórico, problematizar, compreender e analisar as representações destes TILS e de suas experiências.

2.1 A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD)

Em tempos atuais, embora nem sempre com temáticas específicas, os Estudos da Tradução (ET) vêm pesquisando a profissão do/da Tradutor/Tradutora e Intérprete de Libras (TILS) num contexto cultural e em pesquisas de Estudos de Gênero (NICOLOSO, 2010). Essas pesquisas apontam para questões de gênero e de trabalho relacionadas ao ato interpretativo e tradutório, bem como ao

⁶ Giddens (1991) explica que a identidade pessoal é o eu compreendido pelo indivíduo, relacionados a sua biografia, estabilidade dada por um sentido de “continuidade biográfica que o indivíduo comunica aos outros”. (BASTOS, 2008, p. 101).

entendimento e importância desta profissão pela categoria e pelo público que a mesma atende (LIMA, 2006; NICOLOSO, 2010; SANTOS, 2006; VIEIRA, 2007). Porém, nem sempre os protagonistas dessa história são ouvidos, sendo a maioria das análises voltadas para os procedimentos técnicos ou revisões bibliográficas.

Esta tese pretende dar a conhecer os posicionamentos e experiências de TILS não heteronormativos. A ACD, no contexto dessa análise, é um sustentáculo teórico fundamental. Ressalto que nesta tese não se discutirá todos os aspectos relacionados à ACD. Escolho, portanto, tópicos que podem contribuir para as análises do capítulo IV, já previamente justificados no início deste capítulo.

Neste item, discuto questões importantes relacionadas a tese. Assim, divido em subitens, para facilitar e enumerar aspectos prioritários da teoria para este estudo.

2.1.1 Linguagem, discurso e a ação

A linguagem e a interação aparecem como parte essencial no entendimento do contexto social. Sendo a linguagem parte fundamental constituinte da sociedade, regulando-a e constituindo-a, as práticas sociais manifestam-se por meio do discurso. Assim, ao entender também o foco desta tese, a Análise Crítica do Discurso (ACD) é um imprescindível pilar teórico, já que se preocupa em examinar a linguagem como refletora do contexto social; ou seja, deseja buscar alternativas em áreas conexas das Ciências Sociais para entender o discurso e estruturas sociais.

Norman Fairclough (2008), explica que as práticas discursivas podem contribuir para mudar crenças e conhecimento e assim, provocar transformações nas relações sociais e nas identidades sociais. A ACD constitui uma alternativa multidisciplinar que pode ser usada para investigar fenômenos discursivos relacionados a poder, tais como discriminações de gênero, por exemplo. Além disso, Nicoloso (2010), explica que a ACD ajuda o entendimento e embasamento teórico-metodológico para entender “o que as pessoas fazem por meio do discurso, por que o fazem e como organizam os diferentes discursos de forma a causar impactos desejados ou não” (NICOLOSO, 2010, p. 16).

Destarte, para Fairclough (1989, 1992, 1995, 2003), o discurso pode manifestar escolhas de linguagem de vocabulário lexical e de significado; pode revelar crenças e representações de mundo; traduzir-se nos posicionamentos e comportamentos das pessoas e, por fim, podem se manifestar nas mais variadas formas artísticas. Assim, fica claro que

o discurso e a linguagem refletem claramente partes inerentes da sociedade, responsáveis pelas possibilidades de criar, fortalecer e incitar relacionamentos, visões de mundo e identidades.

A ACD representa uma alternativa multidisciplinar de estudos de linguagem e práticas sociais que objetiva entender e investigar os fenômenos discursivos, principalmente nas questões relacionadas a poder, ideologia, discriminação étnica, socioeconômica, cultura, política e, principalmente em questões de gênero, que é um dos focos desta pesquisa (HEBERLE, 2010). Assim, é importante ressaltar que, nesta tese parto do pressuposto de que a linguagem tende a incentivar mudanças sociais, assim como o processo inverso também é verdadeiro. Numa relação dialética, linguagem e sociedade constituem bidireccionalmente o discurso e a prática social, os quais se constituem objetos de estudo da ACD. Assim fala Fairclough (2001):

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre 'pistas' no texto. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 35-36)

A ACD constitui-se uma orientação aos estudos da língua, que se objetiva a associar a análise textual e a teoria social do funcionamento da mesma em contextos e processos políticos e ideológicos (Fairclough, 1992). Ou seja, transcende os estudos tradicionais que descrevem os objetos de pesquisa de tal forma que mascara o teor político e ideológico do mesmo. Fairclough é adepto da semiótica social e da gramática sistêmica de Halliday (1994), que é um método de análise textual voltado à pesquisa social.

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é uma teoria geral sobre o funcionamento da linguagem humana embasada no uso linguístico. É uma teoria de “descrição gramatical, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso” (GOUVEIA, 2009, p.). Para além de ser uma teoria de descrição gramatical, a LSF também disponibiliza estratégias descritivas, uma técnica de metalinguagem que pode ser útil

no contexto da análise de textos. Halliday (1970), junto com colegas da Universidade de Sydney e Macquarie, começou a se questionar:

Por que é a língua como é? A natureza da língua está intimamente relacionada com as necessidades que lhe impomos, com as funções que deve servir. Nos casos mais concretos, estas funções são específicas de uma cultura; o uso da língua para organizar expedições de pesca nas Ilhas Trobriand, descrito há meio século atrás por Malinowski, não tem paralelo na nossa sociedade. Mas subjacentes a tais instâncias de uso da língua estão funções mais gerais que são comuns a todas as culturas. Nem todos participamos em expedições de pesca; porém, todos nós usamos a língua como um meio de organizarmos outras pessoas e determinarmos os seus comportamentos (HALLIDAY, 1970, p.141).

Desta maneira, Halliday propõe que se olhe para o sistema linguístico em conjunto com suas funções, partindo do pressuposto que o sistema gramatical possui uma relação intrínseca com o falante da língua, suas necessidades pessoais e sociais (HALLIDAY, 1970, p. 142). Sendo assim, o autor desenvolveu a teoria de que a língua se organiza em redes de escolhas relativamente independentes, escolhas estas que correspondem a certas funções básicas da linguagem, no âmbito da significação potencial.

Halliday (1976) defende que, além da língua e do usuário dela, existe a linguagem, que desempenha funções fundamentais, não somente a função comunicativa. A linguagem complementa outras capacidades humanas e potencializa as possibilidades de uso da língua. Para além da expressão de conteúdo e negociação de significado, a linguagem significa nossas experiências (internas ou externas, práticas ou na consciência), nos faz manter relações e desempenhar papéis sociais, possibilitando o estabelecimento de “relações entre partes de uma mesma instância de uso da fala, entre essas partes e a situação particular de uso da linguagem, tornando-as, entre outras possibilidades, situacionalmente relevantes” (GOUVEIA, 2009, p. 15).

Deste modo, caso os textos fossem contextualizados de maneira mais abrangente, no âmbito da LSF, há como se contextualizar no rol cultural, no modelo tridimensional da ACD de Fairclough (1992), que se objetiva a analisar textos como práticas sociais. Fairclough (1992)

explica que todo grupo cultural tem seu próprio discurso, em consonância com os comportamentos das pessoas no mundo e as identidades que representam. Assim, a semiose ou o processo de significação, que o autor define como parte fundamental dos processos sociais materiais, incluindo a construção de sentidos, interconecta práticas sociais culturais e identitárias, por exemplo. As práticas sociais são conduzidas, portanto, na vida cotidiana, incluindo elementos como atividade produtiva, meios de produção, relações sociais, identidades sociais, valores culturais, consciência e semiose (FAIRCLOUGH, 2012), estando estes dialeticamente relacionados.

A atuação e a identidade das pessoas, sejam quais as suas posições sociais, muda, a depender da prática social em si. Pessoas de “diferentes classes sociais, sexos, nacionalidades, etnias ou culturas, com experiências de vida diversas, produzem desempenhos distintos” (FAIRCLOUGH, 2012, p.310) Nesse sentido, a ACD é a análise das relações sociais entre as significações e outras particularidades das práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2012).

Fairclough propõe uma teoria social do discurso numa perspectiva transdisciplinar, onde não se analisa apenas o texto (o discurso) em seus aspectos pragmáticos e funcionais, mas também uma análise das práticas sociais e discursivas. O autor vem dedicando suas pesquisas e reflexões a essa proposta desde 1980. Seu método da Análise Crítica do Discurso (ACD) avança nas discussões relacionadas ao gênero discursivo e a relação deste com as práticas discursivas relacionadas ao poder e a ideologia. No ano de 2003, o autor avança nas discussões ao pensar numa proposta de reelaboração dos conceitos de gênero e discurso, categorias estas que estão imbricadas na teoria crítica do discurso.

Fairclough define o discurso como uma prática social. Ele descreve que a linguagem é parte da sociedade, estando intrínseca a ela. Há uma dialética interna entre linguagem e sociedade, onde os fenômenos sociais podem ser (em parte) fenômenos linguísticos. As relações entre linguagem e relações de poder, dominação, negociação de identidades são analisadas na ACD, já que esta é um instrumento importante capaz de compreender e analisar os discursos em relação ao contexto (tanto da situação quanto da cultura). Nesse sentido, Heberle (2000) explica que:

Fairclough propõe que se examine o discurso como reflexo, reprodução e perpetuação de relações sociais existentes. Ao mesmo tempo, o

discurso funciona como transformador dessas relações, contribuindo para a construção de identidades sociais, de relacionamentos entre as pessoas e, de modo mais amplo, de nossos sistemas de valores e crenças (HEBERLE, 2000, p. 294).

Assim, o discurso manifesta-se de maneira socialmente condicionada pelo produtor e receptor da mensagem, se constituindo assim um fenômeno social. Assim, seguindo esta linha teórica, afirmo que a linguagem, as atividades linguísticas são parte dos processos e práticas sociais. Neste contexto, se pode dizer que a preocupação da ACD são as mudanças na vida contemporânea, além de entender como o discurso pode ser mutável e pode se relacionar com outros elementos práticos. Meurer (2007) ao citar Fairclough (2003) explica que essa 'prática social' é entendida como atividade social que inclui o discurso, estando em diversas formas do cotidiano atual, como salas de aula, refeições em família e notícias na TV. Com base nessa perspectiva, o discurso pode desvelar e construir a identidade dos sujeitos envolvidos na interação.

Fairclough afirma que, por mais que língua e sociedade estejam relacionadas, esse processo não é simétrico, “nem todos os fenômenos linguísticos são sociais; nem todos os fenômenos sociais são linguísticos” (FIGUEIREDO, 2006, p. 167). Assim, corroboro com a autora, ao dizer que o texto é um produto do processo textual. Já o discurso se refere ao processo de interação social no qual o texto pertence.

Segundo Meurer e Dellagnelo (2008) a ACD no modelo tridimensional de Fairclough (que focaliza o nível textual e linguístico) explica que a dimensão discursiva pode envolver processos de produção, distribuição e consumo destes textos. Eles explicam:

No que diz respeito à produção, interpreta-se o modo como escritores (as)/falantes lêem o mundo. Com relação à distribuição, investiga-se para quem são dirigidos os textos, e as formas – incluindo tipos de mídia – como circulam (se são institucionalizados, se circulam em veículos de grande alcance etc.). No que tange ao consumo, busca-se entender como produtores(as) de textos e potenciais leitores(as)/ouvintes criam sentidos a partir dos conteúdos textuais; como estabelecem

relações de coerência; como (re)criam a textualização de possíveis intenções (força ilocucionária); como se coadunam com outros textos (intertextualidade) e com outros discursos (interdiscursividade). Finalmente, a dimensão do discurso como prática social é abordada e explicada em relação às estruturas sociais, focalizando como formas de hegemonia e ideologia embrenham-se em textos. (MEURER E DELAGNELLO, 2008, p.48)

Assim, a hegemonia se relaciona com o domínio de uns sobre os outros. Questões ideológicas se encarregam de orientar a atribuição de sentidos aos textos, com base nas visões de mundo, na representação da realidade de quem está envolvido no processo de entendimento. Assim, é importante dizer que os indivíduos se valem (de maneira consciente ou não) “de formas de ideologia para dar suporte a formas de poder, já que, no mundo moderno, é mais importante dominar por meio do consentimento do que da coerção (MEURER E DELAGNELLO, 2008, p. 48). O processo inclui não somente o texto e a produção do mesmo, mas também o processo interpretativo. Neste sentido, o texto passa a ser um recurso dentro de um processo produtivo e interpretativo, onde as duas ações interagem entre si através de propriedades textuais e cognitivas.

Ao entrar em contato com a linguagem e o discurso, não há uma simples decodificação, mas um processo de combinação de elementos presentes, sociais e associações que fazemos de elementos na nossa memória para elaborar uma representação. O autor ainda complementa que, apesar da compreensão acima citada, é necessário incluir como esses processos são socialmente determinados. Esses fatores são internalizados a partir das vivências e das relações sociais e são usados e externados para participar das práticas sociais e elaborar discursos. Todas essas variáveis precisam ser consideradas ao analisar o discurso criticamente.

Fairclough (1992) se objetiva, através da ACD, investigar relações específicas entre discurso e relações sociais, principalmente as que não estão explícitas. Por exemplo, o papel da linguagem na dominação e nas relações de poder, além das identidades pessoais e sociais. Nesse sentido, é importante observar que a linguística sistêmico-funcional de Halliday, da qual Fairclough faz uso, é uma estratégia instrumental capaz de investigar discursos, vendo seu contexto (situacional e cultural). A linguagem e o discurso podem, assim, desafiar

práticas sociais, através da instauração de novas ações, consolidando a relação entre linguagem e mudança social.

Heberle (2000) explica que o método ACD de Fairclough analisa o discurso como perpetuação, reprodução e reflexo das relações sociais; desta forma, o discurso pode ajudar a mudar essas relações, contribuir para a construção de relacionamentos, criação de valores, entendimento das diferentes crenças, além das identidades sociais. Em relação à linguagem, a identidade e criação de relacionamentos, alguns pesquisadores (VIEIRA, 2007; HEBERLE, OSTERMANN & FIGUEIREDO, 2006; HEBERLE, 2000, CALDAS-COUTHARD, 2007, entre outros) mostram que é possível identificar tais características nos textos. Assim, fica claro que a ACD tem interesse em desvelar questões relacionadas à identidade, a poder e consequentemente, a questões de gênero; esta se objetiva a desvendar os sujeitos e a relações que estes estabelecem no evento discursivo.

Há relação intrínseca entre discurso e estrutura social, ou seja, o discurso está vinculado a comportamentos, estruturas sociais e ideológicas. A ACD pretende revelar o elo entre discurso, formas de poder e ideologia, mesmo as relações implícitas. Nesse sentido, quem se denomina analista crítico do discurso necessita expor o que está por trás do discurso, o que é normatizado, relativizado (FAIRCLOUGH, 1992).

A ACD entende o discurso com parte da sociedade, ou seja, pode reforçar criar ou até mesmo desafiar identidades, crenças valores, pressupostos e visões de mundo. Os discursos podem expor injustiças na sociedade que não são questionadas – ou aceitas como se fossem naturais – para desmitificar e analisar relações de poder envolvendo dominação social. Sobre isso, Meurer (2007) explica que a ACD pode manifestar questões de dominação, opressão, abuso de poder, ou seja, questões que corroboram para desigualdades sociais. Ou seja, os produtores dos discursos, a partir de suas práticas discursivas, podem promover mudança social e lutar contra essa desigualdade. As práticas sociais podem ser naturalizadas, reforçadas e legitimadas por meio do discurso, podendo também serem desafiadas nesse contexto (MEURER, 2007).

O pensamento de que usar a linguagem é um fator social e que sua significação depende do contexto e do falante é corroborado por Bahktin (2002, p. 43), onde o autor explica que “a organização hierarquizada das relações sociais exerce influência poderosa sobre as formas de enunciação”. A Abordagem de Bahktin no ângulo sócio-histórico, articula dimensões históricas dos discursos (não sendo estes limitados aos que conseguiram uma valoração ideológica), concebendo-

os como uma forma histórica e concreta e enfatizando que estes se materializam de maneiras diferentes, assim como são diferentemente construídos.

Os discursos influenciam crenças, conhecimento, identidades e relacionamentos; todos estes fatores influenciam e determinam o uso da linguagem. Os discursos revelam a visão de mundo dos sujeitos e refletem a formação dos indivíduos, as estruturas sociais, reforçando ainda mais a realidade, assim como as relações sociais e identidades e ideologias⁷ (Meurer e Dellagnello, 2008). Meurer e Dellagnello explicam que a construção social é que forma a nossa visão de mundo e nos fazem compartilhar ideias semelhantes com grupos sociais distintos, com maneiras diferentes de ler o mundo.

O que se quer dizer é que, independentemente da visão de mundo que temos, nossas representações são carregadas das significações que fazemos no decorrer de nossas vivências. Não podemos esquecer, no entanto, que essas verdades podem ter consequências sociais, já que muitas delas são injustas e discriminatórias na medida em que são impregnadas de relações assimétricas de poder, dominação e cooperam para a legitimação do domínio injusto sobre outros (MEURER e DELLAGNELLO, 2008, p. 45).

Nesta pesquisa, uso as narrativas como forma de ouvir os sujeitos de pesquisas. Fairclough (2003) acredita que, com o uso da linguagem, também constrói-se o significado. É o discurso que constrói a consolidação ou desconstrução destes discursos. Autores como Caldas-Couthard (1987) tem se interessado em como se estruturam essas narrativas: o que significa contá-las, por que estas estão presentes em nossas vidas, o que estamos fazendo ao contá-las e porque gostamos de contá-las (e ouvi-las) (BASTOS, 2006). Assim, as narrativas são formas de organização da experiência humana, na qual podemos estudar vida social em geral, ou seja, associando-a à teoria de ACD, há como interligar linguagem, discurso e prática social, construindo significados. A ACD incorpora pensamentos de Bahktin (2002), que considera a linguagem um meio social e não individual; além disso, o significado de uma palavra depende do falante e do contexto. Há como se ver e entender o discurso, visando a alteridade e o olhar para si mesmo (MEURER, 2007).

⁷ Meurer e Dellagnello (2008) explicam que ideologia se refere ao “sistema de conhecimento, pensamento, valores e crenças que as pessoas constroem ao longo de sua história por meio de suas interações sociais com o outro; e é esse o sistema que determina a representação do real” (NICOLOSO, 2010, p. 22)

Magalhães (2004) explica que os textos são elementos discursivos nas práticas sociais e, assim, podem contribuir para a construção dos eventos sociais. Essas práticas são “articulações de diferentes elementos sociais associados com áreas particulares da vida sociais (FAIRCLOUGH, 2003, p. 25), estratégias de controle de possibilidades estruturais e exclusão de outras, no âmbito da vida social. A partir dessa ordem social, dessas conexões entre as diferentes significações entre discursos, gêneros e estilos, as práticas sociais conseguem envolver elementos específicos desses fatores, numa relação dialética entre fenômenos mentais e relações sociais (CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH, 1999).

A partir da análise interdiscursiva e textual, é possível compreender como as representações, práticas sociais e identificações que os participantes da pesquisa fazem de si mesmos e de suas práticas, bem como sobre as pessoas surdas que estão também incluídas neste contexto.

Resumindo, as colocações aqui feitas sobre a temática visam analisar aspectos relacionados a linguagem e ao poder exercido por ela, principalmente se objetivando a desconstruir questões relacionadas à consciência linguística que corroboram com questões de desigualdade social, relacionadas ao discurso. Entender que todos os discursos são localizados em contextos sociais é essencial para entender que, através dos discursos, “construímos práticas sociais que, por sua vez, nos constroem como membros de uma sociedade e como indivíduos” (CALDAS-COUTHARD, 2007, p. 41). Assim, a Análise Crítica do Discurso se mostra ser uma ferramenta metodológica adequada para se entender as narrativas de outros sujeitos e relacioná-las ao contexto social onde estão localizadas.

De pronto, a ACD busca desvelar as relações entre o discurso e aspectos sociais, como por exemplo, o poder da linguagem nas relações de dominação, nas subjetividades e identidades sociais, em elementos semióticos e linguísticos. Para a análise linguística, Fairclough, que utiliza a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), originalmente desenvolvida por Halliday (1950-60). Esses conceitos também são memoráveis para esta tese.

2.1.2 A Linguística sistêmico-funcional e sua relação com a Análise Crítica do Discurso

A Linguística Sistêmico-Funcional é uma teoria de como a linguagem humana funciona, a partir da descrição de seu desempenho.

Halliday & Hasan (1989) explicam que a linguagem é vista como um sistema sóciosemiótico que permite ao indivíduo experienciar situações e interagir socialmente; ou seja, uma “ferramenta importante para a análise de textos e gêneros discursivos produzidos em diferentes mídias e contextos sociais” (HEBERLE, 2018, p. 84). Pensar nas funções da linguagem, seja representar o mundo ou socializar com o outro, permite compreender o texto (a linguagem) como resultado de interações e estas passam a fazer sentido de alguma maneira para quem o apreende.

O texto passa a ser a materialização linguística da linguagem e do significado, podendo ser falada, escrita, coletiva ou individual (GOUVEIA, 2009). Assim, o sujeito aparece também através do seu discurso, manifestando seu propósito comunicativo por meio de suas escolhas léxico-gramaticais. O contexto nesse caso é sempre levado em conta. Segundo Halliday & Hasan (1989), o contexto pode ser o ambiente imediato onde a linguagem está sendo constituída. Este contexto pode ser chamado de contexto da situação⁸ quando se pode se constituir de maneira mais ampla, onde significados podem ser compartilhados.

Assim, já como o plano linguístico é uma faceta social, o discurso reforça e transgredir normas, interligando contextos e linguagens. Neste sentido, a linguagem é analisada pela estratificação em níveis, utilizados pela linguística sistêmico-funcional, demonstrados na figura abaixo:

⁸ Este contexto é dividido em três variáveis que são demonstrados na Figura 2: campo (o que está acontecendo, qual é a experiência por trás da representação da linguagem); relações (quem está participando nas relações sociais, quais as relações de poder envolvidas, qual a formalidade envolvida, qual a frequência da interação); e por último a variável modo (como a mensagem está sendo transmitida, como o discurso é organizado, caracterizado e compartilhado) (HALLIDAY & HASAN, 1989). Nesta tese uso dessa classificação para contextualizar a entrevista realizada.

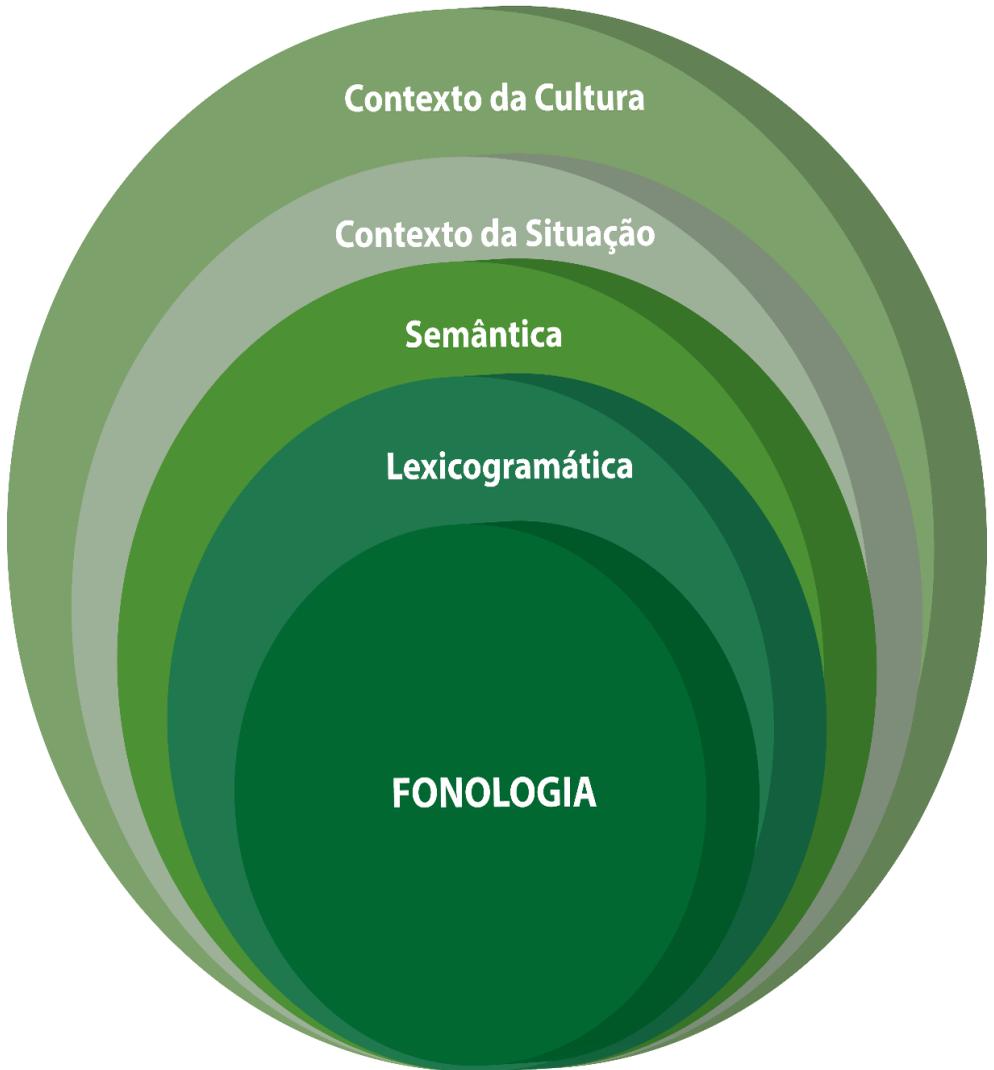


Figura 1: Níveis ou estratos envolvidos no uso e análise da linguagem segundo a LSF. Extraída de Meurer e Dellagnelo (2008, p. 18)

A noção de estratificação, de níveis, dentro na linguística sistêmico-funcional é fundamental, já que faz encaminhamentos acerca de como relacionar a produção de sentidos às estruturas linguísticas e o contexto social. Para conectá-los é necessário ponderar que, em qualquer discurso a linguagem possui vários níveis, como “um sistema

semiótico complexo” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 24). Isso quer dizer que a partir da linguagem e do discurso, pode-se depreender elementos (signos), que nos permitem significá-los. Os níveis (Léxico-gramática e fonologia) estão abaixo da Semântica e, todos estes, inseridos nos contextos da situação e da cultura. Assim, as significações (semântica) em cada uso da linguagem ou do discurso são alvo do interesse das análises, principalmente sendo estes dinâmicos. Porém, neste caso, os contextos da cultura e da situação precisam ser levados em conta, conforme a figura oportuna, já que usamos todos os estratos simultaneamente, conscientemente ou não.

Conforme já explicado, a LSF permite que se analise as significações das identidades, práticas e regras sociais. Nesse sentido, o campo, as relações e o modo são as possíveis escolhas da linguagem nesses diferentes contextos. Para tanto, as pesquisas de Meurer (2007) apontam para cada um destes aspectos; por exemplo, Meurer (2007) explica que o campo se refere ao que está acontecendo, o que se está realizando; as relações englobam os papéis sociais dos indivíduos e o modo simboliza o papel da linguagem, seja ele fônico/gráfico/visual (aqui inclui a Libras) ou qual meio o texto esteja sendo expresso (de maneira escrita ou falada). Qualquer texto pode ser analisado sob essas três óticas, nos permitindo relacionar as influências lexicais, de sintaxe e ainda influenciar o registro textual. Além disso, há como se fazer prognósticos sobre qual registro seria mais utilizado pelos sujeitos naquele contexto.

Para Halliday e Mathiessen (2014), toda descrição gramatical é baseada no texto. Historicamente, a partir do final da década de 1940, invenções como os gravadores e o computador facilitaram o trabalho dos gramáticos: a gravação de falas espontâneas realizada pelos gravadores e a capacidade de armazenamento de dados proporcionada pelos computadores revolucionariam os primeiros corpus de textos escritos. O próprio Halliday em 1963 e 1967, já “trabalhava gravando a fala natural e analisando-a para entonação e ritmo (HALLIDAY E MATHIESSEN 2014, p. 33)”.

Atualmente, portanto, temos corpus informatizados indefinidamente grandes de texto, seja ele falado ou escrito. Se falado, há duas desvantagens: “uma de omissão (não há registro de entonação e ritmo) e outra de comissão (é "normalizada" de acordo com convenções projetadas para parecer que foi composta por escrito)” (HALLIDAY E MATHIESSEN 2014, p. 33), demonstrando, gramaticalmente, um valor bastante limitado. Por outro lado, se escrito, seu formato pode ser preservado.

Estes aparatos tecnológicos tornaram os dados confiáveis; exatamente porque o corpus é tão importante, é necessário estar ciente de quais características são necessárias para o uso do corpus. Primeiro, os dados precisam ser autênticos. “É no discurso que a autenticidade se torna crítica.. é no mais despreendido - fala espontânea monitorada que as pessoas exploram e expandem seu potencial de significado” (HALLIDAY E MATHIESSEN 2014, p. 33). A gramática passa a alcançar novas fronteiras semânticas da linguagem, tanto no campo escrito quanto no falado. Pesquisas como a de Halliday levam em conta ambas as modalidades, elevando o status da linguagem falada, que “pode agora ocupar o lugar na erudição lingüística que ela deve fazer se a teoria continuar avançando” (HALLIDAY E MATHIESSEN 2014, p. 34).

Para especificar o contexto da linguagem (HASAN, 1989), é importante ressaltar as variáveis campo, relações e modo, conforme a imagem abaixo demonstra:

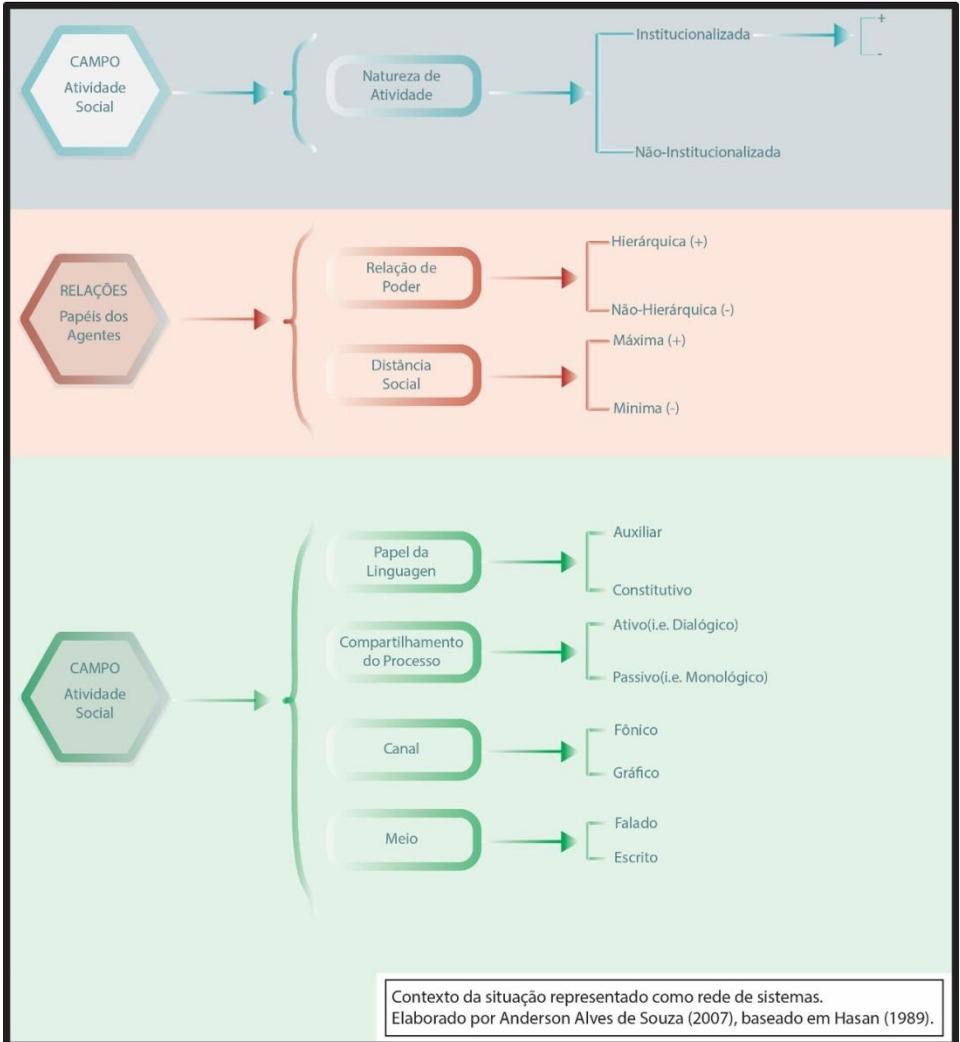


Figura 2: Elaboraões sobre campo, relações e modo.

A variável relações determina a natureza das relações e qual o papel de cada participante desta; o quanto cada um controla o outro e o discurso, se há hierarquia na relação, qual o grau de intimidade entre os participantes. A variável modo, por sua vez, refere-se ao meio de transmissão da mensagem; como o texto está organizado simbolicamente: se o discurso é compartilhado entre os participantes

(dialógico ou monológico); se o canal é gráfico ou fônico; se o meio é falado – com ou sem contato visual –, ou escrito. Também se refere ao modo retórico: se o texto é persuasivo, expositivo, didático, etc. Essa variável está relacionada com a metafunção textual, responsável pela organização da mensagem (HALLIDAY & HASAN, 1989).

Sabendo que, em cada variável acima contextualizada, cada metafunção da linguagem desempenha um papel fundamental no texto, cada oração é encarada como a unidade fundamental para a análise LSF, já que nela são percebidas as significações textuais, interpessoais, ideacionais e interacionais (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004). Nesta tese, foco no sistema de transitividade, responsável por realizar a metafunção ideacional experiencial da LSF e do sistema de engajamento, que se responsabiliza por categorizar lexicogramaticalmente os discursos e sua semântica. Neste sistema, as funções experienciais são significadas por meio de seis processos, que serão utilizados nesta tese:

Tipos de Orações	Significado
MATERIAIS	FAZER, ACONTECER e CRIAR
RELACIONAIS	ATRIBUIR CARACTERÍSTICA E IDENTIFICAR
MENTAIS	PERCEBER, PENSAR, SENTIR e DESEJAR
VERBAIS	DIZER
COMPORTAMENTAIS	COMPORTAR-SE
EXISTENCIAIS	EXISTIR

Quadro 1: Tipos de orações e respectivos significados ideacionais

Fonte: Lima, Fuzer e Faccin (2012)

As estruturas léxico-gramaticas envolvidas no sistema de transitividade incluem as circunstâncias e podem esclarecer a representação dos elementos, elementos espaciais, de causa, conclusão, modo, além de especificar quem está envolvido (quem realiza o

processo e quem mais participa dos processos). As possíveis classificações estão dispostas a seguir:

Tipos de Orações	Tipos de Participantes
MATERIAIS	ATOR, META, ESCOPO, BENEFICIÁRIO, ATRIBUTO
RELACIONAIS	PORTADOR e ATRIBUTO, IDENTIFICADO e IDENTIFICADOR, POSSUIDOR e POSSE
MENTAIS	EXPERIENCIADOR e FENÔMENO
VERBAIS	DIZENTE, VERBIAGEM, ALVO e RECEPTOR
COMPORTAMENTAIS	COMPORTANTE E COMPORTAMENTO
EXISTENCIAIS	EXISTENTE

Quadro 2: Tipos de orações e respectivos participantes

Fonte: Lima, Fuzer e Faccin (2012)

A partir da descrição do sistema de transitividade (acima exposto), é possível analisar aspectos léxico-gramaticais, verificar a estrutura da base do discurso, classificar a organização linguística exposta. Halliday & Hasan (1989) explicitam que há negociações nas relações entre os elementos discursivos e assim, os significados interpessoais são estabelecidos. Nesse sentido, se consegue através das escolhas léxico-gramaticais do falante, analisar os sentimentos, valores de quem está falando, evidenciando comportamentos e posicionamentos.

A partir deste princípio geral a ser utilizado nesta tese, são necessárias evidenciar conexões construídas entre contexto e texto, já que novas pesquisas vêm articulando a LSF e a ACD. Como já abordado, Halliday e outros autores explicam que, no contexto da situação, a cultura e suas ligações no contexto social e humano têm sido usadas para descrever perspectivas do contexto da linguagem e do registro (HALLIDAY, 1978; HALLIDAY e HASAN, 1989; HASAN, 1996; MARTIN, 1984; EGGINS, 1994; HEBERLE, 2017).

Heberle (2017) ressalta que, na proposta de LSF de Halliday, é necessário estar atentos sobre como usar a linguagem de fato, construindo a realidade e viabilizando as relações sociais (WEBSTER, 2009). A LSF é uma “teoria da linguagem como prática social e também uma metodologia analítica que permite a descrição detalhada e

sistemática de padrões linguísticos” (Eggins, 1994: 21), se constituindo uma “ferramenta importante para a análise de textos e gêneros discursivos produzidos em diferentes mídias e contextos sociais” (HEBERLE, 2017, p. 82).

O CONTEXTO SE MOSTRA IMPORTANTE PARA ANALISAR O DISCURSO, JÁ QUE HALLIDAY ENFATIZA QUE A LINGUAGEM É SEMIÓTICA SOCIAL:

(...) baseados em alguma teoria da estrutura social e de suas mudanças (...) Se descrevermos o contexto da situação em termos de observações ad hoc sobre o ambiente onde a linguagem é usada, poderemos dizer que isto é uma consideração ‘social’ da linguagem, porém dificilmente ‘sociológica’, já que os conceitos nos quais nos baseamos não são parte de nenhum tipo de teoria social geral (HALLIDAY, 1978, p. 34-35 – tradução de Meurer (1999, p. 134).

Novamente, o contexto de cada situação é, portanto, parte do discurso. Ou seja, essa intertextualidade é parte da prática social. Um contexto pode fazer parte de outro contexto e influenciar mutuamente o discurso. Assim, as práticas sociais estão articuladas com outras áreas, com outros elementos sociais, por exemplo, com particularidade da vida social, além da “retenção dessas seleções no decurso do tempo, em áreas particulares da vida social” (MAGALHÃES, 2004, p. 2).

As práticas sociais estão intimamente relacionadas com os papéis sociais e a identidade, sendo essas prerrogativas específicas associadas a categorias baseadas em critérios sociais, como por exemplo “profissão, relação de parentesco, faixa etária” (GIDDENS, 1979, p. 118), orientação sexual, língua materna, poder aquisitivo, entre outros. Esses potenciais podem se conectar e refletir nas ações dos indivíduos. A partir da análise do discurso com este foco, há como se depreender nas referências léxico-gramaticais identidades mais gerais, que incorporam diferentes prescrições.

Fairclough (1989, 1992, 1995), ao conectar a LSF e ACD, usa os aspectos relacionados aos papéis sociais e as identidades e suas conexões no âmbito léxico-gramatical – aprofundando e explorando identidades e relações em ACD. Nesta tese, também trago a perspectiva da LSF, explorando aspectos teóricos da interação dessas dimensões sociais (prescrições de papéis/identidades – práticas – regras/recursos). Assim, há a possibilidade de explorar identidades, expor linhas tênues

de discursos, contradições, conexões como influenciadores da identidade; por outro lado, há como relacionar as práticas sociais e as identidades com outras identidades, nas quais possui contato, investigando legitimação de comportamentos a partir de quais identidades estão sendo analisadas.

Bahktin (1992) delimita o contexto social ou esfera social/cultural como parte determinante do gênero do discurso. Os gêneros são expressões das facetas culturais (EGGINS, 2004, p. 56), sendo possível explicar qual a função social de cada gênero a depender de qual contexto cultural o influencia.

Fairclough (1992) acrescenta que os gêneros discursivos nas práticas discursivas das instituições sociais podem estar sujeitas a mudanças de conjuntura relacionadas a questão de poder e de ideologia. Estes também são transcendido, já que para o autor, há hibridismos no gênero textual, seja nos gêneros ou nos discursos textuais. Fairclough (2001) explica:

Qualquer 'evento' discursivo [...] é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. A dimensão do 'texto' cuida da análise linguística de textos. A dimensão da 'prática discursiva' como 'interação' na concepção 'texto e interação' de discurso, especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual – por exemplo, que tipos de discurso (incluindo 'discurso' no sentido mais sociotórico) são derivados e como se combinam. A dimensão de 'prática social' cuida de questões de interesse na análise social, tais como as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva e [seus] [...] efeitos constitutivos/construtivos [...] (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22)

Com essa definição, o contexto da situação passa a ser considerado, vinculado às instituições sociais e suas práticas discursivas (incluindo gênero e discurso, significando a experiência “a partir de uma perspectiva particular) ” (FAIRCLOUGH, 2004, p. 39). Assim, o contexto de determinados discursos e o contato com estes podem causar efeitos sobre as pessoas, numa relação dialética entre discurso e contexto social. Meurer, Motta-Roth (2002) explicam que num texto os

discursos podem ser percebidos (modo de representar); podem ser realizados em gêneros (modos de agir) e apontados em estilos (modos de ser), assim como estilos e gêneros (ações e identidades) são demonstrados através dos discursos.

Fairclough (2003) traz também o conceito de cadeia de gêneros, que são gêneros diferentes interligados, envolvendo transformações de gênero para gênero. Entender esse processo contribui, segundo o autor, para a criação de possíveis ações que transcendam as diferenças e práticas sociais, “facilitando o exercício do poder” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 31). Seguindo nessa linha de pensamento, o contexto em que as situações de uso da linguagem envolvem práticas discursivas, práticas sociais e culturais.

De pronto, diante da variedade de gêneros e contextos nos quais estes podem estar veiculados, os gêneros textuais também são uma forma de prática social e de linguagem (CARVALHO, 2017).

2.1.3 Gênero do Discurso e Avaliatividade

Na visão de Halliday (1982), só é possível entender a construção de significados pelo entendimento de que a linguagem é um sistema de significados, já que um usuário da linguagem pode usufruir de todo potencial que esta permite, havendo a efetivação de três modalidades de significados: ideacional, interpessoal e textual. A primeira se refere a como a língua é utilizada para perceber e vivenciar nossas experiências no mundo. Conforme já apresentado, Halliday & Matthiessen (2004) descrevem que a transitividade da metafunção ideacional é léxico-gramática e assume papéis como: processos, circunstâncias e participantes “que possibilitam analisar quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias” (COSTA, 2010, p. 61).

A mensagem transmitida e sua metafunção textual podem se dividir em Tema (o início da mensagem) e o Rema (o desenvolvimento da mensagem). Por meio da função textual, a linguagem pode contextualizar as funções linguísticas, ou seja, “o discurso se torna possível porque o emissor pode construir um texto e o ouvinte ou leitor pode compreendê-lo” (NEVES, 1997, p. 13). Ou seja, o texto depende das duas estruturas da metafunção (Tema e Rema), já que a partir das duas é que se consegue compreender sobre qual material está inserida a mensagem.

Fuzer, Tiki e Cabral (2012) explicam que, no estrato semântico, a linguagem pode desempenhar três funções fundamentais, a saber, representar experiências (ideacional), estabelecer relações com outras

pessoas e significados (interpessoal) e, por fim, organizar esses significados de maneira textual (textual). Segundo Halliday (1994), estas três metafunções da linguagem definem a oração como uma unidade gramatical multifuncional, capaz de interagir, representar e atribuir significado (mensagem). Estas ajudam a compreender significados construídos até mesmo em textos imagéticos, bem como estes textos não verbais se relacionam com os textos verbais.

Uma parte importante na construção de significados ideacionais e interpessoais é a gramática, que materializa a relação íntima entre a semântica e o fraseado (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1997, p.3). “Cada metafunção da linguagem se realiza por um sistema léxico-gramatical: a ideacional (experencial) pelo sistema de transitividade, e a interpessoal pelo sistema de modo⁹” (FUZER, TIKI E CABRAL, 2012, p.406).

Halliday & Hasan (1976) explicam que a metafunção interpessoal “refere-se às funções sociais, expressivas e conativas da linguagem, expressando o ângulo do falante, suas atitudes e julgamentos, sua codificação das relações de papéis da situação e o seu motivo em dizer o que diz (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 26). Assim, quando se escolhe como uma mensagem vai ser enunciada, a seleção das palavras pode expressar um aspecto valorativo, demonstrando um uso real da língua. Sobre essa ideia, Bakhtin (2004) também ressalta que o acento apreciativo da palavra é presente em todo discurso enunciado, não apenas tema e significação objetivamente, ou seja, “quando um conteúdo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva (...) sem acento apreciativo não há palavra” (BAKHTIN, 2004, p. 132). De pronto, analisar o que está sendo dito e como esse discurso está sendo produzido pode revelar juízos de valor e construções socioculturais. Abaixo, trago uma figura que demonstra os tipos de significados, focando no Interpessoal, no qual está incluído a teoria da Avaliatividade:

⁹ A apresentação de significados ideacionais e interpessoais como informações que podem ser compartilhadas com o interlocutor, em forma de texto, realiza-se pelo sistema de Tema, que materializa a terceira metafunção da linguagem: a textual (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

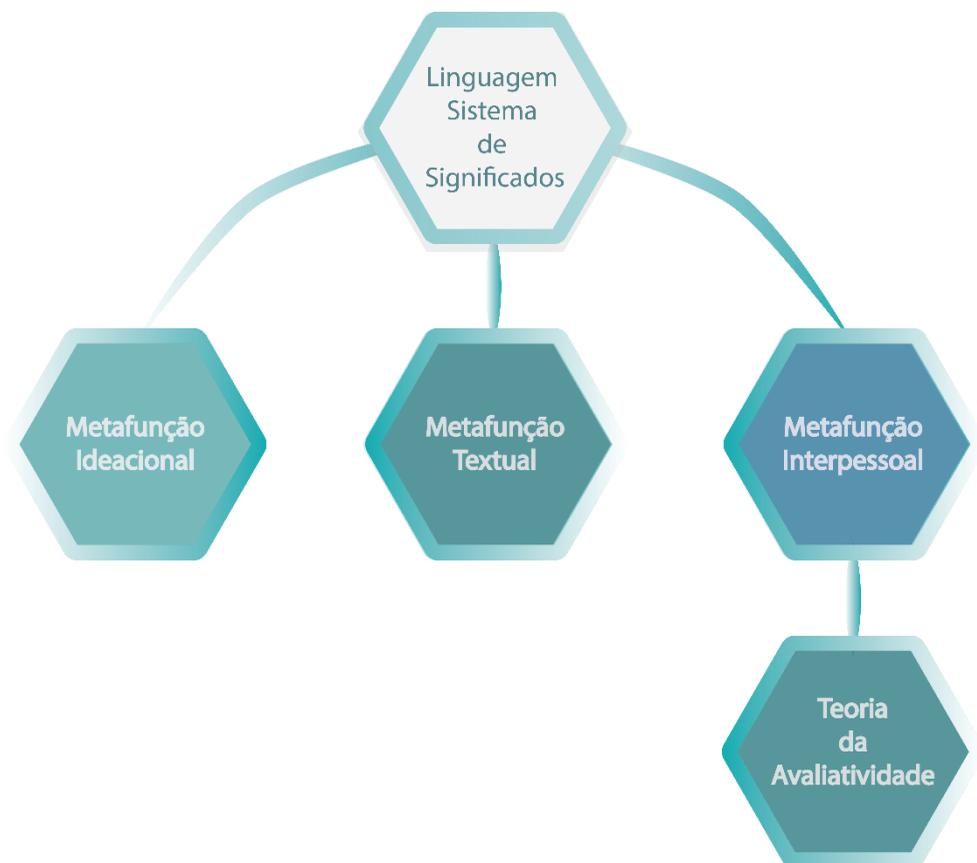


FIGURA 3 - SISTEMA DE SIGNIFICADOS (FUZER, TIKI E CABRAL, 2012).

Alguns autores vêm se debruçando sobre os aspectos valorativos do discurso, como por exemplo, Costa (2010) fez um apanhado de pesquisas linguísticas que têm abordado o Afeto (THOMPSON & HUNSTO 1999); a Apreciação (HALLIDAY & MATTHEISSEN, 2004; WHITE, 2003); e por fim, o Julgamento (CABRAL, 2007). Neste sentido, Martin & White (2005), desenvolveram a Teoria da Avaliatividade (inserida dentro dos estudos da metafunção interpessoal), com o intuito de tentar explicar estes aspectos valorativos que estão presentes na linguagem.

Vian Jr (2012) explica que o sistema de Avaliatividade precisa ser analisado a partir de dois eixos: primeiramente de acordo com sua

evolução histórica no contexto da LSF e, em segundo lugar, como essa teoria interage com os outros sistemas discursivos. O sistema de avaliatividade é um modelo sistêmico-funcional de linguagem; assim, ele só faz sentido se todo o contexto também for levado em conta (os demais textos e sistemas). Vian Jr (2012) explica que a avaliatividade abrange “todo o potencial existente no sistema linguístico para procedermos a avaliações em nosso cotidiano, (...) tomando por base os repertórios dos princípios da LSF e do funcionalismo, das línguas e das culturas envolvidas” (VIAN JR, 2012, 119). Hjelmslev (2003) também explica que a Avaliatividade se objetiva a “elaborar um procedimento por meio do qual se possam descrever, não contraditoriamente e exaustivamente, objetos dados de uma suposta natureza” (HJELMSLEV, 2003, p. 19).

Assim, Hjelmslev sugere a necessidade de se estudar a língua portuguesa de maneira avaliativa. Assim, nesta tese, uso a teoria da Avaliatividade, proposta por Martin e White (2005), já que, a partir dessa proposta, é possível “descrever como se processa a avaliação nossa língua e em nossa cultura” (VIAN JR, 2012, p. 120).

Essa teoria divide a avaliação na linguagem em três categorias, a saber, atitude, gradação e engajamento. A primeira se refere às avaliações positivas ou negativas sobre acontecimentos, pessoas e o estado das coisas, sendo esta subdividida em Afeto, Julgamento e Apreciação. A segunda, ou seja, gradação, diz respeito a recursos que os enunciadores se apropriam para minimizar ou maximizar o impacto do que se é dito, sendo subdividida em foco e força. Por último, o engajamento é o modo pelo qual o enunciador se posiciona em relação ao que é dito e a quem se diz, que se subdivide em contração dialógica ou expansão dialógica (MARTIN & WHITE, 2005).

Neste estudo, os aspectos atitudinais serão utilizados e, para tanto, aprofundados abaixo.



Figura 4: Significados Atitudinais (FUZER, TIKI E CABRAL, 2012).

2.1.3.1 Afeto

O Afeto está veiculado aos significados atitudinais aliados a questões emocionais, ou seja, “os textos indicam visões positivas ou negativas através de relatos das respostas emocionais de falante/escritor, ou relatos das respostas emocionais de terceiros (WHITE, 2004, p. 174). Ele se relaciona com os pensamentos (positivos ou negativos) que demonstramos quando enunciamos uma mensagem. Esse reside na subjetividade individual do falante que, por meio dos seus enunciados, revela suas emoções, aderindo ou rejeitando o discurso do interlocutário.

Em termos léxico-gramaticais, esse subsistema pode ser indicado por verbos que indiquem emoção (processos mentais, como por exemplo, amar, odiar, gostar, desanimar, irritar...), advérbios (em suma de modo, por exemplo, infelizmente, felizmente...), adjetivos (alegre, triste, satisfeito...) substantivos (amor, alegria, raiva, tristeza...) e nominalizações (satisfação, inquietude, felicidade...), estando estas emoções agrupadas em três conjuntos, a saber – segurança/insegurança, felicidade/infelicidade, e por fim, satisfação/insatisfação (MARTIN E WHITE, 2005).

Ao adotar um posicionamento de Afeto, a depender do grau de comprometimento do sujeito, este pode ser classificado em autoral e não autoral. White (2001) explica que:

Através de um “Afeto autoral”, o falante/escritor evidencia fortemente sua presença subjetiva no processo comunicativo. Através dessa revelação de resposta emocional, ele busca estabelecer uma relação interpessoal com seu leitor no sentido de que, para a avaliação carregar qualquer peso retórico, o leitor deve ver essa resposta retórica como relevante, significativa, válida, justificada, ou pelo menos compreensível de algum modo. Portanto, usando tal Afeto, o escritor tenta estabelecer um vínculo interpessoal com o leitor na medida em que o leitor concorda, entende ou pelo menos se solidariza com sua reação emocional (CABRAL, 2014 APUD WHITE, 2001, p. 102).¹⁰

Ademais, se tratamos de posicionamento não autoral, é necessário considerar aspectos que não exprimem as emoções do autor, que pertencem, portanto, a outros indivíduos ou grupos sociais (WHITE, 2005). Muitas vezes o autor pode atribuir tal sentimento ou atitude a alguma fonte externa, ficando para o receptor da mensagem aderir a ela e confiar na fonte das informações (ou não).

Cabral (2007) explica que o Afeto pode ser indicado por determinados verbos, advérbios, adjetivos e nominalizações. A tabela abaixo resume os pensamentos do autor:

¹⁰ Tradução de Cabral (2014). Livre tradução do trecho “ Such emotional assessments reside, of course, entirely in the individual subjectivity of the speaker/writer. It is an entirely personalised and individualised mode of evaluation and various rhetorical consequences follow from this. Through such ‘authorial Affect’, the speaker/writer strongly foregrounds his/her subjective presence in the communicative process. Through this revelation of emotional response he/she seeks to establish an interpersonal rapport with the reader in the sense that, for the evaluation to carry any rhetorical weight, the reader must see this personalised response as in some way relevant, significant, valid, justified or at least understandable. Thus by the use of such Affect, the writer bids.

to establish an interpersonal bond with the reader to the extent that the reader agrees with, understands or at least sympathises with that emotional reaction.

VERBOS DE EMOÇÃO	PROCESSOS MENTAIS - 'gostar', 'odiar', 'desanimar'
ADVÉRBIOS	PRINCIPALMENTE OS DE MODO - 'infelizmente', 'amavelmente'
ADJETIVOS	'aborrecido', 'alegre', 'satisfeito'
NOMINALIZAÇÕES	'satisfação', 'tristeza', 'serenidade'

Quadro 3 – Indicações do Afeto em enunciados, por Cabral (2007).

Ao adotar esse posicionamento de valor atitudinal de Afeto, assume-se para si a responsabilidade desse posicionamento, estabelecendo um vínculo de cumplicidade com o ouvinte/leitor. Essas avaliações emocionais residem na subjetividade de quem está falando/escrevendo (WHITE, 2001). Portanto, o escritor/falante tenta estabelecer um vínculo com o leitor/receptor, ou seja, fazer, com que este entenda ou se solidarize com a reação emocional do exposto. Essa conquista de cumplicidade vai se dar a depender de quão confiável é a fonte (CABRAL, 2017).

2.1.3.2 Julgamento

O Julgamento é o campo onde o significado se relaciona com o jeito que construímos nossos posicionamentos em relação ao comportamento humano, baseadas nas normas sociais do atual contexto cultural, sejam estes posicionamentos de aprovação ou condenação. Martin & White (2005) e White (2004) explicam que tanto o caráter das pessoas envolvidas, quanto as expectativas de acordo com as exigências sociais são analisadas neste contexto. Ou seja, o Julgamento refere-se à linguagem que condena ou aplaude o comportamento humano, independentemente das motivações ou crenças que o motivem; esse Julgamento pode ser individual ou em grupo (WHITE, 2005).

Pode-se classificar os Julgamentos (MARTIN & WHITE, 2005) como estima ou aprovação social; o primeiro está relacionado a “questões de normalidade (o quão incomum alguém é), capacidade (o quão capaz alguém é) e tenacidade (o quão seguro e decidido alguém é)” (CASTRO, 2014, p. 105). No caso da aprovação social, os Julgamentos

se relacionam “aos conceitos de verdade (o quão honesto ou sincero alguém é) e propriedade (o quão correto alguém é)” (CASTRO, 2014, p. 105).

Assim como já delineado no caso das avaliações de Afeto, o Julgamento pode ser explícito ou não, a depender da vontade ou necessidade que o autor da mensagem possa ter de distanciar ou de se aproximar do que está sendo avaliado (CABRAL, 2014). Neste sentido, White (2001) explica que muitas vezes, quando o Julgamento é de maneira discreta (não explícita), ela pode ser apenas sugerida em algum momento da mensagem, sendo por fim evocada apenas pelo receptor da mensagem através das marcas de Julgamento.

White (2001) explica que, no caso de Julgamento ser explícito, a avaliação ocorre quando na sentença encontra-se algum item lexical com carga de Julgamento. Ela pode ser acionada por elementos aparentemente imparciais de situações vivenciadas, situações que podem evocar reações de avaliação, de posicionamento cultural, ideológico ou social (CABRAL, 2014). Ou seja, as marcas de Julgamento podem pressupor normas sociais compartilhadas e “apoiam-se em conexões convencionalizadas entre ações e avaliações”. Logo, a mensagem vai estar sujeita ao posicionamento do receptor da mensagem, ou seja, a partir de suas próprias marcas de Julgamento, interpretará cultural e ideologicamente a mensagem.

Estima Social	Positiva[admiração]	Negativa[crítica]
NORMALIDADE(costume) 'O COMPORTAMENTO DO INDIVÍDUO É POUCO USUAL, ESPECIAL, COMUM?'	PADRÃO, CORRIQUEIRO, MÉDIO...; SORTUDO, FELIZARDO...; ELEGANTE, AVANT GARDE...;	EXCÊNTRICO, ESTRANHO, DISSIDENTE...; AZARADO, INFELIZ...; CAFONA, FORA DE MODA...;
CAPACIDADE 'O INDIVÍDUO É CAPAZ, COMPETENTE?'	HABILIDOSO, INTELIGENTE, ENGENHOSO...; ATLÉTICO, FORTE, PODEROSO...; LÚCIDO, CENTRADO...;	BURRO, LENTO, SIMPLÓRIO...; DESAJEITADO, FRACO, SEM COORDENAÇÃO...; INSANO, NEURÓTICO...;
TENACIDADE(resolução) 'O INDIVÍDUO É CONFIÁVEL, BEM DISPOSTO?'	CORAJOSO, VALENTE, HERÓICO...; CONFIÁVEL, RESPONSÁVEL...; INCANSÁVEL, DECIDIDO, PERSEVERANTE...;	COVARDE, IMPETUOSO, CABISBAIXO...; POUCO CONFIÁVEL, IRRESPONSÁVEL...; DISTRÁIDO, PREGUIÇOSO, DISPERSIVO...;
Sansão Social	Positiva[elogio]	Negativa[condenação]
VERACIDADE(verdade) 'O INDIVÍDUO É HONESTO?'	HONESTO, SINCERO, VERDADEIRO...; AUTÊNTICO, GENUÍNO...; FRANCO, DIRETO...;	FALSO, DESONESTO...; IMPOSTOR, FALSO...; ENGANADOR, ENROLADOR...;
PROPRIEDADE(ética) 'O INDIVÍDUO É ÉTICO, ACIMA DA CRÍTICA?'	BOM, VIRTUOSO...; RESPEITADOR DAS LEIS, JUSTO...; CARINHOSO, SENSÍVEL, RESPEITOSO...;	MAU, IMORAL, LASCIVO...; CORRUPTO, INJUSTO...; CRUEL, MESUINHO, BRUTO, OPRESSOR...;

Quadro 4 - Julgamentos (Fonte: White, 2004 e Chaves, 2009)

White (2001) explica que, a diferença entre Julgamento explícito e implícito vai depender da linguagem empregada no discurso; quando essa se remete ou registra diretamente a uma reação de Julgamento, pode-se afirmar que é explícita; quando esta evoca provocação ou evocação indireta, é um julgamento implícito.

2.1.3.3. Apreciação

Por último, segundo Cabral (2007), a Apreciação pode ser configurada como uma avaliação negativa ou positiva de pessoas, relações sociais e processos. Pessoas podem, portanto, serem apreciadas e não julgadas, “mas somente naqueles casos onde suas qualidades estéticas estão sendo discutidas e não a aceitabilidade de seus comportamentos (WHITE, 2004, p. 191).

Nos enunciados no geral, a Apreciação é utilizada quando os enunciadores mencionam suas qualidades estéticas, quando subjugam pessoas a partir de seus atributos ou quando estes fatores se fazem essenciais para o estabelecimento de relações ou para a contextualização de algumas situações.

	Positivo	Negativo
REAÇÃO: Impacto 'ISSO MEXEU COMIGO?'	CHAMATIVO, CATIVANTE, ATRATIVO...; FASCINANTE, EXCITANTE, COMOVENTE...; ANIMADO, DRAMÁTICO, INTENSO...; NOTÁVEL, SURPREENDENTE, SENSACIONAL...	SEM-GRAÇA, TEDIOSO, CANSATIVO...; SECO, ASCÉTICO, POUCO ATRAENTE...; UNIDIMENSIONAL, PREVISÍVEL, MONÓTONO...; BANAL, COMUM...
REAÇÃO: Qualidade 'EU GOSTEI DISSO?'	ADORÁVEL, LINDO, ESPLÊNDIDO...; ATRAENTE, ENCANTADOR, BEM-VINDO...	COMUM, FEIO, GROTESCO...; REPULSIVO, REVOLTANTE, REPELENTE...
COMPOSIÇÃO: Equilíbrio 'ISSO ME PARECE BEM ELABORADO?'	EQUILIBRADO, HARMONIOSO, UNIFICADO, SIMÉTRICO, BEM PROPORCIONADO...; CONSISTENTE, BEM ELABORADO, LÓGICO...; BEM FORMADO, CURVILÍNEO, LONGILÍNEO...;	SEM EQUILÍBRIO, DISCORDANTE, IRREGULAR, TORTO, IMPERFEITO...; CONTRADITÓRIO, DESORGANIZADO...; MAL FORMADO, AMORFO, RETORCIDO...;
COMPLEXIDADE: 'ISSO FOI DIFÍCIL DE ENTENDER?'	SIMPLES, PURO, ELEGANTE...; LÚCIDO, CLARO, PRECISO...; INTRINCADO, RICO, DETALADO, PRECISO...;	COMPLICADO, EXTRAVAGANTE, BIZANTINO...; MISTERIOSO, OBSCURO, VAGO...; SIMPLES, MONOLÍTICO, SIMPLISTA...;
VALORIZAÇÃO: 'ISSO VALEU A PENA?'	PENETRANTE, PROFUNDO...; INOVADOR, ORIGINAL, CRIATIVO...; NO TEMPO CERTO, HÁ MUITO ESPERADO, DIVISOR DE ÁGUAS...; INIMITÁVEL, EXCEPCIONAL, ÚNICO...; AUTÊNTICO, REAL, GENUÍNO...; VALIOSO, DE VALOR INCALCULÁVEL, MERITÓRIO...;	SUPERFICIAL, REDUNCIONISTA, INSIGNIFICANTE...; DEIVATIVO, CONVENCIONAL, PROSAICO...; ULTRAPASSADO, FORA DE ÉPOCA, DATADO...; FEITO EM SÉRIE, ORDINÁRIO, COMUM...; FALSO, ESPALHAFATOSO...; SEM VALOR, DE MÁ QUALIDADE, CARO DEMAIS...;

Quadro 5 - Apreciações (Fonte: Martin, 2004)

Martin & White (2005) explicam que a Apreciação pode se dividir em três tipos, a saber, reação (quando algo te agrada e te chama a atenção), composição (quando o receptor consegue entender a complexidade do que é lhe mostrado) e valor (se o que lhe é apresentado é inovador e autêntico).

Em resumo, no quadro a seguir se encontra resumida os três subsistemas da Atitude, já delineadas nesta seção.

AFETO	
Felicidade	Infelicidade
Segurança	Insegurança
Satisfação	Insatisfação
JULGAMENTO	
ESTIMA SOCIAL (pessoal / psicológica)	APROVAÇÃO SOCIAL (moral e legal)
Normalidade (A pessoa é especial?)	Veracidade (A pessoa é honesta?)
Capacidade (A pessoa é capaz?)	Propriedade
Tenacidade (A pessoa é determinada?)	(A pessoa tem um comportamento irreprovável)
APRECIAÇÃO	
Reação	Eu gostei? Capturou minha atenção?
Composição	O texto é coeso? Foi difícil de acompanhar?
Avaliação	Valeu a pena?

Quadro 6 - Resumo dos subsistemas da Atitude (adaptado de Droga e Humphrey, 2002)

Neste capítulo, continuo a apresentar o suporte teórico e discursivo do presente estudo, destacando o gênero discursivo e sua ideologia crítica.

2.2 TRADUZINDO E INTERPRETANDO DISCURSOS: ESTUDOS DA TRADUÇÃO E ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO

Nesta tese, a pesquisa analisa TILS homossexuais. Sendo assim, se faz fundamental avaliar a área na qual estes profissionais estão inseridos. Para tanto, é importante entender como os Estudos da Tradução se consolidaram e como outros desdobramentos conseguiram emergir desta teoria, como é o caso dos Estudos da Interpretação. Para embasar esta parte desta tese, uso os estudos de Basnett (2005), Aubert (1994), Vasconcelos & Bartholamei Jr (2008), Lefevere (1999), Arrojo (1998), entre outros. Para introduzir a temática é importante saber que o termo Estudos da Tradução (Translation Studies) foi proposto por André Lefevere, termo este destinado à disciplina voltada para os problemas e estratégias de traduções. A aceitação desse termo vem sendo paulatina, já que, apesar da Tradução já ser estudada anteriormente, ela não era realizada de maneira sistemática.

Assim, os Estudos da Tradução (ET) estão explorando novas áreas, com o objetivo de eliminar algumas lacunas na “estilística, da história literária, da linguística, da semiótica e da estética” (BASNETT, 2005, p. 28). A mesma autora cita que Lefevere tentou definir o objetivo dos ET, sugerindo que se interligaria teoria e prática. Analisar e estudar sistematicamente e historicamente a tradução é essencial para quem trabalha no ramo, onde a experiência prática se une à discussão teórica, pode unir os teóricos da tradução e os tradutores (BASNETT, 2005, p. 29).

Vasconcelos & Bartholamei Jr (2008) explicam que, até a segunda metade do século XX, as reflexões no campo da Tradução eram aleatórias e ainda não pertenciam a uma linha teórica específica. O campo de estudo ainda não era constituído, nem a tradução era um parâmetro investigativo, ou seja, não era um “campo disciplinar institucionalizado” (VASCONCELOS & BARTHOLAMEI JR 2008, p.5). Foi James S. Holmes que, em 1972, apresentou um trabalho que é considerado por muitos como fundador da área de conhecimento dos ET. O nome “Estudos da Tradução” foi sugerido em seu trabalho, intitulado: O nome e a natureza dos Estudos da Tradução. Assim, Holmes e seu trabalho têm sido lembrados e valorizados pela comunidade científica da área, já que o mapeamento disciplinar feito por ele foi reproduzido e preposto por outros pesquisadores.

Apesar das tentativas de articulações, das posições que alça dentro dos programas de Pós-Graduação, o Estudo das Interpretações de língua de sinais é focado, em sua grande maioria, no processo educacional inclusivo das pessoas surdas. Mesmo sendo um processo linguístico proveniente da interação entre duas culturas e pessoas diferentes, ainda assim, as articulações feitas com os Estudos da

Tradução são raras. O ato de traduzir e interpretar é encarado como uma atividade “caritativa e assistencial, não como uma profissão que necessita de suporte teórico e que compartilha (...) muitos aspectos em comum” com as pessoas que trabalham com a tradução e interpretação de línguas orais (PEREIRA, 2010, p. 135).

Vasconcellos (2010) demonstra o caminho percorrido pelas LS até serem incluídas dentro do grande campo dos Estudos da Tradução. A autora relembra que o ato de traduzir e interpretar ocorre há muitos anos.; Guerini e Costa (2008), por exemplo, afirmam que a atividade é realmente antiga, descrita até mesmo na Bíblia. Porém Holmes (1972, 1988, 2000), em 1972 num congresso em Estocolmo sobre linguística aplicada, apresenta um trabalho que hoje é considerado o “texto base” da grande área dos ET, conforme já apontado anteriormente. Ele propõe um mapeamento da área como disciplinas, capturando as principais atividades e vertentes tradicionais nesta área: estudos aplicados (práticos) e puros (teóricos, descritivos) e seus ramos subsequentes. Essa divisão não é engessada; as ramificações se associam e interagem entre si. Em virtude da data da pesquisa, as línguas de sinais ainda não aparecem, tampouco o ato interpretativo destas. Além disso, traduções e interpretações em contextos recentes também não aparecem, como as que estão interligadas à tecnologia por exemplo. Vasconcellos (2010) traz o esquema que demonstra a primeira divisão dada aos Estudos da Tradução:

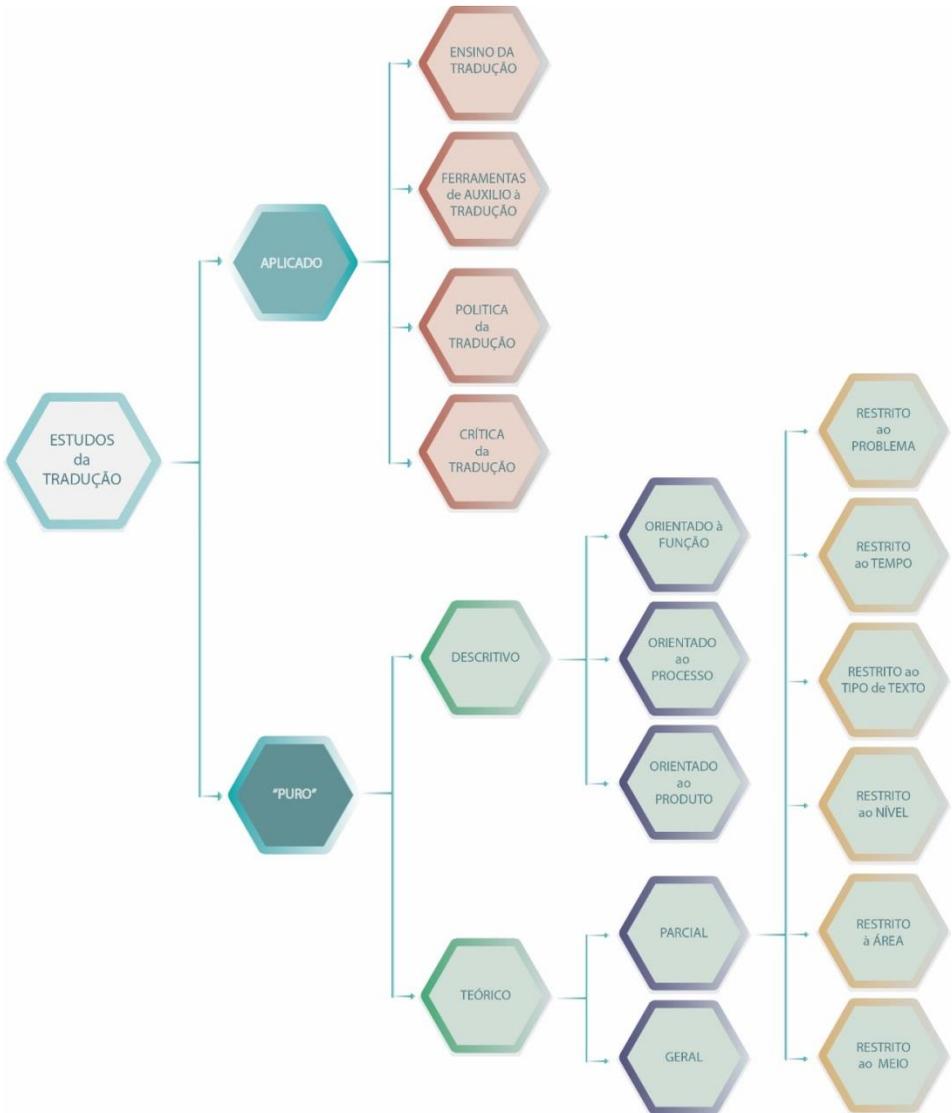


Figura 5: Mapeamento da Disciplina de Estudos da Tradução de acordo com Holmes (1972/1988/2000)¹¹

¹¹ Todas as representações imagéticas dos mapeamentos dos Estudos da Tradução apresentados nesta tese foram retiradas da pesquisa de Vasconcellos (2010) e Souza (2010).

Vasconcellos (2008) explica que outras inserções da temática das línguas de sinais foram alvo da pesquisa científica, devido às diversas publicações de artigos e edições inteiras e periódicos dedicados à Tradução e Interpretação de Língua de Sinais.

Novos mapeamentos passam a ser realizados, demarcando novas áreas dos Estudos da Tradução. Williams & Chesterman (2002) dividem estes estudos em doze áreas, evidenciando ainda mais o caráter interdisciplinar e de constante reconfiguração deste campo teórico. Neste, a área da Interpretação é incluída; as interpretações de línguas de sinais aparecem na aba “Tipos especiais de Interpretação”.

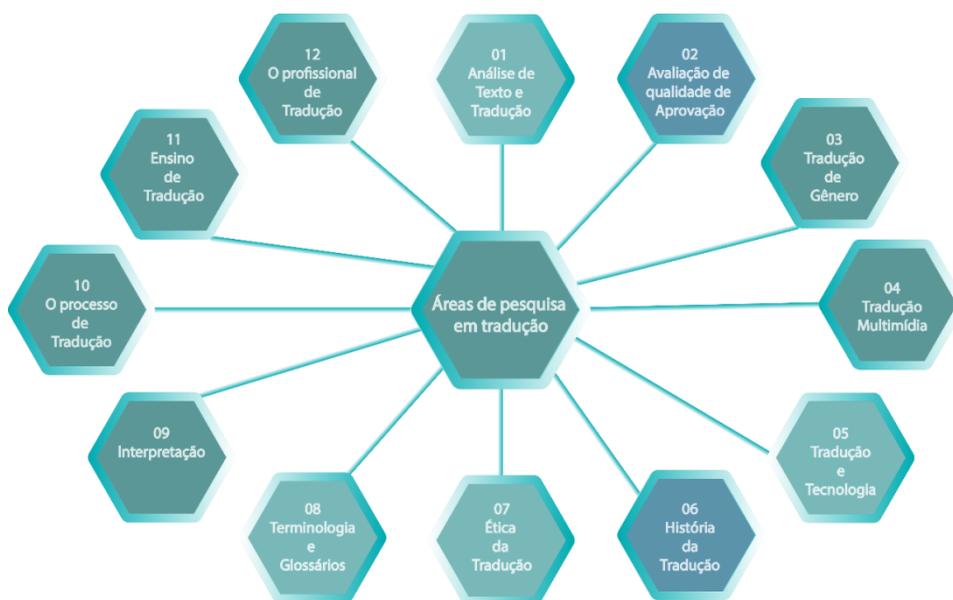


Figura 6: Novo modelo de subáreas dos Estudos da Tradução, proposto por Williams & Chesterman (2002).

Esse mapeamento divide a área da tradução em doze áreas, sendo mais específica que o modelo de Holmes. A área da Interpretação é acrescentada (item 9). Entretanto, Nicoloso (2015) deixa claro que esses mapeamentos diferenciados se complementam. Apesar dos apontamentos de Williams & Chesterman parecerem mais amplos que o modelo de Holmes, nenhuma pesquisa está estritamente em uma subárea de ambos os mapeamentos.

Cabe ressaltar que, a partir de 1997, com a publicação na revista canadense chamada *Meta* de um volume dedicado exclusivamente à Interpretação de Língua de Sinais, além de outros artigos em periódicos e editoras nos anos seguintes, a ligação acadêmica da língua de sinais dentro dos estudos da tradução começou a ser firmada. Ainda assim, apesar do longo caminho percorrido pelas LS até serem incluídas dentro do grande campo dos Estudos da Tradução as línguas de sinais não aparecem de maneira específica (VASCONCELLOS, 2008).

Vasconcellos (2010), por fim, traz os desdobramentos recentes. O site da St. Jerome Publishing, uma das mais importantes editoras no campo dos Estudos da Tradução no mundo, lista as subáreas deste campo disciplinar. A interpretação aparece em 7 das 27 áreas, a saber: Interpretação para a comunidade/Interpretação de Diálogo/Interpretação para Serviço Público; Interpretação Simultânea e de Conferência; Interpretação Legal e de Conferência; História da Tradução e Interpretação; Estudos da Interpretação; Interpretação de Línguas Sinalizadas; Formação de Tradução e Intérprete. É notável verificar a elucidação dos ramos dos Estudos da Tradução, com um acervo mais amplo de interesses disciplinares. A interpretação das Línguas Sinalizadas aparece na subárea 18, evidenciando que, com o passar dos anos, os estudos relacionados às LS estão sendo melhor aceitos e difundidos.¹²

Pagano e Vasconcellos (2003) fazem um novo mapeamento, seguindo as articulações iniciais de Holmes (1972), porém, pesquisando no contexto das Pós-Graduações brasileiras, em quais contextos as pesquisas sobre tradução e interpretação se inseriam. Assim, um novo modelo de mapeamento foi proposto. É perceptível que há pesquisas que ainda seguem o modelo de Holmes; entretanto uma parcela significativa ultrapassa o arcabouço teórico original. Surgem por exemplo os Estudos Intersemióticos; Tradução no computador ou baseados em corpus eletrônico; no entanto, os estudos da Interpretação e as línguas de sinais ainda não aparecem neste modelo.

¹² Ao invés de utilizar Línguas de Sinais, a revista usa Línguas Sinalizadas, talvez pela falta de entendimento da diferença entre estas duas como sugere Vasconcellos (2010). Atualmente, a revista já utiliza o termo correto, Línguas de Sinais, com edições específicas sobre o assunto.

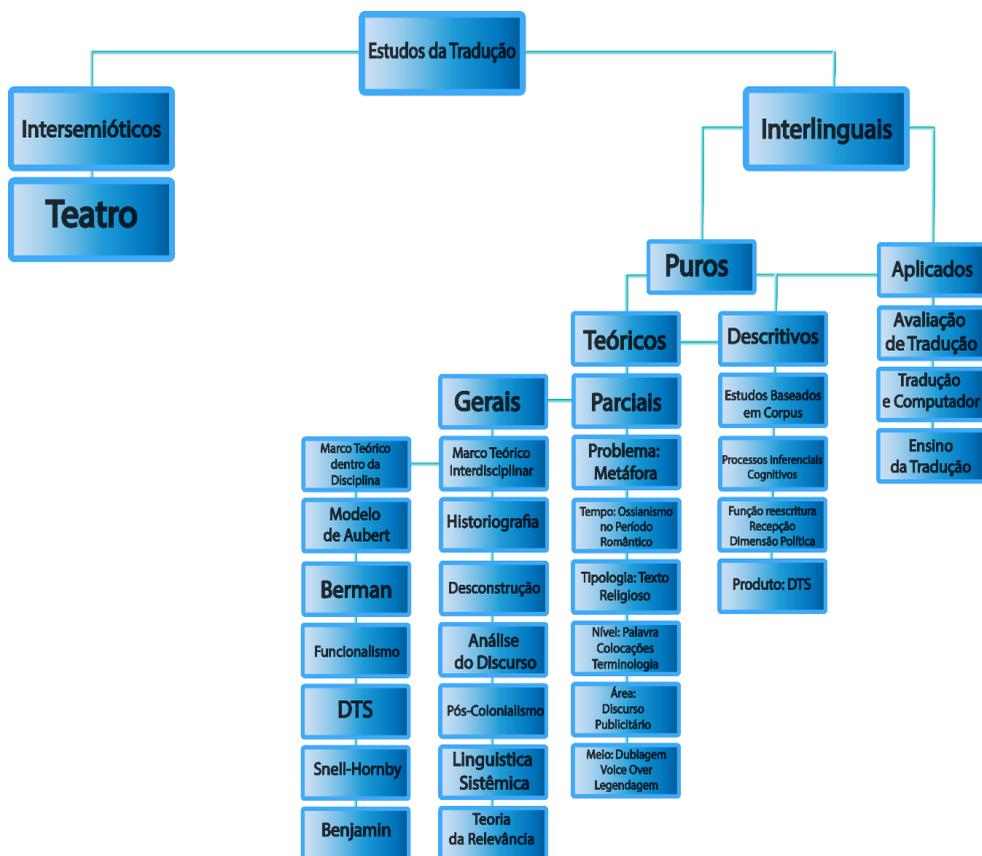


Figura 7: Mapeamento de Pagano e Vasconcellos (2003).

Usando os mesmos fundamentos de Nicoloso (2015), cuja pesquisa também norteou a evolução dos mapeamentos dos ET, estas propostas de mapas (HOLMES, 1978, 1988; WILLIAMS & CHESTERMAN, 2002, PAGANO & VASCONCELLOS, 2003) “permitem verificar a trajetória da interpretação em direção a um espaço institucionalizado dentro dos Estudos da Tradução” (NICOLOSO, 2015, p. 57). Como se pode perceber, o entendimento sobre os ET foram se consolidando, sendo esta área tratada com mais seriedade e como campo teórico carente de pesquisa. De pronto, as barreiras entre as abordagens culturais e linguísticas começaram a ser desconstruídas.

É importante ressaltar que é na década de noventa que essa consolidação inicia, em virtude da globalização (e o ato interpretativo/tradutório ser um ato fundamental de elo entre os povos). A comunicação intercultural passou a ser alvo dos aspectos culturais da tradução, tornando-o um campo interdisciplinar, manifestando uma relação indissociável entre linguagem, modo de vida e cultura (BASNETT, 2005). A autora explica que a teoria da Tradução vem evoluindo, por exemplo, exibindo preocupação em “levantar as diferentes possibilidades abertas para o tradutor, e o modo como essas mudam de acordo com o contexto histórico, social e cultural”, além de focar as análises nos “discursos dos tradutores” (BASNETT, 2005, p. 14-15).

A imagem do tradutor vem sendo substituída, não apenas como o tradutor servil, mas o tradutor criativo, que possui uma visão positiva do trabalho e entende-o como um ato de “comunicação intercultural e intertemporal” (BASNETT, 2005, p. 21). Ou seja, fica claro que a formação e representatividade do Tradutor vêm sendo alvo dos estudos e preocupações dos ET, até mesmo com questões relacionadas ao mercado de trabalho, qualidade e constituição da profissão.

Entretanto, apesar da consolidação dos ET como área epistemológica, atualmente existem desencontros no que tange à categoria onde os intérpretes se encaixariam. Sabendo que a prática social dos intérpretes é distinta, que o uso da linguagem deles e para com eles também é diferenciada, estes acabam muitas vezes ocultados dentro dos Estudos da Tradução. Apesar de não avaliar nenhum aspecto do ato tradutório ou interpretativo destes no capítulo de análises, este tópico também deseja situar os sujeitos da pesquisa que serão entrevistados no contexto interpretativo e tradutório.

Esta pesquisa, como já retratado, trata de tradutores e intérpretes de/para a Língua Brasileira de Sinais¹³. A maioria dos TILS se identifica como intérprete e, em menor quantidade, como tradutor. Essa desordem também não está completamente esclarecida nos Estudos da Tradução (ET). Nestes, nem sempre os Estudos da Interpretação (EI) são contemplados de maneira abrangente. Geralmente, são postos em conjunto com os ET, como se os dois atos (tradução/interpretação) fossem similares. Os posicionamentos de Wurm (2010) e Santos (2013), em suas teses de doutorado, oportunizam algumas reflexões sobre a

¹³ Embora predominantemente no âmbito da interpretação de Libras, os TILS podem realizar também traduções. Santos (2013) percebeu que os estudos voltados para Libras se encontram predominante no contexto da Interpretação. Assim, com o intuito de demarcar o também relevante espaço dos Estudos da Interpretação, acrescentou-se esta discussão.

história deste aporte epistemológico, além de autores como Pöchhacker (2004), Gile (1994), entre outros. Nesta tese, julguei fundamental averiguar as nuances envolvidas nos EI, justamente pelos participantes desta estarem inseridos principalmente no contexto da interpretação.

Santos (2013) explica que, apesar da força atual das pesquisas envolvendo a interpretação, além dos mapeamentos desses estudos já realizados ((HOLMES, 1978, 1988; WILLIAMS & CHESTERMAN, 2002, PAGANO & VASCONCELLOS, 2003), os primeiros estudos envolvendo interpretação de línguas orais datam de meados da década de 1960 (KADE, 1963, SELESKOVITCH 1962, por exemplo, eram os principais nomes da época). Apesar de se tratarem de estudos voltados às línguas orais, sem tanta “conexão quanto aos aportes teóricos ou mesmo paradigmas adotados por TILS, são relevantes marcos referenciais e contribuíram significativamente para a consolidação da interface dos Estudos da Interpretação” (SANTOS, 2013, p.57), impulsionando pesquisas em outros contextos linguísticos, como nas Línguas de Sinais (LS).

Wurm (2010) reflete sobre o entendimento que é dado sobre os Estudos da Tradução e da Interpretação, desafiando o pesquisador a (re)pensar, (re)conceituar o conhecimento, utilizando instâncias inexploradas anteriormente, abrindo um diálogo entre estas duas áreas (Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação). A autora explica que há uma “negociação” da compreensão teórica sobre Tradução, com os novos insights relacionados aos Estudos da Interpretação, e não com um olhar unidirecional. Essas pesquisas envolvem conceitos de tradução e interpretação e têm sido geralmente baseadas na ótica da tradução (monomodal). Portanto, é um desafio renegociar a compreensão das pesquisas voltadas para o contexto das pessoas que traduzem e interpretam uma língua de sinais, onde dois conceitos estão envolvidos, assim como duas práticas teóricas e metodológicas.

Gile (2004) explica que é benéfico que os Estudos da Interpretação tenham autonomia, já que a metodologia e o objeto de estudo vêm seguindo protocolos diferenciados; “cada passo na investigação de uma das áreas pode contribuir valiosamente na do outro” (GILE, 2004, p. 23). Pöchhacker (2004, p. 114) compara criticamente o modelo que Gile propôs na figura abaixo:

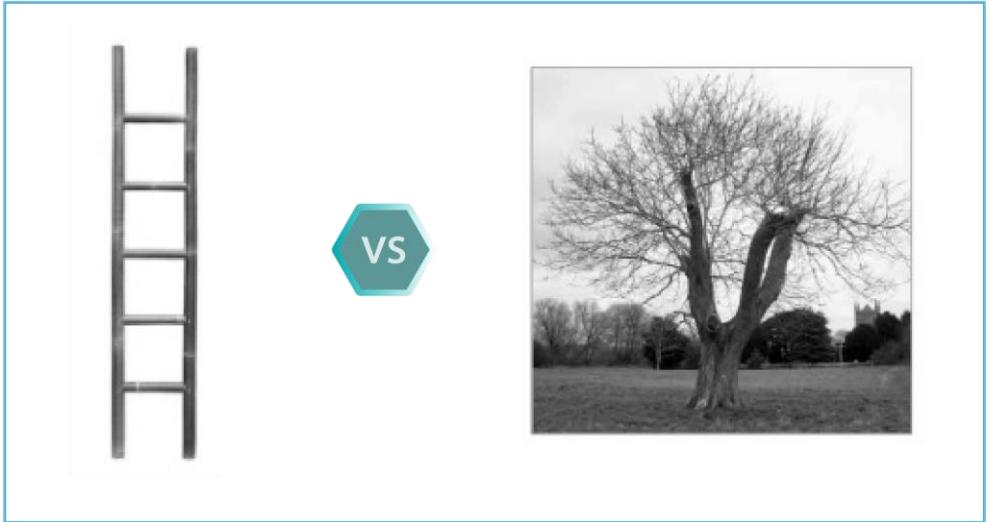


Figura 8: Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação, na crítica imagética de Pöchhacker (2004 a) a Gile (2004) e a sua proposta, respectivamente.

Essa “metáfora orgânica”, como Wurm (2010) chama, é explicada por Pöchhacker (2004, p. 114), quando ele diz que:

(...) No relato de Gile, sobre potenciais interações no campo vasto dos Estudos da Tradução, as pesquisas em Tradução e em Interpretação aparecem como estruturas paralelas, como as hastes de uma escadas que são ou precisam estar interligadas por outras hastes de madeira. Se há degraus suficientes, podemos escalar grandes alturas e recolher os frutos do nosso trabalho. Minha alternativa tem um ponto de vista mais “orgânico” é que essas áreas atuam como uma árvore, com um forte troco em comum, enraizada em vários tipos de solo (ou 'terrenos comuns') e com um número de galhos que sustentam ramos ora maiores, ora menores, e muitos raminhos. (PÖCHHACKER, 2004: 114, tradução de WURM (2010)).

Portanto, em consonância com Wurm (2010) entendo que, independentemente dos entendimentos acerca das intersecções entre

Estudos da Interpretação e Estudos da Tradução, a teoria academicamente aceita é de que os Estudos da Tradução são predominantes, com seus desdobramentos (Tradução e Interpretação), esses últimos também com suas ramificações. A história teve um papel peculiar nessa dicotomia, com seu início na tradução de textos canônicos e o consequente surgimento de práticas, como as interpretações de conferência. Há de se reconhecer as diferenças entre os dois campos, mas, se polarizadas, reduzirão os conceitos e as aplicabilidades. Porém, se tratadas completamente separadas, não haverá nenhuma interação epistemológica e teórica, tão ricas e interessantes para as pesquisas que transitam nesse campo, como a que esta tese se destina aprofundar.

O modelo de ramos pequenos sustentados por um grande tronco de dois braços principais (Tradução e Interpretação), de Pöchhacker é substituído por um modelo onde os Estudos da Tradução são como uma grande árvore, de tronco comum, com vários braços e ramos igualmente fortes, com muitos raminhos. Wurm (2010) usou a imagem abaixo para ilustrar este pensamento:



Figura 9: Saindo da dicotomia Tradução x Interpretação.

Havendo mais maleabilidade na dicotomia Tradução e Interpretação, há como se contemplar novas práticas de tradução/interpretação, como no caso de pesquisas que envolvam Línguas de Sinais (como por exemplo a pesquisa de Wurm (2010) que investigou a tradução de textos escritos para a Língua de Sinais, de modalidade diferente de uma língua oral).

Após essa progressão do entendimento de onde os conceitos do Estudos da Interpretação estão localizados no campo maior da Tradução e as interessantes e possíveis relações entre esses dois campos, a especificidade das línguas sinalizadas também emerge. Onde estas se localizam neste campo teórico?

Conhecer a área na qual a pesquisa se insere e fazer as articulações entre outras pesquisas que trabalhem a interpretação também na sua modalidade de língua pode “ampliar a compreensão do caminho percorrido por uma determinada área” apresentando um “fio condutor: responder questões sobre os diferentes objetos privilegiados em determinado momento histórico” (SANTOS, 2013, p. 59).

Como já explanado, nesta pesquisa foram ouvidos tradutores e intérpretes de Libras. Entretanto, conforme já explicado por Santos (2013), os TILS se identificam em primazia como intérpretes do que como tradutores. Neste sentido, as pesquisas teorizadas nos Estudos da Interpretação vêm evoluindo nas temáticas e nas investigações empíricas, contribuindo para a melhora da profissão de TILS, de tal forma que “profissão” e “pesquisa” sejam complementares (conectadas)” (PÖCHHACKER 2009, p. 62). Santos (2013) complementa:

Essas constatações mostram a necessidade de examinar (...) os assuntos, metodologias, paradigmas e demais categorias que emergem de análises dessa natureza. Essa necessidade de conhecer, de buscar articulações com os Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação, extrair elementos das pesquisas que contribuam na formação dos tradutores-intérpretes e pesquisadores, e também colaborar para a consolidação identitária da subárea em nosso país (...) (SANTOS, 2013, p. 60)

Wurm (2010) discute o fato de apenas a palavra “Interpretação” estar ligada às línguas de sinais, excluindo o processo tradutório deste contexto. Segundo a autora, as línguas de sinais são sempre relacionadas ao ato de interpretar. Citando Leneham (2007), a autora confirma que o fenômeno [da tradução da língua de sinais] em si manifesta-se, na maioria das vezes, tão desconhecido para a tradução que os próprios profissionais intérpretes não conseguem se inserir no contexto tradutório. Ou seja, a tradução neste contexto linguístico muitas vezes é ignorada.

Fica claro que a vivacidade dos Estudos da Tradução (seja em estudos sobre tradução ou interpretação) pode ser melhor compreendida, além de poder contribuir teoricamente com a consolidação das pesquisas sobre línguas de sinais. Ou seja, apesar do campo dos Estudos da Tradução em LS necessitarem de uma identidade mais presente, estes podem, segundo Vasconcellos (2010) se beneficiar de estarem filiados ao campo disciplinar dos Estudos da Tradução. Este último tem se expandido em inúmeros desdobramentos, inclusive acolhendo as diversidades que incluem as LS. Wurm também ressalta que não somente aspectos linguísticos necessitam ser pesquisados nestas tônicas, mas também as perspectivas culturais, políticas e sociais, favorecendo o empoderamento dos profissionais e das práticas do campo disciplinar da tradução/interpretação de línguas de sinais, como é o caso da presente pesquisa, que pretende dar visibilidade ao tradutor e intérprete e suas inter-relações na comunidade surda.

2.2.1. Discursos como Identificação: sobre quem realiza a tradução e interpretação na/para a Língua de Sinais Brasileira

Tendo localizado epistemologicamente os sujeitos nos quais essa pesquisa se especifica, além de demonstrar a polêmica entre onde tais sujeitos conseguem se inserir, para esta tese é importante entender que a tradução/interpretação e o tradutor/intérprete não são apenas ato e sujeito da ação; é um ato que se relaciona com subjetividade do indivíduo que a propôs e às interações sociais neste contexto envolvidas, numa interação sujeito-ação, sujeito-sujeito (FREITAS, 2002). Essa proposição teórica é coerente com a dialética envolvida na compreensão dos fenômenos humanos (ALBRES, 2014). Neste cenário, entra o protagonista, a pessoa que realiza a tradução/interpretação, que também merece ter sua voz ouvida. Para entender um pouco das questões identitárias do tradutor/intérprete, falo a seguir um pouco deste sujeito.

Com o reconhecimento do status linguístico da Libras, além de maior afirmação política dos surdos brasileiros, o trabalho do intérprete firmou sua importância; a demanda cresceu significativamente, principalmente no âmbito educacional. Os ouvintes bilíngues, neste contexto, passaram a assumir esse papel, mesmo sem formação específica. A presença dos intérpretes vem sendo garantida na sala de aula com surdos, por meio do Decreto 5.626/05. Vale ressaltar que a profissão de tradutor e intérprete de Libras-Português somente foi regulamentada no Brasil pela Lei 12.319/10.

A aproximação e reconhecimento de pesquisas brasileiras voltadas à tradução e interpretação de línguas de sinais, no campo dos Estudos da Tradução (ET) e dos Estudos da Interpretação (EI), são mais tardios se comparados com os ET e EI em pesquisas europeias e norte-americanas. Com o passar dos anos, os pesquisadores brasileiros, ainda que timidamente (se comparados aos pesquisadores internacionais) vêm atualmente buscando consolidar a área das pesquisas relacionadas a tradução e interpretação em Libras, estando estas, na maioria das vezes, aliadas aos Estudos da Tradução.

Sobre isso, Santos (2006) explica que, neste contexto de inserção dos ET e EI voltados a língua de sinais no grande campo dos ET, não há tantos materiais sobre o tema. Não há como criar uma subárea TILS ou idealizar conhecimentos tradutórios de maneira homogênea no Brasil, sem antes compreender as tendências, paradigmas e construções destas pesquisas.

Este movimento de articulação voltado à pesquisa de TILS é recente, já que o decreto 5626/05 incentivou à pesquisa e contribuiu significativamente para que uma subárea TILS avançasse. Este acervo ainda se encontra de maneira dispersa e vêm promovendo a expansão dos Estudos da Tradução. Vasconcellos (2010, p. 121) afirma que:

[...] a inserção estratégica do tradutor e do intérprete de línguas de sinais em um campo disciplinar já estabelecido, longe de diminuir a importância de sua questão identitária, pode contribuir para o fortalecimento do empoderamento (empowerment) desses profissionais que, mesmo filiados a um campo disciplinar já constituído, não perdem sua especificidade ou visibilidade.

As pesquisas em tradução e interpretação de língua de sinais no Brasil vêm sendo afirmativas e crescentes, além de sinalizar a inserção e reconhecimento das pesquisas a afirmação e o crescimento das pesquisas em tradução e interpretação de língua de sinais no Brasil. Quadros (2010, p.9 -12) explica que:

[...] as pesquisas sobre tradução e interpretação de línguas de sinais são muito recentes, especialmente no Brasil. [...] Dentro do contexto atual das produções acadêmicas relacionadas a estes campos de investigação, os Cadernos de

Tradução vêm coroar a afiliação destes campos aos Estudos da Tradução. O volume passa a fazer parte desse movimento que representa um avanço para as pesquisas em tradução e interpretação de línguas de sinais, bem como, redefinem a formação dos profissionais desta área no país (Quadros, 2010, p. 9-12).

Os movimentos sociais e políticos a favor de uma Educação de Surdos de qualidade, além da constatação da necessidade de intérpretes de Libras para tornar a acessibilidade da pessoa surda possível culminaram na regulamentação da Libras como língua nacional, da criação e regulamentação da profissão TILS e associações desses profissionais, além das pesquisas relacionadas aos ET no âmbito da Libras serem reconhecidas. Esse movimento proporcionou aumento de dados na base de conhecimento específica e articulações com outros campos disciplinares.

Este item da presente pesquisa dedicado aos Estudos da Tradução e da Interpretação se objetivou a demonstrar que, apesar do atual aumento de pesquisas sobre tradução e interpretação de LS, ainda há necessidade de consolidação no eixo dos ET e EI que abordem questões da subjetividade do tradutor e intérprete. Para a minha pesquisa, cito como estudos importantes para desvendar quem está por trás do ato interpretativo e tradutório Coracini (2005 a e b), que pesquisou sobre as representações e identidade(s) dos tradutores, Santos (2006) que pesquisou as identidades dos TILS, além de Ciampa (1986), que tem uma abordagem interessante sobre o conceito de identidade utilizada também em minha dissertação de mestrado.

De acordo com Coracini (2005 a), a partir do pressuposto que o outro pode reforçar ou modificar as representações de si mesmo, as traduções ou interpretações feitas pelo indivíduo que traduz estão recheadas de representações de si mesmo. Ao mesmo tempo, as traduções e interpretações que realiza também podem influenciar na configuração de sua subjetividade, já que quem está por trás da atividade de tradução e interpretação encontra-se entre-culturas, onde “as identificações de si e ao outro se entrelaçam e se confundem para constituir a identidade do sujeito (...) que permanece na tensão das contingências de sua história de vida, de sua formação, modificada pelo outro”. O contato com o outro permite que as discursividades se socializem e constituam os indivíduos, onde “ninguém sai incólume dessa experiência transformadora, assim também o sujeito tradutor não

sai incólume de uma experiência de tradução” e onde a identidade fluida e historicizada do tradutor se constitui (CORACINI, 2005a, p. 22).

Coracini (2005 a p. 12) pesquisou através de entrevistas, as narrativas de pessoas que trabalham como tradutores, conversando sobre o prazer que a atividade de traduzir proporciona, as metodologias de trabalho que utilizam, da remuneração e qualidades necessárias ao tradutor, “como ele se identifica com os modelos de tradução já estabelecidos”, além dos problemas acarretados pela tradução. Nessa pesquisa, a autora afirma que só é possível flagrar identificações e, “para a identificação, a identidade nunca é um a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade”; na verdade, para o autor a identidade é “a representação de um tempo que está sempre em outro lugar, uma repetição”, sem reproduções, sendo sempre criação, “no imbricamento do mesmo e do diferente. Nesse sentido, a identidade será, então, sempre e inevitavelmente, interpretação” (CORACINI, 2005 a, p. 11). Ela complementa:

Ora, a hipótese que persigo em minhas investigações é de que o tradutor constitui um sujeito entre-línguas-culturas, lugar onde se mesclam e se confundem umas e outras, onde se apagam ou se embaraçam os limites, os contornos e as dicotomias arraigadas na cultura ocidental da qual somos todos herdeiros e na qual somos prisioneiros. Assim, o tradutor se constitui do e no desejo do Outro, transitando no espaço ilusório, construído entre a “sua” língua (também denominada língua materna) e a língua do outro (chamada de segunda língua ou língua estrangeira (CORACINI, 2005, p. 11).

Já Santos (2006) teve a mesma experiência de ouvir as narrativas de alguns tradutores e intérpretes no contexto da Libras. A autora usou o entendimento de Hall (2004) a respeito das identidades: assumimos identidades diferentes em momentos também diferentes, que não são unificadas, mas continuamente deslocadas em diferentes direções e até mesmo contraditórias. Os aspectos culturais e sociais “desestabilizam”, fragmentam e até mesmo multiplicam essas identidades.

Moita Lopes (2002) em suas pesquisas sobre identidade, relaciona este campo com a relação entre linguagem e sociedade. Integrada à comunicação, a identidade é móvel, passível de

reformulação; a partir de aspectos linguísticos, culturais, políticos ou histórico-sociais é que certas posturas são associadas a uma identidade; mesmo assim, as identidades surgem do discurso e são vistas como interacionais, múltiplas e mutáveis, construídas e reconstruídas a partir das relações sociais e da subjetividade.

Por conseguinte, pensar em vida social ou identidades sociais exige contextualizar as relações de poder que atravessam os indivíduos em várias direções, situando suas práticas discursivas na “relevância do processo sociohistórico de construção de seus corpos e de sua conduta social”, no discurso e na interação. As ‘etiquetas identitárias’ (gay, lésbica, homem, mulher, pobre, rico, por exemplo) passam a agir e valorar os discursos; entretanto, em situações construtoras da vida social, as identidades podem se alterar, apesar das ‘condicionantes macrossociais’ (MOITA LOPES, 2002, p. 13).

No caso das pessoas que atuam com a tradução e interpretação no contexto das línguas de sinais, são duas culturas, dois espaços (surdos e ouvintes), “tornando-o uma produção cultural e fervilhando novas significações a partir destas relações desencadeadas” (SANTOS, 2006, p.26). A autora cita a identidade visual e auditiva que os TILS desenvolvem por estarem num contexto visual-espacial; a construção linguística como parte identitária; o hibridismo cultural (entre cultura surda e ouvinte).

A emergência dos estudos que englobam as questões sobre identidade se deve às mudanças sociais, onde identidades antes consideradas fixas, tornam-se fluidas; sendo a identidade construída a partir das relações sociais, as pessoas tendem a conceber apreciações para com os outros. As diferenças passam a assumir papéis de marcações simbólicas, definindo quem e o que é excluído ou incluído. “É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferenciação são vividas nas relações sociais” (WOODWARD, 2000, p. 14).

Moita Lopes (2002) compreende que as identidades assumem um “conceito operacional que, subordinando-se a regras de uso que aprendemos a reificar, possibilitaria a criação de sentido entre as pessoas”, num “processo de socialização e aprendizagem histórica e cultural” (p. 15). Assim, cabe discutir sobre identidade num contexto de prática social. Significar tais identidades necessita de recorrência ao outro, seja este uma “pessoa, grupo, teoria, tradição, etc”; por conseguinte, Moita Lopes (2002) deixa claro que entender identidade é também entender de práticas sociais discursivas, coletivas e

significativas, não sendo dissociadas características como linguagem, atividades humanas, contexto, comportamento e sociedade.

Assim, corroboro com Moita Lopes (2002) que afirma que as identidades são concebidas no contexto das relações sociais e culturais produzidas e instituídas pelo discurso. É necessário, entretanto, conforme Santos (2006), diferenciar identidade pessoal de social, sendo a primeira relacionada a sua subjetividade e personalidade e a segunda relacionada ao seu papel social dentro de um contexto societário. Fairclough (2003) afirma que essas identidades interagem dialeticamente, já que o desenvolvimento pessoal de alguém depende do papel social que ela ocupa em determinado contexto.

A afirmação da identidade e da diferença é marcada fortemente pelas relações de poder, classificando, atribuindo valores a determinados grupos e criando binarismos onde um dos lados sempre recebe a carga negativa. Neste estudo, alguns binarismos sociais também são presentes nos discursos e nas identidades dos TILS: homem/mulher, ouvinte/surdo, não heteronormativa/ heteronormativa, sendo notável os valores negativos e a vulnerabilidade dos grupos que estão opostos a maioria societária, gerando preconceito ideológico e de base histórica, opressão e subordinação, “tecidas social e culturalmente através, principalmente do discurso – elemento importante dentro das práticas sociais” (SANTOS, 2006, p. 27-28).

Em relação a identidades, Chouliaraki & Fairclough (2010) concebe o discurso nas práticas sócias de três maneiras: primeiramente dentro de uma atividade social, sendo parte de uma prática; em segundo lugar, ora produzindo representações sobre práticas sociais ora refletindo sobre as suas próprias representações e inserindo-as em suas próprias práticas; por último, o discurso constitui identidades. Sobre o poder constitutivo do discurso, Fairclough (2001) explica que:

Ver o uso da linguagem como prática social implica, em primeiro lugar, que esse uso é um modo de ação (Austin, 1962. Levinson, 1983) e, em segundo lugar, que ele é sempre um modo de ação socialmente e historicamente situado, numa relação dialética com outras facetas do “social” (seu “contexto social”) – ele é formado socialmente, mas também forma socialmente, ou é constitutivo. É vital que a análise crítica do discurso explore a tensão entre esses dois lados do uso da linguagem, o que é formado socialmente e o que constitui socialmente, ao invés de optar

unilateralmente por uma posição estruturalista (como, por exemplo, fez Pechêaux [1982]) ou “de ação” como, por exemplo, a pragmática tende a fazer). O uso da linguagem é sempre simultaneamente constitutivo de (i) identidades sociais, (ii) relações sociais e (iii) sistemas de conhecimento e crença – embora com graus diferentes de proeminência em casos diferentes. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 33).

Fica claro que Chouliaraki & Fairclough (2010) também contribuíram nos estudos sobre identidade ao afirmar que os discursos podem ser inculcados como ‘novos modos de ser, novas identidades’, fazendo com que indivíduos assumam novos discursos, ‘posicionando-se dentro deles, agindo, pensando, falando e se vendo nos termos dos novos discursos’ (FAIRCLOUGH, 2010, p. 228). Além disso, as identidades podem ser influenciadas pelas práticas sociais que cercam o indivíduo; por exemplo, pessoas “de diferentes classes sociais, sexos, nacionalidades, etnias ou culturas, com experiências de vida diversas” (FAIRCLOUGH, 2012, p. 309), produzem identidades diferentes e se relacionam entre si e socialmente também de maneira diferente.

Ciampa (1986) segue ressaltando a complexidade do entendimento de identidade. Em meio a muitas metáforas, o autor aborda como descobrir quem é você e o que está por trás da sua história. O autor acredita que é por meio das relações que se estabelecem as práticas, o “agir, trabalhar, pensar, sentir, etc, já que não somos mais substantivos, mas verbo” (CIAMPA, 1986, p. 64). É imaginar as mais diferentes conjunções para que uma identidade se configure, numa totalidade “contraditória, múltipla, mutável”. Apesar de parecer contraditório, o autor acredita que “por mais mutável que seja, sei que sou eu que sou assim, sou uma unidade de contrários, sou uno na multiplicidade e na mudança” (CIAMPA, 1986, p. 61).

Assim, as representações de si e do outro importam nas relações dialéticas, já que o conhecimento de si envolve história, tradições, interesses e nos identificarmos com um determinado grupo social. Porém, o autor deixa claro que as identidades não são imutáveis. Nossa história e nossas relações sociais descrevem nossa substância; a identidade é um fenômeno também social, mas nunca está consolidada, engessada (CIAMPA, 1986). Neste contexto, ele continua a explicar que:

Isto introduz uma complexidade que deve ser considerada aqui. Uma vez que a identidade pressuposta é reposta, ela é vista como dada – e não como se dando num contínuo processo de identificação. É como se uma vez identificada a pessoa, a produção de sua identidade se esgotasse com o produto. (...). Daí a expectativa de que alguém deve agir de acordo com o que é (e consequentemente ser tratado como tal. (CIAMPA, 1986, p. 66)

Ciampa (2005b) afirma que para muitos teóricos o conceito de identidade se encontra flexibilizado, por conta da ideologia da globalização. É perceptível um discurso camuflado de tentativa de homogeneização e centralização dos seres em prol de um consumo cada vez mais exacerbado. “Suspeitando da manipulação” (p.2), das tentativas de se unificar identidades e opiniões, novos grupos de minorias vêm se mobilizando em defesa dos seus próprios interesses.

Portanto, com novas discussões sobre o tema das identidades, novas complexidades emergem desse debate, principalmente no que se refere às minorias. Elementos como “classe, gênero e etnia” atravessam as pesquisas atuais no âmbito das identidades. Assim, há a necessidade de não mais pensar que existe uma identidade central, engessada, que agregue todas as características do sujeito, a ser analisada nestes contextos de pesquisas (SANTOS, 2006, p. 38). Em minha dissertação de mestrado, uma das entrevistadas ao falar de sua identidade, utilizou da imagem abaixo para defini-la. É o “colorido do céu”, nas suas diferentes nuances e tipos mesclando-se com as cores que o indivíduo tem costume; “mas para ela ter a visão completa ela precisa dar o primeiro passo e abrir a porta, ir para fora para poder ter a oportunidade de ver tudo colorido” (SANTOS, 2013, p. 95), ou seja, as identidades não são fixas, ora se misturam, se desconfiguram; além disso, necessitam de ação, do “primeiro passo”, dependendo das relações sociais e da relação consigo mesmo, para que possam dialogar.



Figura 10: “Outside”, arte de Gabriele (MG).

Assim, esta pesquisa corrobora com o pensamento destes autores pesquisados, entendendo que, num contexto de contato com outras culturas além da sua na qual a pessoa que realiza a tradução e interpretação, não há como padronizar uma identidade estável. Santos (2006) explica que outros fatores estão atravessando estas discussões, como no caso das questões de gênero, onde esta pesquisa está localizada. Passo a me debruçar sobre esta tônica.

2.3 DISCURSO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Na segunda metade do século XX, preocupações políticas dos estudos da cultura, sociedade e linguagem fizeram emergir conceitos como gênero e discurso. Apesar da complexidade e das inúmeras possibilidades de aplicações, ambos são mediados pelas relações sociais.

Nesta tese, ao analisar falas de TILS não heteronormativos, necessito me embasar de autores como Funck (2008), Haraway (2004), Scott (1995), Heberle (2000), Heberle, Ostermann e Figueiredo (2006), Caldas Couthard (2000), Foucault (1988, 2015), Haugh (1980), Louro (2014), Tatagiba (2016) que, no fundamental possuem pontos balizadores em comum e podem contribuir para o embasamento teórico desta pesquisa.

Para iniciar as reflexões sobre o tema proposto, é importante afirmar que parto do pressuposto que “gênero” é socialmente e dinamicamente construído. Aliados a isso, estão inúmeras variáveis como “idade, grau de instrução, etnia, status sócio-econômico, ocupação, classe social, orientação sexual, filiação política, religiosa, etc.” (HEBERLE, 2000, p. 301). E para articular discurso e gênero, é importante lembrar, além de prática social e visão de mundo, o discurso é uma prática de significação, construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

O conceito de gênero parte assim da necessidade de se pensar além da noção binária de sexo ou diferença sexual. De outra forma, feministas anglo-saxãs iniciaram a diferenciação de gênero (gender) e sexo, rejeitando um determinismo biológico no uso de termos como “diferença sexual” e “sexo” (SCOTT, 1995). O termo gênero abarca “ideologia e hegemonia, enfocando questões identitárias e políticas de representação” (FUNCK, 2008, p. 184).

No fundamental, a pesquisa de Haraway (2004) busca examinar como as questões de gênero estão sendo construídas, como esta construção se dá de maneira internalizada em cada ser para que, a partir daí se consiga encontrar um ponto de mudança. “Não se deve permitir que o construcionismo social na questão de gênero se torne uma teoria de determinismo fechado” (HAUGG, 1980 apud HARAWAY, 2004, p. 207). Portanto, é emergente a relação entre gênero e discurso: já que o gênero é uma construção cultural e social, que precisa de afirmação e desconstrução, este necessita das práticas discursivas para que o processo de subjetivação e identificação com particularidades caracterizem o contexto no qual está inserido (FUNK, 2008).

Butler (2015) questiona sobre como as identidades de gênero vêm sendo modeladas. Falando sobre a visão estratégica e taxativa que a sociedade tem sobre os “corpos”, ela descreve que, embora a distinção sexo/gênero pareça generalizar o “corpo”, este vêm sendo caracterizado como indiferente à significação, resultado das grades reguladoras do campo social. Os discursos que estabelecem limites do corpo naturalizam “certos tabus concernentes aos limites, posturas e formas de

troca apropriados, que definem o que constitui o corpo” (BUTLER, 2015, p. 226). Ela continua:

(...) para entender o sexismo, a homofobia e o racismo, o repúdio de corpos em função de seu sexo, sexualidade e/ou cor é uma “expulsão” seguida por uma “repulsa” que fundamenta e consolida identidades culturalmente hegemônicas em eixos de diferenciação de sexo/raça/sexualidade (BUTLER, 2015, p. 230).

As performances sociais não heteronormativas confrontam a heterossexualidade idealizada e compulsória, enfrentando a ‘produção disciplinar do gênero’. Qualquer ‘corpo gênero’ performativo¹⁴ sugere que ele não tem um ‘status ontológico’ separado de suas outras práticas sociais (BUTLER, 2015, p. 234-235). Deslocar a discussão do âmbito político e identitário para o contexto psicológico impede a “análise da constituição política do sujeito marcado pelo gênero e as noções fabricadas sobre a interioridade inefável de seu sexo ou de sua verdadeira identidade” (BUTLER, 2015, p. 236).

Da vertigem da performance, está no reconhecimento da contingência da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais e necessárias. No lugar da lei da coerência heterossexual, vemos o sexo e o gênero desnaturalizados por meio de uma performance que confessa sua distinção e dramatiza os mecanismos cultural da sua unidade fabricada (BUTLER, 2015, p. 238)

Assim, o discurso também atual como prática social e política, pode estar carregado de pressupostos ideológicos e entraves hegemônicos arraigados. Uma definição feminista de gênero deve

¹⁴ “Performativo é um termo que vai além das ligações que performance tem com as atividades artísticas. Butler desmonta a estrutura binária sexo/gênero. Ela afirma que não existe uma identidade de gênero *por trás* das expressões de gênero, e que a identidade é *performativamente constituída*; ela pensa o gênero como *performance*, um tipo de performance que pode ser dar em qualquer corpo, portanto desconectado da ideia de que a cada corpo corresponderia somente um gênero. Butler propõe repensar o corpo não mais como um dado natural, mas como uma “superfície politicamente regulada” (RODRIGUES, 2012, p. 150).

contemplar o “fazer e desfazer de ‘corpos’ num mundo de discursos contestadores ‘um relato de gênero é uma teoria da experiência como corporificação significativa e significante” (HARAWAY, 2004, p. 208).

As fronteiras das identidades barram o socialmente hegemônico, rompem simbolicamente as demarcações do aceitável. Butler (2015) chama tais pessoas de ‘poluidoras’ que, com o status poluidor de não heteronormativa, provoca reações históricas, vulnerabilizando os sistemas sociais. Esse deslocamento de práticas sociais fomenta uma fluidez passível de ressignificação e recontextualização nas identidades anteriormente hegemonicamente naturalizadas.

Heberle, Ostermann e Figueiredo (2006) ainda ressaltam que:

Embora estejamos adotando a noção de que o gênero é construído socialmente, reconhecemos que as práticas socioculturais que constituem essa categoria, e que incluem a linguagem, são, com frequência, objeto de resistência ou de contestação. Homens e mulheres, ao participarem de interações sociais via linguagem, ao produzirem ou consumirem textos (tanto orais quanto escritos), alinham-se em diferentes graus com os papéis de gênero articulados nessas práticas linguísticas, ora aceitando-os sem questionamento, ora discordando parcialmente deles, ora rejeitando-os na sua totalidade. (HEBERLE, OSTERMANN E FIGUEIREDO 2006, p. 9)

Há subsídios em diferentes campos do conhecimento (Biologia e Materialismo Dialético, por exemplo) a fim de entender a gênese da subalternidade feminina, bem como os elementos/condicionantes que irão dar suporte a esta subordinação. Em síntese, além de ressaltar a inexistência histórica de um desempenho igualitário entre sexos, constatou-se que a própria noção de “sexo” se centrava na alusão da assimetria estabelecidas nas relações entre homens e mulheres” (TATAGIBA, 2016). Dessa forma, ao serem expostas à não existência de condicionalidade dos fatores biológicos ao fator social e à construção da concepção de “gênero”, ampliou-se o alcance do debate ao trazer para as análises aspectos antes não tratados.

Buscando clarificar alguns pontos do debate, em sua tese de doutoramento, Tatagiba (2016) desenvolve um conjunto de análises acerca dos estudos feministas desenvolvidos no Brasil. Os estudos de

Scott (1995), introduziram o conceito de gênero e o amplificaram, principalmente após a publicação do livro *Gender and the Politics of History*, originalmente de 1989.

Scott (1995) utiliza o termo “gênero” de maneira mais neutra e objetiva do que o termo “mulher”, driblando o preconceito ao feminismo, pois usar tal termo não necessariamente insinua alguma posição sobre tomada de poder e desigualdade. (SCOTT, 1995). O termo gênero passou a ser usado amplamente como no movimento feminista se referindo à organização da relação entre os diferentes sexos, destacando o caráter social das distinções.

Da forma proposta, o termo “gênero” demonstra seu aspecto relacional, já que presume compreender que “as mulheres e os homens [devem ser] definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles [pode] ser alcançada por um estudo separado” (Scott, 1995, p. 5). Manifestando como a diferença sexual partícipe de lutas teóricas e epistemológicas para ser naturalizada, a teoria e a prática feminista em torno de gênero vêm buscando explicar sua constituição social e sua posição nas relações de antagonismo, poder e hierarquia. Butler (2015) afirma que:

(...) a identidade de gênero pode ser reconcebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção (BUTLER, 2015, p. 238-239)

Assim, pode-se afirmar que culturalmente, há um padrão definido para feminilidade e masculinidade. Franzoi e Shields (1984) em seus estudos demonstraram a importância que as mulheres atribuem à imagem física, ou seja, a relação entre feminilidade e relações sociais existe implicitamente. Nesse estudo, a autoestima feminina pode ser associada à preocupação com a aparência física; ou seja, a autoestima corporal perpassa a dimensão do outros (mesmo que de uma forma projetiva), ou seja, somente é positiva se forem ambicionadas por outrem ou avaliadas de maneira positiva.

Franzoi (1995), em seu estudo, também revela que as mulheres femininas demonstram maior dificuldade para se enxergarem libertas dos padrões culturais definidos para a feminilidade, que definem o corpo

feminino como um “ornamento de beleza” (FRANZOI, 1995, p. 421), ou seja, corpos femininos que não estão sob este referencial “feminino” acabam por causar estranhamento, como o que acontece com a esposa de Ariel. Andersen (2000) explica que há uma pressão social que acaba por definir que um tipo de “corpo”, ou “aparência”, inconsistente com os padrões de gênero, gerando ansiedades e aplicação de estereótipos sexuais.

Butler (1993) explica que o discurso também pode ser utilizado de maneira performativa, já que feminilidade e masculinidade não são frutos de uma escolha. Assim como Marley descreveu, a linguagem utilizada pelo surdo foi heterossexista, que rotula e classifica as pessoas na sociedade. Butler (1993) explica que os sujeitos de gênero aprendem a performar o que é socialmente esperado. Essa forma hegemônica de interação acaba por naturalizar normas heterossexuais de feminilidade e masculinidade. Num contexto rigidamente dicotômico de gênero. Butler (1993) escreve que:

O sujeito que é "queered" no discurso público através de interpelação homofóbica de vários tipos, ocupando ou citando esse mesmo termo como base para uma oposição. Esse tipo de citação surgirá como teatral na medida em processa- a ou?? inverte a convenção discursiva (BUTLER, 1993, p.232).

O machismo, como sistema ideológico, permite a visualização de modelos identitários para o que é masculino e feminino, sendo aceito por todos e mediado pela liderança masculina. Isso significa que há um modelo normalizante do que é ser mulher e homem, muitas vezes ocultando partes essenciais das relações entre feminilidade e masculinidade. Ou seja, qualquer outro modo interpretativo de situações ou práticas que não correspondam aos padrões de relações nele contidos, não são aceitos. A exemplo de como estas relações permeiam a vida de pessoas desde a infância, é possível retratar que as relações que independem das vontades de meninas e meninos fazem seu consciente perceber a superioridade de um garoto, simplesmente por ser macho, num contraponto com a inferioridade da menina, diante da simples existência de um garoto e diante de sua própria existência (DRUMONT, 1980).

Nesse sentido, os estudos de Foucault (1988) em “A história da Sexualidade” contribuem para constituir a temática como invenção

social, já que o autor debate os múltiplos discursos sobre sexo: os que normalizam, os que produzem verdades, regulam e instauram (LOURO, 2014). Isto posto, os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, vivendo seus desejos e prazeres corporais de muitas maneiras (BRITZMAN, 1996). Essas identidades também refletem o contexto social e histórico do sujeito, além de suas identidades de gênero¹⁵. Segundo Britzmann (1996, p. 31), essas identidades são negociadas, construídas: “voláteis, mutáveis, contraditórias”.

Visto dessa perspectiva, os estudos de Scott (1995) assumem papel fundamental nesta construção teórica, já que seu suporte epistemológico é marcado por diferentes perspectivas, objetivando-se desconstruir a oposição binária masculino-feminino. Por sua vez, essa desconstrução envolve problematizar este conflito e a “unidade interna de cada um” (LOURO, 2014, p. 37), já que o padrão do discurso legitimado (histórico, cultural e subjetivo) é sempre o (do) homem.

Polarizar o pensamento entre masculino/feminino é comum, principalmente numa lógica invariável de dominação-submissão. Romper essa dicotomia abalaria o caráter heterossexual dado às discussões; permitiria a mulheres e homens vivenciarem suas feminilidades/masculinidades de maneiras diferentes da preponderante, além de permitir um reconhecimento e representação de homens e mulheres que não fossem reducionistas e binaristas.

Nesse íterim, novos estudos vêm contemplando essa despolarização. Os estudos de Michel Foucault, por exemplo, podem contribuir para novos debates sobre relações de gênero, sexualidade e poder. O autor desconstrói as concepções tradicionais de poder e centralidade, uma vez que observa o poder ser exercido em muitas direções na sociedade. Este poder entre gêneros também foi abordado pelo autor, onde há retratação da normalização de uma conduta tida masculina ou feminina, dos saberes produzidos sobre os corpos e sobre a sexualidade, além dos mecanismos criados para governo dos sujeitos e dos corpos (FOCAULT, 1988). Ainda segundo Foucault,

(...) é preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também

¹⁵ Butler (2015) vêm desafiando os estudiosos de gênero a repensarem esta categoria não somente numa matriz heterossexual: ela explica que “é crucial manter uma conexão não causal e não redutiva sobre gênero e sexualidade (BUTLER, 2015, p. 32) “é crucial manter um aparato teórico que leve em consideração o modo como a sexualidade é regulada através da censura e policiamento de gênero”.

obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barra-lo. Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras. (FOUCAULT, 1988, p. 96).

Britzman (1996) descreve as redes de poder instituídas na sociedade e os marcadores sociais e desigualdades, além das diferenças biológicas usadas para justificar as distinções homens-mulheres. A discussão de gênero também recebe acréscimos, já que há debates relacionados à classe, sexualidade, aptidão física, nacionalidade e etnia, por exemplo. A autora propõe, por exemplo, que as indagações negras são diferentes dos questionamentos lésbicos – o que torna o debate ainda mais complexo, devido à diversidade nas experiências e, portanto, das reivindicações. Esses diferentes sujeitos, com diferentes identidades que não se sobrepõem, mas interferem mutuamente.

Como se sugere, ao tentar organizar uma dialética teórica que explicita a complexa categoria gênero de maneira histórica e política, a busca é por considerar gênero “tanto como uma categoria de análise quanto como uma das formas que relações de opressão assumem numa sociedade capitalista, racista e colonialista” (AZEVEDO, 1994, p. 59). Além disso, Foucault (2015) discute sobre as relações de poder que permeiam os sujeitos, atingindo a realidade, os corpos, gestos, atitudes, comportamentos e discursos.

O adestramento do corpo, aprendizado do gesto, regulação do comportamento, normalização do prazer, a interpretação do discurso com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar (...) o homem – como a produção do poder. (FOUCAULT, 2015, p. 26)

Posto nestes termos, o gênero e todas as suas especificidades também vêm se constituindo parte da constituição do sujeito e, portanto, proliferando saberes e politizando as intimidades. Sabendo que práticas sociais alternativas que ainda sofrem preconceito na sociedade e que estas também são socialmente construídas, as especificidades de gênero também se constituem num conceito amplo, que envolvem também

representatividade do desejo, afeto, vínculo afetivo e libido entre pessoas, que depende de influências externas, sejam estas crenças morais ou ideologias (FOUCAULT, 2015). Os comportamentos desejáveis vêm sendo estabelecidos pela sociedade; desse modo, os padrões do “normal” e feliz estão implícitos no contexto social e cultural, na mídia e nos discursos.

Ao olhar para o impacto da socialização de gênero no contexto da Língua de Sinais, é necessário também examinar como o gênero afeta a identidade pessoal do TILS e como isso afeta o uso do discurso. Neste sentido, Ackerly e True (2010) discutem a importância do feminismo no processo da pesquisa, já que o feminismo é uma forma de tentar ‘tornar visível e explicar injustiças nas organizações, no comportamento e nos valores normativos sistematicamente manifestos por eles mesmos em questões de gênero, através de caminhos diferenciados (ACKERLY e TRUE, 2010, p. 464).

A comunidade surda é uma minoria linguística e cultural (MINDESS, 2006) e, como pessoas que também sofrem opressão de gênero, pessoas não heteronormativas podem fornecer serviços de interpretação/tradução para um grupo de pessoas que também enfrentam opressão sistêmica, todos os dias. A teoria de gênero estrutura como essas injustiças paralelas podem ser observadas, estabelecendo o diálogo e a compreensão do que é identidade de gênero, no contexto de qualquer pesquisa sobre identidades. Frable (1997) avaliou teorias e frameworks usados para discutir gênero e outras identidades salientes (como etnia, raça, classe, por exemplo) para examinar como essas múltiplas identidades impactam os sujeitos que as mantêm.

Frable (1997) cita o conceito de gênero de Asmore (1990) como “o conjunto estruturado de identidades pessoais de gênero que resulta quando o indivíduo assume a construção social do gênero e os fatos ‘biológicos’ do sexo e os incorpora em um conceito global” (FRABLE 1997, p. 139). Assim, gênero não decorre de uma fonte específica, mas de vários fatores que se unem para criar um todo: relações e atributos sociais, “interesses, habilidades, comportamentos simbólicos e estilísticos, atributos biológicos, físicos e materiais... que são separados do seu estereótipo de sexo e atitudes de gênero” (FRABLE, 1997, p. 139)

Compreender a importância do impacto do senso de identidade dos indivíduos é ver como essa identidade serve para criar consciência e sagacidade no contexto de um grupo com as mesmas características. A identidade de gênero está ligada a “consciência de afiliação de uma pessoa e sentimentos ligados a ser um membro (...) enquanto

consciência se refere à ideologia da pessoa sobre a posição do grupo na sociedade” (FRABLE, 1997, p. 139).

Artl (2015), que pesquisou como a identidade de gênero impactou TILS nos Estados Unidos, explica que, como as construções de identidade podem funcionar implicitamente ou explicitamente, examinar o uso do discurso é fundamental para entender como as identidades influenciam as relações pessoais, profissionais e interpessoais. Outras pesquisas também corroboram com Artl (2015), (por exemplo Burck, 2011; Burch, 2000; Mac Dougall, 2007 e 2012), no contexto da Língua Americana de Sinais. A pesquisa acaba por ser “uma lente na qual se consegue ver aspectos políticos nas relações de gênero” (KENDALL & TANNEN, 2001, p. 548), onde a linguagem se revela como um recurso simbólico para criar significados e identidades culturais, pessoais e sociais.

Através desses significados e identidades que os TILS não heteronormativos encontram-se operando diariamente, onde novas discussões continuam emergindo (LEIMOINE WRIGHT, 2002; LEVINE, 2007, por exemplo). No caso desta pesquisa, ao tratar de TILS não heteronormativos, questões relacionadas a gênero, preconceito, hegemonia e relações de poder vão ser evidenciadas em seus discursos. Como há uma imersão da identidade pessoal com a profissional, principalmente no espaço formal e acadêmico que é onde a maioria destes profissionais se insere, há a menor propensão de se aceitarem identidades alternativas que não se adequam ao status quo.

Não é desejo desta tese fragmentar sexualidade de gênero. Explicita-se todas as categorias nas quais gênero pode abarcar, rompendo as dicotomias de análise nesse contexto. É necessário “continuar construindo esse quadro, quadro flexível e reajustável” (LAURENTIS, 1986, p. 14).

Sendo a identidade assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de pessoa se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é incoerente ou descontínuo, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. O discurso assume papel revelador de discriminações, contribuindo para uma construção social cristalizada e preconceituosa, propagada nas mais corriqueiras formas de interação. E indo além, o discurso pode nos oferecer a oportunidade de “resistir (em oposição ao identificar-se) de intervir na ordem discursiva (...) através do desenvolvimento de estratégias adequadas, que uma compreensão diferenciada de linguagem pode nos oferecer” (FUNCK, 2008, p. 189).

As práticas sociais relacionadas a gênero se encontram arraigadas de disputas de poder cristalizadas e de senso comum. Portanto, a emergência de diferentes identidades de gênero gera conflitos, como se evidencia na temática desta tese. Os discursos diários são interpelados pela homogeneização de comportamentos, identidades e subjetividades; somente uma leitura crítica dos discursos atuais pode nos permitir desconstruir e reconstruir relações de gênero, na busca da eliminação dos preconceitos.

CAPÍTULO 3: OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo apresento os procedimentos metodológicos do estudo. Para tanto, trago as unidades que compõem a metodologia de pesquisa: a escolha dos sujeitos, dos procedimentos para a coleta e da análise dos dados. Essas etapas são importantes para se nortear o andamento pesquisa, bem como para compreender a análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 1992a, 1992b, 2003), realizada na presente investigação.

Os pressupostos metodológicos estão fundamentados na abordagem de Molon (2008) e Freitas (2002), que explicam que a metodologia que norteia pesquisas voltadas à temática da constituição do sujeito e nas relações entre estes, num processo de subjetivação focado na singularidade humana. Em minha dissertação de mestrado, usei Molon (2008), ao defender que “é na relação interpessoal e na linguagem que o sujeito se constitui e constitui outros sujeitos, considerando sua singularidade e historicidade, como partes constituintes do sujeito” (SANTOS, 2013, p. 26). Ou seja, a pesquisa é vista como uma atividade humana, uma prática social. A autora continua a dissertar:

Partindo desse pressuposto, concebo a pesquisa como uma atividade humana mediada socialmente, ou seja, como uma prática social, política, ética e estética que visa à criação de um novo conhecimento, produzido e apropriado com inventividade e rigor científico, que implica necessariamente a transformação de algo, quer seja nos sujeitos envolvidos direta e indiretamente, quer seja nos objetos de estudo pesquisados. (MOLON, 2008, p. 57).

A abordagem de pesquisa deve entender o indivíduo como um todo, numa articulação dialética do seu funcionamento interno e externo, bem como os fatores externos da sociedade à qual faz parte e participa historicamente (FREITAS, 2002). Neste contexto, os sujeitos são sujeitos históricos e culturais e se constituem também nas relações sociais. Assim, em qualquer processo de produção de conhecimento, a metodologia é indispensável e constitutiva da pesquisa; ela está presente desde o problema de pesquisa, nos caminhos trilhados na investigação dos dados, além de estar nas análises e nas reflexões (MOLON, 2008).

Outro autor importante na definição histórica e social da consciência e da linguagem é Bakhtin (2006), que defende uma ideologia impregnada na linguagem. Ele aponta que:

É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. (BAKHTIN, 2006, p. 37)

Sendo o objetivo desta tese compartilhar representações discursivas de TILS não heteronormativos sobre sua atuação e vivências na comunidade surda, investigo como o discurso destes sujeitos representa suas práticas. Nesta pesquisa, uso a definição de discurso de Fairclough (1992), entendido como uma prática social que pode representar uma visão de mundo, significá-la e constituí-la (FAIRCLOUGH, 1992), ou seja, “constituído no/pelo envolvimento de/com outros” (MALÁTER, 2008, p.446). A linguagem intermedeia as ações, tornando os indivíduos conscientes da construção de suas identidades sociais em contato com o mundo, seja historicamente ou culturalmente.

Para atingir os objetivos estabelecidos neste trabalho, a análise das narrativas coletadas seguiu uma perspectiva interdisciplinar, fundamentando-se não somente nos estudos da tradução e de gênero, mas também na análise crítica do discurso (ACD). Investiguei as narrativas de suas experiências enquanto TILS, e, com isso, problematizar as representações discursivas que eles têm dessas experiências.

3.1 A NATUREZA DA PESQUISA

A presente pesquisa se caracterizou por ser de uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, com coleta de dados a partir de áudios e vídeos. Estas gravações e transcrições se comprometem em serem fidedignas. Triviños (1987) explica que, nas pesquisas qualitativas, o pesquisador e os sujeitos pesquisados compartilharão modos culturais, ou seja, o pesquisador “não fica fora da realidade que estuda, à margem dela, dos fenômenos aos quais procura captar seus significados e compreender” (TRIVIÑOS 1987, p. 121). A valoração

científica do que é estudado depende da análise feita pelo pesquisador, pelas significações que ele detém do que foi coletado.

3.2 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Como já explicado na parte inicial desta pesquisa, o intuito desta tese é ouvir três TILS não heteronormativos, que contém em suas narrativas o contexto da profissão e da atuação na comunidade surda. O projeto foi aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisa número 55656416.7.0000.0121. O procedimento metodológico utilizado para a coleta de dados foi a entrevista, por ser a melhor maneira de haver interação entre pesquisador e pesquisado. Haguette (1997) define as entrevistas justamente como esse processo de interação para a coleta de informações do entrevistado, sendo a técnica mais usada para a coleta de dados nas Ciências Humanas e Sociais.

Assim como em minha dissertação, sigo o que Quaresma e Boni (2005) explicam sobre os tipos de entrevistas, com base nas Ciências Sociais. Para este tipo de pesquisa, a melhor estratégia é usar as entrevistas semiestruturadas. Como uma conversa informal, o entrevistador fica atento para regular e guiar o rumo da conversa, podendo se utilizar de perguntas adicionais, para que os sujeitos entendam o tema proposto e respondam as questões de pesquisa (SANTOS, 2013).

A entrevista semiestruturada produz uma melhor amostra do interesse dos pesquisados. Possuem duração flexível, além de facilitar a interação entre pesquisador e sujeitos colaboradores de pesquisa, tornando o momento de “entrevista” um momento mais natural e espontâneo de comunicação e respostas, sendo assim possível que o entrevistador extraia detalhes mais complexos das trajetórias dos sujeitos. Como Quaresma e Boni explanam:

[...] estes tipos de entrevista colaboram muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes têm podem fazer surgir questões inesperadas ao entrevistador que poderão ser de grande utilidade em sua pesquisa. (QUARESMA e BONI, 2005, p. 75)

Há também a possibilidade de se usar recursos visuais para deixar os sujeitos mais confortáveis ao lembrarem de fatos mais delicados, o que dificilmente um questionário fechado oportunizaria (SELLTIZ et al., 1987). Compartilho as ideias de Silva (2009) que defende o Empoderamento¹⁶ nas entrevistas. Os sujeitos ao narrar um fato que já aconteceu em sua trajetória, “se remete a suas vivências atuais, aos saberes assimilados e de suas ressignificações”. (SANTOS, 2013, p.32) O contexto sociocultural também estará presente nas falas dos sujeitos e, portanto, poderá ser alvo de análise também; neste sentido, as narrativas são atravessadas experiências que os circundam, constituídas “nas relações sociais, nos acontecimentos históricos vividos e compartilhados e nas ressignificações desses acontecimentos e dessas experiências” (SANTOS, 2013, p. 32).

3.3 CUIDADOS ÉTICOS

Para preservar os indivíduos envolvidos na pesquisa, usei a Resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas com seres humanos e os cuidados éticos a serem seguidos. A metodologia deste estudo se encaixou no tópico III, alíneas g, i e n.

- g) obter consentimento livre e esclarecido do participante da pesquisa e/ou seu representante legal, inclusive nos casos das pesquisas que, por sua natureza, impliquem justificadamente, em consentimento a posteriori; [...]
- i) prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros; [...]
- n) assegurar aos participantes da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos,

¹⁶ “Empowerment”, traduzido como empoderamento, é entendido como o processo de capacitação para a aquisição de poder técnico e político por parte dos indivíduos e da comunidade” (VERDI; CAPONI, 2005, p.85)

produtos ou agentes da pesquisa; [...] (BRASIL, 2012)

Todos os sujeitos da pesquisa são maiores de idade. Respeitando o tópico 4 da resolução de 2012, os participantes foram esclarecidos antecipadamente sobre os objetivos da pesquisa e sua participação será condicionada ao seu livre consentimento. Além disso, respeitando o tópico III, alínea i, da Resolução CNS 466/2012, os áudios e vídeos coletados serão analisados, observando os cuidados éticos relacionados à confiabilidade, privacidade e proteção das identidades e imagens.

Nada que possa identificar algum participante será utilizado; ainda assim, usarei pseudônimos para os entrevistados e personagens de histórias relatadas, para preservar a todos mencionados. Ao fim desta pesquisa, pretendo apresentar para a comunidade surda e acadêmica interessada no assunto (seguindo o tópico III, alínea n, da Resolução CNS 466/2012), além do fato de que a pesquisa estará em versão completa no endereço eletrônico do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), o que também corrobora para o retorno social aos agentes da pesquisa.

Acrescento também que este projeto, por envolver seres humanos, já foi submetido ao comitê de ética na Plataforma Brasil e já conseguiu aprovação, conforme anexado nesta tese.

3.4 OS SUJEITOS PESQUISADOS

Para dar início à realização deste trabalho, fiz contato com surdos e ouvintes da comunidade surda, à procura de TILS não heteronormativos em todo o Brasil. A partir desta pesquisa, cheguei a alguns nomes; tentei tornar o corpus o mais variado possível, escolhendo TILS de estados variados. Assim, o número de três TILS foi delimitado.

O desafio perante a temática específica foi o limite ético de contatar TILS não heteronormativos que estivessem dispostos a conversar sobre as relações entre suas questões privadas de gênero e sexualidade e seu trabalho. Ao se pensar essa pesquisa, a ideia inicial seria de um número equivalente entre homens e mulheres, surdos e ouvintes. Entretanto, dada a especificidade da temática, bem como se tratar de questões particulares nas quais nem todos os sujeitos desejam revelar, a amostra foi resumida a três pessoas entrevistadas.

Os sujeitos participantes dessa pesquisa são três Tradutores/Tradutoras e Intérpretes de língua Brasileira de Sinais

(TILS), sendo duas mulheres e um homem. Dos três sujeitos, uma é surda e os outros dois são ouvintes. Fatores como língua, regionalismos, cultura, também serão ser levados em conta na análise.

Não foi usado nenhum dado que possa identificá-los (voz, nomes, imagem); cada um recebeu um codinome. Informações como idade, anos de trabalho como TILS e contato com a comunidade surda, estão na tabela abaixo:

Tabela 1: Sujeitos da pesquisa¹⁷.

Nome fictício	Idade	Tempo de trabalho como intérprete/tradutor (em anos)
ARIEL (surda)	30	8
KIM (ouvinte)	29	8
MARLEY (ouvinte)	28	10

As falas dos ouvintes e surdos, após serem coletadas, foram transcritas, para facilitar a categorização e análise.¹⁸ Além do embasamento teórico inserido neste projeto, os Estudos de Gênero contribuíram nas análises. Ademais, conforme o arcabouço teórico deste projeto, as categorias se embasaram na Análise Crítica do Discurso, bem como nos conceitos próprios dos Estudos da Tradução. A Análise Crítica do Discurso representa uma possibilidade de teorizar, analisar e aplicar os estudos do discurso, salientando que o discurso é uma prática social e manifestada linguisticamente, apontando uma bidirecionalidade entre linguagem e sociedade (HEBERLE, 1997), necessitando, nesse viés teórico, investigar traços do contexto, onde o sujeito é produzido, representado, reproduzindo significados. Em suma, considero que o discurso das pessoas pesquisadas constitui e constrói seus mundos no/pelo uso que fazem da língua/linguagem (FAIRCLOUGH, 1992); usar a linguagem é determinado por diferentes circunstâncias, discursos e vivências (NICOLOSO, 2010).

¹⁷ Os sujeitos estão designados por cores para facilitar o entendimento de cada fragmento a ser analisado no capítulo 4 desta tese.

¹⁸ Estão em sua completude no Apêndice desta tese.

Para decidir quais as falas também serão avaliadas segundo a Teoria da Transitividade da Linguística Sistemico Funcional, uso a teoria da Avaliatividade, disposta no capítulo 3 desta tese, juntamente com o embasamento teórico permeado neste trabalho.

Assim, as falas dos três TILS entrevistados foram transcritas e estudadas, pautadas pelo aporte teórico apresentado no capítulo 3 desta tese, além do detalhamento interpretativo das entrevistas. Nessa fase, considerei os discursos enunciados pelos três sujeitos que se enquadrassem na teoria da Avaliatividade, dentro do Afeto, Julgamento e Apreciação. Ressalto que os trechos aqui analisados refletem os posicionamentos destas três pessoas e para tanto, dizem respeito ao contexto que estes vivem. A realidade que será descrita por eles nos trechos das entrevistas não pode ser uma realidade generalizada ou padronizada; porém, é imprescindível entender como a subjetividade de cada um interfere em como contam suas próprias histórias e em quais escolhas lexicais fizeram, no contexto das entrevistas realizadas.

Baseado nas entrevistas realizadas com três pessoas, foi possível identificar e classificar as argumentações dos discursos em três eixos:

- A percepção dos sujeitos quanto à opinião do surdo sobre o TILS não heteronormativo;
- A percepção dos sujeitos quanto à opinião dos colegas TILS ouvintes a respeito do TILS não heteronormativo;
- A percepção dos sujeitos quanto à opinião de si mesmos enquanto TILS não heteronormativo.

São abordadas alternadamente, as falas dos entrevistados em cada um dos eixos. Optei por sinalizar cada fala analisada com uma cor diferente, a saber, os trechos da entrevista de Kim estão na cor Azul; os trechos da entrevista de Ariel são da cor Vermelha e os trechos da entrevista de Marley são da cor Verde. Assim, fica mais fácil de visualizar que, em cada um dos eixos emergentes das argumentações dos discursos dos sujeitos, há trechos de todos eles.

Antes da análise propriamente dita, é importante compreender o contexto na qual as falas foram coletadas e de que comunidade estamos falando. No âmbito das diferenças, ainda preciso ressaltar que, desde minha dissertação de Mestrado, busco pelo viés antropológico. Cito Vera Maria Candau, que discorre sobre a busca incessante de se achar um ponto central nas discussões atuais, sendo que há tantos pontos de vista teóricos, políticos e sociais (SANTOS, 2013). Entretanto, as

diferenças estão sendo também exaltadas nas discussões atuais, não no sentido de negar a igualdade, mas evidenciar ainda mais a diferença.

Partindo desse pressuposto, nas falas dos entrevistados e através do direcionamento dado às entrevistas, busquei também celebrar as diferenças, que também pauta da comunidade não heteronormativa. Pierucci (1999) sintetiza as tensões e conceitos relacionados às diferenças, assumindo que ser ou se sentir diferente inicia novos tipos de relações entre os indivíduos, “sejam elas de dominação, de equidade ou inclusão (SANTOS, 2013, p. 67). Pierucci (1999) afirma o que a diferença pode ser, ao dizer que:

São traços distintivos reais ou inventados, herdados ou adquiridos, genéticos ou ambientais, naturais ou construídos, partilhados vitalícia ou temporariamente por determinados indivíduos [...] grupos de pertença ao longo de linhas demarcatórias de raça e cor, etnia e procedência, habilidade e deficiência, sexo e gênero, idade e geração, nacionalidade e região. (PIERUCCI, 1999, p. 104)

Nessa perspectiva, as relações entre comunidade surda e pessoas não-heteronormativas também se constituem relações de poder. Ao se pensar na expressão do gênero no contexto da atuação dos TILS, ainda temos pouca problematização e pesquisa. Por outro lado, há pesquisas sobre a relação entre deficiências (as pessoas surdas sendo colocadas neste grupo) e sexualidade (BECHE, 2005; BISOL, 2008; MAIA, 2006; MOUKARZEL, 2003; entre outros), que refletem o pensamento cotidiano de que essa sexualidade ora não existe ou ora é deformada ou mal expressada. Se estas relações de poder englobam também a comunidade surda como um todo (incluindo os TILS), transita-se num campo político onde se evidenciam recuos, avanços e enfrentamentos. São novos sujeitos sóciopolíticos emergindo paulatinamente (como as diferenças de sexualidade por exemplo) “portadores de demandas emancipatórias e projetos identitários particularistas” (ALMEITA NETO, 1999, p. 30) que têm procurado fazer reflexões nos mais diferentes contextos societários.

Bisol (2008), faz um apanhado-sobre o silenciamento existente nas pesquisas que tratam da sexualidade de pessoas com deficiência¹⁹. A

¹⁹ Esta tese aborda surdos, sob uma visão antropológica, ou seja, uma visão que não foca nas deficiências, mas na diferença linguística e cultural deste grupo. Porém, muitos estudos

marginalização que a autora disserta não se dá apenas neste contexto, como também nos âmbitos social e econômico. Um exemplo da gravidade da situação é a falta de dados referentes a pessoas com deficiência portadoras do HIV/AIDS, principalmente ao se pensar que no mundo “cerca de 400 milhões de pessoas vivem com algum tipo de deficiência física, sensorial, intelectual ou mental nos países em desenvolvimento (BISOL 2008, p. 39 apud GROCE, 2004; UNAIDS, 1997).

Glat (2004) realizou um extenso estudo com o intuito de compreender questões referentes à inclusão de pessoas surdas, no desenvolvimento saudável da sexualidade, focando nas situações de risco que afetam esse grupo. Em sua pesquisa ela afirmou que as manifestações de sexualidade dos surdos se equiparam aos demais (ouvintes). O maior problema é o acesso às informações geradas pelos problemas relacionados à comunicação além do preconceito.

Da mesma maneira, as discussões relacionadas a gênero, no contexto da comunidade surda, ainda são um tabu, a depender do posicionamento sobre a pessoa surda (seja uma concepção clínica ou cultural). Poucos estudos ainda consideram todos os aspectos (além do fato da pessoa ser surda) envolvidos na constituição da pessoa; esses estudos mostram que, sendo estes indivíduos fora do padrão estabelecido, estão num contexto de desigualdade social, “estruturados por meio de repressão, subalternização e opressão cotidiana” (Abreu et al, 2005, p. 607). Além de ser surdo, ainda há outros marcadores marginalizantes possíveis, como ser surdo e negro, surda e mulher, surdo e homossexual, formadores dramáticos de cada subjetividade e, conseqüentemente, de seus pareceres, até mesmo sobre a sexualidade de seus pares dentro de sua comunidade.

Assim, posso considerar que, em meio aos díspares posicionamentos dos surdos para com o contexto da sexualidade dos TILS, ainda há muito a se ponderar. Sendo assim, esta categoria visa apresentar o posicionamento dos surdos perante a sexualidade de TILS. Através das falas dos três entrevistados é perceptível o desconforto, curiosidade e efeitos negativos da “descoberta” da sexualidade da TILS.

Abaixo um infográfico para melhor visualizar como o capítulo de análise dos dados foi organizado. De todo o corpus de análise coletado, ou seja, dos três sujeitos entrevistados (a saber, Kim, Marley e Ariel), emergiram três eixos, já mencionados na página 83. Em cada um desses

utilizam a palavra ‘deficientes’ para se referir a estes. Portanto, quando cito tais estudos, utilizo a linguagem e os termos utilizados pelos mesmos autores.

eixos, há trechos de Kim, Ariel e Marley analisados, visualmente demonstrados abaixo:

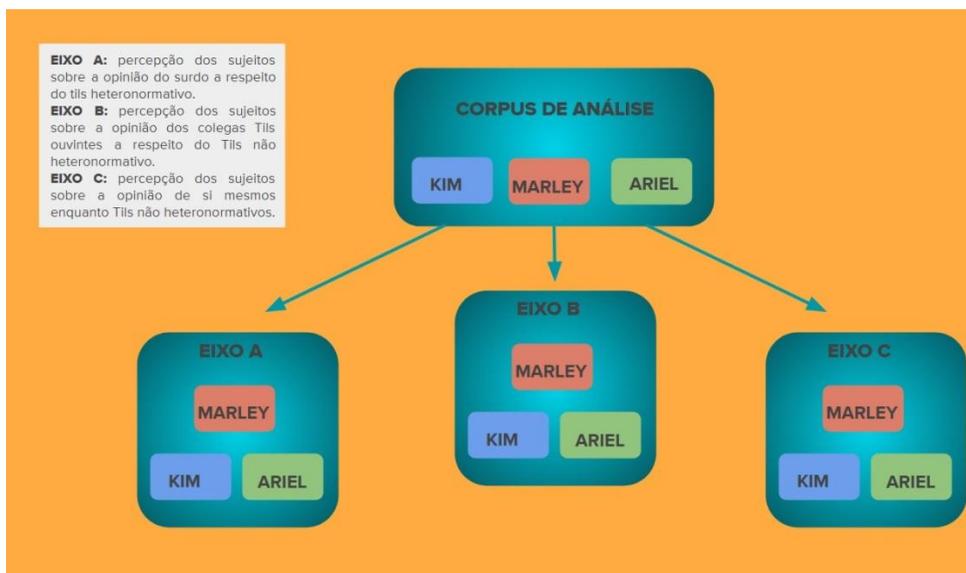


Figura 11: Infográfico de como os dados coletados foram organizados para análise.

A partir desta divisão dos dados coletados, passo então à análise propriamente dita dos dados catalogados. O capítulo 4 é inteiramente destinado a esse aprofundamento.

CAPÍTULO 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Kim, Ariel e Marley contam do que esperavam da comunidade surda (incluindo surdos e ouvintes) ao saberem de sua sexualidade, bem como algumas situações que vivenciaram nesta conjuntura. Seguindo o modelo de Hasan, apresentado em português por Motta-Roth e Heberle (2007), ressalto as variáveis necessárias para se especificar o contexto da interação da linguagem das entrevistas, considerando o posicionamento dos três entrevistados perante as situações vividas:

Quadro 7: Contextualização da linguagem dos entrevistados, nos moldes de Motta-Roth e Heberle (2007)

Campo	Relações	Modo
Atividade social: Intérprete de Libras.	Papel dos agentes: Intérprete de Libras (mediador) e receptor da mensagem (surdo).	Papel da linguagem: Constitutivo, essencial para que se explique o que está ocorrendo.
Natureza da atividade (grau de institucionalização): Muito institucionalizada, realizada em ambiente acadêmico.	Relações de poder: hierárquica – o surdo como “cliente” do intérprete, a coordenação atuando como chefia e colegas num contexto de trabalho em equipe, com alguns conflitos.	Processo de compartilhamento: ativo, o sentido está sendo construído conforme ela conta a história.
	Distância social: Comportamento de denúncia do tratamento recebido no contexto do trabalho.	Canal: fônico, já como é um diálogo fônico transcrito.
		Meio: típico de linguagem falada, lexicalmente simples, há mais verbos que nominalizações.

Por outro lado, também uso o modelo de Hasan, apresentado em português por Motta-Roth e Heberle (2007), com o intuito de ressaltar as variáveis necessárias para se especificar o contexto da interação da

linguagem das entrevistas. Na tabela abaixo, faço a análise da minha relação como pesquisadora com as pessoas entrevistadas.

Quadro 8: Contextualização da minha linguagem como entrevistadora, nos moldes de Motta-Roth e Heberle (2007)

Campo	Relações	Modo
Falo também como intérprete de Libras, como não heteronormativa.	Papel dos agentes Eu atuei como entrevistadora e os sujeitos de pesquisa como meus entrevistados.	Papel da linguagem Constitutivo, interativo
Natureza da atividade Pode ser institucionalizada, caso eu esteja em âmbito profissional, mas no caso dessa entrevista, foi em âmbito informal.	Relações de poder Eu como entrevistadora também me encaixei numa relação hierárquica com os sujeitos, apesar de utilizar entrevistas semiestruturadas para coletar os dados, o que me permitiu uma linguagem e postura mais acessíveis perante quem foi entrevistado.	Processo de compartilhamento ativo, o sentido foi sendo construído a partir das interações feitas entre mim e as pessoas entrevistadas
	Distância social Comportamento atencioso, ao ouvir o que os sujeitos tinham a contar sobre a temática	Canal Canal fônico e visual (sinalizado)
		Meio Típico de linguagem informal, coloquial.

A teorização sobre o contexto aproxima LSF e ACD, focalizando os sistemas e práticas sociais, articulando atores humanos desempenhando papéis sociais. Essas noções possibilitam um panorama da dinâmica da vida social, do poder constitutivo do discurso e da linguagem e sua influência na formação e reformulação das identidades (FAIRCLOUGH, 2010, 2012).

Sobre as práticas sociais e prescrições de papéis, Chouliaraki e Fairclough (1999) consideram que as pessoas se utilizam de recursos para agir no mundo. Essas práticas, constituídas no viver em sociedade, são importantes de serem consideradas na análise do contexto social, já que são nas falas de Kim, Ariel e Marley que conseguimos encontrar conexão entre as estruturas sociais e os eventos em sociedade.

Como já mencionado anteriormente, nos três eixos de análise, optei por sinalizar cada fala analisada com uma cor diferente, a saber, os trechos da entrevista de Kim estão na cor Azul; os trechos da entrevista de Ariel são da cor Vermelha e os trechos da entrevista de Marley são da cor Verde. Assim, fica mais fácil de visualizar que, em cada um dos eixos emergentes das argumentações dos discursos dos sujeitos, temos trechos de todos eles.

4.1 A PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS SOBRE A OPINIÃO DO SURDO SOBRE O TILS NÃO HETERONORMATIVO

Neste primeiro eixo, todas as falas dos três sujeitos que trataram sobre comentários dos surdos sobre serem TILS e homossexuais são analisadas.

Início esse eixo, com as primeiras falas de Kim que demonstraram seus sentimentos perante a comunidade surda que soube de sua homossexualidade. É interessante lembrar que Kim possui uma dupla diferença, como mulher e não heteronormativa. Esse aspecto foi levado em conta ao se analisar suas falas.

“A gente espera que, como a comunidade surda é uma minoria também, que eles entendessem melhor a causa.”

“(...) o tratamento dado por alguns surdos antes de me assumir lésbica e depois de me assumir, no caso como intérprete de Libras em sala de aula né, era, foi, completamente diferente (...)”

“Tive contato com um aluno da graduação sobre estudos de gênero (...) eu já participava de uma ONG sobre pessoas trans/travestis que trabalhavam fazendo programa (...) eu tinha curiosidade para saber como era no contexto dos surdos. Eu conhecia alguns surdos que trabalhavam com isso e tal (...) só nesse contato, eu estava recém começando, os surdos evangélicos já começaram a agir estranho comigo. Teve um que disse assim “tu é intérprete de biologia, gosta mais da geografia... tu é intérprete dos ‘viados’. Ai eu falei – “não, eu sou intérprete de Libras. Não sou intérprete de nenhum grupo. Sou intérprete de Língua de Sinais, para qualquer necessidade”. Ai ele ficou fazendo piadinha e tal (...) eu senti que os surdos

mais radicais, ligados a religiões mais fechadas tinham esse tipo de discurso.” (KIM)

É de se notar o incômodo de Kim ao esperar que, como a comunidade surda é também minoria, pudesse melhor compreender as lutas do grupo à qual pertence. Sendo a comunidade surda um espaço heterogêneo e múltiplo, ainda faltam estudos que relacionem as subordinações interseccionais mais específicas de pessoas surdas e ouvintes, como é o caso desta pesquisa. Pesquisas com surdos negros (BUZAR, 2012), surdos homossexuais (ABREU & SILVA, 2012) e mulheres surdas (COSTA, 2011; MOREIRA, 2008) são encontradas no corpus acadêmico disponível. Entretanto, a maneira na qual os surdos reagem diante de seus pares da comunidade surda também pertencentes a uma determinada minoria ainda é alvo de poucos estudos.

No discurso de Kim, é de se observar que os segmentos oracionais denotam a presença de Julgamento de estima social negativa. Notei a presença de processos do tipo mental (*espera, entendessem*) e do tipo material (*participava, fazendo, começaram*). Ao tratar da comunidade surda, Kim nos diz: “a gente espera que eles entendessem melhor a causa”, por exemplo. Esta frase evidencia o tom retórico de Kim, ao dizer que, como os surdos também são minoria, ela acha negativa a falta de suporte de alguns surdos para com intérpretes gays e lésbicas. Observei também que o ator envolvido nas orações está relacionado à experiência da narradora, afinal Kim conta sua história. Os verbos do processo material narram a experiência de Kim de conhecer a comunidade não heteronormativa e suas lutas dentro de uma ONG. Ela explica como desejaria que a comunidade surda, como também são uma minoria “*entendessem melhor a causa*”, mostrando que acredita que esta seria uma atitude natural de uma minoria para com outra.

É perceptível a concepção que, após Kim ter contato com a comunidade LGBT, ela foi estereotipada como a “intérprete dos gays/lésbicas”. Há de se perceber que, de acordo com Nunan (2003), a carga histórica negativa relacionada a homossexualidade ainda é um fator sólido que dificulta muitos de se “assumirem” ou de assumirem que estas pessoas fazem parte do seu círculo social e afetivo; para outros, essa carga desfavorável também facilita o estigma de desonra ou vergonha também aos que convivem com esta minoria.

Destaquei também, os processos do tipo relacional, que retratam a reação dela às colocações dos surdos no contexto não heteronormativo, caracterizada pelo processo relacional, verbalizado pelas falas de outros surdos com os processos verbais “dizer” e “falar” “*Teve um que disse*

assim “*tu é intérprete de biologia, gosta mais da geografia... tu é intérprete dos ‘viados’*”. Após isso, percebi o processo relacional-de resposta de Kim, ao dizer - “*não, eu sou intérprete de Libras. Não sou intérprete de nenhum grupo. Sou intérprete de Língua de Sinais, para qualquer necessidade*”. *Aí ele ficou fazendo piadinha e tal (...)*”, evidenciando seu incômodo com as ‘acusações’ feitas pelo surdo em questão.

A fala dos surdos, manifestada pela voz de Kim, revela que ainda há estranhamento dos surdos, ao classificarem-na como intérprete apenas dos ‘viados’ por interpretar para este público. Relacionar interpretar para não heteronormativos como uma preferência (assim como gostar de ‘*geografia*’ ou ‘*biologia*’) associada ao processo relacional “ser” denuncia ser algo preferencial interpretar para um surdo não heteronormativo e não inerente da profissão interpretar para qualquer público.

(1) (...)*“tu é intérprete de biologia, gosta mais da geografia... tu é intérprete dos ‘viados’” (KIM)*

(...) tu	É	intérprete de biologia, gosta mais da geografia...	Tu	É	Intérprete dos ‘viados’
<i>Portador</i>	<i>Processo relacional</i>	<i>Atribuir características (atributo)</i>	<i>Portadora</i>	<i>Processo relacional categórico</i>	<i>Categoria de público atendida por Kim – atributo</i>

Não obstante, ao responder e dar ênfase como ‘*intérprete de Libras*’, revela sua necessidade de autoafirmação de sua identidade profissional, como pode ser observado quando Kim usa o adverbio de negação ‘*não*’ ao se referir a não ser e atuar especificamente com nenhum grupo.

(2)*Sou intérprete de Língua de Sinais, para qualquer necessidade*”. (KIM)

Sou	Intérprete	de Língua de Sinais	Para	Qualquer	Necessidade
------------	-------------------	----------------------------	-------------	-----------------	--------------------

<i>Processo relaciona l</i>	<i>Identificaçã o atribuitiva</i>	<i>Especificaçã o atribuitiva</i>	<i>Preposiçã o</i>	<i>Pronome indicativo de neutralidad e</i>	<i>Neutralidad e de serviços</i>
---------------------------------	---	---------------------------------------	------------------------	--	--

Observei, inicialmente, que o elemento ‘*nenhum*’ – ao dizer que não é intérprete de ‘nenhum grupo específico - traduz a experiência dela como TILS e sua tentativa de se desvencilhar de ser inserida como intérprete de apenas um grupo devido a sua sexualidade. Ela ressalta essa neutralidade, como revela a estrutura (2). Nessa perspectiva, Kim deixa transparecer o seu desconforto no processo relacional “sou”, em (2), que ilustra um comentário atributivo e mostra sua tentativa de se permanecer neutra e aberta profissionalmente a qualquer público surdo.

Por outro lado, ao responder e dar ênfase como ‘*intérprete de Libras*’, revela sua necessidade de autoafirmação de neutralidade, como pode ser observado quando Kim usa o advérbio de negação ‘*não*’ ao se referir a não ser e atuar especificamente com nenhum grupo.

Ariel, outra entrevistada TILS e surda, traz à tona outro ponto de vista sobre como os surdos encaram outros surdos não heteronormativos, diferindo, a princípio, de Kim. Ela afirma que, neste caso, os surdos aceitam melhor as diferenças justamente por serem uma minoria também, expostos no fragmento abaixo:

“A comunidade surda é uma minoria linguística, percebo que há mais facilidade de aceitar a diversidade. Por exemplo, a gente encontra dentro da comunidade surda: surdos pobres, surdos negros, surdos altos, baixos, gordos, enfim, uma variedade, a gente percebe que os surdos aceitam e acolhem a diferença, justamente por serem uma minoria” (ARIEL)

Ariel faz um contraponto ao que Kim afirma. É interessante ressaltar que Kim é uma intérprete ouvinte e Ariel surda. Enquanto Ariel, surda, afirma receber empatia da comunidade surda por ser lésbica, Kim já observa que não recebeu o mesmo amparo que Ariel. Pude notar, ao se deparar com as falas de Ariel o recurso semântico Afeto, por meio das emoções de segurança e felicidade (positivas), ao confirmar o quanto a faz sentir-se bem o fato de, em sua opinião, a comunidade surda ser mais aberta à outras diferenças. Ela demonstra Afeto ao citar que é “*há mais facilidade de aceitar a diversidade*”;

quando fala que “*os surdos aceitam e acolhem a diferença*”, demonstrando como ela se sentia, como surda, pertencente a uma comunidade que aceita as demais diferenças.

Ariel cita outras diferenças, além de pessoas surdas, que também alvos também de pesquisas acadêmicas, como ‘surdos negros’ (FURTADO, 2012). Furtado (2012), como surda e negra, corrobora com Ariel, quando ela revela que ter uma dupla diferença (no caso de Ariel, ser surda e lésbica); esta dupla diferença, conseqüentemente, implica um duplo estereótipo: tanto como sujeitos limitados intelectualmente quanto sujeitos com tendência a criminalidade (no caso de surdos negros) e, por último, pessoas limitadas e promíscuas (no caso de surdos e surdas homossexuais). Estas questões perpassam por aspectos linguísticos, culturais e étnicos.

Sobre as outras representações de minorias citadas por Ariel, como por exemplo ‘surdos gordos’, ‘surdos pobres’, cabe destacar que os discursos que circulam na sociedade pautam além dessas especificidades. Descritos muitas vezes como “surdos-mudos” e pessoas com deficiência, são quase sempre representados de maneira equivocada. Ariel tenta mostrar em sua fala que a comunidade surda é um espaço de acolhimento das diferenças. Esta constatação está em consonância com Wrigley (1996), que nos diz:

[...] embora líderes surdos enfatizem o quanto os surdos têm em comum com outras minorias linguísticas, ignorância justificada exibindo-se à guisa da sabedoria comum, continua a tratar os surdos apenas como outro grupo de deficientes ou incapacitados. Um antropólogo até sugere que os surdos são uma “subcategoria prejudicada da cultura que os cerca”. Esta visão é simplesmente representativa da opressão das culturas surdas e das línguas únicas destas comunidades. Tais repressões são disfarçadas no escopo geral do discurso e metadiscurso educacional e científico (WRIGLEY, 1996, p.34).

A partir dessas abordagens e representações que foram produzidas sobre os sujeitos surdos na atualidade, é preciso entender também que estas são produzidas por uma infinidade de discursos, sejam estes clínicos, pedagógicos, midiáticos e até mesmo pelo senso comum. Essas representações (não só sobre surdos, mas sobre qualquer minoria) são produzidas culturalmente, perpassadas e cultivadas; ou

seja, a desconstrução é um processo complexo, que demanda tempo e esforço acadêmico.

Assim, é interessante perceber como uma surda lida com essas diferenças. O olhar que dou para as falas de Ariel é diferenciado, justamente por ela vivenciar e acumular outros tipos de preconceitos não somente por ser mulher e surda, mas também por ser não heteronormativa. Um preconceito com carga tripla é lançado sobre ela e esse fator precisa ser lembrado a cada fala dela analisada.

Ariel, neste momento da pesquisa, revela que acredita nesta aceitação da diferença, até por haver diversidade dentro da comunidade surda, conforme já citado (*'surdos pobres, surdos negros, surdos altos, baixos, gordos, enfim, uma variedade'*), onde podemos notar o processo mental 'perceber' quando ela se refere a este acolhimento. Notei também que ela, ao se referir a esta percepção, fala no plural 'a gente', ou seja Ariel deseja falar pelo grupo de pessoas como ela, pessoas surdas gays e lésbicas.

(3) (...) a gente percebe que os surdos aceitam e acolhem a diferença. (ARIEL)

<i>(...) a gente</i>	<i>percebe</i>	<i>Que os surdos aceitam e acolhem a Diferença</i>
Experenciador (fala de si mesmo, mas se coloca como grupo)	Processo mental	Fenômeno

Notei a utilização dos segmentos oracionais que envolvem processos do tipo relacional (*é*) existencial (*há, encontra*), mentais (*percebe*) e comportamentais (*aceitam, acolhem*). Observei também que o ator envolvido nas orações está relacionado a experiência da narradora, já que ela conta suas percepções acerca do assunto. Ela usa 'a gente', falando como experienciadora da situação, mas se colocando dentro de um grupo, ao contar o que acha que os surdos (incluindo ela mesma) acham de outras minorias. Os verbos do processo existencial narram a opinião de Ariel concernente à comunidade surda no que se refere a aceitar pessoas com características diferentes. Ela usa o verbo 'perceber' (processo mental) para citar o processo mental "os surdos aceitam e acolhem a diferença" e usa como justificativa o fato de 'justamente por serem uma minoria". Ao contrário de Kim, neste momento da entrevista ela afirma que a aceitação é percebida (processo

mental) por ela, não somente de pessoas lésbicas ou gays, mas também de outras minorias (pessoas negras, pessoas gordas, etc).

Ariel relaciona ser surda com outras características – “*surdos pobres, surdos negros, surdos altos, baixos, gordos, enfim, uma variedade*”. Há de se perceber que estas representações sobre os surdos são produzidas pela e na cultura, ou seja, não são apenas características isoladas. Com o passar dos anos, por se tratar de um processo histórico, essas características foram ganhando maiores e diferentes significados. Outro fator a se salientar é que as representações não são imutáveis e universais. Para Hall (1997), representação pode ser definida como a produção de significados, parte fundamental na significação do que compõe a cultura.

(4) (...) a gente encontra dentro da comunidade surda: surdos pobres, surdos negros, surdos altos, baixos, gordos, enfim, uma variedade. (ARIEL)

(...) a gente	Encontra	dentro da comunidade e surda;	Surdos	pobres, negros altos, baixos gordos,	uma variedade
Ator (fala de si mesmo, mas se coloca como grupo)	Processo Material	Circunstância de localização	Meta Especificações do identificado (parte da comunidade e surda relacionada a esta sentença)	Características do identificado	Diversidade do identificado

Há de se perceber que, nestas representações, encontrei traços de apreciação relacionadas a composição, ou seja, da diversidade da qual a comunidade surda comporta. Usando atributos como ‘negro’, ‘gordo’, ‘magro’, ‘pobre’, fica claro que essas representações, abordadas por Ariel, neste caso atribuídas às pessoas surdas, trazem à tona o conceito de interseccionalidade; esse conceito ressalta que as pessoas não são padrão, ou completamente iguais, mas podem se diferenciar a partir de suas vivências, experiências e representações, a depender dos grupos

raciais, econômicos, étnicos e culturais as quais pertencem. Assim, estes padrões culturais de opressão se interligam e se influenciam entre si.

Cabe ressaltar que, para Hirata (2014), originalmente o termo “interseccionalidade” foi usado para sinalizar a interdependência entre raça, sexo, classe e as relações de poder nestas envoltas, no final dos anos 1970, no contexto do Feminismo Negro. Em 1990, numa perspectiva interdisciplinar, outros pesquisadores usaram interseccionalidade como categoria de pesquisa, levando em conta “as múltiplas fontes da identidade” (HIRATA, 2014, p. 62).

Ariel resalta então o caráter interseccional da comunidade surda, onde os surdos com outras relações e identidades também se fazem presente e, para ela, aceitam melhor outras diferenças. Em outro momento da entrevista, porém, Ariel destaca que os surdos não heteronormativos aceitam melhor as diferenças, evidenciando que, neste caso, Ariel se refere aos seus pares também não heteronormativos, conforme trata o trecho abaixo:

De verdade Nara, eu percebo que sinto mais preconceito de surdos heterossexuais do que de surdos ou pessoas LGBTQI. (ARIEL)

Ariel novamente traz traços de afeto, ao usar os processos mentais ‘perceber’ e ‘sentir’ e o adverbio de modo ‘mais’, ao afirmar que sente mais preconceito de pessoas surdas heterossexuais. Estes processos mentais se destacam em relação ao preconceito que porventura recebe dentro da comunidade surda. Ariel compara pessoas surdas não heterossexuais e heterossexuais (usa o pronome relativo ‘que’, relativizando a situação), onde os últimos agem com mais preconceito para com ela, por ser lésbica.

Assim, a necessidade de se compartilhar o enfrentamento do preconceito na sociedade em geral acaba por gerar mais representatividade e aceitação dentro das comunidades gays, como um espaço onde podem viver plenamente sua sexualidade e aceitar quem vive os mesmos desafios neste contexto. Ariel, nesse sentido, afirma que a aceitação de outros surdos também não heteronormativos é algo mais comum de acontecer, do que da parte de surdos heterossexuais. As escolhas lexicais de Ariel demonstram os processos linguísticos que permeiam suas falas.

Pensando nas questões ligadas à diversidade, não heteronormativos na maioria das vezes são analisados sob a ótica conservadora. Pela fala de Ariel percebi que pessoas não

heteronormativas se sentem pressionadas para viverem uma vida onde sua sexualidade se torna o centro de sua personalidade, além desta ser motivo de preconceito, violência e estigma.

A fala de Ariel também pode ser pautada no que Andrade (2002) explica, já que historicamente, pessoas homossexuais são apresentadas à sociedade como promíscuas, disseminadoras de doenças e perigosas.

Era uma epidemia discursiva, um recrudescimento dos preconceitos e das discriminações contra os gays. Os jornais acusavam: câncer gay, peste gay. Os hospitais recusavam-se a aceitar internações e queimavam até mesmo os sofás em que os gays haviam se sentado. Os religiosos clamavam que a AIDS era um castigo divino. (ANDRADE, 2002, p. 42)

Neste contexto, assim como Ariel descreve, é natural que surgisse a cultura homossexual, uma estratégia para lidar com o preconceito e com a alienação. (KATES, 1998, apud NUNAN, 2003, p. 137). Ferreira (2007, p. 20) traz a definição dessa cultura, como uma “consequência das sociedades complexas em que não existe sistema de valores único e uniforme que seja válido para todos os indivíduos”. Diante de uma realidade social heterogênea, relações e existências de diferentes sexualidades se fazem possíveis (MÊNDES-LEITE, 1993). Ou seja, essa era a razão apontada por Ariel pela melhor aceitação de surdos homossexuais por surdos que também se identificam dessa maneira.

A fala de Ariel nos remete às ideias de Mèndes-Leite (1993), ao explicar que a cultura gay – essa aproximação de sexualmente iguais – segue uma lógica ampla, usada também para compreender a sociedade, onde os membros que sentem afinidade mútua se aproximam. O autor acredita que as interações fazem com que as conquistas aconteçam, no caso dos homossexuais “conquistaram seus próprios símbolos, ídolos e vocabulário como forma de se fazer identificar e marcar sua diferença” (FERREIRA, 2007, p.20). São valores, sentimentos e identidades compartilhadas, que não se limitam apenas às amizades, mas na verdade atua como uma forma de resistência “na qual contradições à ideologia dominante são simbolicamente representadas por meio de determinados comportamentos ou uso de objetos materiais”. (NUNAN, 2003, p. 138).

Ariel se ampara indiretamente nessa cultura gay, onde é perceptível o fenômeno social que se origina do:

relacionamento/convívio entre pessoas homossexuais que, dentre muitos objetivos, visam compartilhar valores, pensamentos, atitudes, símbolos e comportamentos como forma de estabelecerem uma identidade, de se fazerem representar, serem reconhecidos e se tornar em visíveis perante a sociedade (FERREIRA, 2012, p. 12)

Entretanto, alguns ambientes radicais podem suprimir e subjugar este grupo. Novamente, Kim também em sua entrevista, apresenta aspectos que se assemelham ao que Ariel também disserta, no caso deste eixo de análise. Kim, por exemplo cita outra categoria, ao ligar o radicalismo a religiões mais fechadas. Ela, como protagonista da situação, descreve de quais surdos radicais está falando, ao adicionar *“ligados a religiões mais fechadas”*, também sendo importante verificar a qualificação do substantivo ‘religiões’ – no caso de Kim, ela ressalta que são ‘as mais fechadas’. Assim, Kim ressalta que surdos religiosos mais radicais não conseguem esconder o preconceito e a não aceitação da sexualidade de alguns TILS. Como já delineado, historicamente se percebe as conotações preconceituosas e pejorativas dadas à homossexualidade, noções estas atreladas à abordagem do tema por grupos extremistas, como os que justificam sua austeridade com bases religiosas, por exemplo. Sobre isso, Pinho (2010) faz um apanhado do porquê a ‘anormalidade’ ainda remete a homossexualidade, já como esta é uma variação da norma vigente.

(...) desde o alvorecer das civilizações, os homens encarnçaram-se, não somente em observar a natureza, mas de definir-lhe a ordem e que, muitas vezes, esta pretensa “ordem natural”, assim definida, não é outra coisa senão a projeção de nossas próprias ideias morais ou dos nossos próprios preconceitos. É o que se produziu com a sexualidade, quando os filósofos cristãos erigiram em “*ordo naturae*” seu dogma teológico sexualidade = procriação (PINHO, 2010, p. 20)

Atualmente, a visão sobre gênero e sexualidade não é mais de cunho apenas biológico/botânico ou histórico/tradicional, conforme já apontado. A preocupação de Kim remete-nos a Butler, Fairclough e Michel Foucault pela necessidade de demarcação diante de um ambiente “decididamente heterogêneo, que engloba discursos, instituições (...),

decisões regulamentares, leis (...), enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2015, p. 364). Como o discurso é constituído socialmente (FAIRCLOUGH, 1992), ele pode contribuir na construção e na reformulação de identidades e nas relações sociais entre crenças e os indivíduos.

Kim, como não heteronormativa, deixou claro o poder do discurso dos surdos sobre sua atuação como TILS. Fairclough (1992) cita três aspectos constitutivos do discurso os quais se consegue perceber nas falas de Kim: ao perceber como as identidades se estabelecem no discurso – principalmente pela reação do surdo ao saber de sua não-heterossexualidade; ao perceber como as relações sociais acontecem – ao perceber como a conversa flui e como Kim responde ao comentário do surdo sobre a influência de sua identidade de gênero em sua profissão; e, por último, às visões de mundo, linguagem e formas representativas das pessoas e a relação entre elas – ao perceber como as relações de poder estão envolvidas nos discursos – tanto do surdo quanto de Kim.

Essas relações de poder nas falas de Kim nos fazem lembrar do conceito político de “hegemonia”, empregado na análise de ordens de discurso (Fairclough, 1992): uma estruturação social específica (no caso a heterossexual) pode se tornar hegemônica, legitimando o senso comum, o que resulta nas relações de dominação. No caso da comunidade surda, pode-se pensar que se aliar ideologicamente com seus opressores os faz assumir um padrão heteronormativo que oprime pessoas que pertencem a ela que não o são.

Marley, outra pessoa entrevistada, também complementa a fala de Kim, ao dissertar sobre estas relações de dominação, muitas vezes veladas, não explícitas e não pontuáveis, o que também corrobora com esse eixo de análise. Ele afirma que não consegue, muitas vezes, separar alguma situação de preconceito do contexto. Entretanto, ele concorda com Ariel quando fala que não são todos os surdos que acolhem esta diversidade e critica o processo histórico no qual os surdos no geral foram se apropriando dos discursos e lutas políticas sem, no entanto, acolher também outras minorias contidas também na comunidade surda. O fragmento abaixo esclarece:

“Sabe que isso eu vim pensando. Eu nunca consigo pensar assim, situações de preconceito isoladamente. Eu sempre penso em todo contexto que está se desenrolando...”

“De surdos, é, de questões políticas, de conquistas mesmo, de legislação e de lugares dentro da academia. Só que eu fico confuso, então eles estavam traçando todo esse caminho de luta, mas eles estavam cegos realmente em relação ao fato que eles não estavam sozinhos nessa caminhada. Que eles estavam ganhando o espaço que lhes é de direito, mas outras pessoas estavam junto nessa caminhada. Não só em relação à comunidade surda, mas outros grupos sociais também estavam caminhando nesse sentido. Eles não conseguem se ver, por exemplo, ou traçar paralelos. Lógico que são movimentos diferentes, mas, por exemplo, o movimento LGBT. O movimento negro”.

“Eles não conseguem ver a importância de traçar esses paralelos, até mesmo para definir diferenças, estabelecer identidade, mas para ver que é um movimento que é um empuxo. E o quão enriquecedor isso seria para eles”.

(MARLEY)

Marley se utiliza de processos mentais (o ator Marley utilizou o processo mental ‘pensar’ três vezes, por exemplo, se referindo a si mesmo, juntamente com o advérbio de modo ‘isoladamente’, ao se referir a situações de preconceito); processos materiais (‘traçando o caminho de luta’, ‘ganhando espaço’, ‘caminhando’); e por fim, processos relacionais (‘traçar paralelos’, ‘ver a importância’, ‘definir diferenças’, ‘estabelecer identidades’), que combinados com grupos nominais, revelam a presença de Afeto (‘eu fico confuso’, por exemplo), Julgamento (‘não conseguem ver a importância’, por exemplo). O julgamento é de sanção social, já que Marley demonstra reprovar o comportamento de alguns surdos que não conseguem estabelecer relação ou fazer conexões com outros movimentos sociais relacionados a minorias.

Os traços de Apreciação aparecem quando Marley usa o adjetivo ‘confusos’ para falar do posicionamento de surdos que estão lutando por sua minoria e não conseguem enxergar que estas estão envoltas a outras minorias. Além disso, ele usa ‘cegos’ em sentido figurativo, no sentido novamente de não conseguirem enxergar estas peculiaridades. Marley remete a essa questão de percepção por três vezes neste enxerto, por último, usando ‘não conseguem ver’, no sentido de ‘perceber’, ‘compreender’.

(5) (...) *Eu nunca consigo pensar assim, situações de preconceito isoladamente.* (MARLEY)

<i>(...) Eu</i>	<i>Nunca</i>	<i>consigo pensar assim</i>	<i>situações de preconceito</i>	<i>isoladamente</i>
Experienciador	Circunstância de extensão	Processo mental – uso do assim depois do verbo – denota incerteza	Fenômeno	Circunstância de modo

(6) *Só que eu fico confuso, (...)* (MARLEY)

<i>Só que</i>	<i>eu</i>	<i>Fico</i>	<i>Confuso (...)</i>
Circunstância de contingência	Experienciador	Processo Relacional	Atributo

(7) (...) *eles estavam traçando todo esse caminho de luta* (MARLEY)

<i>Eles</i>	<i>estavam traçando</i>	<i>todo esse caminho de luta</i>
Ator (no caso os surdos)	Processo material	Meta

Marley considera a comunidade surda como um espaço interseccional, assim como Ariel e Kim. Isso significa que as pessoas surdas, obviamente, não são iguais, diferenciando-se entre si a partir de suas experiências e necessidades nos grupos as quais pertencem, sejam sociais, econômicos, raciais, culturais ou étnicos. Assim, não há como se

tratar a comunidade surda de maneira padrão. Por exemplo, não há como se tratar a mulher surda e lésbica da mesma maneira que uma mulher surda e heterossexual, visto que suas peculiaridades históricas, culturais e sexuais a tornam mais vulnerável neste sistema patriarcal, lesbofóbico e imerso em relações de poder, onde poucas vezes pessoas surdas são protagonistas.

Assim, sendo a comunidade surda um espaço heterogêneo (assim como a sociedade no geral), afirmo que essa heterogeneidade (e o desvio desta) é uma característica relativa do padrão imposto pela sociedade explicada acima por Foucault. Pinho (2010) afirma que há a necessidade do desvio – chamado também de perversão – de um indivíduo ou de um grupo diante do comportamento humano considerado normal/ortodoxo, a depender da época onde esse comportamento aconteça. Assim, qualquer pessoa que apresente uma postura revolucionária à moral da sociedade (nesse caso, as não-heterossexual se enquadram nessa assertiva) causa estranhamento às demais, presas ainda a uma sociedade institucionalizada e dominante. Kim, Ariel e Marley, estão, portanto, também desafiando e sendo revolucionários em suas atitudes, ao continuar esse enfrentamento à esta diferença, dentro da comunidade surda, contexto este em que interagem mais.

De pronto, é importante notar que, por exemplo, Marley preza por esta interseccionalidade, exaltando que seres humanos são inseridos em diversos grupos sociais e classes no decorrer da vida, o que pode trazer privilégios ou opressões. Marley deseja que os surdos também tivessem uma visão interseccional, que não vissem os surdos como um grupo homogêneo e único, mas formado por variados aspectos destoantes, experiências diferenciadas e necessidades distintas. Ao dizer que os surdos estavam ganhando ‘o espaço que lhes é de direito, mas outras pessoas estavam juntas nessa caminhada’, ele sinaliza que ‘outros grupos sociais’ também estão inseridos nessa comunidade, ou seja, são necessários ‘paralelos’ entre os diferentes movimentos. Novamente, além do movimento ‘LGBT’, o movimento negro é citado como exemplo de um dos eixos que nem sempre é contemplado nas lutas em sociedade, não somente dentro da comunidade surda.

A fala de Ariel nos remete a Furtado (2012), que também disserta sobre ter uma dupla diferença, como ser surda e lésbica, ou ser surdo e gay, por exemplo. Ela pesquisou sobre ser surdo e negro, chamado pela autora de “dupla diferença”. Apesar de não analisar nesta tese o recorte de raça nos eixos de opressão, é importante notar que, a partir de sua análise com materiais empíricos com pessoas que possuíam uma ‘dupla diferença’, a autora observou que a maioria destes sujeitos não percebe a

interseccionalidade, muito menos que há um “duplo preconceito”. De forma semelhante, os sujeitos da presente pesquisa relatam que percebem preconceito dissociadamente, sendo o preconceito relacionado à surdez mais frequentemente percebido. Furtado destaca ainda que a ocorrência de preconceito varia de acordo com os grupos que estão inseridos. Podemos também notar nas falas de Ariel, como surda e lésbica, que ela também percebe que o preconceito também acontece de apenas uma das diferenças, além de não perceber esta duplicidade no que tange ao tratamento preconceituoso (ou não) que recebe.

Por outro lado, Ribeiro (2017) aborda como é ser mulher e lésbica, outra dupla diferença na qual Kim e Ariel se enquadram. Dissertando sobre a teoria da interseccionalidade e se sua importância no entendimento das nuances de cada grupo e os desafios de lutas societárias, a autora afirma que cada recorte carrega opressões diferentes e, assim, deve ser reconhecida dentro dessas diferenças, sendo necessário que “o feminismo reconheça a questão lésbica e surda; da mesma forma que o movimento surdo precisa reconhecer a luta feminista e lésbica” (RIBEIRO, 2017, p. 182). Ou seja, Kim e Ariel também parecem ter notado as linhas de interseccionalidade nas diferenças a que pertencem, mesmo que nem sempre atribuam a uma diferença específica o preconceito que recebem.

Ao se analisar a fala de Marley, que, como intérprete, homem e gay percebe a necessidade de articulações entre as diferentes minorias, (‘o movimento LGBT, o movimento negro’), é clara a necessidade de abordagens sobre estas interseccionalidades, como em Maia (2009) e Abreu (2011), por exemplo, que investigam em suas pesquisas pessoas surdas e homossexuais, predominante gays e surdos homens (Abreu em sua tese entrevista três homens gays e surdos somente). O material teórico sobre mulheres surdas lésbicas é ainda menor (RIBEIRO, 2017). Fica evidente que há desconhecimento das interseccionalidades possíveis dentro da comunidade surda, fator este sugerido por Marley, também a partir de suas escolhas lexicais.

Quando Marley fala de ‘outros grupos sociais’, ele se refere a outras minorias também sinalizadas por Ariel, ao especificar ‘surdos negros, surdos gordos’, por exemplo. Ao falar das lutas políticas dos surdos, Marley usa a preposição ‘mas’ como uma conectivo adversativo, propondo um contraponto à luta dos surdos, que se faz importante, mas acaba muitas vezes por desconsiderar outras lutas que aconteceram e acontecem concomitantemente.

(8) (...) mas outros grupos sociais também estavam caminhando nesse sentido. (MARLEY)

<i>(...) mas</i>	<i>outros grupos sociais</i>	<i>Também</i>	<i>estavam caminhando</i>	<i>nesse sentido</i>
Preposição – conectivo adversativo	Ator (plural)	Advérbio de equivalência, semelhança	Processo material	Meta

Usando a forma negativa, Marley também cita que muitos surdos (usando o pronome ‘eles’) não conseguem traçar paralelos entre ser surdo como minoria e outras interseccionalidades. Ele usa ‘por exemplo’ para especificar o porquê estes sujeitos não conseguem “se ver” nos outros movimentos ou minorias. A locução verbal ‘conseguem se ver’ é um processo mental, já como está sendo usada no sentido figurativo, no sentido de se perceber, se incluir, em outras minorias. Novamente, Marley usa ‘traçar’ num sentido figurativo no sentido mental novamente no sentido de como a comunidade surda nem sempre consegue visualizar a si mesma como âmbito de inúmeras diferenças, muitas vezes em concomitância para muitos surdos.

(9) Eles não conseguem se ver, por exemplo, ou traçar paralelos. (MARLEY)

<i>Eles</i>	<i>Não</i>	<i>conseguem se ver</i>	<i>por exemplo</i>	<i>traçar Paralelos</i>
Ator	Negativa	Processo mental	Explicação	Processo mental

Além disso, Marley utiliza o advérbio ‘lógico’ para esclarecer que entende que todos não são obrigados a relacionar essas diferenças automaticamente, bem como ele compreende que é um processo lento, afinal, ‘são movimentos diferentes’. Quando Marley usa o adjetivo ‘diferentes’ para classificar os movimentos de luta social, é uma maneira de especificar e ramificar ainda mais as diferenças surdas, que são outrora encaradas de uma única maneira – como comunidade surda, possuidora de surdos.

Marley, como TILS surda, também exemplifica uma questão de identidade surda que vem sendo encarada por estudos mais recentes como algo multifacetado e não somente voltado à aquisição de sua

língua. Marques (2008), por exemplo, explica a experiência de ser surdo, sob um olhar fenomenológico, que contempla “múltiplas representações e narrativas sobre as pessoas surdas” fazendo uma “aproximação com a realidade, é o ser em questão”, narrando sua intersubjetividade (MARQUES, 2008, p. 62). Sobre estes movimentos diferentes que permeiam a comunidade surda e muitas vezes não são percebidos, mas que compõem a subjetividade de muitos surdos que possuem alguma outra “diferença”, o autor continua:

A pessoa surda remonta a história, constrói a cultura a partir do seu ser, sai do anonimato para o discurso, mãos elevadas prontas para entoar argumentos, através de movimentos, configurações, representações significativas que demonstram a magia de uma língua, e esta pode ser vista moldurando no espaço vazio as informações que deseja transmitir. Para tal contento, exige das pessoas não surdas o entendimento de um contexto de informações, não apenas linguísticas, mas alguém diferente exigindo uma atenção que não lhe é comum. É o ser no mundo, e este não pode ser visto na sua ausência, mas na sua presença, pois é nela que ele mostra sua igualdade (MARQUES, 2008, p. 85).

São diferentes representações possíveis dentro da comunidade surda que compõem também o Ser Surdo; diversos movimentos concomitantes com as lutas surdas, como Marley faz questão de mencionar, as minorias que mais estão em evidência academicamente: movimento ‘LGBT’ e ‘negro’. Interessante notar que Marley cita primeiro ‘LGBT’, como notável aproximação com a minoria; Marley é branco e, portanto, não é protagonista do movimento negro. Porém, se relacionou com o grupo ao fazer conexão com as lutas nas quais participa por ser gay.

(10) Lógico que são movimentos diferentes, mas, por exemplo, o movimento LGBT. O movimento negro”. (MARLEY)

<i>Lógico</i>	<i>que são</i>	<i>movimen</i>	<i>mas,</i>	<i>por</i>	<i>o movi-</i>	<i>o</i>
<i>o</i>		<i>-tos</i>		<i>exempl</i>	<i>mento</i>	<i>moviment</i>
		<i>diferente</i>		<i>o</i>	<i>lgbt</i>	<i>o negro</i>
		<i>s</i>				

Reafirmação	Processo relaciona l	Portador	Preposição adversativa; fazendo um contraponto, esclarecendo	Explícita -ção	Movimento na qual possui mais aproximação	Movimento no qual se identifica nas lutas, mas não é protagonista
-------------	-------------------------	----------	--	----------------	---	---

As falas de Marley reforçam a ideia de que a discussão teórica sobre estas temáticas precisa estar aberta aos diversos recortes minoritários que perpassam a comunidade surda. No caso do cerne desta tese, isto exige que se dê atenção às várias formas nas quais a sexualidade e o gênero intersectam-se com uma gama de outras identidades e como essas intersecções colaboram para as lutas e vulnerabilidades particulares (CRENSHAW, 2002) de cada diferente grupo de pessoas surdas ou ouvintes.

Nas falas de Ariel, surgiu também a questão do que é ser “feminino”, outro ponto comumente abordado por estudos feministas e extremamente taxativo e estereotipado, principalmente para mulheres lésbicas. Ela fala:

*Sim, até porque minha esposa não segue os padrões da sociedade de “feminilidade”.
(ARIEL)*

Nestas falas, Ariel demonstra traços de Julgamento de Estima social, já como a falta de ‘feminilidade’ de sua esposa é colocada como um comportamento que foge do usual, do comum.

Na teoria queer, há um termo que denomina lésbicas que não seguem os padrões de feminilidade, trazidos por Ariel: *butch*. Halberstam (1998) explica que este termo se refere a mulheres que se sentem mais à vontade com “estilos, códigos e identidades genericamente masculinas do que com aqueles femininos” (HALBERSTAM, 1998, p. 120).

As masculinidades e as feminilidades acabam por se misturar na discursividade das categorias sexo e gênero. Ariel, ao citar esta característica de sua esposa, a relaciona com a dificuldade de aceitação da sociedade e da família para com ela. Por não performar “feminina”, a

esposa de Ariel sofre maior represália e se expõe mais ao preconceito do que a própria Ariel, que performa feminina.

Sobre isso, o sistema atual que relaciona sexo a gênero é entendido como a construção, desconstrução e representação das relações entre homens e mulheres, ou seja, sobre masculinidades e feminilidades (LAURETIS, 1994). Laurentis explica que o sujeito “gendrado” é formulado não somente pela diferença sexual, mas por intermédio de representações culturais e códigos linguísticos.

O discurso sexista precisa ser desconstruído para que esta tradição seja rompida. Apesar de notar que o sexo está para o plano natural e o gênero para o plano cultural, nem sempre estas diferenças aparecem claramente, ou seja, a cultura muitas vezes pode se apropriar da natureza, embaralhar sexo/gênero “num sistema dicotômico e hierarquizado, onde a classificação sexual se mistura à classificação de gênero, biologizando o cultural e culturalizando o biológico” (ALVES, 2004, p. 8). Ariel ilustra bem esta questão, quando a mesma fala que sua esposa não segue os padrões de “feminilidade”, em consonância com Alves (2004), quando relata que padrões são esses, citando alguns exemplos, que ocorrem antes mesmo do nascimento, ou seja, os padrões sexo/gênero podem ser estabelecidos a priori, mesmo antes da criança nascer. Ele afirma:

A partir do conhecimento dos órgãos genitais do embrião, através do exame de ultra-som, os pais já começam a escolher um nome característico para a futura criança do sexo masculino ou feminino e a definir a cor do enxoval. Geralmente, azul para os meninos e cor-de-rosa para as meninas. Se for menina, ela vai ganhar saias, lacinhos de fita para o cabelo e brincos. Seus brinquedos serão bonecas e casinhas. Os meninos não usam brincos nem lacinhos, e ganham bola e carrinhos. Isto quer dizer que, não só durante a gestação, mas também antes que a criança tenha uma vida consciente, o seu gênero já estará colado ao seu sexo. Ao longo da vida, o sexo vai continuar sendo referencial para determinadas normas e espaços, como os banheiros públicos, que são separados dicotomicamente em masculinos e femininos. (ALVES, 2004, p.9)

Os estereótipos acabam sendo elaborados cognitivamente, a partir de uma construção subjetiva do que é ser feminino e masculino, principalmente a partir de crenças, atribuições causais e expectativas, nem sempre, portanto, coincidindo com a realidade. Estes estereótipos de gênero seguem de acordo com a construção sócio cultural dos conceitos de feminilidade e masculinidade. Ariel também se utiliza desta construção social, ao colocar sua esposa como ‘não tão feminina’, construções essas que continuam sendo pensadas antes mesmo do nascimento, os conceitos de feminino e masculino acabam por se moldar na “subjetividade individual em estruturas semelhantes aos estereótipos de gênero, denominadas de esquemas de gênero” (MELO e GIAVONI 2004, p. 252), a saber, os conceitos subjetivos do que é feminilidade e masculinidade.

Formado por uma associação de variáveis representativas da masculinidade, o esquema masculino filtra estímulos relacionados a este conceito, influenciando na forma de pensar, sentir e se comportar do indivíduo em relação a ele mesmo e aos outros; o mesmo ocorrendo com o esquema feminino, o qual filtrará estímulos relacionados à feminilidade. Enquanto construções psicológicas e independentes, os esquemas masculino e feminino encontram-se presentes em todos os indivíduos, variando quanto ao nível de desenvolvimento. (MELO E GIAVONI, 2004, p. 253)

Assim, quando se “avalia” um homem e uma mulher, assim como Ariel fez com sua esposa, no contexto dos esquemas do que seja masculino ou feminino, essas combinações podem variar, predominando pares do esquema masculino sobre o esquema feminino ou com o predomínio do esquema feminino sobre o masculino (GIAVONI, 2000). Esses padrões continuam na vida adulta, percebidos em como homens e mulheres devem se portar, se vestir, ou até mesmo agir, já que culturalmente há um padrão estético para o que é feminino e masculino. Essa heterossexualidade normativa, que necessita classificar o que é “natural” para organizar cada ser em classificação, a partir de seus traços constitutivos, distingue o que é “normal” e o que é “perverso, se edificando no:

“contexto de uma taxonomia construída com o propósito mesmo da distinção. A partir desta lógica, pode-se pensar em categorias criadas, conjuntural e contingentemente, com um propósito determinado, mas que podem ser desmontadas e, assim, perderem sua utilidade, desvendando a suposta universalidade de categorias como heterossexualidade, gênero ou sexo. Essa operação discursiva é usada por Judith Halberstam (1998, p.9), ao se referir a “masculinidades femininas” (female masculinity). (LACOMBE, 2007, p. 253)

Ao tratar destas “masculinidades femininas” (como a que Ariel descreve sua esposa) em seu livro, Judith Halberstam detalha sobre como a masculinidade pode acontecer sem a presença do homem, ou seja, mostrar que a masculinidade pode habitar corpos não masculinos. Ela faz isso por historicizar e desconstruir a masculinidade, levantando em conta não apenas a concepção natural, mas o fato de que é também uma categoria teórica. Assim, a masculinidade passa a ser vista não apenas da maneira considerada hegemônica (de homens brancos heterossexuais, por exemplo), mas também ocorrendo alternativamente com mulheres. Além disso, Andrea Cornwall e Nancy Lindsisfarne (1994) organizaram também uma coletânea nessa mesma linha crítica, revendo o sentido unísono da masculinidade, apresentando situações que ela se apresenta nas relações sociais.

Artl (2015), ao pesquisar intérpretes de Língua de Sinais americana, notou que, em casos onde o intérprete possuía características que não são socialmente aceitáveis em identidades de gênero, ou seja, quando há uma mistura de traços masculinos e femininos, estes passavam a não refletir, para os clientes surdos, traços ideais de compaixão, simpatia, autoconfiança e liderança. É justamente isso que Marley traz em um dos trechos de suas falas. Ele explica que houve ocasiões onde homens surdos heterossexuais não gostariam de que homens gays ou mulheres fizessem a sua interpretação da Língua Brasileira de Sinais para Língua Portuguesa oral. Ariel chama de machista, já que novamente as representações sobre o que é masculino, o que a heterossexualidade compulsória define como padrão para o homem heterossexual, inclusive voz (atributo desconhecido para um surdo de nascença por exemplo), ou maneira de se portar, de se vestir ou sinalizar. Ele explica:

Não, não, mulher também não, gay também não, quero um homem, hétero, com a minha voz, para combinar. Ah, para combinar, então não tem, só tem a gente, e agora? Não quer voz? Que aí você avisa lá que você não quer. Aí ele teve que escolher. Mas, assim, tu ouvir um negócio desse... aí tu fala que não é machista, não, não é machismo. (...) Não, não, mulher também não, gay também não, quero um homem, hétero, com a minha voz, para combinar. (...) aí tu fala que não é machista, não, não é machismo. (MARLEY)

Percebo nas falas de Marley traços de Julgamento de sanção social, de propriedade (ética), quando diz ‘não, mulher também não, gay também não quero, quero um homem, hétero, com a minha voz para combinar’ ou ‘não, mulher também não, gay também não’ Nesse trecho da entrevista, Marley sinaliza o comportamento machista deste surdo que, não gostaria de um intérprete gay ou uma intérprete mulher para trabalhar junto com ele. O processo mental ‘querer’ aparece várias vezes, em perguntas retóricas que Marley faz para demonstrar seu desconforto com a situação. O processo mental ‘querer’ é anterior ao pelo processo verbal ‘falar’, quando após não querer um homem gay ou uma mulher como intérpretes Libras-voz, exponho que não é machismo ‘aí tu fala que não é machismo’, sendo esta frase repetida duas vezes neste excerto.

Sobre o machismo, explicitado na fala de Marley, Drumont (1980), traz uma definição que abarca dominação e relações de poder, ao dizer que é definido, como “um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher” (DRUMONT, 1980, p. 81). Drumont deixa claro que esta definição não deseja um rigor conceitual a partir de um modelo teórico abstrato e fechado, mas sugere uma definição que dê conta da multiplicidade “de suas manifestações concretas” (DRUMONT, 1980, p. 81) num contexto societário.

Essa naturalidade do que é “melhor” ou “superior”, apenas pela questão da masculinidade, é perceptível nas falas de Marley, quando ela afirma a escolha de um homem surdo por um intérprete heterossexual. Muitas vezes, o machismo apresenta-se silencioso, conscientemente natural e não perceptível pelo próprio sujeito, quando Marley explica ‘aí tu fala que não é machista, não, não é machismo’. São valores de longa duração, estruturados numa sociedade patriarcal, onde a concepção do

que é masculino (como o sujeito capaz, sexual) e do que é feminino (geralmente o objeto subserviente) continuam a se propagar (MACHADO, 2001). A visão arraigada do patriarcalismo, o masculino é posto significativamente como sinônimo de “chefia”, “capacidade”, posição esta naturalizada no exercício de domínio, também aplicável ao contexto do trabalho, conforme sinalizado por Marley.

Marley explicita a sua reação e de sua equipe quando este episódio aconteceu, ao dizer – ‘não tem, só tem a gente, e agora?’, numa forma retórica de demonstrar seu desejo de enfrentamento à imposição da necessidade de uma voz heterossexual higienizada para o processo de interpretação solicitado. Ele usa de pergunta retórica ‘não quer voz?’, usando a negativa retórica irônica, pois é clara a necessidade de um intérprete. Novamente, ele utiliza da frase ‘que aí você avisa lá que você não quer’, utilizando o pronome você duas vezes, ou seja, deixando para o surdo assumir sua decisão em rejeitar os intérpretes gays e as intérpretes mulheres para realizar a interpretação. Ele utiliza um processo mental (‘quer’) e verbal (‘avisar’), sinalizando a necessidade de decisão prioritária e póstuma reafirmação dela perante a chefia e a equipe.

Embora Marley não tenha citado nenhuma mudança de tratamento depois deste episódio, com Kim a situação foi diferente. Como vemos em suas falas, o tratamento dado a ela mudou, já que ela atuava como intérprete e se relacionava com homens anteriormente. Como são evidenciadas as experiências como TILS somente, algumas situações, como as que a entrevistada relata, específicas no campo do gênero e da sexualidade (no caso específico desta pesquisa) muitas vezes ficam obscurecidas. Kim continua:

“Mas não teve uma rejeição assim – “não quero ela como intérprete” – mas quando eu assumi ser lésbica, mais ou menos no primeiro ano foi um bafafá né? (...)”

“ (...) Na rua que essa guria (a namorada na época) morava um surdo gay, que eu trabalhava como intérprete pra ele, quando ele me viu com ela, ele pirou, reação super positiva, bem tranquilo. Ele foi contando pros outros surdos e eu não tinha porque ter vergonha daquilo, então eu confirmava que sim, que tava namorando, em nenhum momento eu pensei em esconder. ”

“Teve várias reações né, uma guria queria investigar minha vida, saber como era transar

com mulher, sei lá, vai no google, vê uns filmes, isso é bem particular. – Não, eu quero saber como tu faz – daí eu falava – não, isso é muito íntimo, não quero falar contigo sobre isso. Porque eu sou tua intérprete, não quero falar sobre isso. A guria começou a me encher o saco (...) por exemplo, passava uma mulher e ela olhava e eu ficava na minha, porque eu não fico olhando pra toda mulher que fica passando e aí ela me cutucava e dizia – tu viu? – e eu dizia – o que? – e ela dizia – aquela mulher, tinha a bunda bem bonita - e eu – não notei (...) Então ela achava que eu era tarada, sei lá... tive de dar uns cortes nela, porque ela queria saber das minhas intimidades. Eu dizia: desculpa eu sou tua intérprete, eu não sou tua amiga. Depois disso, nunca mais fui escalada como intérprete para ela, acho que ela reclamou”. (KIM)

Nesse trecho percebo traços de Afeto, quando vemos que o surdo ‘pirou’ quando a viu com namorada, quando ela fala que ‘não tinha porque ter vergonha daquilo’, ‘a guria começou a encher o saco’, ‘não notei’, por exemplo. Todos estes são processos mentais e se referem como Kim se sentia em relação à situação que vivia.

Também há traços de Julgamento de Propriedade, quando ela fala que não houve rejeição dela, do tipo ‘não quero (processo mental) ela como intérprete’, quando ela fala que uma das meninas ‘queria investigar (processo material sua vida)’; Julgamento de Normalidade, quando ela fala que quando se assumiu ‘foi um bafafá’ (processo relacional) Julgamento de Capacidade quando ela fala que ‘em nenhum momento pensou (processo mental) em se esconder (processo comportamental)’ , por exemplo.

Kim afirma que sua autoidentificação como lésbica se tornou pública quando adulta. Anteriormente, já havia namorado homens, fato este também conhecido pela comunidade surda na qual participava. Assim, como a mesma afirmou, houve um “*bafafá*”, um estranhamento, quando esta assumiu sua identidade. Neste sentido, Pinho (2010) cita Daniel e Baudry (1977) ao afirmar que há três diferentes posturas da sociedade relacionadas à homossexualidade, a saber: “aprovação e valorização, seguida pela de indiferença ou neutralidade e, por fim, a de reprovação e condenação” (DANIEL; BAUDRY, 1977, p. 31). É importante deixar claro que Kim sofria preconceito por ser mulher e não

heteronormativa. Não há como comparar reações de Kim com as de Marley, por exemplo, que sofre por ser mulher, surda e não heteronormativa. São níveis diferentes de preconceito sentidos.

Como reflexo da sociedade na qual se insere, a comunidade surda também passeia nestas três condutas, muitas vezes causadas pela falta de conhecimento acerca do assunto. Abreu, Silva e Zuchiwschi (2015) explicam que, na ótica da deficiência (onde muitas vezes os surdos são incluídos) “amalgamam-se outros estigmas e preconceitos como: a questão de gênero, orientação sexual, raça, classe, etc” (ABREU, SILVA e ZUCHIWSCHI, 2015, p. 609). Neste sentido, Ariel é um exemplo de surda que também sofreu preconceito por capacitismo.

Nos excertos acima, destaco os processos que retratam a reação de alguns surdos dos quais tinha contato, tanto os que são também não heteronormativas quanto de pessoas surdas heterossexuais. Ela usa o processo mental e material ao afirmar “*uma guria queria investigar minha vida*. Kim também usa o processo mental saber e o relacional era na frase “*saber como era transar com mulher*”, evidenciando a curiosidade das pessoas surdas em saber sobre sua vida pessoal como não heteronormativa e a aversão que Kim sentia ao receber tal tipo de pergunta.

(11)(...)“uma guria queria investigar minha vida,(...)”. (KIM)

(...) uma guria	Queria	Investigar	Minha vida	Saber	como
Ator	Processo mental	Processo material	Meta	Processo mental	Categoria de público atendida pelo experenciadora

(12)(...) “saber como era transar com mulher.” (KIM)

(...) saber	Como	Era	Transar	Com	Mulher
Processo mental	Advérbio de modo	Processo relacional	Processo material	Preposição – relacionado a	Atributo – alvo da curiosidade

A fala desta surda especificamente revela o processo relacional “*saber*”, exaltando a curiosidade dela em saber como seria o processo material “*transar com mulher*”, ressaltando que não seria qualquer portador o alvo do seu interesse e sim a própria Kim (“não, mas eu quero saber de você”).

O incômodo de Kim gera a forma imperativa direta, quando a partir da curiosidade da surda ela responde com o processo material “vai no google” e o processo comportamental “vê uns filmes...” Sobre a curiosidade dos surdos perante a identidade lésbica de Kim, ela afirma que muitas foram as perguntas e as indiscrições sobre sua “nova realidade”. Sobre esse assunto, infelizmente, por mais que as políticas mundiais e públicas tenham lutado pela acessibilidade na vida social e melhoria da qualidade em termos de saúde e educação oferecida a pessoas surdas, ainda há de se notar que pouco se tem feito ou publicado no sentido de “incentivar a inserção afetiva e sexual destas pessoas” (MAIA E RIBEIRO, 2010, p. 160). Ou seja, não apenas há desconhecimento do assunto da própria minoria, mas também da sociedade para a mesma.

No caso de Kim, há de se reparar que houve curiosidade da parte da surda que ela interpretava, perguntas indiscretas, que não podem ser automaticamente a cabo como simplesmente indiscrição. Conforme já abordado acima, a visão e o conhecimento que muitos surdos têm de suas identidades e sua sexualidade (e da sexualidade dos outros) muitas vezes é limitada e cheia de pré-julgamentos. Diz Glat (2004, p. 6):

Em outras palavras, no caso de jovens com deficiências, aos preconceitos quanto à sua sexualidade e às dificuldades de difusão de informações e orientações sobre sexo por parte dos adultos significativos, agregam-se a processos excludentes e estigmatizantes, que dificultam ainda mais sua inclusão social, e os tornam mais sujeitos a problemas nessa área.

Neste caso, o excerto de Kim²⁰ corrobora com o que foi falado por Marley, onde ela usa em sua narrativa a forma negativa várias vezes “não, isso é muito íntimo...” e “não fico olhando... não notei”, além de “não sou tua amiga”. Faircough (2001) afirma que as negativas são na maioria das vezes usadas com finalidades polêmicas. Com efeito, os enunciados de Kim não são apenas descritivos, mas pressupõe as

²⁰ Página 107.

negativas diante das perguntas (plano interrogativo – “tu viu?” “o quê?”) insistentes e insinuações feitas por ela no contexto profissional de Kim. Semanticamente, Kim estabeleceu limites com aquela surda, ao dizer que não era sua amiga, ou seja, os detalhes que a mesma gostaria não seriam explanados por ela naquele contexto.

(13)(...) “A guria começou a me encher o saco (...)” (KIM)

(...) A guria	Começou	a encher o saco
Comportante	Processo comportamental	Comportamento

(14)(...) “tive de dar uns cortes nela.” (KIM)

(...) (eu) tive (de)	Dar uns cortes	Nela
Ator e Processo existencial	Processo material – estabelecer limites	Meta (a surda em questão)

Por outro lado, Kim ressalta a aceitação dos seus pares também não heteronormativos surdos ou ouvintes, ao usar as qualificações como “*super positiva*” e ao dizer que o surdo o qual descobriu de sua identidade “pirou” – no sentido de estar muito feliz por ela. Em minha dissertação de mestrado, ao analisar as falas de uma professora surda, a categoria Preconceito surgiu em suas entrevistas e, a entrevistada ressaltou a importância de seus pares surdos ao se viver numa sociedade majoritariamente ouvinte.

Neste caso, Quadros (2003) afirma que há uma coletividade surda, ou seja, quando os surdos “imploram pela convivência com seus semelhantes, em espaços escolares ou qualquer outro” (SANTOS, 2013, p. 69). Fazendo um paralelo também com a minoria nesta tese estudada, Kim também sentiu esse ‘clamor pela coletividade de seus pares’, sendo primeiramente revelada e aceita por este grupo – surdos/ouvintes também não heteronormativos. O que Perlin (1998) fala de como os surdos se sentem ao encontrar seus pares pode também ser aplicado neste caso, quando a comunidade não heterossexual se encontra: “aquilo que identificavam eles identificavam a mim também e fazia ser eu mesma, igual” (PERLIN, 1998, p. 54).

Sendo importante entender como o sujeito se constitui a partir de suas vivências e de suas experiências em sociedade, esse aprendizado também está contextualizado no âmbito da comunidade surda. No caso desta tese, uma parcela desta comunidade constituída pelas pessoas que realizam a Tradução e Interpretação de Libras (TILS) permanece se relacionando com uma cultura e língua diferente, além de se relacionarem dentro do seu nicho de profissão. Kim também vive nesse entre-culturas e, através de suas escolhas lexicais e do seu discurso aqui analisado, muitas características do contexto específico dessa pesquisa podem ser aprofundadas.

Atualmente, as formas de gestão e organização do trabalho muitas vezes repousam principalmente em princípios que sacrificam essa subjetividade. Seja por incentivo a produtividade ou pela competitividade, estas ações acabam por desagregar o senso de coletivo e minar muito do crescimento individual. Refletir sobre como essas relações têm implicações éticas e políticas no contexto do trabalho se faz, portanto, imperativo.

Considerando o contexto dos TILS, as contraentes institucionais e pessoais e a especificidade do trabalho em tradução e interpretação envolvem ações que são (re) construídas permanentemente pelas escolhas frequentes destes sujeitos. Episódios de competitividade, preconceito e desrespeito podem ser notados em determinadas situações, ultrapassando o modelo ético e político de trabalho construído socialmente.

Neste cenário, alguns episódios também são narrados por Kim, envolvendo reações, ações e situações no contexto da equipe de TILS a qual trabalhava e sua sexualidade em evidência como lésbica assumida. Haverá uma discussão com base nas concepções das colegas TILS e de seus posicionamentos.

“(...) minhas chefes falaram: “Qual o desconforto que está rolando de você com os surdos? Porque foram muitos os surdos reclamando de você, falando coisas que não condizem com você. A gente acha que alguém plantou uma sementinha ali para que eles te rejeitassem como intérprete”. Eu imagino que tenha sido alguma colega intérprete. Sabe o que é? Rolou um desconforto sabe da parte delas, “como ela se assume com essa idade”... para mim foi muito tranquilo de resolver”. (KIM)

Percebo neste excerto traços de Julgamento de Estima Social, já que era estranho para as chefes que tais comentários dissonantes viessem de surdos que não tinham nada a dizer antes que Kim se assumisse lésbica, ‘falando coisas que não condizem com você’. Percebo também Julgamento de Propriedade ética, quando as chefes explicitam o ‘plantar (processo material) – uma sementinha’ para que houvesse a rejeição de Kim como intérprete por parte dos surdos. Além disso, quando Kim explicita a reação de suas colegas ao se assumir em ‘determinada idade’, ao dizer ‘como ela se assume (processo relacional, no sentido de se identificar) com essa idade?’, ela também explicita Julgamento de Propriedade ética, já que suas colegas qualificam tal comportamento como algo repulsivo, imoral.

Percebo também traços de Apreciação de Complexidade, quando cita não compreender o ‘desconforto’ que os surdos estão afirmando sentir. Há de se perceber também que não fazia sentido para as chefes uma intérprete que sempre fez um trabalho bom, receber tantas reclamações fora de contexto.

Por último, também se percebe traços de Afeto, quando Kim deixa claro que para ela foi ‘muito tranquilo (adjetivo) de resolver (processo mental)’, ressaltando que o processo mental implícito ‘aceitar’ tais comentários não exerceu sobre ela muitas dificuldades.

A fala de Kim remete-nos ao que nos diz Schwartz (2004), ao debater contemporaneamente a temática trabalho. Esse autor explica que não há como padronizar nenhuma atividade humana, nem muito menos controlá-la completamente. Mesmo nos trabalhos em equipe, o autor ainda explica que as dinâmicas que permitem o trabalho coletivo se transformam acompanhando as transições econômicas, sociais, culturais e tecnológicas, renovando permanentemente o debate sobre o trabalho em si e o realizado em equipe.

Assim, neste caso, era exigido das chefes de Kim um controle sobre as atitudes das TILS que trabalham em equipe. Kim cita que houve mentiras inventadas e denunciadas às chefes, por parte de alunos surdos relacionadas a sua postura após ter assumido sua sexualidade. No contexto da entrevista, Kim conta que, após se revelar lésbica, as colegas de trabalho mudaram de postura, gerando desconforto profissional e pessoal à entrevistada.

Kim neste excerto expõe os questionamentos de suas chefes, já que notaram um aumento repentino nas reclamações de sua atuação como TILS. O interessante é o estranhamento das próprias superiores e as conclusões feitas pelas mesmas, segundo Kim. Ao usar a metáfora “*plantar uma sementinha*”, Kim sugere que suas chefes insinuaram que

alguma(s) de suas colegas poderia ter lançado comentários maldosos sobre ela. A própria usa da interrogativa retórica “*sabe o que é?*” para demonstrar que sabia claramente as motivações e o que realmente tinha acontecido por trás daqueles acontecimentos. Ela continua:

(15)(...) “*rolou um desconforto sabe da parte delas*” (KIM)

(...) rolou	<i>um desconforto</i>	Sabe	da parte delas
Processo material	Meta	Coloquialismo – o ator tentando se fazer entender	Circunstância de contingência

(16)(...) “*como ela se assume com essa idade?!*” (KIM)

(...) como	<i>Ela</i>	se assume	com essa idade?
Advérbio usado em perguntas – deu o tom da interrogativa	Comportante	Processo Comportamental	Circunstância de extensão (característica criticada da portadora)

Este trecho também se encontra em consonância com Mickens (1994, p. 263) ao explicar que lidar com a sexualidade de outros no ambiente de trabalho “quase sempre revela ansiedade e necessidade de informação”. Nos últimos anos, as pesquisas voltam-se para a diversidade racial, de gênero, entre outros; nesse sentido, as empresas vêm procurando gerar as diversidades organizacionais. Porém, em relação a diferenças de sexualidade, há de se perceber uma atitude omissa em se priorizar discutir sobre essa gestão da diversidade (McQUARRIE, 1998).

Além disso, Marley utiliza o substantivo ‘lógico’ para esclarecer que entende que todos não são obrigados a assimilar essas diferenças automaticamente, bem como ele compreende que é um processo lento, afinal, ‘são movimentos diferentes’. Quando Marley usa o adjetivo ‘diferentes’ para classificar os movimentos de luta social, é uma maneira

de especificar e ramificar ainda mais as diferenças surdas, que são outrora encaradas de uma única maneira – como comunidade surda, possuidora de surdos. Neste caso, ‘se assumir’ foi tido como processo comportamental, já que, através das falas de Marley, seu comportamento mudou depois que ela se identificou como não heteronormativa.

A mesma situação também aconteceu com Marley, de pessoas surdas se sentirem curiosas para perguntar como seria sua vida sexual. Ele fala:

“Ah, isso tem em vários momentos. De perguntar como é que é.

É, não, daí eu retorno a pergunta. E a tua vida sexual, como é que é? E como teu marido, quando ele fica como pinto duro e aí é direto, ou tem preliminares? Como é que é que funciona? “Ai, mas...”, sabe?” (MARLEY)

Ariel também complementa Kim e Marley, o que nos incentiva a pensar o quanto é comum que, neste contexto, perguntas pessoais surjam e sejam realizadas.

Sempre perguntam – ah quem é o homem da relação? Ou perguntam - como é o sexo de vocês, como funciona? Um pergunta bem idiotas sabe? Às vezes eu acho que algumas pessoas acham que é impossível sentir prazer estando com o mesmo sexo.

(...)Eu lembro de um caso de uma senhora surda já de idade que me falou assim – olha só, não tem sexo entre vocês não né, só carinho, né? Tipo, a gente vê que também falta informação pra essas pessoas sobre o assunto. Eu tive que explicar pra ela entender, até porque eles sempre falam – ah mas eu nunca vi, não tem como eu saber... enfim. (ARIEL)

Percebo nas falas de Marley traços implícitos de Apreciação de Reação de impacto, já como Marley explica seu comportamento a partir de uma pergunta (processo verbal) invasiva, sobre sua vida sexual. Marley explica que, quando recebe uma pergunta neste cunho, retorna a pergunta (novamente mais um processo verbal) ao emissor, pedindo detalhes, explicitando particularidades, quando ele usa a frase ‘quando fica com o pinto duro e aí é direto ou tem preliminares’.

No sentido de demonstrar intensidade e dramatizando a pergunta de volta (ao dar tantos detalhes explícitos), ele sinaliza também Afeto, no sentido de reprovação do modo como se fetichiza, exotifica ou até mesmo se encaixa no âmbito do bizarro, a vida conjugal de pessoas não heterossexuais. O sentimento de incômodo, implícito nas falas de Marley, o denuncia como experienciador do fato, quando o objeto de curiosidade (sua vida sexual com o marido) é posto dentro de um diálogo. Marley, portanto, torna o emissor da pergunta curiosa também experienciador do mesmo fenômeno, resultando num sentimento amplo de ‘vergonha’, aborrecimento’, percebidos quando ele explicita a resposta ‘Ai, mas...’, denunciando o desconforto quando a situação é revertida.

No caso de Ariel, percebo traços de Afeto, quando afirma ‘umas perguntas bem idiotas, sabe’, deixando implícito o processo comportamental ‘fazer’, exprimindo seu incômodo com esse tipo de pergunta pessoal. Ela faz questão de adjetivar o tipo de pergunta realizado (idiotas), e novamente utiliza do ‘sabe’, no final da frase, como uma forma de se fazer entender e se certificar de que o que ela falou foi completamente compreendido.

Também há traços de Julgamento de Normalidade, quando Ariel se posiciona com o que ela acha que as pessoas pensam sobre sexo homossexual, ao dizer ‘*eu acho (processo mental) que algumas pessoas acham (processo mental) que é impossível (processo relacional) sentir (processo mental) prazer estando (processo comportamental) com o mesmo sexo*’. Ariel presume o que as pessoas pensam novamente usando o processo mental ‘*achar*’ duas vezes, diante de tantas perguntas sobre sua intimidade sexual.

Também é perceptível esse tipo de Julgamento quando Ariel conta que uma senhora surda achou que não havia sexo em relacionamentos homossexuais, quando perguntou ‘*olha só (maneirismo para chamar a atenção), não tem sexo (processo relacional) entre vocês não né, só carinho, né (maneirismo retórico)?*’. Aqui novamente as perguntas giram em torno de ‘*sexo*’. A senhora usa o maneirismo retórico ‘*né*’, presumindo que já sabia que sua resposta estava correta, mesmo perguntando. Por fim, ela esclarece que precisou ‘*explicar*’ (processo verbal) para a senhora, até porque Ariel explica que, caso não explicasse e perguntasse para a senhora o porquê dela pensar assim, a resposta seria ‘*ah mas eu nunca vi (processo mental), não tem como eu saber (processo relacional e mental)...*’, deixando claro que, para esta surda em questão, esta só poderia apreender conhecimento caso presenciasse esta situação, já que utiliza o processo relacional saber duas

vezes. Ariel termina sua fala utilizando *'enfim'*, deixando implícita seu incômodo com a situação e de como precisa agir nesse tipo de contexto.

Porém, embora haja, em ambos os casos, o 'desejo de saber', embora por meio de perguntas invasivas, não se pode falar deste tipo de pergunta sobre a vida sexual de alguém somente por 'desejo de saber'. De pronto, há de se notar que o processo excludente dos surdos também se dá no acesso à informação, a saber também sobre gênero e sexualidade, conforme Ariel também traz à tona, ao dizer *'a gente vê que também falta informação pra essas pessoas sobre o assunto'*.

Além disso, atualmente o contexto societário é, sumariamente, fechado a discussões relacionadas a questões de gênero. Tais questões são demonizadas por um neoconservadorismo que trata como tabu o acesso a informação, o debate dentro da escola e na família. Todos vivemos num realismo fantástico, onde desinformação não significa alienação e, portanto, desprivilegia, oprime e omite determinadas minorias, como pessoas não heteronormativas.

Portanto, consegui notar que em todas as entrevistas a curiosidade dos surdos é notável. Esta falta de conhecimento pode gerar comportamentos sexuais variados por parte dos surdos, ora gerando a impressão de que a "patologia" da "surdez (sendo esta ótica a clínica terapêutica) responsável por um comportamento diferenciado por parte desses sujeitos, ora "pouco conhecimento das normas sobre comportamentos aceitáveis, recursos limitados de informação" influencie sua curiosidade demasiada sobre o assunto (Patil & Gopinath, 2000, p. 26). Ou seja, o desconhecimento do assunto e a falta de acesso à informação em sua língua intensifica ainda mais a curiosidade sobre o assunto da não-heteronormatividade.

As escolhas lexicais de Marley²¹ também corroboram com as de Ariel, já que Ariel também utiliza da interjeição "ah", para evidenciar lembrar-se de fatos ocorridos. Ele usa 'isso' para não repetir o fato de os surdos perguntarem sobre sua vida sexual. Parece inicialmente pouco incomodado de falar no assunto, já como em nenhum momento desta frase cita a palavra sexo. O processo material é percebido, quando Marley usa o verbo 'ter' no sentido de acontecer, ou seja, a curiosidade é recorrente. Esta curiosidade se materializa no processo verbal 'perguntar', a verbiagem que detalha o que gera tanta curiosidade por parte de alguns surdos: como é a vida sexual de uma pessoa não heteronormativa.

²¹ Página 109.

(17) “Ah, isso tem em vários momentos. De perguntar como é que é. (MARLEY)”

<i>Ah,</i>	<i>Isso</i>	<i>Tem</i>	<i>Em vários momentos.</i>	<i>de perguntar</i>	<i>como é que é</i>
Interjeição, como se quisesses explicar um ponto lembrado	Classificação gramatical para se referir a sexo	Processo material no sentido de ‘acontecer’,	Circunstância de tempo	Processo verbal	Verbiagem

Para se sair de perguntas indesejadas, Marley revela suas respostas a estas perguntas. Ele começa a frase com uma afirmativa e logo após com uma negativa ‘é, não’, no sentido de que, reconhece que realmente o fator curiosidade sobre sua vida sexual é algo repetitivo, porém, seguido de uma negativa, demonstrando seu incômodo de fatos como este acontecerem em sua vida pessoal. Ele acrescenta que “retorna a pergunta”, ou seja, reverte o processo verbal para o surdo que está perguntando.

(18) *E a tua vida sexual, como é que é?*

<i>E</i>	<i>a tua vida sexual</i>	<i>como que é?</i>
Conectivo aditivo	Portador	Processo relacional–verbo ser no sentido de identificar a vida sexual

Marley utiliza de linguagem explícita neste ponto da entrevista. Junto com as palavras proferidas, ele realiza alguns sinais concomitantes ao que fala. Ele usa palavras explícitas na intenção de fazer a pessoa surda ficar sem graça de responder. Mesmo ao usar as palavras “duro” e “preliminares” para explicitar o ato sexual, ainda assim, Marley ainda reforça seu desejo de saber com outra pergunta usando o processo material “funciona” em “como é que funciona?”, numa maneira de reforçar o que está sendo dito.

Por outro lado, Marley demonstra como estas pessoas surdas ficam com a “contra-pergunta”, no sentido de que ficam embaraçados em responder. Ariel começa a frase com uma interjeição ‘ai’, evidenciando o desconforto que estes sentem para responder, acompanhados da preposição ‘mas’, na tentativa de justificar o que gostariam de saber sobre sexual, mas que não gostariam de fazer a mesma exposição de suas vidas pessoais. Por fim, Ariel termina com o processo mental ‘sabe’, no sentido de entender. Ele deixa nas entrelinhas as respostas dadas pelos surdos quando este se posiciona dessa maneira, ficando subtendido o desconforto proposital proporcionado por ele ao vivenciar esse tipo de situação.

(19) “Ai, mas...”, sabe?” (MARLEY)

“Ai,	mas...”	sabe?
Interjeição de desconforto	Preposição acompanhada de reticências, uma tentativa de explicação	Processo mental, no sentido de ‘entender’

Por fim, as escolhas lexicais de Ariel²² também corroboram com as de Marley, nesses dois últimos trechos analisados. Ela também utiliza da interjeição ‘ah’, neste caso para demonstrar curiosidade. Ela usa o advérbio de intensidade ‘sempre’, denunciando o quão frequente são esses tipos de perguntas. Ela cita dois exemplos de perguntas que comumente são realizadas, e as classifica novamente com o adjetivo ‘idiotas’. Quando Ariel usa ‘às vezes’ antes de falar o que acha sobre o porquê essas pessoas realizam tais perguntas, ela demonstra descontentamento e não quer se comprometer a dizer um motivo específico desse tipo de situação acontecer. Ela se utiliza de processos mentais ao se referir a ‘achar que as pessoas não acham’, presumindo a razão das perguntas estarem sendo realizadas conforme o excerto abaixo deixa mais especificado:

(20) “Às vezes eu acho que algumas pessoas acham (...) (ARIEL)

Às vezes	Eu	acho	que	algumas pessoas	acham (...)
Locução adverbial	Experenciador	Processo mental	Conjunção	Experenciador (plural)	Processo mental

²² Página 110.

de tempo					
----------	--	--	--	--	--

(21) (...) que é impossível sentir prazer estando com o mesmo sexo. (ARIEL)

<i>(...)que</i>	<i>é impossível</i>	<i>Sentir</i>	<i>prazer</i>	<i>estando</i>	<i>com o mesmo sexo</i>
Conjunção	processo relacional + Atributivo	Fenômeno		Processo relacional	Experenciador (no caso plural)

Ela termina por contar que certa vez teve de explicar para uma senhora que sexo entre duas pessoas do mesmo sexo não era só carinho. Ela ‘lembrava’ (processo mental) de um caso, e faz questão de adjetivar a surda a que se refere, quando utiliza do termo ‘de idade’, para dizer que era uma senhora idosa. Ela justifica a pergunta citando o fator ‘falta de informação’ e a justificativa destas pessoas para esse tipo de pergunta, porque nunca ‘viram’, relacionando o ‘ver’ para ‘saber’, conforme os excertos abaixo demonstram:

(22)olha só, não tem sexo entre vocês não né, só carinho, né? (ARIEL)

<i>olha só</i>	<i>não tem</i>	<i>sexo</i>	<i>entre vocês</i>	<i>não né</i>	<i>só carinho</i>	<i>né?</i>
Maneirismo, para chamar a atenção	Processo existencial na forma negativa	Existente	Circunstância de acompanhamento	Negativa, seguida de maneirismo	Adverbio e compositamento	Maneirismo

O uso dos ‘né’, que nesta tese percebi como uma tentativa de se buscar engajamento positivo, se classificam como vícios de linguagem. Neste caso, demonstra, por parte da senhora surda que pergunta, vontade de ser compreendida e, ao mesmo tempo, insegurança do que está falando ou até mesmo nervosismo. Principalmente, quando ela responde o porquê que realiza estes tipos de pergunta, ela utiliza uma interjeição ‘ah’, para mostrar o sentimento de ‘ter razão’ de perguntar, pelo fato de

nunca ter visto e, conseqüentemente, não saber. Novamente, ela não explicita o que ela deveria ter visto (no caso, o sexo entre duas pessoas do mesmo sexo seria o identificado do processo relacional ‘ver’, pela senhora (a identificadora, no caso).

(23) *ah mas eu nunca vi, não tem como eu saber...*” (ARIEL)

<i>- ah</i>	<i>Mas</i>	<i>Eu</i>	<i>Nunca</i>	<i>Vi</i>	<i>não tem</i>	<i>Como</i>	<i>eu saber</i>
Inter- - jeiçã o	Conju- n-ção adver- sativa	Identif i- cadora	Advér- bio de tempo	Proces- so compor ta Mental	Processo existenci al no sentido de haver	Como - adverbi o de modo	Identificado ra - processo mental

Por outro lado, como já mencionado inúmeras vezes nesta tese, há de se perceber que são possíveis muitas discussões similares no âmbito da comunidade surda e LGBT e nesta tese também faço alguns paralelos. Assim como os surdos precisam do convívio uns com os outros, pela “ligação linguística, cultural, quanto para se sentirem pertencentes a algo” (SANTOS, 2013, p.69), além de lutarem e reivindicarem políticas e direitos em grupo, assim também a comunidade LGBT compartilha desse sentimento de pertencimento e de fortalecimento. Kim deixa claro que se sentiu assim, com a receptividade de seus pares.

Kim, apesar das possíveis represálias que poderia sofrer por assumir sua sexualidade, cita que não pensou em nenhum momento em esconder sua identidade. Halperin (1998, apud NUSSBAUMER 2001) explica que a identidade não é algo engessado, unívoco, definido e estabelecido; pelo contrário, é a possibilidade das multiplicidades, construídos por diversas forças sociais (ANDRADE, 2002).

Se eu tenho de passar boa parte da vida dizendo que não sou uma pedra, com certeza, da minha identidade vai constar o item "aquele que diz que não é uma pedra". Então, posso afirmar que o olhar do outro também contribui na construção de minha subjetividade, que a identidade é construída por diversas forças sociais, por isso mesmo ela é histórica e negociada nas relações sociais, porém deve-se observar que a sociedade não é um bloco

monolítico, não é uma coisa única. (ANDRADE, 2002, p. 70).

Sendo a identidade algo multifacetado e dependente dos fatores sociais para se estruturar, no caso da comunidade não heteronormativa, esse processo também não é estático. McCarn e Fassinger (1996, apud HOROWITZ e EWCOMB, 2002, p. 4) explicam que a formação de uma identidade homossexual se baseia em etapas. Ferreira (2007), ao explicar estas etapas, enumera que, primeiramente, o indivíduo é tomado de *consciência* de suas diferenças diante da heterossexualidade normativa, além da percepção que uma comunidade não heterossexual; após isso, há a *exploração*, que maneja suas práticas e comportamentos em relação ao grupo em questão; *dependência/engajamento*, onde as interrelações com o grupo de referência são analisadas, bem como as consequências advindas desse convívio; e por último, *internalização/síntese*, onde os sujeitos identificam-se como participantes de um grupo minoritário, internalizando essa identidade e refletindo sua segura autoafirmação diante de suas vivências sociais.

Há de se notar que, Kim, em suas falas sobre como os surdos souberam de sua identidade de gênero, deixa claro que não tinha vergonha e considerava sua identidade lésbica como parte de sua subjetividade. O ‘coming out’, ou ‘sair do armário’, apesar do ‘*bafafá*’ sinalizado por ela, é viver suas experiências, celebrar ser você mesmo e estar confortável com sua liberdade, compartilhando-a com outras pessoas (BARBONE E RICE, 1994).

Visivelmente, há um avanço em pesquisas de gênero e a construção das subjetividades de pessoas com diferentes diferenças (DANIELS, 1981; WOLF; ZARFAS, 1982; SALIMENE, 1995; PINEL, 1999; BAER, 2003; KAUFMAN, SILVERBERG, ODETTE, 2003; GAMI, 2004; MAIA, 2006; COUWENHOVEN, 2007; SCHWIER; INGSBURGER, 2007, por exemplo). Entretanto, ainda existem muitas inverdades ideológicas, muitas vezes usadas para permear as relações de dominação de uns sobre os outros, identificando pensamentos limitados e preconceituosos atribuídos a um grupo específico, com uma determinada circunstância, como podem ser observadas nas seguintes falas:

“Ah, isso tem em vários momentos. De perguntar como é que é.

É, não, daí eu retorno a pergunta. E a tua vida sexual, como é que é? E como teu marido,

quando ele fica como pinto duro e aí é direto, ou tem preliminares? Como é que é que funciona? "Ai, mas...", sabe?" (MARLEY)

Sempre perguntam – ah quem é o homem da relação? Ou perguntam - como é o sexo de vocês, como funciona? Um pergunta bem idiotas sabe? Às vezes eu acho que algumas pessoas acham que é impossível sentir prazer estando com o mesmo sexo.

(...)Eu lembro de um caso de uma senhora surda já de idade que me falou assim – olha só, não tem sexo entre vocês não né, só carinho, né? Tipo, a gente vê que também falta informação pra essas pessoas sobre o assunto. Eu tive que explicar pra ela entender, até porque eles sempre falam – ah mas eu nunca vi, não tem como eu saber... enfim. (ARIEL)

Furlani (2003) comenta que existem ideias generalizadas e estereotipadas dos deficientes e, portanto, um modo preconcebido, como podemos perceber nas falas de Marley como ‘de perguntar como é’ “como funciona’, ou de Ariel, quando ela relata as perguntas feitas a ela como ‘quem é o homem da relação’, ‘como é o sexo de vocês, como funciona’, e até mesmo o comentário de uma senhora que afirmou que ‘não tem sexo entre vocês não né, só carinho, né?’. Ideologias como estas podem estar saturadas de mitos que reforçam comportamentos preconceituosos e sentimentos discriminatórios, respondendo “à demanda imediata do pensamento, valendo-se de conteúdos e juízos de valor incorporados, conforme a condição e posição hierárquica social”. (SILVA, 2006, p. 425).

Essas crenças e atitudes sobre sexualidade, algumas delas apresentadas pelos participantes da pesquisa, podem afetar a sociedade de inúmeras maneiras – principalmente – afetar esses grupos minoritários (como os surdos, por exemplo). De pronto, pode gerar comprometimento não somente à ideia geral da temática neste contexto, bem como afetando os próprios surdos, fazendo-os assimilar essas inverdades e aumentando seus sentimentos negativos de desvalia e inibição de sua sexualidade (ANDERSON, 2000; BAER, 2003; KAUFMAN, SILVERBERG E ODETTE, 2003).

Assim, o desempenho de gênero é performado por indivíduos numa sociedade, por exemplo, através de conversas sobre como se “faz

sexo”, como aconteceu com Ariel, com o objetivo de se encaixar em determinada identidade de gênero (e normas sociais), permitindo que qualquer pessoa, seja ela “macho, fêmea ou queered, aprenda a executar socialmente apropriado discurso (de acordo com sua respectiva raça, etnia e classe) para evitar a rejeição social ou para experimentar aceitação como seus “eus” de gênero (MACDOUGALL, 2012, p. 42)

Kim, Ariel e Marley também citam o posicionamento das pessoas que também realizam o trabalho de Tradução e Interpretação da Libras (TILS), sendo esta temática alvo do próximo eixo. Novamente, trechos das entrevistas dos três sujeitos que se enquadram na temática serão analisados.

4.2 A PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS SOBRE A OPINIÃO DOS COLEGAS TILS OUVINTES SOBRE O TILS NÃO HETERONORMATIVO

A partir dos pressupostos teóricos do capítulo III desta tese, muito se depreende sobre a constituição do sujeito e de sua identidade. Fairclough (1992) contribui para o debate relacionado ao poder constitutivo do discurso na significação subjetiva e identitária, onde a língua é um elemento constitutivo das identidades sociais e se arraiga nas relações de poder, subordinando os sujeitos.

Neste eixo, é importante ressaltar que aspectos das identidades de Kim, Ariel e Marley serão considerados, principalmente em relação a como seus colegas também TILS os veem como não heteronormativos. Nesse sentido é importante ressaltar que a identidade está permeada por configurações que se interligam constantemente, estando em permanente desenvolvimento, vinculados a inclusão do sujeito a outro sistema complexo – a sociedade, no qual o sujeito precisa se desenvolver. Para tanto, é fundamental dizer que a profissão destas pessoas também entra como um fator importante no contexto no qual precisam se identificar ou são identificados como sexuais.

A crítica ao modelo homogêneo no qual muitas vezes a identidade é posta também é feita por Moita Lopes (2002), onde o sujeito é retratado como unitário e unidimensional, pensando na vida social ou na identidade social de maneira descontextualizada.

Se situarmos os sujeitos em suas práticas discursivas, fica clara a relevância do processo sociohistórico de construção de seus corpos e de sua conduta social. Fica claro também como os

sentidos e crenças produzidos em relação a eles comparecem no momento a momento da interação. Agimos discursivamente com base em tais significados, o que nos constitui, ao mesmo tempo, como homens, mulheres, gays, heterossexuais, lésbicas, brancos, negros, pobres ou ricos – etiquetas identitárias que passam a ser valoradas em práticas discursivas ou em comunidades de prática (WENGER, 1998) específicas. Entretanto, nas situações contingentes que constroem a vida social no aqui e no agora, as identidades sociais revestidas por efeitos de estaticidade podem ser alteradas, apesar das condicionantes macrossociais (MOITA LOPES, 2002, p. 13)

Nessa teia complexa, os indivíduos precisam encontrar maneiras de se relacionar com seu contexto compatíveis com sua subjetividade individual e em suas interrelações, assim como Kim, Ariel e Marley também fazem essas correlações ao dissertarem sobre como é ser homossexual no contexto de seu trabalho. Essas relações são processuais e contínuas, configurando-se e reconfigurando-se subjetivamente e socialmente. Nesse contexto é que se justifica a importância atribuída à linguagem, estando a mesma inseparável das mudanças da vida contemporânea (FAIRCLOUGH, 1999). Assim, os questionamentos identitários necessitam do estudo das práticas identitárias e do discurso (MOITA LOPES, 2002).

Nesse sentido, Marley também cita sua subjetividade individual quando teve que confrontar e vivenciar no contexto do trabalho envolvendo colegas que queriam ultrapassar a linha tênue da vida profissional e vida pessoal. Ele explica:

Eu não vou me policiar, por exemplo, para dizer: "ah, eu saí com meu marido". Eu não falo nada. Daí o que aconteceu foi que duas colegas, elas, duas idiotas, eu nem discuti com elas porque não valia a pena o desgaste. Elas chegavam, elas começaram a dar pistas de que elas sabiam o que eu era. (...)Tentando dizer, assim, como... a situação é como se elas tivessem uma carta na manga em relação a mim, para me prejudicar. (MARLEY)

Nesta fala de Marley, consigo encontrar Afeto, quando ele usa o processo mental ‘policiar’, no sentido de se controlar ao falar. Ele demonstra incômodo ao sentir que suas colegas de trabalho poderiam tentar usar o fato de que sabiam de sua sexualidade para fazer-lhe algum mal. Também se percebe traços de Julgamento de sanção social no trecho ‘como se elas tivessem uma carta na manga em relação a mim, para me prejudicar’, pois Marley sabia que elas podiam ser capazes de prejudica-lo.

Marley revela uma atitude despreziosa, não se podendo de falar do seu marido para suas colegas. Ele revela o desejo de poder falar livremente do assunto sem represálias. Ao usar o verbo ‘policiar’, no processo mental de controlar o que gostaria de dizer, ele revela que este autocontrole não é algo comumente tido em suas atitudes ao se referir ao seu parceiro. Novamente, Marley usa ‘por exemplo’ para explicitar o que gostaria de reafirmar nas entrevistas, com situações vivenciadas por ele. Ele inicia com uma frase negativa, ressaltando sua posição de resistência aos possíveis posicionamentos preconceituosos de suas colegas. E o exemplo citado é, através do processo verbal ‘dizer’, falar sobre saídas com seu marido.

(24) “Eu não vou me policiar, por exemplo, para dizer: "ah, eu saí com meu marido". (MARLEY)

<i>Eu</i>	<i>Não</i>	<i>vou me policiar</i>	<i>por exemplo</i>	<i>para dizer</i>	<i>ah,</i>	<i>eu saí com meu marido</i>
Experenciador	Negativa	Processo mental	Explicitação	Processo verbal	Interjeição	Verbiage

Marley também explicita que se sentia ameaçado, caso desse mais detalhes de sua vida particular com seu marido. Novamente ele exemplifica a situação e usa uma oração comparativa para descrever como se sentia em relação ao posicionamento de suas colegas. ‘Como se elas tivessem uma carta na manga’, utiliza uma figura de linguagem ‘carta na manga’, uma metáfora, no sentido de ter sempre um argumento contra ele, com o intuito de ‘prejudicar’ (processo material). Ele utiliza o processo relacional usando o verbo ‘tivesse’ no sentido de atribuir característica (no caso do Marley, atribuir más intenções) para expor o

que poderia acontecer caso suas colegas utilizassem sua sexualidade como um subterfúgio para oprimi-lo.

(25) “ (...)como se elas tivessem uma carta na manga em relação a mim, para me prejudicar” (MARLEY)

<i>(como se) elas</i>	<i>Tivesse m</i>	<i>uma carta na manga</i>	<i>em relação a mim</i>	<i>Para</i>	<i>me prejudicar</i>
Portadoras	Processo relacional	Metáfora para argumento - Atributo	Circunstância de acompanhamento	Preposição	Resultado da ação – processo material

Pelas falas 15 e 16 de Marley, percebo a dificuldade de pessoas não-heterossexuais no ambiente organizacional de trabalho, porque os ambientes geralmente são conservadores; assim, nem sempre o processo de revelação sexual de minorias é possibilitado. Alguns, diferentemente do posicionamento, preferem viver dubiamente: ora vivem sem se revelar, pois demonstrar sua sexualidade minoritária pode trazer estigmatização, violência e preconceito; ora, vivem recolhidos e angustiados em manter este segredo. Em virtude disso, essa revelação é sempre tida como uma fase complicada, pela consciência da possível rejeição, não só na vida particular, quanto também no âmbito do trabalho (FERREIRA, 2007).

Butler (2003) explica essa rejeição, esse possível estranhamento pelo entendimento dificultoso do que seria gênero, sugerindo que muitas vezes características de gênero podem ser encenadas significativamente num contexto já aceito socialmente. Ela afirma que, há realmente estranhamento quando uma prática identitária não é hegemônica, ao dizer que:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de

masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003, p. 201)

Bronski (1995, p. 24) corrobora com Butler (2003) ao afirmar da necessidade do “direito à identidade como homossexuais, à liberdade de associação, à visibilidade, à não discriminação, à não-violação de direitos humanos”. Kim, ao desafiar o discurso sexual hegemônico e decidir pela revelação, demonstra, segundo Humphrey (1999, p. 138), “honestidade e integridade pessoal (...) e a necessidade de se educar os colegas sobre as minorias sexuais”. Durante toda a entrevista e apesar da aparente perseguição de alguns colegas, Kim pareceu ser empoderada quanto a sua identidade, principalmente ao ressaltar que foi “*muito tranquilo*” para ela, o que Barbone e Rice (1994) exaltam como fundamental para ajudar pessoas gays ou não a entender melhor o que essa(s) identidade(s) significam, engrandecendo a livre expressão e diversidade e lutando para a redução de estereótipos sociais e hostilização.

Entretanto, embora Kim demonstre sinceridade em se assumir não heteronormativa de maneira branda, alguns episódios de rivalidade são retratados em algumas partes da entrevista de Kim, como as abaixo descritas:

“(...) elas faziam piada até em reuniões de trabalho: tipo, “não dá para colocar ela na educação física porque o curso é cheio de sapatão e não vai dar certo né...” ou “não vamos colocar ela na nataçãõ, senão ela vai ficar olhando para a bunda das gurias”. Elas falavam disso na minha frente, em reuniões de trabalho, como a gente se defende de uma coisa dessa? (...). Ou do tipo: “ah eu não posso vir de saia, porque tu vai olhar minhas pernas”. Esse tipo de coisa... bem desconfortável.” (KIM)

“(...) sempre trabalhei com TILS mulheres héteros, então não sei se elas se sentiam ameaçadas por eu ser lésbica...” (KIM)

Pude notar traços de Julgamento (“não da pra colocar ela na educação física”, “não vamos colocar ela na natação”, “não posso vir de saia”), já que há de se perceber que suas colegas julgam imoral, lascivo, colocar Kim para trabalhar (processo comportamental) em cursos como Educação Física, pela quantidade de alunas lésbicas, ou em aulas em que haja exposição do corpo, como aula de natação. Ainda, julgam de maneira similar colocar Kim para trabalhar com colegas de saia, pois Kim poderia ‘olhar’ (processo comportamental) para as pernas de sua colega de trabalho. Por fim, Kim também usa o Julgamento de Propriedade Ética (mostrar os exemplos!!!) para dizer o que pensa sobre suas colegas, onde elas poderiam ‘se sentir (processo mental) ameaçadas’ por ela ser lésbica.

Além disso, ainda pude encontrar traços de Afeto (‘bem desconfortável), pois Kim revela o quando comentários homofóbicos a deixaram sem saída – ‘como a gente se defende de uma coisa dessa’, no sentindo de que se sentia incapacitada de responder tais comentários. Também se percebe Apreciação no mesmo trecho, quando ela reagiu aos comentários ao afirmar que se sentiu ‘bem desconfortável’, notando a inquietação e o pesar de receber tais observações preconceituosas.

Nestes trechos, Kim conta algumas situações nas quais o desconhecimento do assunto, homofobia e hipersexualização são evidentes no contexto do trabalho em equipe que realizava com outras tradutoras e intérpretes de Libras. Nunan (2003, p. 31) explica que essas noções desfavoráveis sempre foram atreladas à homossexualidade, já que ela foi definida inicialmente como uma “perversão do instinto sexual causada pela degenerescência de seus portadores e, depois, como um atraso evolutivo ou retardamento psíquico que se manifestava pelo funcionamento feminino do homem”.

Ariel também explicita um dos convites que recebeu de surdos de sua comunidade, somente por ser lésbica (mesmo estando casada):

(...) já me propôs ménage e eu falei – tá louco? É uma falta de respeito! (ARIEL)

Percebi traços de Afeto em sua resposta, quando ela classifica o convite do ‘ménage’ como ‘falta de respeito!’, usando a exclamação e a frase ‘tá louco?’ para explicitar e ampliar a sensação de desacato e atrevimento proporcionada por tal invitation.

Pude observar também a carga de preconceito atrelada à sexualidade. Daniel e Baudry (1977), por exemplo, explicam que a anormalidade é atribuída à homossexualidade pela sensação de choque

aos costumes e normas tradicionais de comportamento. Ou seja, o que se entende por anormal – o desvio no padrão societário - é resultado de:

criações históricas elaboradas pela sociedade burguesa, que considera como padrão o homem branco, heterossexual e burguês. Por isso, o desvio é sempre relativo a uma das características desse padrão”. Perversão, por sua vez, é um termo usado para designar o desvio, por parte de um indivíduo ou grupo, de qualquer dos comportamentos humanos considerados normais e/ou ortodoxos em uma época específica para um determinado grupo social (PINHO, 2010, p. 20).

No caso do excerto de Kim²³, algumas escolhas lexicais usadas para especificar as falas de suas colegas corroboram com essa hipersexualização e preconceito. Por exemplo, Kim usa novamente a afirmativa para citar as falas de suas colegas ao ser posta numa turma com outras pessoas não heteronormativas ao dizer “*o curso é cheio de sapatão*” e depois usa a oração negativa retórica “*e não vai dar certo né?*”, deixando em suspense o que poderia acontecer caso Kim participasse como TILS nesse ambiente. Além disso, as colegas utilizam o termo pejorativo ‘sapatão’ para se referir às alunas não heterossexuais, evidenciando além de uma acusação de trabalho antiético de Kim, preconceito para com esse grupo de pessoas.

(26)(...) “é cheio de sapatão e não vai dar certo, né?”(KIM)

(...) é	<i>Cheio de sapatão</i>	E	Não vai dar certo	né?
Processo relacional	Atributo – característica da sala	Conjunção aditiva	Processo material	Coloquialismo – tentativa de retórica

Dessa forma, qualquer conduta subversiva à ordem moral e de comportamento da sociedade é tida como perversão – e é nesta classe

²³ Página 127.

que os homossexuais são muitas vezes enquadrados. A fala de Kim está em sintonia com Nunan (2003, p. 31) de que essas definições foram veiculadas à homossexualidade pois foi definida como depravação e degeneração dos seus portadores, e “depois, como um atraso evolutivo ou retardamento psíquico que se manifestava pelo funcionamento feminino do homem”, e masculino na mulher, no caso de lésbicas.

A carga pejorativa e negativa é notada através da homofobia²⁴, que é na verdade resultado do processo histórico de padrões e moralidades na qual o sistema atual está atrelado. A ocorrência da homofobia é materializada muitas vezes na forma de violência física ou psíquica, no insulto, na difamação, como nas experiências e acusações que Kim traz. Gaines e Reed (1995) explicam que muitas vezes, a homofobia é disfarçada e sutil, desde a falta de cordialidade, antipatia, insinuações, ironias, sarcasmo – onde sempre a vítima necessita provar sua dignidade e honra. Kim²⁵, por exemplo, se encontrou aflita (percebi o desconforto na oração “*esse tipo de coisa... bem desconfortável*”, onde ela adjetiva a situação e ainda usa das reticências, deixando no ar se algo mais ocorria naquele contexto).

Além disso, por este tipo de comportamento de suas colegas de trabalho acontecer em reuniões de trabalho, fica clara a imobilidade de Kim quando diz “*como a gente se defende de uma coisa dessa?*”. Quando ela usa plural “a gente” para indicar uma luta sua, porém num contexto de grupo, ressalta uma fala referência de um grupo, evidenciando a reincidência desse tipo de atitude num grupo não heteronormativo, seja qual for o contexto (não necessariamente o profissional).

Suas colegas de trabalho são bem específicas nas acusações de falta de ética não apenas com alunas, mas também com o próprio grupo de TILS. Afirmações como “*ah eu não posso vir de saia, porque tu vai olhar minhas pernas*” evidenciam pelas escolhas lexicais, o tipo de colocação maldosa feita pelo grupo. A oração em sua classificação gramatical (oração coordenada sindética conclusiva) demonstra que as colegas de trabalho concluíram que o fato de usarem saias e mostrarem mais de seu corpo atrairia os olhares de Kim por não ser heterossexual. Kim deixa claro em suas falas que, antes de expor sua identidade, esse

²⁴ Pinho (2010, p. 21) traz a definição de homofobia “(homo = semelhante, fobia = medo): é um termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra homossexuais e, conseqüentemente, contra a homossexualidade, e que pode incluir formas sutis, silenciosas, insidiosas de preconceito e de discriminação contra homossexuais”.

²⁵ Página 127.

tipo de situação não acontecia. Outra acusação feita a Kim é melhor detalhada lexicogramaticalmente abaixo:

*(27)(...) “senão ela vai ficar olhando para a bunda das gurias”
(KIM)*

(...) senão	Ela	vai ficar	Olhando	para a bunda das gurias
Conjunção condicional	Ator – Kim	Locução verbal – de processo material	Processo material	Meta – possuidores do atributo.

Fica claro que, nas falas de Kim, em algumas ocasiões, sua dignidade foi ferida, ao deixar de ser posta em cursos com muitas lésbicas, ou com alunas com roupas específicas de academia. Esse tipo de preconceito velado é histórico e socialmente construído, refletindo emergentes “sistemas de crenças específicos que equacionam diferenças físicas e culturais com “bondade” ou “maldade” dentro da espécie humana. Tais comportamentos e crenças surgirão apenas como uma consequência de histórias de opressão particulares” (GAINES e REED, 1995, p. 101).

Butler (2003, p. 23) explica o fenômeno chamado de heterossexualidade compulsória, no qual ela defende que os gêneros não são fixos e que são construídos pela cultura e não pela biologia. Ela defende o humanismo da pessoa, a liberdade de escolha e das limitações e preconceitos que a hegemonia heterossexual impõe, assim como pode ser observado nas falas de Kim. De pronto, essas falas hostis, ou seja, homofobia, se baseou em generalizações degeneradas sobre o que é ser lésbica, aflorando o estereótipo hipersexualizado e estigma antiético no contexto do trabalho.

Por outro lado, Kim faz um comparativo de posturas de trabalho ao traduzir/interpretar junto a intérpretes não heteronormativos, descritos no trecho abaixo:

“(...) eu já interpretei com intérpretes ‘viados’, nunca sofri preconceito com eles por ser lésbica, mais problemas de fofoca mesmo, normal nos TILS, comparações, fofocas... mas nunca de preconceito (por parte deles né)”. (KIM)

Neste trecho, percebi traços de Julgamento ('nunca sofri'), quando Kim fala de si mesma e afirma nunca ter sofrido (processo mental) preconceito por ser lésbica (especificando também o tipo de preconceito que não sofreu). Ela explicita já ter sofrido outros tipos de problemas 'mais problemas de fofoca mesmo', e normaliza o fato de isso acontecer 'normal nos TILS', sugerindo a frequência na qual esse tipo de indiscrição acontece em sua opinião.

Kim já deixa claro que, no caso de intérpretes homossexuais como ela, não sentia nenhum preconceito (quando ela fala "nunca sofri preconceito com eles por ser lésbica"), ao ressaltar lexicalmente, após ter falado de preconceito e encerrado sua colocação sobre preconceito, decidiu adicionar a oração "*por parte deles né*". Novamente, emerge a questão da identidade, do senso de pertencimento a um grupo e da sensação acolhedora do encontro com seus pares. Nunan 2003 descreve essas vivências como espaços experienciais ou concretos que permitem com que a identidade lésbica ou gay seja confirmada e estabelecida. É notável como estes se sentem mais à vontade com outros indivíduos que são estigmatizados de maneira similar, gerando um sentimento de empatia em comunidade. Louro (2004) descreve que essa cultura de pertencimento na comunidade LGBT:

(...) permite que o sujeito seja reconhecido como pertencendo à determinada identidade; que seja incluído em ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo; que possa (ou não) usufruir de direitos; que possa (ou não) realizar funções ou ocupar determinados postos; que tenha deveres ou privilégios; que seja, em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado. (LOURO, 2004, p. 83).

Há de se notar que, assim, as identidades não heteronormativas se constituem, portanto, como estratégias na conquista de papéis sociais, gerando relações benéficas inclusivas (e, porventura, relações negativas e excludentes). Se as identidades são criadas através de uma demarcação da diferença (WOODWARD, 2000), esta precisa representar o acolhimento diante das categorizações feitas a partir das diferenciações relacionadas aos padrões hegemônicos (no caso, o heteronormativo), assim como aconteceu com Kim, neste caso específico.

Neste caso, a construção dessas identidades num contexto de compartilhamento de sentimentos e afirmação diante da sociedade (não somente às redes de contato), promove o encontro com os seus pares (como Kim com seus amigos surdos/ouvintes não heteronormativos), sendo esta também uma forma de resistência diante dos comportamentos e ideologia impostos. Na medida que esses indivíduos descobrem outras pessoas semelhantes a eles, há a possibilidade de se encarar e de se significar sua sexualidade de maneira diferente. “Essa possibilidade de colocar para fora o que estava preso concede aos membros um sentimento de emancipação, de vitória diante da repressão. Assim, o movimento gay também passa a ser o espaço da emancipação” (FERRARI, 2004, p. 113).

“E o que acontece, o que tem acontecido é que esse pessoal novo que está chegando vai pelo mais óbvio, pelo mais fácil, que é o discurso dominante” (MARLEY)

Em relação a Marley, por outro lado, é possível perceber que, apesar dos movimentos teóricos estarem mais fortes, bem como a disseminação das diferenças na sociedade, ainda assim, há um discurso dominante que se sobressai no que tange ao que as pessoas entendem sobre identidades de gênero e sexualidade.

Novamente Marley também corrobora com Kim, ao demonstrar descontentamento com os discursos que vêm sendo proferidos por colegas de trabalho no geral. Percebi aqui traços de Apreciação (“vai pelo mais óbvio, pelo mais fácil”), principalmente sobre a composição do posicionamento dos intérpretes diante dos novos discursos sobre gênero, principalmente, que é objeto deste estudo. Marley disserta, através de processos materiais ao usar ‘acontecer’, ‘tem acontecido’, para explicitar que este é um comportamento corriqueiro no contexto de seu trabalho. Ele também deixa implícito o processo material quando fala que os novos colegas de trabalho vão ‘pelo mais óbvio, mais fácil’, quando usa o verbo ‘ir’ no sentido de atuar com este discurso simplório e dominante.

Sobre esse discurso dominante sobre gênero, a que Marley se refere, conforme já delineado em muitos trechos desta tese, o machismo se constitui o sistema de relações, que usam o argumento do ‘gênero’ como pretexto para um conjunto de representações e de dominação que acabam por reduzir as mulheres e os homens a sexos hierarquizados, dividindo-se em pólos dominado e dominante, respectivamente. Ao se

apropriar deste discurso, a sociedade acaba por apossar-se da realidade sexual e de seu efeito de codificar as representações de uma relação de poder, sejam nos papéis sociais distribuídos entre homens e mulheres, as representações e simbologias de cada papel (sejam eróticas/sexualidades) ou não. Este posicionamento acaba por produzir subordinação do elemento mais fraco (o feminino), articulando a relação de dominação do homem sobre a mulher na sociedade (DRUMONT, 1980).

Quando Marley trata do ‘discurso dominante’ machista, ele deixa de maneira subjetiva suas estruturas ideológicas e relações sociais sistematizadas, neste contexto, no âmbito do trabalho. Ele analisa, em outros excertos já explorados, que estas relações implicam poder; até que ponto estas podem ser vistas como um processo específico de representação de sujeitos sexuais e representações de gênero.

Assim, Marley, ao mencionar seus colegas preconceituosos, chama de ‘esse pessoal’, denotando julgamento de sanção social. Ele faz questão de denunciar a imaturidade destas pessoas ao utilizar o adjetivo ‘novo’ e reforça que ‘estão chegando’ apenas agora. Ao explicar como estes atuam, ele usa o processo material ao usar o verbo ‘vão’ no sentido de atuar, agir pelo ‘o mais óbvio, o mais fácil’, ou seja, ‘o discurso dominante’ preconceituoso sobre identidade de gênero e orientação sexual.

**(28)“(…) esse pessoal novo que está chegando vai pelo mais óbvio, pelo mais fácil, que é o discurso dominante.”
(MARLEY)**

<i>Esse pessoal Novo,</i>	<i>que está chegando</i>	<i>vai pelo mais óbvio, pelo mais fácil</i>	<i>que é o discurso dominante</i>
Portador do discurso Ator	Adjetivo do portador – no sentido de inexperiente; Processo Material – no sentido de estar entrando no mercado de trabalho como TILS	Processo material – no sentido deslexicalizado, ou seja, a definição se dá pela locução verbal	Oração com processo relacional

Esse discurso dominante, de enfraquecimento feminino, submissão compulsória, desigualdade de gênero, é também evidenciado

no que Marley conta sobre um dos surdos no qual trabalhou. Apesar de demonstrar ser homofóbico, ainda preferia trabalhar com homens gays do que com mulheres. Ele descreve:

E daí para falar que, apesar de ele ser uma pessoa machista, homofóbica e tal, na hora de selecionar quem vai trabalhar com ele, prefere... (homem). Mas só pelo fato de ser homem, Só. (MARLEY)

Neste trecho pude observar Julgamento de Normalidade e Propriedade Ética em “esse pessoal novo que está chegando vai pelo(...) discurso dominante” já que Marley julga o surdo no qual trabalhou como ‘sendo’ (processo relacional) ‘uma pessoa machista, homofóbica e tal’ e, que na hora de escolher um intérprete ainda prefere os gays somente por serem ‘homens’. Marley utiliza do conectivo ‘apesar de’ para denunciar que, nesta frase condicional – pelo fato de este ser (processo relacional) uma pessoa ‘machista, homofóbica e tal’, ainda assim, prefere homens gays a mulheres.

*(29)apesar de ele ser uma pessoa machista, homofóbica e tal (...)
(MARLEY)*

<i>apesar de</i>	<i>ele</i>	<i>Ser</i>	<i>uma pessoa machista, homofóbica</i>	<i>e tal</i>
Condicional	Existente	Processo relacional	Características reativas de apreciação Atributo	Reticências, denunciando mais características condenáveis.

*(30)(...) na hora de selecionar quem vai trabalhar com ele
(MARLEY)*

<i>na hora</i>	<i>de selecionar</i>	<i>quem</i>	<i>vai trabalhar</i>	<i>com ele</i>
Marcador temporal	Processo mental	Ator	Processo material	Circunstância de acompanhamento

Por possuir colegas mulheres, Marley também fala do posicionamento delas diante destas atitudes machistas. Ele explica:

(Nara) - E as meninas, como é que se sentem com isso? Elas falam alguma coisa?

(Marley) Ficam aliviadas, porque elas odeiam o cara.

(Nara) - Mas, tipo, elas conseguem identificar isso do machismo? Ou elas ficam tipo: "ah, beleza".

(Marley) - Não, tem uma que consegue. Tem uma que consegue identificar, mas... não fala muito. Quem fala sou eu, entendeu? Eu falei para o grupo assim assim. É. Mas tem isso, esse cara é um baita de um machista, ele entra aqui, sabe? Pega como ele é, ele faz isso daqui, comigo ele nunca fez isso. (...)talvez não se posicionem, talvez não queiram se posicionar. Talvez não vale a pena, mas daí colocou como homofobia e machismo estão ali, andam juntos.

Notei neste excerto traços de Afeto, quando Marley traz à tona o processo mental ‘odiar’ e o adjetivo ‘aliviadas, demonstrando o sentimento que suas colegas de trabalho mulheres sentiam ao não serem escolhidas pelo surdo em questão. Sobre se estas conseguem notar o machismo desse surdo, usando o processo relacional ‘identificar’, Marley fala que uma das meninas identifica, mas não ‘fala muito’ (processo verbal). Quando ele novamente explica que o ato verbal de ‘falar’ é proveniente dele, ele explica que já teve de se posicionar perante o grupo. Ele usa verbos no final de suas frases para que fique bem claro o que ele está falando (‘entendeu’, ‘sabe’) para sua entrevistadora.

Implicitamente, fica claro também a Apreciação negativa perante o surdo, principalmente no que tange a sua reação ao comportamento dele, quando ele afirma que suas colegas de trabalho ‘odeiam o cara’. Ao mesmo tempo, notei Julgamento de Normalidade e de Propriedade ética, já que utiliza de atitudes machistas no contexto do trabalho, quando ele afirma ‘esse cara é um baita de um machista’. Além disso, há Julgamento também de Propriedade ética da parte de Marley perante suas colegas de trabalho, quanto à falta de enfrentamento perante esta situação específica: Por exemplo, quando ele relata que talvez as colegas mulheres ‘talvez não se posicionem, talvez não queiram se posicionar’.

Marley também usa o processo material ‘andam’ no sentido de ‘acontecem’ quando relaciona machismo e homofobia. Sobre isso, Castañeda (2006) explicita as relações existentes entre machismo e homofobia e explica que o machismo não se fortalece sozinho; há todo um sistema que lhe sustenta, baseado na exaltação negativa, excludente da diferença dos sexos.

Além disso, o machismo constrói a hierarquização entre os sexos baseados na lógica cultural de que o masculino é o sexo privilegiado, em detrimento do feminino (e qualquer manifestação que se aproximar deste ‘feminino’). Nesse sentido, não basta ao homem ser homem, ele precisa ser constantemente afirmado e tudo o que foge ao conceito de masculino e feminino pré-estabelecido precisa ser constantemente vigiado e modificado. Exatamente por isso quem foge do padrão heterossexual vira alvo primordial de pessoas machistas, fazendo críticas que gostariam de fazer às mulheres, pois o machismo se baseia na valorização exacerbada do que é viril e forte e pelo completo desprezo pelas atitudes femininas, num comportamento caracterizado como misoginia (CASTAÑEDA, 2006).

Sobre esse posicionamento, aliando machismo e homofobia, Ariel também disserta sobre como sua família e a família de sua esposa agem perante o relacionamento das duas.

São posicionamentos diferentes das duas famílias, enquanto a minha aceita super bem, a dela não tem a mesma atitude. Percebo que há preconceito da parte deles, mas não é tão exposto, tão visível. Eu percebo por pequenas atitudes deles, não nos convidam para nada por exemplo, não gostam de expor nós duas juntas, é muito a questão da religião no meio sabe? Eu não ligo muito pra isso, mas é uma pena... (ARIEL)

Neste trecho, há de se perceber a presença de traços de afeto, quando Ariel (a experienciadora) fala que percebe o tratamento ‘super’ bom de sua família, percebe também que a família de sua esposa experiencia um tratamento completamente diferente. Usando o processo mental ‘perceber’, ela não consegue sentir a família de sua esposa com um preconceito exposto, já que ela caracteriza o preconceito sofrido por sua esposa como ‘não é tão exposto, tão visível’.

São ‘pequenas atitudes’ que fazem com que ela chegue a esta conclusão. Para arrematar seu raciocínio, ela cita alguns exemplos, como a falta de convites para reuniões familiares, que as duas participem juntas. Novamente, ela usa um verbo no final da frase, (‘sabe’), para garantir de que estou entendendo seu ponto de vista. Por fim, ela ressalta que não ‘liga muito’ (processo mental, no sentido de não se importar), mas, ainda assim acha uma pena (o verbo ‘achar’ no sentido de expressar seu pensamento sobre o assunto). Abaixo algumas das frases que ilustram como as escolhas lexicais de Ariel demonstram seu sentimento e suas significações ao dizer o acima exposto.

(31) Percebo que há preconceito da parte deles,

<i>Percebo que</i>	<i>Há</i>	<i>Preconceito</i>	<i>da parte deles</i>
Processo mental ²⁶	Processo existencial	Existente	
Eu experienciador	Fenômeno		

(32) mas não é tão exposto, tão visível.

<i>(...) mas</i>	<i>não</i>	<i>É</i>	<i>tão exposto, tão visível</i>
Conjunção adversativa – indica uma mudança de linha de raciocínio	Negação	Processo relacional	Atributo

²⁶ Processos mentais podem ter como Fenômeno uma oração projetada (ou oração subordinada) como neste exemplo. Neste caso, o Fenômeno representa o conteúdo do que está sendo percebido.

Quando Marley caracteriza o preconceito como não sendo ‘muito exposto’, ou seja, ‘velado’, ele pode ser compreendido como aplicado e não relacionado diretamente à discriminação sexual, embora, para quem a sofre, esteja claro do que realmente se trata. Este preconceito velado, ou seja, sutil, segundo Silva (1993) vai de sorrisos de canto, gestos, negações, servir de empecilho para que algo aconteça, ou seja, uma atuação que legitime o desprezo para com pessoas homossexuais. A fala de Marley também nos remete ao que nos diz Welzer-Lang (2001). Welzer-Lang (2001) também explica como a homofobia cristaliza a transição possível entre gêneros e engessa as fronteiras do que é feminino e masculino. Para se entender homofobia, assim, é também necessário entender como a dominação masculina funciona, já que esta divide mulheres e homens, privilegia estes últimos à custa das primeiras. E sobre os homens que não desejam reproduzir esta divisão (gays ou não) “a dominação masculina produz homofobia para que, com ameaças, os homens se calquem sobre os esquemas ditos normais da virilidade [...] (WELZER-LANG, 2001, p. 465). O autor continua suas observações sobre:

[...] a discriminação e opressão baseadas em uma distinção feita a propósito da orientação sexual. O heterossexismo é a promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da heterossexualidade e da subordinação simulada da homossexualidade. O heterossexismo toma como dado que todo mundo é heterossexual. (Welzer-Lang, 2001, p. 467-468).

Dessa maneira, o autor deixa claro como a dominação masculina influencia a homofobia e como o heterossexismo pode também exercer um papel de dominação masculina, viril e normativa, como Ariel, Marley e Kim apontam em suas falas no decorrer de suas entrevistas.

Por fim, as três pessoas entrevistadas trazem também suas opiniões sobre como estes episódios transpareceram uma visão de si mesmos/as enquanto TILS não heteronormativos/as. Estes serão aprofundados no próximo subtópico.

4.3 A PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS SOBRE A OPINIÃO DE SI MESMOS ENQUANTO TILS NÃO HETERONORMATIVO

Revelar sua identidade de gênero deixa o sujeito vulnerável de perder conexões humanas inclusive no contexto do trabalho, como é o caso de Kim, Ariel e Marley. Ainda, torna-se passível de sofrer um número maior de práticas sociais negativas, como preconceito e abuso verbal ou físico, por exemplo.

Dessa forma, no contexto das não heterossexualidades, Butler (2015) ressalta a existência de uma matriz heterossexual que, de forma compulsória, atua na vida dos indivíduos, ditando quais identidades são 'normais'. Em contextos formais, justamente pelas cobranças de performances socialmente hegemônicas, esse desafio é aprofundado, já como estas temáticas ainda são pouco discutidas em ambientes organizacionais. Pope (1995) explica que:

Saber como a revelação da orientação sexual afeta os relacionamentos interpessoais no trabalho, se existe e como se dá a relação entre a saída do armário e as questões de ordem trabalhistas (promoções, aumento de salário e outros) são exemplos de assuntos demasiadamente relevantes para o estudo da homossexualidade nas organizações que apresentam homossexuais em seus respectivos quadros de funcionários. (POPE, 1995, p. 193).

Kim e Ariel contam que tiveram de fazer algumas mudanças, não por medo de represálias, mas para evitar indiscrições e curiosidades desnecessárias sobre a vida pessoal. Elas contam:

Eu tento manter mais distância. Antes eu brincava mais, sentia-me mais à vontade. Agora, eu sou bem mais séria. (...) Muita curiosidade, muito questionamento e eu quero ser avaliada como profissional. Eu não quero ser tratada diferente por ser lésbica. (...) antes eu brincava mais, sentia-me mais à vontade. Agora, eu sou bem mais séria. (KIM)

Claro! Eu sou muito mais cautelosa com essas pessoas, não gosto de misturar minha vida pessoal com o profissional de jeito nenhum. (ARIEL)

Percebi traços de Afeto, quando Ariel fala que é mais cautelosa (processo relacional) com seus colegas de trabalho, além de afirmar que

não gosta (processo mental) ‘de misturar’ (processo material) assuntos profissionais com pessoais. Há uma frase exclamativa (‘Claro!’), no sentido de completa clareza ao dar uma resposta. Ariel se mostra, portanto, cuidadosa sobre sua vida pessoal, e afirmativa sobre não misturar assuntos pessoais com profissionais.

Notei o processo relacional ‘ser’, junto com o Atributo ‘cautelosa’, usando o objeto da frase – ‘essas pessoas’ a se referir com pessoas de seu convívio, seus colegas de trabalho no caso. Ela também faz uso da frase negativa ‘não gosto de misturar’, utilizando ‘não’ no início da frase, com o processo mental “gosto”; além disso, na mesma frase, ela também termina com o ‘de jeito nenhum’, reafirmando sua negativa e desejo de não mais compartilhar nenhum aspecto de sua vida pessoal.

(33) Eu sou muito mais cautelosa com essas pessoas (ARIEL)

<i>Eu</i>	<i>Sou</i>	<i>Muito</i>	<i>mais cautelosa</i>	<i>com essas pessoas</i>
Portador	Processo Relacional	Advérbio de intensidade	Atributo	Circunstância de acompanhamento

(34) não gosto de misturar minha vida pessoal com o profissional de jeito nenhum (ARIEL)

<i>Não gosto</i>	<i>de misturar</i>	<i>minha vida pessoal com o profissional</i>	<i>de jeito nenhum</i>
Experienciador + Processo mental (em sua forma negativa)	Material	Meta	Circunstância de modo

Considerando também os posicionamentos de Ariel, ela afirma que a mudança em sua vida profissional foi factível. Ela não esboçou ter feito alguma autoavaliação sobre se prejudicaria sua relação com outras colegas de trabalho. A mudança ocorreu no seu comportamento e atitudes com o público que atendia. Ariel não fazia mais questão de esconder ou omitir sua identidade de gênero; porém, estabelecia limites

quanto a qual nível de privacidade sua vida particular estaria. Esse esforço é diário, não sendo apenas um recorte de sua vida. Ou seja, enquanto Ariel atuar como intérprete e desejar sua privacidade, ela terá de tomar decisões de como agir a cada momento e situação vivenciada por ela (FERREIRA, 2007).

“- Olha, mudou na maneira de me portar mesmo. Porque antes eu brincava mais, eu sou bem mais séria. Porque eu não quero interrogatório da minha vida pessoal. O fato de ser lésbica gera muito questionamento sabe? Eu quero ser avaliada como profissional e não por ser lésbica sabe? Os surdos sentiram bastante isso sabe, a minha mudança, a minha postura. Porque antes de eu ser lésbica, ninguém me perguntava detalhes com meus namorados sabe... quando me assumi, muitas perguntavam, se sentiam no direito, mesmo se antes não acontecia isso sabe... nunca dei essa liberdade... Esse limite eu não curti. É fetiche, é curiosidade, depende do surdo ou surda. Eu entendo que tem surdo que não tem com quem perguntar isso sabe, eu entendo, mas até surdos que nunca dei abertura sabe, nunca tinha falado nada comigo, do nada começaram a perguntar coisas íntimas minhas sabe...nem com minhas amigas lésbicas eu comento isso sabe?” (KIM)

Através de muitas afirmativas, também no caso de Kim, ela demonstra o que teve de mudar profissionalmente diante de sua nova realidade no contexto profissional em frases como *“Porque antes eu brincava mais, eu sou bem mais séria”*, onde ela cita o processo material dela anterior - “brincar mais” – e que a mesma teve de mudar para conseguir o “respeito” e a menor invasão de privacidade no âmbito de seu trabalho. Ela utiliza do processo mental querer, em *“(...) eu não quero interrogatório da minha vida pessoal (...)* e também em *Eu quero ser avaliada como profissional e não por ser lésbica sabe?”* para enfatizar e justificar sua postura e o desejo de reconhecimento profissional e não de sua vida privada. Ela ainda relata:

(35)(...) “muitas perguntavam, se sentiam no direito” (KIM)

(...) muitas	perguntavam,	se sentiam	no direito
Dizentes	Processo verbal	Processo mental	Fenômeno

Irigarai e Freitas (2013) dissertam sobre como as questões de identidade de gênero, apesar de serem um dos múltiplos traços da personalidade de alguém, se faz fundamental quando se é percebido por outras pessoas. Para os sujeitos desta pesquisa, usando uma língua espaço-visual, eles se encontram sob o olhar e curiosidade não apenas dos surdos, mas também dos ouvintes que estão em seu contexto de atuação.

Apesar da cristalizada resistência à diversidade de identidade de gênero no contexto do trabalho (Siqueira & Zauli-Fellows, 2005), cada sujeito pode criar estratégias de sobrevivência num ambiente hostil e hegemônico. Irigarai e Freitas (2013) traçaram algumas táticas utilizadas por homens gays de como se portar como trabalhadores em ambientes organizacionais, que se consegue perceber nas falas de Kim. Ela atua como ‘pacificadora’, evitando qualquer tipo de conflito, trabalhando em equipes; como ‘gente boa’, sendo simpática porém desviando a atenção sobre sua identidade de gênero e vida pessoal; por fim, como ‘super mulher’²⁷, procurando se destacar pela eficiência, dedicação total ao trabalho e evitando discussões sobre sua vida pessoal. Apesar de assumir que sua identidade de gênero pode gerar estigmatização e curiosidade, Kim e Ariel, neste caso específico, se sentem confortáveis em fazerem seu trabalho, continuando a trabalhar em equipe (apesar de alguns entraves citados do item 4.2).

No caso de Ariel, ela percebe que o preconceito vem por suas opiniões e por ser muito articulada e política na comunidade. Ela explica:

Comigo eu não consigo perceber preconceito por eu ser lésbica, mas por minhas opiniões feministas e de esquerda no geral. Talvez por eu ser uma surda muito articulada e política é que os outros não tenham coragem de me falar ou

²⁷ Irigarai e Freitas (2013) utilizam ‘super homem’: adaptei para o contexto da minha participante.

*perguntar as coisas. Eu realmente não sei
(ARIEL)*

Notei traços de Afeto quando Ariel usa o processo mental ‘perceber’ para afirmar que não sente preconceito por ela ser lésbica. Há também a presença de Julgamento de Capacidade, já que ela usa adjetivos como ‘articulada e política’ e atribui a isso o fato de não ser tão questionada por ser lésbica. Ela usa o advérbio de dúvida ‘talvez’, sinalizando que não sabe ao certo o porquê disso não acontecer com ela. Corroborando com isso, ela finaliza dizendo que ‘realmente não sabe’ (processo mental), usando o advérbio de modo ‘realmente’, para afirmar sua incerteza.

Na fala de Ariel, observei, portanto, que ela inicialmente nega que haja preconceito por ela ser lésbica, mas utiliza a conjunção, ‘mas’ para adentrar o que ela percebe de preconceito da parte da comunidade surda, incluindo pessoas surdas e ouvintes. Ela usa o processo mental ‘perceber’ para detalhar que ‘suas opiniões feministas e de esquerda’ são o alvo deste processo.

*(36) Talvez por eu ser uma surda muito articulada e política (...)
(ARIEL)*

<i>Talvez</i>	<i>por eu ser</i>	<i>uma surda muito articulada e política (...)</i>
Advérbio de dúvida	Portador (eu) Processo relacional	Atributo

(37) é que os outros não tenham coragem de me falar ou perguntar as coisas. (ARIEL)

<i>(...) é que</i>	<i>os outros</i>	<i>não tenham coragem</i>	<i>de me falar ou perguntar</i>	<i>as coisas</i>
Explicitação do fato	Dizentes (de falar ou perguntar) + Portador (do Atributo coragem)	Negativa – nominalização (coragem) Atributo	Processo verbal Receptor (‘me’ – eu)	Verbiagem

<i>(...) é que os outros</i>	<i>não tenham</i>	<i>Coragem de me falar ou perguntar as coisas</i>
Portador	Processo relacional (em forma negativa)	Atributo

Kim também se expressa sobre o fato de se necessitar aprofundar mais as discussões sobre a temática. Ela continua:

“É uma nova realidade né, naturalizar a coisa, tem de se falar... o tempo e falar sobre é muito interessante e importante, principalmente essa questão sexual numa comunidade que é pequena (comparada com os ouvintes) de naturalizar as relações sabe?” (KIM)

Percebi traços de Julgamento de Estima social (Normalidade), já que o desejo dela é que ‘naturalizasse’ (processo material) a coisa, necessário debate (‘tem de se falar’ – processo verbal). Percebi Apreciação no quesito Complexidade, quando Kim utiliza ‘interessante e importante’ quando fala sobre o assunto.

Kim fala de ‘naturalizar’ (processo material duas vezes, reafirmando a necessidade do diálogo. No começo de sua fala ela usa ‘a coisa’ para não utilizar a ‘questão sexual’, o que acabou fazendo em sua segunda sentença. Ela também explicita o porquê acha a comunidade surda pequena (se ‘comparada com os ouvintes’), ou seja, ela acha uma métrica plausível para explicar o porquê chama a comunidade surda de ‘pequena’. No fim deste excerto, ela usa ‘naturalizar’ com ‘relações’, novamente deixando implícito que o que ela fala é sobre ser gay e lésbica neste contexto. Por fim, ela também usa o artifício de encerrar a frase com o ‘sabe’, numa pergunta, novamente no sentido de se certificar de que está se fazendo compreender.

(38)(...) naturalizar a coisa, tem de se falar (KIM)

<i>(...)naturalizar</i>	<i>a coisa</i>	<i>tem de se falar</i>
Processo material	Meta	Processo verbal (aqui colocado como ação desejada, atrelado a naturalizar)

(39)(...) principalmente essa questão sexual, numa comunidade que é pequena (...) (KIM)

<i>(...)principalmente</i>	<i>essa questão sexual</i>	<i>numa comunidade</i>	<i>que é pequena</i>
Advérbio de modo	Verbiagem (se referindo ao processo verbal 'falar')	Receptor (no caso plural)	Adjektivização

Por fim, as entrevistas deixam claro que ainda hoje vivemos o gênero e as identidades por meio da cultura e, as identidades alternativas e os novos discursos sobre ela geram estranhamento. Louro (2014) explica que hoje são múltiplas as formas de viver e isso é desestabilizador para quem não deseja debater ou discutir sobre. Há uma disposição para o questionamento “e para a inquietude” (LOURO, 2018, p. 56), ou seja, qualquer sujeito ou prática que se apresente como anormal, desnatural, gera um estranhamento. Em relação a sexualidade, esse estranhamento instiga a se repensar aspectos como pensamento e cultura. Louro (2018) continua:

A sexualidade não se constitui num campo externo a outros modos de diferença, como as de raça, etnicidade, nacionalidade, religião ou classe. Se compreendermos a normalização (no seu sentido mais amplo) como o lugar da violência social, admitiremos que todos esses campos (e ainda outros) podem se valer produtivamente das perturbações e da subversão queer. Sabemos que é impossível identificar quem enuncia uma norma: a norma acontece, ela se espalha por toda parte e

costuma penetrar em todos. É da natureza da norma essa espécie de invisibilidade e de ubiquidade, uma generalização e uma propagação intensa, anônima e insidiosa. Uma disposição antinormalizadora nos incitará a tentar perceber por onde o processo de normalização passa, por onde se infiltra e como se infiltra. Isso pode significar desnaturalizar e então desconstruir tal processo (LOURO, 2018, p. 56)

Sobre isso, Ariel também corrobora com Kim no que tange a falta de informação sobre a diversidade, fato esse também acenado por Louro (2018):

Não sei se é falta de informação, se é falta de experiência em conviver com a diversidade... (ARIEL)

Percebi traços de Julgamento de Estima Social, quando ela opta por julgar a falta de argumentação sobre as diferenças de gênero como ‘falta de informação’ ou falta de experiência em ‘conviver com a diversidade. Porém, Ariel inicia a frase com a negativa ‘não sei’, demonstrando que cita os fatores nos quais acha provável, porém, não consegue citar com certeza o que faz com que algumas pessoas da comunidade surda sintam preconceito pelas diferenças de gênero e identidade.

(40) Não sei se é falta de informação,... (ARIEL)

<i>Não sei se</i>	<i>É</i>	<i>falta de informação</i>
Circunstância de modo	processo relacional	Atributo

<i>Não sei</i>	<i>Se é falta de informação</i>
Processo mental	Fenômeno

(41)(...) se é falta de experiência em conviver com a diversidade... (ARIEL)

<i>(...)se é falta de experiência</i>	<i>em conviver</i>	<i>com a diversidade</i>
processo relacional	processo material	Circunstância de modo
Atributo		

A heteronormatividade ainda impera atualmente “como um padrão que estende suas implicações desde o cotidiano da vida dos sujeitos até os estudos e concepções sobre normalidade e anomalias nesse cenário (TONELI, 2007, p.424). Para Butler (1990), a matriz heterossexual, como regime epistemológico confronta a conceituação de desejo e a constituição de gêneros estáveis.

Kim acredita que é necessária “*naturalizar a coisa*” quanto às práticas do cotidiano para se começar a reconstrução de relações de gênero, eliminando o preconceito e as desigualdades. Fairclough (2001) explica que o discurso pode naturalizar na forma de consenso relações sociais, incluindo relações de poder. O autor disserta sobre a hegemonia na pós-modernidade (inclusive de ideias, linguagem e de discurso), ressaltando a necessidade de se desestabilizar ideias cristalizadas, possibilitando mudanças nas relações sociais. Segue uma citação de Fairclough:

Ver o uso da linguagem como prática social implica, em primeiro lugar, que esse uso é um modo de ação (AUSTIN, 1962. Levinson, 1983) e, em segundo lugar, que ele é sempre um modo de ação socialmente e historicamente situado, numa relação dialética com outras facetas do “social” (seu “contexto social”) – ele é formado socialmente, mas também forma socialmente, ou é constitutivo. É vital que a análise crítica do discurso explore a tensão entre esses dois lados do uso da linguagem, o que é formado socialmente e o que constitui socialmente, ao invés de optar unilateralmente por uma posição estruturalista (como, por exemplo, fez PECHÉAUX [1982]) ou “de ação” como, por exemplo, a pragmática tende

a fazer). O uso da linguagem é sempre simultaneamente constitutivo de (i) identidades sociais, (ii) relações sociais e (iii) sistemas de conhecimento e crença – embora com graus diferentes de proeminência em casos diferentes. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 33).

Ou seja, Fairclough (2001) afirma que há uma tensão no uso da linguagem e como esta é constituída socialmente. Esse uso pode constituir identidades, relações e aquisição de conhecimento. Heberle (2010, p. 106), com o uso da linguagem pode-se participar ativamente na “construção de significados e é pelo discurso que podemos resistir e subverter esses significados”.

Sobre isso, Ariel também explica o que, em sua opinião, implica que as relações das pessoas com este tipo de assunto permaneçam a mesma, sem nenhuma mudança constitutiva no pensamento e impressões. Ela explica:

Não há diálogo sobre esse tipo de assunto dentro das famílias de surdos. Não sabem conversar com surdos jovens, por exemplo. É papel também da família fazer essa ponte, manter o diálogo. Até porque hoje temos as redes sociais cheias de informações inúteis sobre o que é ser gay, o que é ser lésbica, feminismo, papel da mulher na sociedade... O próprio uso das palavras, como Feminismo, entender o que ele significa, como a gente pode propagar ideias (erradas ou não) pelo simples compartilhar de dados... muitos surdos não entendem e só compartilham sem entender o significado real daquilo. (ARIEL)

Neste trecho, percebi nas falas de Ariel traços de Julgamento de Estima Social no que tange à Normalidade (“é papel também da família fazer essa ponte, manter o diálogo”), Capacidade (“não sabem conversar com surdos jovens”) já que Ariel afirma o quão estranho e necessário é esse tipo de temática ser discutida junto às famílias (o que inclui as famílias de surdos). Ela inicia este excerto com a negativa de que dentro das famílias de surdos ‘não há diálogo’ (processo existencial ‘haver’ no sentido de acontecer). Ariel também esclarece que, em sua opinião, a família também deve ‘fazer essa ponte’ usando essa metáfora para explicar que o diálogo precisa ser necessário e uma ‘via de mão dupla’

– onde os surdos também precisam se expressar e aprender sobre o assunto. Ele utiliza o verbo ‘manter’ (processo material) indicando que é um processo contínuo e que necessita regularidade.

Ao falar de redes sociais, ela exemplifica o tipo de informações nas quais se tem acesso (nem sempre contributivas), o que ela chama de ‘inúteis’, sobre o ‘ser gay’, ‘ser lésbica, feminismo, papel da mulher na sociedade’. Ela também ressalta como o uso das palavras pode gerar interpretações dúbias, como por exemplo o uso da palavra Feminismo. Ariel esclarece que é importante ‘entender’ (processo mental) o que ela significa (processo mental), para depois conseguir compartilhar (processo material) o que ela significa. Por fim ela também ressalta a falta de conhecimento como um fator primordial para que os surdos continuem compartilhando (processo material) em redes sociais informações nas quais não entendem (processo mental).

(42)O próprio uso das palavras, como Feminismo, entender o que ele significa, (ARIEL)

<i>O próprio uso das palavras como feminismo</i>	<i>Entender</i>	<i>o que ele Significa</i>
Não há processo aqui	Processo mental	Fenômeno

(43)como a gente pode propagar ideias (erradas ou não) pelo simples compartilhar de dados... (ARIEL)

<i>como a gente</i>	<i>a</i>	<i>pode propagar</i>	<i>ideias (erradas ou não)</i>	<i>pelo simples compartilhar</i>	<i>de dados</i>
Advérbio de modo – Ator	–	Proces-so material	Meta	Processo material	Meta
				Circunstância de modo	

(44)muitos surdos não entendem e só compartilham sem entender o significado real daquilo. (ARIEL)

<i>muitos surdos</i>	<i>não entende m</i>	<i>E</i>	<i>só compartilha m</i>	<i>sem entende r</i>	<i>o significad o daquilo</i>
Experenciad	Processo	Conjunçã	Processo	Processo	Meta

or e ator (no caso, em plural)	mental (em forma negativa)	o aditiva	material, juntamente como advérbio de exclusão	mental (em forma negativa)	
--------------------------------	----------------------------	-----------	--	----------------------------	--

Pude notar em ambos os trechos, que os conceitos de sexualidade e gênero permanecem confusos nestes casos. Nessa conjuntura, essas categorias emergem em uma relação íntima, já que, como gênero é uma construção sociocultural e precisa estar em negociação constantemente, são as práticas discursivas que permitem que processos como identificação e subjetivação aconteçam.

Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos” (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 16-17)

Neste sentido, essas categorias que exprimem o ‘desejo, com gosto de viver’ de determinado grupo social não podem ser pensados em contexto social, cultural e econômicos diferentes dos quais estão inseridos. Esses ‘valores que não são’ os comuns acabam se revelando por meio de diversos meios: na mídia, nas narrativas, na literatura e em outros variados tipos de discurso. Ou seja, todos estes, na maioria das vezes, perpassam pela língua e, para tanto, necessitam de acessibilidade no caso de pessoas surdas. A compreensão de conceitos subjacentes a gênero, como por exemplo, estética, desempenho físico, saúde, também são construídos socialmente e, por necessitarem de uma língua para se materializarem, nem sempre conseguem se revelar de maneira clara.

Chauí (1985) e Foucault (1988) explicam que essas regras acabam por direcionar o que se deve fazer (ou não) acerca de sentimentos ou comportamentos que diferem da heteronormalidade e, para tanto, estes que não encontram no campo ‘normativo’, se tornam repressivos. Desse modo, a avaliação que se têm sobre ser gay ou lésbica é a de que ela explicita desacolhimento, anormalidade e, portanto, imposição de uma desvantagem social (TOMASINI, 1998; MAIA, 2006). Assim, as concepções de diferença também são socioculturais e são marcas socialmente depreciativas. Ariel disserta sobre esse aspecto, ao afirmar que:

Eu tentei falar isso com ela até porque – pra que eu preciso me assumir pra essa sociedade? A gente precisa assumir que é ser humano pra alguém? Por que eu preciso me assumir pra alguém? Um casal hétero precisa se assumir pra alguém? Por que eu tenho que fazer isso? (ARIEL)

Neste trecho, percebi traços de Afeto (“pra que eu preciso me assumir...”, “por que eu preciso me assumir pra alguém”), quando Ariel deixa claro que não precisa se assumir (processo mental) para ninguém. Ela faz a comparação com casais heterossexuais, que não precisam se assumir para ninguém. Ela usa o processo mental ‘assumir’ quatro vezes neste excerto, criticando o processo que todas as pessoas que fogem do padrão da heteronormatividade precisam vivenciar. Ela usa uma série de cinco perguntas retóricas para que seu ponto fique claro, de que ela não precisa ‘se assumir’ nem para ela mesma, nem para a sociedade.

(45)Eu tentei falar isso com ela até porque (...) (ARIEL)

<i>Eu</i>	<i>tentei falar</i>	<i>Isso</i>	<i>com ela</i>	<i>até porque (...)</i>
Dizente	Processo verbal	Verbiagem	Receptor	Justificativa – advérbio interrogativo

(46)(...) pra que eu preciso me assumir pra essa sociedade? (ARIEL)

<i>(...) pra que</i>	<i>Eu</i>	<i>Preciso</i>	<i>me assumir pra essa sociedade?</i>

Pronome interrogativo	Experenciador – comportante	Processo mental	Processo mental – comportamento – fenômeno
-----------------------	--------------------------------	-----------------	--

Ariel demonstra a sua insatisfação de ‘precisar se assumir’ diante de uma sociedade que normalmente não precisa fazer o mesmo. Ferreira (2007) em dissertação de Mestrado, pesquisou sobre ser gay no ambiente de trabalho e encontrou diferentes posicionamentos sobre ‘se assumir’ ou não, neste contexto específico. Ferreira (2007), a partir das respostas de seus sujeitos de pesquisa, encontrou que, para a maioria de seus entrevistados, o fato de se assumir no contexto do trabalho deixa sua situação profissional fragilizada e exposta, ao passo que, os que não se assumem gays neste contexto, apesar de não se sentirem expostos, sofrem com o estresse do segredo.

Assim, o manter-se ‘não assumido’ como homossexual também é se mostra danoso, já como esse encobrimento de sua identidade de gênero é prejudicial psicologicamente, dado ao desgaste psíquico de sempre estar atento a aspectos de sua personalidade e comportamento que normalmente pessoas que não são estigmatizadas como homossexuais não estão. Sendo assim, são aspectos culturais e pessoais que se fazem importantes para a melhor compreensão da diversidade de gênero minoritária. Porém, ‘assumir-se’ e encontrar seus pares, dentro de qualquer comunidade (incluindo a comunidade surda) pode facilitar a aceitação e afirmação de sua sexualidade, conforme Silva (1993) disserta:

Na medida que o homossexual consegue efetuar contatos e descobre que existem outras pessoas na sociedade inclusiva semelhantes a ele, também excluídas do grupo majoritário, ele tende a encarar de outra forma a opção, que passa a significar a sua afirmação pessoal como homossexual, prendendo-o cada vez mais a essa categoria. (SILVA, 1993, p. 104).

Essa identidade de gênero, afirmada por Ariel no excerto acima, é também o meio de se conseguir mais visibilidade, mostrando sua

presença nos espaços sociais, constituindo esse espaço como também espaço de luta por direitos e reivindicações na elaboração de outras formas de conhecimento (não somente dos integrantes desta comunidade).

Assim, é possível afirmar que se identificar como gay ou lésbica, conforme trago no contexto desta tese, também carrega consigo as dificuldades que o grupo heterossexual não vivencia. Ser visto como ‘anormal’, ter de conviver com as possíveis limitações de comportamento (a depender de sua escolha), conflitos internos, violência, preconceito, são apenas alguns aspectos negativos ligados ao fator ‘assumir-se’. Viver como homossexual é, na maioria das vezes, também entender que experiências sociais irão impactar seus comportamentos e atitudes (seja para se adequar a um ambiente hostil ou para não ‘assumir’ sua identidade), já que se vive numa sociedade onde as representações de gênero construídas ainda não são completamente respeitadas e aceitas (FUNK, 2008). Sobre isso, é necessária uma postura crítica, o que foi perceptível em todas as falas de falas de Kim, Ariel e Marley, neste estudo analisadas.

CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivencia-se muitos ganhos na área dos Estudos da Tradução, conforme abordado no capítulo 2 dessa tese, justamente pela amplitude que a área representa e de como ela inclui os Estudos da Interpretação e outras línguas nesse contexto. As Línguas de Sinais, nesse âmbito, vêm sendo pesquisadas de maneira aprofundada e, nesse avanço importante, é possível notar novos apontamentos sobre quem realiza esse processo. Assim, corroboro com Nicoloso (2010), ao notar a invisibilidade do tradutor/intérprete de Línguas de Sinais dentro da categoria profissional e a necessidade de melhor estudar tais sujeitos, evidenciando suas posturas e experiências.

Entretanto, no Brasil, pesquisas que relacionem Estudos de Gênero e Estudos da Tradução e Interpretação ainda são escassas, já que somente nos últimos anos é que a investigação sobre identidade desses profissionais (pesquisas não somente sobre o processo tradutório/interpretativo) começam a apontar alguns resultados (NICOLOSO, 2010 e 2015).

É pertinente pensar que pesquisas envolvendo linguagem e gênero no campo dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais não se restringem ao âmbito linguístico, mas também político e interdisciplinar. A presente pesquisa visa não apenas fortalecer as identidades dos Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais (TILS), como também mudar o relacionamento da comunidade surda para com TILS não heteronormativos.

A partir das falas dos entrevistados (Kim, Ariel e Marley), analisadas de acordo com a ACD, LSF e Teoria da Avaliatividade, consegui categorizar o que foi dito em três categorias, a saber – a visão do outro surdo; a visão do outro ouvinte; e, por último, uma visão de si mesmo. A partir desta divisão, auxiliadas pelas linhas teóricas acima citadas, consegui perceber aspectos comuns e destoantes de cada fala, cada uma delas segundo suas vivências e suas respectivas realidades.

No caso de Kim e Marley, ambos ouvintes, estes afirmaram ser ainda perceptível preconceito e estranhamento na relação com alguns colegas de trabalho heterossexuais além da relação com surdos, que também é permeada por esta particularidade. Por outro lado, Ariel, sendo surda, se posicionou diferente, porém, com muitas similaridades no que tange à existência de preconceito.

Estreitando comentários sobre cada sujeito de pesquisa, primeiramente Kim, que é ouvinte, deixa claro que esperava uma melhor

compreensão da comunidade surda, por esta também ser minoria. Ela conta que foi, por muitas vezes estereotipada como ‘intérprete dos gays’; entretanto, sempre deixou evidente seu posicionamento político e sua identidade como lésbica neste contexto. Ela relata que, após se assumir lésbica diante de sua comunidade, percebeu uma mudança no tratamento a ela dado. Além disso, a curiosidade sobre sua vida sexual aumentou e, para Kim, esta também é reflexo da falta de acesso à informação na Língua de Sinais.

Ela explica também como o radicalismo de algumas religiões fazem com que as pessoas surdas das quais tinha contato e também algumas colegas de trabalho geravam preconceito em sua rotina como TILS. Ela contou como vivenciou discriminação em seu contexto de trabalho, ao explicar como a hipersexualização de si mesma ao se assumir como lésbica afetou onde seria alocada como intérprete e até mesmo com quem trabalharia em conjunto. Kim também sentiu represália de algumas pessoas surdas com as quais trabalhava, através de reclamações realizadas à sua chefia e, por estas últimas, não compreendidas.

Kim deixa claro seu posicionamento contrário ao que é comumente entendido como homossexual: atitudes pervertidas, instintos demoníacos sexuais, atraso evolutivo, problemas psíquicos. Ela deixa claro que apoia movimentos teóricos e afirma o quanto novas pesquisas e leituras sobre o assunto podem empoderar novas pessoas a se identificarem publicamente como não-heterossexuais, bem como contemplar pessoas heterossexuais com o discernimento e o respeito com estas novas identidades.

No caso de Marley, que é ouvinte, ele também explicita que houve situações de preconceito sofridas por ele, porém, ele sente dificuldade para especificar alguma delas. Ele contextualiza as questões políticas que defende, citando todo o caminho de luta traçado pela comunidade surda. Ao tocar neste assunto, Marley explica que esta luta não foi individualizada ou segregada; muitos outros grupos sociais, incluindo minorias, também estavam juntos ou dentro da comunidade surda. Assim, ele explicita a importância de se traçar paralelos entre a comunidade surda e outras minorias, já que esta comunidade também é um espaço interseccional e heterogêneo.

No contexto de seu trabalho, Marley conta algumas experiências que vivenciou, incluindo casos de interpretação onde o surdo em questão não aceitou ter sua fala interpretada por mulheres ou por homens gays. Marley deixa claro como machismo e relações de poder estão intrinsecamente relacionados, e como a representação simbólica

do que é ser gay pode contribuir para que este machismo aconteça no contexto do trabalho. Há de se perceber o quão delicado são os modelos identitários, o quão tênue é a linha entre masculinidades e feminilidades. Além disso, como a capacidade interpretativa e a qualidade do trabalho realizado foi conectada com o patriarcal, masculino e heterossexual.

Assim como Kim, Marley também sentiu que a curiosidade sobre sua vida pessoal aumentou depois dessas pessoas saberem de sua identidade. Apesar de não esconder seu marido, ele classifica como ‘desgastante’ tais episódios, bem como relatou sua pressão diária e o medo de ser chantageado por suas colegas. Ele também percebeu o quão conservador são esses ambientes institucionais, relatando que as colegas se guiavam pelo discurso dominante, utilizando o gênero como argumento para representações de dominação.

Ficou claro também que Marley deseja entender e se apossar da realidade de seu trabalho e que ele, assim como Kim, consegue codificar as relações de poder nela inseridas, além de perceber quais as representações de cada papel (masculino e feminino), sendo este último sempre considerado como elemento mais fraco. O discurso dominante, portanto, enfraquece o ‘feminino’, aumenta a desigualdade de gêneros também no contexto da Tradução e Interpretação, onde é possível encontrar machismo e misoginia, assim como em todos os âmbitos da sociedade atual.

Por fim, Ariel, surda, também dissertou sobre os mesmos aspectos já relatados por Kim e Marley. Ela, como surda, relata primeiramente que percebe que, como a comunidade surda também é uma minoria (linguística), aceita melhor o que é ‘diferente’, ou seja, aceita melhor outras minorias como a comunidade não heteronormativa. Ela também, assim como Marley e Kim, consegue conceber a interseccionalidade dentro da comunidade surda. Porém, em outro momento de sua entrevista, ela frisa que surdos heterossexuais podem ser mais preconceituosos do que surdos não heterossexuais, justamente por não compartilharem a mesma cultura e identidade.

Ela cita como feminino e masculino se contrapõem e como qualquer desvio destes é visto como algo reprimido e estigmatizado. Ela relata o preconceito sofrido por sua esposa, através de familiares e deixa em suspense a existência de preconceito com ela mesma. Ela se autoproclama como uma surda ‘política e empoderada’ e, segundo ela mesma, talvez por isso, não tenha recebido tantas represálias de surdos quando a comunidade soube de sua identidade.

Ela conta ainda como é difícil romper com o discurso atual sexista e como é difícil explicitar que as feminilidades e masculinidades

se misturam no campo discursivo dos Estudos de Gênero. Além disso, ela ressalta, assim como Kim e Marley, o quão necessário é problematizar e pesquisar a construção, desconstrução e reconstrução da categoria gênero, já que percebe preconceito (de forma velada) inclusive na família de sua esposa.

Kim, Marley e Ariel explicam que o desejo de saber, a curiosidade da comunidade surda sobre o assunto vem, na maioria das vezes, da falta de conhecimento. Conforme dissertei nesta tese, qualquer comportamento não heterossexual é visto como patologia, como pejorativo e negativo, o que faz emergir temáticas como heterossexualidade compulsória e machismo. As pessoas entrevistadas também relatam o estranhamento de ter suas vidas pessoais invadindo e influenciando negativamente seus contextos de trabalho. Os três relatam que precisaram mudar suas posturas neste âmbito, principalmente no que tange a informações sobre sua vida particular, para não dar margem para indiscrições tanto de surdos quanto de colegas também TILS.

Compreendi que revelar a identidade de gênero no campo do trabalho deixou estes três TILS vulneráveis a sofrer represálias (práticas sociais negativas), como preconceito e abuso verbal e físico. A matriz heterossexual compulsória dita que as performances aceitáveis são apenas as socialmente hegemônicas, estando qualquer desvio destas completamente expostos à represálias. Assim é passível de entendimento a mudança de posicionamento, comportamento e atitude dos três sujeitos, diante de contextualizar suas identidades de gênero como TILS.

Diante do exposto, é possível notar que estratégias de sobrevivência na hostilidade que esse ambiente pode oferecer estão sendo criadas, principalmente pela cristalizada resistência à diversidade. A necessidade de se aprofundar as discussões, de se falar sobre as diferenças de gênero, naturalizando estas relações, se faz imperativa e é clamada por todos os sujeitos aqui entrevistados. Assim, já que hoje vive-se o gênero e as identidades por meio da cultura, as identidades alternativas à normalidade e novos discursos podem gerar estranhamento. Este último não pode ser desestabilizador. São múltiplas as formas de viver e estas precisam ser discutidas e naturalizadas.

Para tanto, o discurso pode exercer esse papel na forma de consenso nas relações sociais, incluindo relações de poder, diante da hegemonia na pós modernidade (o que inclui hegemonia de ideias, linguagem e discurso). Desestabilizar ideias cristalizadas pode possibilitar mudanças nas relações sociais. É perceptível a necessidade de se ampliar o diálogo sobre gênero, já que ainda se nota confusão

quando se debate sobre gênero e sexualidade. Também foi notável entender que toda discussão precisa estar acessível a esta comunidade. O conhecimento na maioria das vezes perpassa pela língua e com a comunidade surda não poderia ser diferente. A necessidade do debate em Libras desta temática também é urgente, o que serve de incentivo para mais socializações de pesquisas como esta.

Numa sociedade onde pessoas heterossexuais não precisam ‘se assumir’, a identidade de gênero precisa receber maior visibilidade. Isso significa que pessoas não heterossexuais precisam continuar garantindo sua presença nos espaços sociais. Estes também são espaços de luta, de reivindicações por direitos e de elaboração de outras formas de conhecimento.

Por fim, posso dizer, portanto, que, apesar dos avanços conquistados na área de gênero, ainda é necessária conscientização para haver mudança social nesse contexto. As pesquisas em Estudos da Tradução, voltadas para a área da tradução/interpretação de Libras, mais especificamente para a área dos Estudos de Gênero podem contribuir para tal mudança.

A partir da investigação e pesquisa realizados durante este doutorado, os dados analisados nesse projeto conseguiram apresentar alguns vislumbres sobre como a temática gênero se relaciona dentro da comunidade surda, porém, o incentivo que se deixa neste texto escrito é que mais sujeitos precisam ser ouvidos, já que, no fim desta pesquisa, não se chega a nenhum padrão notável ou resposta absoluta. Incentivo também pesquisas, já que em meu doutoramento não consegui abarcar outros eixos de opressão também importantes que silenciam pessoas não heteronormativas, como por exemplo, raça e classe. Ressalto o quão importante foi analisar o discurso criticamente e subsidiar os dados com estudos teóricos específicos. Utilizar as escolhas léxico-gramaticais como parte da análise foi de suma importância para compreender o cerne de cada um dos discursos de cada sujeito.

Para concluir, ressalto o peso político de se identificar como gay ou lésbica. No caso de Kim, Ariel e Marley, essa identificação afetou seus comportamentos e atitudes, já que se vive numa sociedade onde as representações de gênero construídas ainda não são completamente respeitadas e aceitas; justamente por isso, não há como impor que a comunidade surda, inserida nesta sociedade intolerante, seja um espaço de perfeição e completa aceitação da diferença.

É pertinente considerar as discussões, as críticas e as reflexões feitas, já que se pode perceber a importância de se valorizar o TILS em suas particularidades de subjetividade e de identidade de gênero.

Através do que foi falado pelos entrevistados, é possível perceber que a identidade é fluida, se construindo e reconstruindo num processo histórico cheio de revezes. Além disso, pude observar que a comunidade surda é um espaço de relações sociais também contraditórias, reflexo da sociedade na qual está inserida. E por fim, que a visão de si mesmo enquanto não heteronormativo também é um fator fundamental na consolidação e valorização do grupo de TILS não heteronormativos, dentro da comunidade surda.

REFERENCIAL TEÓRICO

ABREU, F. S. D. D., SILVA, D. N. H., & ZUCHIWSCHI, J. (2005). *Surdos e homossexuais: a (des) cobertura trajetórias silenciadas. Temas em Psicologia, 23(3), 607-620.*

ABREU, F. S. D. de. *Vozes silenciadas: homossexualidade, sexo e relações afetivas interpessoais em sujeitos surdos.*(2012).

AUBERT, F. H. *As (in) fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor.* Campinas: Unicamp, 1994.

ALBRES, N. *Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula.* Domínios da Imagem, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202 , jun./dez. 2014.

ALBRES, N.A.; DE LACERDA, C.B.F. *Interpretação educacional como campo de pesquisa: estudo bibliométrico de publicações internacionais e suas marcas no campo nacional.* Cadernos de Tradução, v.1, n.31,2013.

_____. *Dignidade acadêmica dos Estudos da Tradução.* Disponível em: <http://interpretaremlibras.blogspot.com.br/2009/03/dignidade-academica-dos-estudos-da.html>. Acesso em agosto de 2015; data da publicação do site: 2009.

_____. *A tradução e interpretação em Língua de Sinais como objeto de estudo: produção acadêmica: 1980 a 2006.* In: 2º Encontro dos profissionais tradutores intérpretes de línguas brasileira de sinais de Mato Grosso do Sul. 2º EPILMS, 2006, Campo Grande. Anais do 2º EPILMS, v. 2. Campo Grande – MS: APILMS, 2006.

ALMEIDA, J. R. P. *Homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Laemmert, 1996.

ALVES, José Eustáquio Diniz. *A linguagem e as representações da masculinidade.* Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004, 387-392.

ANDRADE, M. C. *Globalização e identidade nacional. Recife: Bagaço* (2002).

ANDERSON, O. H. *Doing what comes naturally? – dispelling myths and fallacies about sexuality and people with developmental disabilities.* Illinois/ USA: High Tide Press, 2000.

ARROJO, R. *Oficina de Tradução: A teoria na prática.* São Paulo: Ática, 1998.

AZEREDO, S. "Teorizando sobre gênero e relações raciais." *Estudos feministas* (1994): 203-216.

BAER, R. W. *Is Fred Dead?- a manual on sexuality for men with spinal cord injuries.* Pennsylvania: Dorrance Publishing CO, 2003.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal.* 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *O problema do texto em lingüística, filologia e nas ciências humanas: um experimento em análise filosófica.* In: _____. *Estética da criação verbal.* S. Paulo: Martins Fontes, 1992a.

_____. *Os gêneros do discurso.* In _____. *Estética da criação verbal.* S. Paulo: Martins Fontes, 1992b.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem.* 9.ed. São Paulo: Hucitec-Annablume, 1987; 2002.

BARAZZUTTI, V. *A desconstrução da oposição entre surdos e ouvintes a partir da (des)territorialização do intérprete de língua de sinais.* 117p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2012.

BASSNETT, S. *Estudos de Tradução.* Porto Alegre: UFRGS. [Tradução de Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi. 2005.

BASTOS, M. L. *Diante do sofrimento do outro – narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho*. Calidoscópico, v. 6, n. 2, p. 76-85, 2008.

_____. *Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa*. Calidoscópico, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2006.

BARBONE, S.; RICE, L. *Coming out, being out and acts of virtue*. *Journal of Homosexuality*, v. 27, n.3/4, p. 91-100, dez. 1994.

BECHE, R. C. E. (2005). *A sexualidade do surdo: Retalhos silenciosos na constituição da sua identidade* (Dissertação de mestrado em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil).

BELÉM, L.J.M. *A atuação do intérprete educacional de Língua Brasileira de Sinais no ensino médio*. 139p. Dissertação (mestrado). Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2010.

BISOL, C. A. *Adolescer no contexto da surdez: questões sobre a sexualidade*. (2008).

BRASIL. Lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 02 set. 2010.

BRITZMAN, D. P. *O que é esta coisa chamada amor-identidade homossexual, educação e currículo*. *Educação & Realidade* 21.1 (1996).

BRONSKI, M. *Sexual Liberation versus Identity Politics: whither the Gay Liberation Front*. *The Harvard Gay & Lesbian Review*, v. 2, n. 1, p. 23-26, jan. 1995.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero-Feminismo e Subversão da Identidade-Col. Sujeito & História*, (2015).

BUTLER, J.; AGUIAR, R. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora Record, 2003.

_____. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*.
New York: Routledge, 1990.

Butler J. Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da Identidade -
Col. Sujeito & História, 8ª Ed. 2015.

BUZAR, F. J. R. *Interseccionalidade entre raça e surdez: a situação de surdos (as) negros (as) em São Luís-MA*. 2012. 155 f., il. Diss.
Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CABRAL, S. S. A mídia e o presidente: um julgamento com base na teoria da valoração. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

CALDAS-COULTHARD, C. R. *Linguagem e Estudos de Gênero*. In:
FORTKAMP, M. B.M.; TOMITCH, L. M. B. (Org) *Aspectos da Linguística Aplicada: Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000.

_____. *Reporting speech in narrative written texts*, in R. M. Coulthard (ed) *Discussing Discourse, Discourse Analysis Monographs*, 14, English Language Research, University of Birmingham, 149-167. 1987.

_____. *Caro colega: exclusão linguística e invisibilidade*. *Discurso & Sociedad* 1.2 (2007): 230-246.

CARVALHO, M. *A leitura dos futuros professores: por uma pedagogia da leitura no ensino superior*. *Revista Teias* 3.5 (2007): 19-pgs.

CASTAÑEDA, Marina. *La nueva homosexualidad*. Paidós Iberica Ediciones SA, 2006.

CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. *Perspectivas antropológicas da mulher*, 1985, 4: 23-62.

CHESTERMAN, A. *Paradigm Problems?* in Christina Schäffner (ed.) *Translation Research and Interpreting Research: Traditions, Gaps and Synergies*. Clevedon, Buffalo and Toronto: Multilingual Matters, 2004 52-56

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse Analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

Chouliaraki, L., & Fairclough, N. (2010). Critical discourse analysis in organizational studies: Towards an integrationist methodology. *Journal of management studies*, 47(6), 1213-1218.

CIAMPA, A. *A história de Severino e a história de Severina*. Petrópolis, Vozes, 1986.

CONSTANCIO, R. F. J. *O intérprete de Libras no ensino superior: sua atuação como mediador entre língua portuguesa e a língua de sinais*. 106 p. Dissertação (Mestrado). Centro Universitário Moura Lacerda, Programa de Pós-Graduação em Educação, Ribeirão Preto – SP, 2010.

CORACINI, M.J R. F. *O sujeito tradutor entre a “sua” língua e a língua do outro*. Em: Cadernos de Tradução. Florianópolis: Pós-Graduação em estudos da Tradução. 2005a, pp. 09-24.

____ (2005b) *Discurso sobre tradução: aspectos da configuração identitária do tradutor*. TradTerm. São Paulo: Humanitas, vol.11, pp. 29-51.

COSTA, P. R. *Surda mulher ser eu”: A construção das identidades do sujeito feminino*. Diss. Dissertação de mestrado em Educação, Centro Universitário La Salle, Canoas, RS, Brasil, 2011.

COSTA, L. M. *O tenso do intérprete de Libras no contexto do bilinguismo e o pretexto da inclusão*. 109 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem, Recife, PE, 2008.

COSTA, V. H. C. (2010). *Construções de representações sociais entre homens em anúncios pessoais eletrônicos* (Doctoral dissertation, Universidade Federal de Santa Maria).

COUWENHOVEN, T. *Teaching children with Down Syndrome about their bodies, boundaries and sexuality- a guide for parents and professionals*. Bethesda/USA, Woodbine House, 2007.

CRENSHAW, K. (2002). *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Estudos feministas, 10(1), 171.

DANIEL, M., and BAUDRY, A. *Os homossexuais*. Rio de Janeiro: Artenova (1977).

DANIELS, S; M. *Critical issues in sexuality and disability*. In: BULLARD, David G.; KNIGHT, Susane. (Orgs.). *Sexuality & physical disability: personal perspectives*. Missouri/ USA: Mosby Company, 1981, p.5-17.

DROGA, L. & HUMPHREY, S. *Getting started with functional Grammar*. Sydney: Target Texts, 2002

DRUMONT, Mary Pimentel. *Elementos para uma análise do machismo. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, 1980.

EGGINS, S. *An introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Pinter Publishers. 1994.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coord. trad., revisão e pref. à ed. bras. de Izabel Magalhães. Brasília: UNB, 2008.

_____. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London and New York: Routledge, 2003.

_____. *Language and power*. London/New York: Longman. (1989).

_____. *Analysing discursive variation*. In: YOUNG, L.; HARRISON, C. (Eds). *Systemic Functional Linguistics and Critical Discourse Analysis. Studies in social change*. London; New York: Continuum, 2004. p. 15-52.

_____. *Intertextuality in Critical Discourse Analysis*. Em *Linguistics and Education*, 1992a, 4, pp. 269-293.

_____. *Discourse and social change*. Oxford and Cambridge: Polity Press and Blackwell, 1992b.

_____. *Media Discourse*, Edward Arnold. Londres, 1995.

_____. *A Análise Crítica do Discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades*. In: MAGALHÃES, Célia. (Org.). Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p. 31-82.

_____. A dialética do discurso. *Revista Teias*, 2010, 11.22: 10 pgs.

_____. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. *Linha d'Água*, 2012, 25.2: 307-329.

FERRARI, A. *Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo*. Revista Brasileira de Educação, n. 25, 2004, p. 105-115.

FERREIRA, R. C. *O gay no ambiente de trabalho: uma análise dos efeitos em ser gay nas organizações contemporâneas*. (2007).

FERREIRA, Carlos. Imprensa homossexual: surge o Lampião da Esquina. *Revista Alteior*, v. 01, p. 1-13, 2012.

FIGUEIREDO, O. *As noções de adequação, coerência e coesão e seus modos de operacionalização*. Terminologia Linguística: das teorias às práticas. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2006): 71-76.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 2015. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e JA Guilhon Albuquerque*. Rio de Janeiro: Edições Graal (1988).

FRANCO, N. *A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero*. 2009. 239p. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Franzoi, S. L. (1995). The body-as-object versus the body-as-process: Gender differences and gender considerations. *Sex Roles*, 33(5-6), 417-437.

FRASER, J. *Translation Research and Interpreting Research: Pure, Applied, Action or Pedagogic?*, in Christina Schäffner (ed.) *Translation Research and Interpreting Research: Traditions, Gaps and Synergies*. Clevedon, Buffalo and Toronto: Multilingual Matters, 2004, 57-61.

FREITAS, M. T. de A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de pesquisa* 116 (2002): 21-39.

FUNCK, S. *Discurso e identidade de gênero*. Desvendando discursos: conceitos básicos. Florianópolis: EDUFSC (2008): 183-195.

FURLANI, J. *Mitos e tabus da sexualidade humana*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

Furtado, R. S. S. (2012). *Narrativas identitárias e educação: os surdos negros na contemporaneidade*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

GAINES, S. O., and REED E. S. *Prejudice: From Allport to DuBois*. *American Psychologist* 50.2 (1995): 96.

GIAMI, A. *O anjo e a fera: sexualidade, deficiência mental, instituição*. Tradução Lydia Macedo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

GIAVONI, A. (2000). *A interação entre os esquemas masculino e feminino do autoconceito: Modelo interativo* (Doctoral dissertation, Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Brasília).

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

_____. *Central Problems in Social Theory: Action, Structure and Contradiction in Social Analysis*, Londres, The MacMillan Press, 1979.

_____; PIERSON, C. *Conversations with Anthony Giddens. Making sense of modernity*. Stanford: Stanford University Press, 1998

GIDDENS, A. *Central problems in sociological theory*. Berkeley: University of California Press, 1979.

GILE, D. *Opening up in interpretation studies. Translation studies: An interdiscipline*. In: SNELL-HORNBY, Mary, PÖCHHACKER, Franz & KAINDL, Klaus (eds.), p. 149-58, 1994.

_____. *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. *Translation Research versus Interpreting Research: Kinship, Differences and Prospects of Partnership*, in Christina Schäffner (ed.) *Translation Research and Interpreting Research: Traditions, Gaps and Synergies*. Clevedon, Buffalo and Toronto: Multilingual Matters, 2004, 10-34.

GOUVEIA, C. A. M. *Texto e gramática: uma introdução à Linguística SistêmicoFuncional*. Matraga, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009. Disponível em:
<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga24/arqs/matraga24a01.pdf>.
 Acesso em: 14 mar. 2017

GLAT, R. *A sexualidade da pessoa com deficiência mental*. *Revista Brasileira de Educação Especial* 1.1 (1992): 65-74.

GROCE, N. (2004). *HIV/AIDS and disability: capturing hidden voices*. The World Bank/ AIDS and disability. Global survey on HIV/AIDS and disability. Global Health Division, Yale School of Public Health, New Haven, USA, 31 p. Retrieved in April 23, 2007, from
<http://siteresources.worldbank.org/DISABILITY/Resources/HealthandWellness/HIVAIDS.pdf>

GUATTARI, F. "ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. (1996).

GUERINI, A. *Introdução aos Estudos da Tradução*. Florianópolis: EDUFSC, 2007.

GUERINI, A.; COSTA, W. C. *Material Didático: Introdução aos Estudos da Tradução*. Curso de Bacharelado em Letras Libras - UFSC. Florianópolis, EDUFSC, 2008.

GURGEL, T.M.A. *Práticas e formação de tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais no ensino superior*. 167p. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação, Piracicaba, SP, 2010.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997

HALBERSTAM, Judith; HALBERSTAM, Jack. *Female masculinity*. duke university Press, 1998.

HALL, S. (2004). *Quem precisa da identidade?* In T. T. da Silva (Ed.), *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (3. ed., pp. 103-133). Petrópolis, RJ: Vozes.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & realidade*, 1997, 22.2.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN. C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. London: Arnold. 2004

Halliday, M. A. K., & Hassan, R. (1989). *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford, England: Oxford University Press.

HALLIDAY, M. A. K. *El lenguaje como semiótica social: la interpretación social del lenguaje y del significado*. Mexico: FCE, 1982.

HALLIDAY, M.A.K *Language as social semiotic*. London: Edward Arnold.1978.

_____. *Learning how to mean: explorations in the development of language*. London: Edward Arnold. 1976.

_____. *Retórica e política: a questão da responsabilidade*. In: MATOS, H. (Org.). *Mídia, eleições e democracia*. São Paulo: Scritta, 1994. p.91-109.

_____ and HASAN, R. *Cohesin in English*. London: Longman. 1976.

_____ and HASAN, R. (1985). *An introduction to functional grammar*. London: Arnold.

HARAWAY, D. *Gênero para um dicionário marxista*. *Cadernos pagu*, 2004, 22, 201-246.

HASAN, R. *Ways of saying: ways of meaning*. London: Cassell, 1996. p. 191-242.

HALPERIN, D. M. *L'identité gay après Foucault*. In: ERIBON, D. (Dir.). *Les études gay e lesbiennes*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1998. p. 117-123.

HEBERLE, V. M. *An investigation of textual and contextual parameters in editorials of women's magazines*. Tese (Doutorado em Letras/Inglês). 1997. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

HEBERLE, V. M.; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, D. C. (Org). *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: EDUFSC, 2006.

_____. *Análise Crítica do Discurso e Estudos de Gênero (gender): Subsídios para a Leitura e Interpretação de Textos*. In: FORTKAMP, M. B.M.; TOMITCH, L. M. B. (Org) *Aspectos da Linguística Aplicada: Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000.

_____. *Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de ideias?* *Revista Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 4, p. 85-112, 2010.

_____. Apontamentos sobre linguística sistêmico-funcional, contexto de situação e transitividade com exemplos de livros de literatura infantil. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, vol. 34, 82-112, 2018.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e onsubstancialidade das relações sociais. *Tempo social*, 2014, 26.1: 61-73.

HOLMES, James. *The name and nature of translation studies*. Translation Studies Section, Department of General Literary Studies, University of Amsterdam, 1972/1988/2000.

HUMPHREY, J. C. *Organizing sexualities, organized inequalities: lesbian and gay men in public service occupations*. *Gender, Work and Organization*, v. 6, n. 3, p. 134-151, jul1999.

HOROWITZ, Janna L.; NEWCOMB, Michael D. A multidimensional approach to homosexual identity. *Journal of Homosexuality*, 2002, 42.2: 1-19.

IRIGARAY, H. A., and FREITAS M. E. F. *Estratégia de sobrevivência dos gays no ambiente de trabalho*. *Revista Psicologia Política* 13.26 (2013): 75-92.

KADE, O. *Der Dolmetschvorgang und die Notation*. *Fremdsprachen* 7 (1), p. 12-20. 1963.

KATES, Steven M. Twenty million new customers!: Understanding gay men's shopping behavior. 1998.

KAUFMAN, Míriam; SILVERBERG, Cory; ODETTE, Fran. *The ultimate guide to sex and disability – for all of us who live with disabilities, chronic pain e illness*. 2. ed. Califórnia/USA, Cleis Press, 2003

LACERDA, C.B.F. *A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência*. *Cad. Cedes*, v. 26, n. 69, Campinas, p. 163-184, 2006.

_____. *Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: Formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos*. *Cadernos de Educação* (Ufpel), v. 36, p.133-153, 2010.

_____. A atuação do intérprete de Libras nos espaços educacionais: necessidades formativas. In: I Congresso Nacional de Pesquisa em

Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC [não publicado], 2008.

_____. O intérprete educacional de língua de sinais no ensino fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades. In: Ana Cláudia Lodi; Kathryn Pacheco Harrison; Sandra Leite de Campos; Ottmar Teske. (Org). Letramento e Minorias. Led. Porto Alegre: Editora Mediação, v. p. 120-128. 2002.

LACOMBE, Andrea. De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. *cadernos pagu*, 2007, 28: 207-225.

LAURENTIS, T. de. *Technologies of Gender. Essays on Theory, Film and Fiction*, London, Macmillan Press, 1986.

LEFEVERE, A. *Composing the other*. In: BASSNETT, S. & TRIVEDI, H. *Postcolonial Translation: Theory and Practice*. London, New York: Routledge, 1999.

LEMOINE WRIGHT, R. Gender's Impact on the Field of Interpreting, *VIEWS., RID*, p. 24-28, 2007.

LEVINE, K. Interpreting: Does the Gender of the Messenger Really Matter? *VIEWS, RID*, 2007.

LENEHAM, M. Edwin Gentzler: *Contemporary Translation Theories* [Book Review], *The Sign Language Translator and Interpreter*, 2007, 1.2:301-304.

LIMA, E. S. *Discurso e Identidade: um olhar crítico sobre a atuação do(a) intérprete de LIBRAS na educação superior*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília: UNB, 2006.

LIMA, L. O., FACCIN, A., & FUZER, C. *Notícias esportivas declarativas e atributivas: uma análise sob a perspectiva da gramática sistêmico-funcional*. *CADERNOS DO IL*, (44), 203-224, 2012.

LOUREIRO, C. F. B. *Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Educação Ambiental Transformadora*. In: LAYRARGUES, P. P. (coord.) *Identidades da educação ambiental brasileira / Ministério do Meio Ambiente*. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, G. L. *Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a Teoria Queer como políticas de conhecimento*. In: LOPES, Denílson, et al. *Imagem & Diversidade Sexual. Estudos da Homocultura*. São Paulo: Nojosa Edições, 2004, p. 23-28.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Autêntica, 2018.

MAC AN GHAILL, M. *Understanding masculinities: Social relations and cultural arenas*. McGraw-Hill Education (UK), 1996.

MACHADO, Lia Zanotta. *Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea*. Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2001.

MAGALHÃES, I. *Teoria Crítica do Discurso e Texto. Revista Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão: UNISUL, V.4, n. especial, 2004.

MAGALHÃES, M.I. *Discurso, ética e identidades de gênero*. In: I. MAGALHÃES; M. GRIGOLETTO; M.J. CORACINI (orgs.), *Práticas identitárias: Língua e discurso*. São Carlos, SP, Claraluz, p. 71-96.2006.

MAIA, A. C. B. *Sexualidade e deficiência*. São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. (2006).

_____. *Sexualidade e deficiências*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

MAIA, A. C. B., RIBEIRO, P. R. M. R. *Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências*. *Revista brasileira de educação especial* (2010): 159-176.

- MALÁTER, L. S.O. de *Discurso de uma futura professora sobre sua identidade profissional*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada (2008): 445-464.
- MARQUES, Rodrigo Rosso. A experiência de ser surdo: uma descrição fenomenológica. Tese de Doutorado/CED. Florianópolis: UFSC, 2008.
- MARTIN, J. R. *Language, register and genre*. In: CHRISTIE, F. (Org.). *Children writing: a reader*. Geelong, Vic.: Deakin University Press, 1984. p. 21-9.
- MARTIN, J. & WHITE, P.R.R. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- MARTINS, V. R. O. *Educação de Surdos no paradoxo da inclusão com intérprete de língua de sinais: relações de poder e (re) criações do sujeito*. 140p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas-SP, 2008.
- MCQUARRIE, F. A. E. (1998, April). *Expanding the concept of diversity: Discussing sexual orientation in the management classroom*. *Journal of Management Education*, 22(2), 162-173.
doi:10.1177/105256299802200204
- DE MELO, Gislane Ferreira; GIAVONI, Adriana; TRÓCCOLI, Bartholomeu Torres. Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 2004, 20.3: 251-256.
- McCarn, S. R., & Fassinger, R. E. (1996). Revisioning sexual minority identity formation: A new model of lesbian identity and its implications for counseling and research. *The Counseling Psychologist*, 24(3), 508–534.
- MENDÈS-LEITE, Rommel. A game of appearances: the “ambiguous sexuality” in Brazilian Culture of Sexuality. In: MÈNDES-LEITE, Rommel; BUSSCHER, Pierre-Oliver de. *Gay Studies from the French Cultures: voices from France, Belgium, Brazil, Canada and The Netherlands*, New York, 1993, p. 271-282.
- MEURER, JL. "Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough In: JL Meurer; A." (2007). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 81-106.

_____. "Ampliando a noção de contexto na lingüística sistêmico-funcional e na análise crítica do discurso." *Linguagem em (Dis) curso* 4 (2010): 133-158.

Meurer, J. L. (1999). Aspectos do componente sociológico do ensino da linguagem. *Intercâmbio. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. ISSN 2237-759X*, 8.

_____.; MOTTA-ROTH, D. (Eds.). Gêneros textuais e práticas discursivas: Subsídios para o ensino da linguagem. Bauru, SP: EDUSC. 2002.

MEURER, J. L.; DELLAGNELO, A. K. *Análise do Discurso*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina: UFSC, 2008.

METZGER, Melanie. *Os destaques das pesquisas sobre interpretação de língua de sinais no contexto acadêmico da interpretação comunitária*. In: Ronice Müller de Quadros (org.). Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais, Cadernos de Tradução v.2, n.26. p. 13-61, 2010

MICKENS, E. *Including sexual orientation in diversity programs and policies*.

Employment Relations Today, v. 21, n. 3, p. 263-275, 1994.

MOITA LOPES, L. P. "Identidades fragmentadas." *Campinas: Mercado de Letras* (2002).

MOLON, S.I. *Questões metodológicas de pesquisa na abordagem sócio-histórica*. In: *Informática na Educação: teoria e prática*. 2008. Porto Alegre, v.11, n.1, jan./jun. 2008, p. 56-68.

_____. *Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. Psicologia em estudo* 16.4 (2011): 613-622.

MOREIRA, S. Z. (1998). A mulher surda e suas relações de gênero e sexualidade. In C. Skliar (Ed.), *A surdez: Um olhar sobre as diferenças* (pp. 95-103). Porto Alegre, RS: Mediação

MOTTA-ROTH, D. e HEBERLE, V. *O conceito de “estrutura potencial do gênero”*. de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2007, p. 12-28.

MOUKARZEL, M. G. M. *Sexualidade e deficiência: Superando estigmas em busca da emancipação* (Dissertação de mestrado em Educação, Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil). (2003).

MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. 2nd ed. London: Routledge, 2001

NEVES, M. H. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997

NICOLOSO, S. *Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de língua de sinais brasileira*. 200 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciência da Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010.

NICOLOSO, S. *Modalidades de tradução na interpretação simultânea da língua portuguesa para a língua de sinais brasileira: investigando questões de gênero (gender)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2015.

NUNAN, A. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Caravansarai, 2003.

NUSSBAUMER, G. M. "Cultura e identidade gay: a diferença do múltiplo." *Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande/MS, setembro*. 2001

PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria L. *Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990*. Revista Delta, São Paulo, v. 19, p. 1-25, 2003.

PASSOS, G.C.R. *Os intérpretes de língua de sinais: atitudes frente a língua de sinais e às pessoas surdas*. 142 p. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e

Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2010.

PATIL, S., and GOPINATH C. Y. *Exploring the sexual vulnerability of urban deaf Indians*. Project Signpost, Mumbai, India (2000).

PEREIRA, M. C. P. *Produções acadêmicas sobre interpretação de língua de sinais: dissertações e teses como vestígios históricos*. Cadernos de Tradução, v.2, n.26. Florianópolis, UFSC/PGET, 2010.

Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p99/14225>

PERLIN, G. *Histórias de vida surda: Identidades em questão*. Publicado em 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em:

<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=20&idart=153>

PERLIN, G.; MIRANDA, W.O. *Surdos: o narrar e a política*. Ponto de Vista: revista de educação e processos inclusivos, Florianópolis, n. 3/4, p. 217-226, jan./dez. 2001.

RODOLPHO PETRY, A. N. A. L. Í. D. I. A., & ESTERMANN MEYER, D. E. (2011). Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, 10(1).

PIERUCCI, A. F. *As ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.

PINEL, A. *A restauração da Vênus de milo: dos mitos à realidade sexual da pessoa deficiente*. In: RIBEIRO, Marcos. (Org.). *Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999. p.307-325

PINHO, F. A. Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina: uma análise da precisão em linguagens de indexação brasileiras. 2010. 149 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

PÖCHHACKER, Franz. *Introducing Interpreting Studies*, London and New York: Routledge, 2004.

_____. *Broader, Better, Further: Developing Interpreting Studies*, in Anthony Pym and Alexander Perekrestenko (eds) *Translation Research Projects 2*. Tarragona: Intercultural Studies Group, 2009, 41-70.

POPE, Mark et al. *Culturally appropriate career counseling with gay and lesbian clients*. *The Career Development Quarterly*, v. 53, n. 2, p. 158-177, dez. 2004

QUADROS, R. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: SEESP, 2002, 94p.

_____. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. *Ponto de Vista: revista de educação e processos inclusivos* 5 (2003): 81-111.

_____. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. SEESP, 2004.

QUARESMA, S.J.; BONI, V. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80 www.emtese.ufsc.br

RIBEIRO, Jessica Akemi Kawano. A lesbianidade e a surdez. *Revista Periódicus*, 2017, 1.7: 179-191.

RODRIGUES, Carla. Performance, gender, language and otherness: Butler as reader of Derrida. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, 2012, 10: 140-164.

ROSA, A. da S. *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. 179 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas – SP, 2005.

SALIMENE, A. C. de M. *Sexo, caminho para a reabilitação - um estudo sobre a manifestação da sexualidade em homens paraplégicos*. São Paulo: Cortez Ed., 1995

SANTOS, S. A. *Intérpretes de Língua brasileira de sinais: um estudo sobre as identidades*. Florianópolis, SC, 2007, v.188. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis-SC, 2006.

SANTOS, S. A. D. (2007). *Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: um estudo sobre as identidades*.

_____. *Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010*. Florianópolis, SC, 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Tradução, Florianópolis-SC, 2013.

SANTOS, S.F. *Educação Ambiental: recursos imagéticos na produção de significação de um sujeito surdo*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Rio Grande – RS. 2013.

SCHWARTZ, Y. *Trabalho e gestão: níveis, critérios, instâncias*. Labirintos do trabalho: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo (2004): 23-33.

SCHWIER, K. M.; HINGSBURGER, D. *Sexuality-your sons and daughters with intellectual disabilities*. 3. ed. Baltimore, Maryland: Paul H. Brookes Publishing Co., 2007

SCOTT, J. *Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. Educação e Realidade*. 20 (2), p.71-99, 1995.

SELESKOVITCH, D. “*L’interprétation de conférence*.” Babel 8 (1): p. 13-18, 1962

SELLTIZ, C. et al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2a edição. São Paulo: EPU, 1987.

SHLESINGER, M. *Doorstep Inter-Subdisciplinarity and Beyond*, in Christina Schäffner (ed.) *Translation Research and Interpreting*

Research: Traditions, Gaps and Synergies . Clevedon, Buffalo and Toronto: Multilingual Matters, 2004, 116-123.

SILVA, L. *O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.11, n.33, p. 424-561, 2006

SILVA, V. *A Política da diferença: Educadores-Intelectuais Surdos em perspectiva*. 2009. 184 páginas, UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

SILVA, T. T. "A produção social da identidade e da diferença." *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes (2000): 73-102.

SILVA, Cristina Luci Câmara da. Triângulo Rosa: a busca pela cidadania dos "homossexuais". 1993.

SIQUEIRA, M.; ZAULI-FELLOWS, A. *Diversidade e identidade gay nas organizações*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS - ENEO, 4., 2006, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: ANPAD, 2006, CD-ROM.

SOUZA, S.X. *Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras Libras – Florianópolis*. 174p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010.

THOMPSON, G & HUNSTON, S. *Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

TOMASINI, Maria Elisabete Archer. *Expatriação social e a segregação institucional da diferença: reflexões*. In: BIANCJETTI, Lucídio; FREIRE, Ida Mara.(Org.). *Um olhar sobre a diferença – interação, trabalho e cidadania*. (Série Educação Especial). Campinas: Papirus, 1998, p.111-133

TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais. A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TURNER, G. H. *37 Metres in 12 Seconds: Sign language translation and interpreting leave 'terra firma'*. In: Sign Language Translator and Interpreter Volume 1, Issue 1, St. Jerome Publishing, Manchester, UK (ISSN 1750-3981). 2007: págs. 01 – 14

TWENEY, R. D. and H. W. HOEMANN *Translation and Sign Languages, in Richard Brislin (ed.) Translation: Applications and Research*. New York: Gardner Press, 1976, 138-161.

VASCONCELLOS, M. L. & BARTHOLAMEI, L. A. J. *Estudos da Tradução I*. Curso de Bacharelado em Letras/Libras – Florianópolis: UFSC, 2008. ISBN: 978-85-60522-19

VASCONCELOS, M.L. *Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-Graduação: a afiliação ao campo disciplinar "Estudos da Tradução"* In: QUADROS, R.M. (Org.). *Cadernos de Tradução*. Florianópolis: UFSC/PGET, 2010

VASCONCELLOS, Maria Lucia; BARTHOLAMEI, LAJ. *Estudos da Tradução I*. Material didático do curso a distância Letras/Libras. Florianópolis: UFSC, 2008

VERDI, M.; CAPONI, S. Reflexões sobre a Promoção da Saúde numa perspectiva bioética. *Texto & Contexto Enfermagem* Texto & Contexto Enfermagem Texto & Contexto Enfermagem Texto & Contexto Enfermagem Texto & Contexto Enfermagem, Florianópolis, v.14, n.1, p.82-88, jan./mar. 2005.

VIEIRA, M. E. M. *A auto-representação e atuação dos professores-intérpretes de língua de sinais: afinal... professor ou intérprete?* Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2007. WHITE, P.R.R. *Valoração: a linguagem da avaliação da perspectiva*. *Linguagem em discurso*, v.4. n. esp, p.178-205, 2004.

WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes (2000): 7-72.

WURM, J. S. *Translation across modalities: the practice of translating written text into recorded signed language: an ethnographic case study*. Diss. Heriot-Watt University, 2010.

WEEKS, J. *Against Nature; Essays on History, Sexuality, and Identity*. Concord, Ma: Paul and Company. 1991.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 2001, 9.2: 460-482.

WILLIAMS, J & CHESTERMAN, A. *The Map: a beginner's guide to doing research in translation studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

WHITE, P.R.R. Beyond modality and hedging: a dialogic view of the language of intersubjective stance. In: MACKENORARIK, M.; MARTIN, J.R. Negotiating heteroglossia: social perspectives on evaluation. *Text*, v. 23. n. 02, 2003.

WRIGLEY, O. *The politics of deafness*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1996. (texto traduzido para uso e Seminário Avançado).

WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

WOLF, L.; ZARFAS, D. E. *Parent's attitudes toward sterilization on their mentally retarded children*. *American Journal of Mental Deficiency*, v.87, n. 2, p.122-129, 1982

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participação em Pesquisa

Participante: _____

Data de nascimento: _____

Documento de Identificação: _____

Pesquisador responsável: Viviane Heberle

Pesquisador Assistente: Saionara Figueiredo Santos

Título da pesquisa: **NARRATIVAS DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS GAYS E LÉSBICAS**

Data: 14/09/2015

Introdução

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que busca coletar dados sobre os tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais que são gays e lésbicas. A pesquisa tem como objetivo dar voz a essa comunidade, com o intuito de coletar dados como: entrevistas de tradutores e intérpretes de Libras que são gays e lésbicas e suas histórias de vida na comunidade surda..Você está sendo convidado a participar desta pesquisa, por pertencer a este grupo. Esta pesquisa está pautada na Resolução 466/2012 de acordo com o CNS (Conselho Nacional de Saúde).

Por que esta pesquisa está sendo realizada?

O objetivo geral desta investigação é o de investigar as narrativas de tradutores e intérpretes de Libras que são lésbicas e gays. Com isso, nós queremos realizar uma leitura sobre a comunidade surda e o trabalho a partir do ponto de vista das narrativas desses sujeitos. A partir deste objetivo geral, surgem os objetivos específicos, que englobam ouvir e analisar as narrativas (LABOV 1972) de TILS das comunidades lésbica e gay; identificar traços que configuram preconceito e aceitação da comunidade surda heterossexual para com os TILS que não o são; além de teorizar sobre gênero e preconceito na Comunidade surda a partir de dados empíricos.

Quais são os procedimentos do estudo? O que me será solicitado?

Para participar deste estudo, você vai conversar com a pesquisadora sobre a suas vivências no contexto do trabalho e da orientação sexual. A entrevista será gravada em áudio no caso dos sujeitos ouvintes e filmada no caso só sujeitos surdos usuários da Libras. Esta filmagem será transcrita pela pesquisadora assistente e, posteriormente analisada.

Se você autorizar a sua participação neste estudo, você não precisa se preocupar com cessão de imagem. Seu nome e sua identidade será mantida em sigilo, sendo usado um codinome para lhe denominar.

Quais os riscos ou inconveniências de minha participação neste projeto?

Como toda ação humana, toda pesquisa tem riscos, mas a sua participação neste projeto não apresenta nenhum risco de vida nem de saúde física. Esperamos que você goste de contar as suas memórias. Você não precisa falar sobre nada que não queira.

Talvez você sentir cansaço ou aborrecimento durante a conversa, desconforto ou constrangimento; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias. No momento que você sentir qualquer tipo de desconforto ou constrangimento, podemos parar a entrevista.

Quais os benefícios do estudo?

Este estudo não deverá beneficiar você diretamente (além do prazer de compartilhar as suas memórias), mas a sua participação certamente

contribuirá para a melhoria da vida das pessoas surdas no Brasil, além da comunidade gay e lésbica, por dois motivos: em primeiro lugar, o estudo da sua narrativa vai nos ajudar a compreender o que os profissionais lésbicas e gays da área da Tradução e Intepretação da Libras têm a dizer, promovendo a tolerância entre minorias (comunidade surda e comunidades lésbica e gay); em segundo lugar, o estudo de sua produção vai contribuir para fortalecer a comunidade gay e lésbica na profissão de Tradutor e Intérprete de Libras e no Brasil.

Você receberá algum pagamento para a sua participação? Há custos para participar da pesquisa?

Você não receberá nenhum pagamento, mas também não terá nenhum custo.

Como as minhas informações pessoais estarão resguardadas?

Poderemos dar-lhe um pseudônimo substituindo o seu nome e informações pessoais.

Outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros poderão ter acesso ao material de sua entrevista para desenvolver suas próprias pesquisas, após serem avaliadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH). Sendo assim, eles também terão que submeter seus projetos para a avaliação do CEPSH. Paralelamente a isso, eles também preencherão um cadastro prévio no qual, além de detalharem seus vínculos institucionais, deverão encaminhar um termo de responsabilidade dando ciência aos critérios que devem ser observados para a utilização dos dados.

A pesquisadora pode utilizar os seus dados poderão fazer apresentações e publicações com os resultados do estudo, mas sem apresentar as suas informações pessoais.

Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme item IV 3 (f) da Resolução 466/2012.

Eu posso interromper a minha participação na pesquisa e quais os meus direitos?

Caso ocorra alguma situação que lhe causou um constrangimento pessoal por causa de ter feito a entrevista, você poderá solicitar por email aos

coordenadores do projeto – ver dados abaixo indicados – que não incluem esse dado no corpus e, com a solicitação documentada no email, nós garantiremos que esse dado seja apagado do banco de dados.

A quem eu recorro para obter informações sobre dúvidas que eu possa ter sobre o estudo?

Você pode entrar em contato conosco a qualquer momento. Estaremos disponíveis para responder a qualquer dúvida que possa surgir sobre este estudo. Se você tiver mais perguntas sobre o projeto ou se você tiver algum problema relacionado com a pesquisa, você pode entrar em contato com o pesquisador principal do estudo:

Prof. Saionara Figueiredo Santos
Email: saionara.figueiredo@posgrad.ufsc.br
Telefone: 48 99152585

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH):

Universidade Federal de Santa Catarina

Pró-Reitoria de Pesquisa

Prédio Reitoria II

R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade,

Florianópolis/SC

CEP 88.040-400

Contato: (48) 3721-6094

cep.propesq@contato.ufsc.br

Termo de Consentimento

Participante:

Coordenadora: Saionara Figueiredo Santos

Título da pesquisa:

**NARRATIVAS DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE
LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS GAYS E LÉSBICAS**

****ATENÇÃO****

A sua privacidade é muito importante. Por causa disso, seus dados pessoais jamais serão veiculados nesta ou em outras pesquisas que utilizarem as suas filmagens, caso você assim determine.

Dado (s) cedido (s):

Você deseja que seja criado um pseudônimo para ocultar a sua identidade pessoal quando os seus dados se tornarem objeto de pesquisa?

Sim _____ Não _____

Você permite que as suas filmagens sejam arquivadas no Corpus de Libras para livre acesso de pesquisadores, mediante cadastro em nosso projeto?

Você permite que a sua entrevista seja transcrita pelos pesquisadores. a partir da avaliação do CEP?

Podemos continuar utilizando a sua entrevista para pesquisa por tempo indefinido?

Você nos autoriza a publicar suas produções textuais no formato digital e impresso?

Sim _____ Não _____

Nome do participante	Assinatura do participante	Data da Assinatura
Nome do coordenador	Assinatura do coordenador	Data da Assinatura

APÊNDICE 2 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

KIM ENTREVISTA

(INÍCIO)

A gente falava sobre inúmeras questões sobre ser lésbica nesse contexto. Você consegue lembrar alguma situação peculiar que aconteceu contigo.

Das pessoas olharem... sabe? De ter este retorno de ‘‘como tu é bonita’’, de ‘‘como tu parece uma mulher’’. Não, mas tu é uma mulher. Isso sendo dito por uma apresentadora de TV, que é alguém que forma opinião. Ela acha que isso é importante.

Eu não sei. É bem complicado.

Na verdade não vai mudar nada isso aí.

Como é que tu, por exemplo: eu estou fazendo a base teórica, como eu não entrevistei ninguém ainda, estou fazendo a base teórica. Então, eu coloquei: estuda tradução? Porque o doutorado é estudo da tradução, então tem que ter alguma base teórica. Coloquei a metodologia, que é análise de discurso, porque vou analisar o que tu fala, como eu vi lá. Coloquei estudos culturais, estudos dos surdos, porque querendo ou não, os intérpretes estão dentro. Falei dos intérpretes. Como é que eu insiro o gay? É em estudos de gênero?

Relação entre surdo e intérprete. Porque não é só esse o embate. A estranheza entre surdo e intérprete se dá na própria relação. Tu sempre é o outro da história.

Mas como eu estou querendo tocar nesta questão de gênero, eu vou, por exemplo: tu antes de ter se assumido lésbica, a postura de alguns surdos era uma. E depois era outra. Então, por que, e ainda mais sendo surdos, uma minoria que a gente imagina que seja mais sensível a outras minorias?

A gente espera que seja. Mais destaque. Logo que eu comecei a ser intérprete, porque eu fui para a sala de aula traduzir quando eu já tinha contato com os surdos há uns cinco anos. Assim, assim crua e te joga na sala do ensino superior, e as pessoas acham que é sair interpretando e pronto. Sabe te comunicar, está ótimo. Para ser intérprete é outra história. E lá na Universidade o cara que era o diretor ele tinha me convidado já para ser intérprete, sem condições. Eu saí do curso de intérprete ainda despreparada, me sentindo bem insegura. Mas quando eu fui para a sala de aula eu já comecei, lá no curso de intérprete ainda eu conheci o Ruy. Eu conheci o Ruy lá e quando eu fui fazer o curso, ele era aluno da graduação lá, e eu comecei a conversar com ele, aí eu cheguei para uma amiga minha e falei: “sabe que eu sou voluntária numa ONG, e a gente faz um trabalho sobre prostituição, (de um amigo dele que é travesti) e eu queria saber como é para os surdos nessas questões”. Porque eu sabia de alguns surdos trabalhavam como garotos de programa. E ela veio: “Ah, pois é, mas dos surdos gays acho que tu devia falar com o (Ruy), e perguntei para ele se ele conhecia, e começou a me apresentar um monte de surdos. E só nesse contato, os surdos evangélicos já começaram a ter mais contato comigo. Teve um que disse para mim: “tu é intérprete de biologia, tu gosta mais da geografia, ou tu é dos veados?”. Eu falei: “não, eu sou intérprete de libras. Eu não sou intérprete de ninguém nem de nenhum grupo, eu sou uma intérprete de língua de sinais para qualquer necessidade que os surdos tiverem”. Aí ele tentou fazer piadinha. Eu senti que os mais radicais, ligados a religiões mais fechadas tinham este tipo de discurso. Mas não teve uma rejeição: “eu não quero ela como intérprete”. Mas quando eu me assumi, o primeiro ano foi um bafafá.

Mas tu contou pros surdos?

Foi assim: a primeira guria que eu namorei, que foi aquela que entrou na sala, e eu me apaixonei loucamente por ela.

Tu já tinha tido namorados antes? Tu estava solteira?

Estava solteira. Estava há um tempão sem... eu já estava numa fase de eu chegar para os meus amigos veados e dizer: “acho que eu quero ficar com uma guria”. E eles: faziam a festa. E aí eles: “vamos numa festa, tu vai pegar uma guria hoje”. Não é assim, eu quero conhecer alguém e me interessar pela pessoa. “Não, porque nós vamos para a festa, tu vai virar...”. Na época do Orkut ainda, aí entravam no Orkut e me

mostravam todas as amigas sapas deles, e nenhuma delas eu achava interessante. E do nada, eu estava ali, traduzindo, pensando: “a hora que aparecer uma guria legal eu vou ficar”. Acho que não vai ser uma coisa que eu vou ficar: “será que vou, será que não vou?”. Não vou. Vou ficar com essa pessoa. Aí entrou ela, e me apaixonei pela guria loucamente, e dizia: “Minha filha, não corro nem atrás de ônibus, imagina se eu vou correr atrás de alguém”. Sinta-se a escolhida, porque eu sou muito chata com essas coisas, eu não gosto de ninguém. E essa guria, na mesma rua dela, morava um surdo que eu era intérprete, que é veado, e aí quando ele me viu com ela, ele pirou. “Você está namorando com ela? Que legal.”

Positivo?

Isso, ele bem tranquilo. “Que legal. Vou sair com vocês”. E aí ele que contou para outro surdo, e outro surdo, e o que aconteceu? Os surdos vinham perguntar para mim, e eu não conseguia dizer que não, porque eu não tinha vergonha daquilo, então eu dizia sim.

Mas vocês já estavam namorando mesmo?

Sim. Já estava namorando. E aí nos intervalos de trabalho, a gente tomava café na universidade, porque ela era aluna da universidade. A gente tomava café, e as pessoas viam a gente. E perguntavam: “aquela ali é tua namorada?”. “Sim”, eu confirmava. Não foi uma coisa “eu quero contar para vocês”. Foi um, foi contando para outro, e eles vinham me perguntar e eu confirmei. Em nenhum momento eu pensei assim, poxa. Eu não fiz nada de errado, não preciso ficar escondendo nada. E aí começaram várias reações. Uma guria queria investigar minha vida, queria saber como era transar com mulheres. Eu disse assim: “Sei lá, acho que tu pode pegar uns blogs, dá um Google, lê como é, vê uns filmes”.

Isso é particular.

Ela: “quero saber como é que tu faz”. Isso é muito íntimo, eu não quero falar disso contigo. Porque eu sou tua intérprete, eu não quero falar sobre isso. E a menina encheu o saco, e começou a me provocar. Tipo, passava uma mulher, e ela olhava para a mulher, e eu ficava na minha, porque eu não saio olhando para qualquer mulher que passa. E aí ela me cutucava e fazia: “tu viu?”. “O quê?”. “Aquela mulher que passou

tinha uma bunda bem bonita.’’ Eu não fico olhando assim para a bunda das pessoas. Então, ela achou que eu fosse tarada. Qualquer mulher que passasse, eu: ‘‘meu Deus, que gostosa, fiu-fiu para você’’. Aí ela não gostou muito, eu dei uns cortes nela.

Essa era surda?

Surda. Queria porque queria saber como era, como eu fazia, se eu usava dildo, se não usava. Sim. E aí eu tive que sentar e dizer: ‘‘eu não sou tua amiga’’. ‘‘Desculpa, eu sou tua intérprete, eu não quero falar sobre isso contigo. A gente pode se restringir ao assunto da aula?’’ Aí ela ficou brava, eu não sei, depois disso eu nunca mais fui escalada para traduzir para ela. Acho que ela reclamou. E depois outros surdos que... o pior é com os homens, porque eles, e não sei o que que tem, que eles acham que eles têm alguma chance com a gente. É ridículo.

Parece que eles se sentem derrotados.

Parece que rola um desafio: ‘‘eu vou querer ficar com ela, porque se eu ficar, se eu conseguir converter uma lésbica, eu sou muito poderoso. Consegui abrir uma exceção para mim’’. E aí eles ficavam com isso, mas se tu olhasse as pessoas, tu vai olhar eles: ‘‘não, não tem chance’’.

Nem se fosse hétero.

Não, nem se eu fosse virgem com 55 anos. Está entendendo? Eu ia preferir perder minha virgindade com o vibrador do que com essa pessoa. Ridículo. Nada a ver. Aí teve um que rolou uma paixonite louca.

Aquele que tu falou?

Priscila: Sim. E ele disse que o sonho dele era que eu mudasse ideia, que eu voltasse a gostar de homens e que ele ia ficar muito feliz com isso. Eu disse: ‘‘sabe quando tu vai ter uma chance comigo? Quando tu nascer de novo. Mas não assim nascer, é nascer. Aí vai rolar’’.

E ele ficou como?

Ele ficou um pouco triste, ele parou um pouco. Arrumou uma namorada, eu disse: ‘‘Graças a Deus, Deus abençoe vocês, fica em paz e não me enche o saco’’. Mas aí, rolou o estresse com as minhas chefes.

Porque tu é lésbica?

Não, porque eu sou bem resolvida. Porque elas disseram: “a gente recebeu algumas reclamações aqui, do teu trabalho, só que não bate com o que a gente sabe de ti. Que tu só fica no celular durante a aula, a gente sabe que tu não faz isso. Que tu chega atrasada, a gente também sabe que não, que tu não chega atrasada.” Até porque tem os professores para confirmar. Umas reclamações bobinhas. “E aí a gente está meio desconfiado, qual é o desconforto que está rolando entre tu e os surdos?” Só que as mesmas reclamações com um número grande de surdos. As mesmas coisinhas bobinhas. E aí foi uma conclusão delas: “a gente acha que alguém plantou uma sementinha ali para dar uma rejeitada em ti, depois que tu se assumiu”.

Tu imagina quem seja?

Eu acho que foi uma intérprete que fez isso, acho que não vem de surdo. Mas eu acho que rolou um desconforto: “como é que ela tem coragem de se assumir com 30 anos?” Acho que não foi muito por ser lésbica. Mas como é um assunto que para outras pessoas gera idas ao psiquiatra, para mim foi uma coisa muito tranquila de resolver. Eu acho que isso incomodou mais. Mas os surdos nunca tiveram nenhum... tem os machismos, as piadinhas, mas eu nunca fui exposta, nunca foram cruéis comigo. Agora, colega sim. Colega é cruel contigo. E te expõe. O fato de eu contar para um colega que sim, eu tenho uma namorada, é porque todo o mundo vê, todo o mundo fala. Não é aquela coisa que faço questão de dizer: “pois esta daqui é minha namorada”. (Todo mundo vai no setor buscar), minha namorada também fazia isso comigo. E as pessoas queriam saber quem era essa pessoa que estava lá. E eu confirmava com elas. Mas elas usavam isso, falavam até em reuniões de trabalho, fazendo piadinhas de: “não dá para botar a Priscila na Educação Física, porque lá tem muita sapatão, e ela vai ficar lá distraída com as gurias”, “não dá para botar a Priscila na Natação porque ela vai ficar olhando a bunda das gurias”, esse tipo de coisa.

Mas elas falavam na tua frente isso?

Na minha frente em reunião de trabalho. Porque aí, tu te defende como disso? Tu não pode olhar para tua colega: “será que tu podia ir tomar no teu cu?”. No teu local de trabalho tu não pode fazer isso. E essas

piadinhas toscas que eu te contei: “ah, eu não vou mais vir de saia porque ela vai olhar minhas pernas”. Esse mapa rodoviário que tem aí não me atrai, porque minhas namoradas são todas gatinhas. Eu tive uma namorada que era fitness total, gatíssima, um corpo de panicat. E eu dizia: “está vendo as pernas da guria? Tu acha que eu vou olhar para as tuas? Te liga, guria. Te orienta. Eu tenho bom gosto. Tu acha que eu vou ficar pegando uns bagulhos?” Só para incomodar com ela.

Mas quem falou isso foi uma surda ou foi uma colega?

Uma colega. Uma TILSP que falou. Tu ri das pessoas. Sempre vem alguém idiota dizer: “esses dias eu estava falando de ti para não sei quem, e falei que tu tinha uma namorada, e daí eu disse: ‘pois é, ela é tão bonita’”. Lésbicas são todas feias, não podem ser bonitas. Porque lésbica é aquela mulher que não arruma nenhum homem para comer ela, aí ela tem que ficar com mulher, porque não tem outra saída. Discursos de TILSP, super esclarecidas.

E a gente imagina que o preconceito vem mais do surdo.

Não. No meu caso, rolam umas piadinhas idiotas que eu acho desnecessárias, mas a crueldade mesmo parte de colegas.

Quantos eram que trabalhavam contigo?

Teve uma época que a gente estava em seis intérpretes mulheres. É o inferno. É uma unha lascada que vira o problema da semana. É horrível. Eu dizia: adoro interpretar na Engenharia. Um monte de homem, tu diz oi pra eles, eles respondem: “aham”. Adoro. Não enche o saco. Tu manda a merda, ele olha pra ti e diz: “aham”. Não estão nem aí, tão cagando, nem ouve o que tu diz. Não estou nem aí, tão legal, homens são legais. Eu gosto deles.

Eu também.

Os veados não. Os veados são outra história. É. Só que ... Vai tomar no cu. “Ai, Priscila, cadê aquele salto alto lá?” “Para quê?” “Porque eu quero usar.” Meus amigos chegam lá em casa e se atacam nas caixas de sapato para quê? Para ficar calçando minhas coisas, vestindo meus vestidos. É competição. As bichas são foda. Eu já trabalhei com

intérpretes veados, e são iguais as mulheres quanto a essa questão de fofoca. É punk.

Mas de preconceito tu diz?

Não. Picuinha da profissão mesmo. “Fulana interpreta melhor que beltrano”. Plantando a discórdia.

Infelizmente você pegou seis coleguinhas queridas. Mas alguma delas era religiosa?

Não.

Era mais senso comum mesmo? É porque eram ruins mesmo?

Eu dizia: “sabe por que vocês falam tanto de mim? Porque eu sou linda. E vocês não são”.

Você acha que alguma delas é gay?

Não.

Poderia ser uma coisa enrustida?

Nenhuma. Não que eu bote minha mão no fogo, não botei nem por mim. Mas eu dizia: eu não boto minha mão no fogo por mim não. Não. Ali não era uma questão mal resolvida. Não uma questão de sexualidade mal resolvida, mas eu acho que uma questão de ser resolvida com a vida. Porque a gente está no meio de Caxias do Sul, uma cidade onde as aparências contam muito. Foi avaliado pelo que tu é. Logo que eu cheguei em Caxias, eu tive um estresse com essa coisa de: tem que estar sempre maquiada, de salto alto, de unha pintada, de cabelo escovado. Ia montada. Comecei a encher um pouco o saco disso, porque o meu trabalho não é avaliado por causa disso. Meu trabalho é avaliado por questões técnicas. E aí eu comecei a relaxar mais, dar um tempo de salto-alto porque eu tenho (ajuntamento) [00:01:50] de tendão, comecei a usar mais tênis, All Star, a deixar os saltos só para os eventos formais. A não usar tanta maquiagem. Eu vivia muito maquiada, agora eu saio assim, sem nada. Protetor solar, sem nada na cara e só. Lavo o cabelo, faço um coque e saio feliz, assim sem nada. Só que lá o pessoal já olha meio assim.

Olha na rua: “não é cuidada”.

Não, o pessoal acha que tu é aluna. É como se tu fosse de uma outra categoria, nada a ver. Quando tu está muito arrumada: “tu é professora?”; “Não, sou intérprete”; “Mas tu tem cara de quem ganha bem porque tu está arrumada”.

Que besteira. Mas de colega de trabalho, sim, já percebeu tratamento diferente?

Sim. De colegas de trabalho.

Mas tu acha que alguém, por exemplo, chefe, colega, colega sim, mas chefe já te tratou diferente?

Não, eu já cheguei a ser protegida por chefe. Protegida. Eu trabalhava com duas psicólogas, por mais que eu discordasse de todo o resto do trabalho delas, acho que elas são um zero à esquerda em relação a como lidar com surdos e tratar surdos e o olhar que elas têm para os surdos, discordava de tudo, mas quando entrava essa questão aí, elas me defendiam. Elas diziam assim, aconteceram algumas vezes, de chegar e elas dizerem, comigo presente, para os surdos e eles começavam a implicar com coisas, tentando.

Desvirtuar.

Desvirtuar, querer usar isso para me desqualificar, elas diziam assim: “a gente conhece, ela trabalha com a gente já tem sete anos e a gente sabe como ela é”.

Mas o que eles falavam para tu, para te desqualificar?

Começavam com aquelas reclamaçõezinhas todas.

Mas não dizer assim, ela é lésbica e a gente não quer mais ela.

Não, nunca chegou a esse ponto de discurso assim.

Mas as psicólogas entenderam que era por causa disso.

Elas sentiam, elas diziam assim para mim: “a gente sente que tem um desconforto e eles não sabem expressar, porque eles não conseguem dizer a gente não quer ela”, mas elas disseram para mim, que a gente acha, porque que elas que conversaram diretamente com os surdos, eu nunca entrei nesse assunto com ninguém, elas disseram para mim assim: “a gente percebe que o problema não é tu namorar com gurias ou não, mas como tu lida com isso”. Então, não esconder, confirmar e ser bem resolvida com isso, incomodava muito mais, independente, se eu fosse uma mulher que ficasse com muitos homens e não achasse isso um problema, isso também seria um incômodo, eu acredito. Porque lá é assim, as surdas logo procuram um homem bom para casar, o surdo nem que ele traia ela, nem que ele seja um idiota, nem que ele passe gonorreia para ela, tudo bem, mas tem essa coisa sabe? Que tem de família, de que tu precisa casar e ter alguém, elas não almejam assim, é muito engraçado tipo, uma surda que nem é com a Melissa, ela casar com o Ale que é uma coisa que aconteceu no meio vida dela, no meio de um monte de outras coisas, ela estava estudando, estava fazendo concurso, e veio um amor na vida e beleza, vamos acolher tudo isso. Lá as gurias não tem essa noção, elas fazem uma graduação porque é status, no meio da comunidade surda, ter graduação. Se o mestrando tiver que sair dali, já não interessa mais, o negócio é não sair muito lá, não sair muito dali. E aí, é legal ser casada, porque parece dá a tu certo respeito e é uma exigência, e ser casada com alguém.

Rico.

Com grana. Isso, está ótimo, porque é chefe, manda em alguém. Isso tem mais valor do que outras coisas. Que carro que tem. Eu tenho amigas aí, nada a ver com surdos, uma outra coisa, mas eu tenho amigas que são de lá, que viveram a vida inteira lá, nunca saíram de lá e tal, nunca, nem para fazer uma viagensinha para conhecer outras culturas, só ficam muito por ali, que elas chegam assim: “pois é, eu tem um cara aí bem legal”, eu falava: “e aí, por que você não chama para tomar um café?”, “eu não, o cara tem um carrinho lixo, eu é que não vou”, ou assim: “não vou namorar alguém que não tenha um carro”, eu disse assim: “mas por que, se tu tem? Vai tu e busca o cara”. Deus me livre. Uma outra que esses dias chegou assim pra mim: “estou apaixonada pelo beltrano, vou marcar um café”, ou que ia e depois e me conta como foi, aí o café foi horrível, por quê? Porque ele não quis pagar a conta, ele queria dividir. Eu disse: “nada mais justo, tu não é namorada dele, ele não tem que te sustentar, qual o problema de tu pagar teu café,

caralho?” “Não, deus me livre, como assim?” Olha só o que ela me disse: “eu não sou acostumada a isso, eu sou acostumada que paguem tudo para mim”. E eu percebo que lá é muito forte isso, entende? E ao mesmo tempo que as pessoas, elas batem nessa tecla e acham que isso é correto.

A cidade machista. Patriarcal.

Parece incomum, mas isso aí é estereótipo em cidade pequena. Acho engraçado que por mais que as minhas amigas, elas, enfim, reforçam isso e acham que isso é correto, parece que rola um invejinha: “Como eu queria ser independente e mandar todo mundo tomar no cu”, teve um vez, eu já disse isso para a minha própria mãe, porque minha mãe é muito machista.

Ela aceitou bem?

Não, ela não fala no assunto até hoje, ela nem toca no assunto.

Mas tu conversou com ela?

Não, ela não entra na conversa, ela foge de mim, ela não fica sozinha comigo, não gosta.

Nem quando foi a primeira vez que tu ficou com uma mulher?

Não cheguei para ela e contei, porque eu estava conversando com a minha terapeuta e ela disse que minha mãe pode enfartar com isso. Sim, ela fica tão, o primeiro ano ela ficou tão desconsertada que ela não ficava, eu e ela no mesmo ambiente, só nós duas, sempre tinha alguém junto e se a gente ficava sozinha, ela já ia para outro cômodo, não conseguia. Claro que ela sabia, porque eu morava numa casa que era uns parentes de um cara que ela era casada na época, eram os donos e eles viam as pessoas que entravam e saíam da minha casa e eles gostavam bastante de relatar os movimentos que aconteciam no final de semana na minha casa. E é óbvio que eles devem ter contado.

Aham

Não quer saber, não entra em nenhum assunto comigo, nem esse nem outros, cada uma na sua. Aí a minha mãe larga umas indiretas, tipo

assim, eu não sei, esses dias ela veio falar de um filho de uma amiga dela, porque fulano, ele é gay, ela veio falar assim porque fulano é esquisito, não sei o que ele tem, eu disse assim mãe, ele é veado, é mas ele é esquisito, porque até agora ele não casou e não teve filhos, sim, mãe, porque ele é veado, tipo ela não escuta o que eu digo, ela vai falando só e esses dias tinham duas mulheres que casaram, foram morar na mesma rua que ela e ela olhava para mim.

Nossa, foi o evento do ano.

O evento do ano, aí ela dizia mesmo. Isso. O povo dá bola para isso. E lá as pessoas se preocupam muito com o que os outros vão pensar.

E lá é tranquilo?

Bem tranquilo. Ninguém nunca me perguntou essas questões. Isso aí não é assunto. As pessoas querem saber o que tu está fazendo, onde tu está trabalhando, se tu está estudando, se está pesquisando. Elas querem saber onde tu está morando, se tu está feliz onde está morando, se é legal o que tu está fazendo da tua vida. As pessoas não perguntam nem: “você casou? Tu tem filho?”.

Mas tu acha que isso é mais porque é capital?

Eu acho.

O pessoal tem a mente mais aberta.

As pessoas te perguntam coisas muito particulares: “por que você está com isso? Quanto custou?” O quanto é que custou é um termo que é frequente. “Quanto custou isso? Você tem carro? Que carro tu tem?” Que carro tu tem não importa. Perguntar para a pessoa: “tu tem carro?” quando tu precisa de alguma coisa, eu acho que não tem problema. Que carro tu tem, em que bairro tu mora, quanto custam as coisas que tu tem, são assuntos que as pessoas se reúnem para jantar e falam sobre. Onde que tu trabalha, ou que viagens tu fez, quanto tu gastou com as coisas. Na verdade, ninguém lá fala de viagens, porque as pessoas estão muito estressadas pagando as suas contas, endividadas. Elas trocam de carro todo ano, e elas preferem ir para Curumim, que é uma praia micro que tem perto da serra, nos lados da serra. Elas preferem fazer isso a vida inteira, porque eu conheço gente que mora lá que nunca veio a

Florianópolis, mas troca de carro todo ano. Nunca subiu nem até aqui, imagina.

Prioridades.

Nunca foi para lugar nenhum, mas comprou o sofá, aquele de três mil reais. E foi na festa que era da sociedade tal e que custou 500 reais para entrar, e usa vestido de pedraria, mas não sabe nem que Curitiba está no mapa.

Mas talvez exatamente isso que tu falou reflita na reação das pessoas.

E lá tinha mais alguém, uma (TILSP lésbica)? Gay eu sei que tem, gay é o que mais tem.

Intérprete de Libras Gay e Lésbica nasce dos bueiros, prolifera esse povo.

Gay é 90%, eu acho.

Muito veado.

Mas lésbica é menos. Tu conhecia alguém lá?

(De TILSP não).

Tu já namorou com alguma TILSP?

Não hahaha

Tu namorou com alguma surda?

Nunca.

Nem ficou, nada, tchururu?

Nada.

Mas é porque é muito complexo. Quando eu paro para pensar, e quanto mais eu te escuto, mais a minha cabeça fica assim. O ser

humano é muito complexo, no geral. E ainda para trabalhar com a diferença dos outros, tu não pode sair do padrão.

Exatamente. Mas antes de eu me assumir, antes de gostar de gurias, eu ficava com uns caras, e daí isso também incomodava elas.

Quem? Tuas colegas?

Minhas colegas. Porque elas achavam que eu dava em cima dos professores, que tinha professor dando em cima de mim. E uma das coisas que eu nunca dei abertura é para professor.

Não que tu não queira, mas não achava legal, não é?

Não achava legal ter um envolvimento com pessoas de local de trabalho, como professor. Enfim, o que mais tem na universidade era professora sapata. Não, eu estou aqui para interpretar. Eu acho que aí mistura demais as coisas. E em Porto Alegre tinha muita surda gatinha. Não que eu nunca tivesse interesse, não que eu tivesse olhado para nenhuma diferente, mas eu acho que ia misturar muito as coisas. Porque eu tinha aquele medo que os surdos perdessem o olhar para mim como profissional.

Pela ética, também?

É. Eu ficava imaginando o tamanho constrangimento que seria eu ficar com uma surda e no outro dia ter que interpretar para ela. Não ia conseguir. Eu não ia conseguir fazer isso nunca, então, eu resolvi que não era legal misturar as coisas. E também porque eu acho mulher surda muito machista. Tinha uma intérprete que ela não ficava com os surdos, ela passava o rodo nos surdos. Não era uma coisa: “estou afim de tal pessoa”. Não, ela saía pegando todo o mundo, e ela era uma excelente intérprete, e os surdos não tinham um pingão de respeito por ela. Qualquer rateadinha besta dela, ela já era crucificada. Porque passou do limite do profissional, e entrou na intimidade. Tu está ali trabalhando com um surdo que pegou no teu peito na noite anterior. É muito íntimo. Então, eu acho assim, eu tenho várias amigas que casaram com surdo, enfim. Mas elas escolheram uma pessoa para ficar, e tiveram uma relação longa com essa pessoa. Mas essas coisas de pegação um dia um, um dia outro, na comunidade surda, os surdos não encaram isso bem, e falam muito mal dela. E ela é uma excelente intérprete. E ninguém

nunca falou do lado profissional dela, do quanto ela era boa tecnicamente falando. Nunca emitiram um elogio para ela. Seguido a guria está num aperto, ninguém conseguia entender aquele surdo, ou tinha uma música fodida, principalmente as de igreja, e ela ia lá e traduzia super bem, e ninguém para dizer: ‘‘nossa, como interpreta bem isso’’. O que era mais metralhado era: ‘‘ela ficou com beltrano e sicrano no fim de semana. Essa daí já pegou esse, esse e esse’’.

É um reflexo da sociedade extremamente machista independente do que...

Exatamente. Aí os surdos podiam passar o rodo. O que os homens faziam ninguém comentava. Surdos em Porto Alegre, meu Deus do céu. É que em Caxias o povo esconde mais o que eles fazem, não que eles não fazem. Mas em Porto Alegre, quando eu chegava na ULBRA, ficava assim: ‘‘(inint) [00:02:17] eu não estou ouvindo essa conversa’’. Surdos casados com outras surdas alunas da universidade, eles esperavam elas saírem, e não se incomodavam com a intérprete estar junto, e contavam para a gente que ficavam com alunas do curso de libras fazendo surubas: ‘‘ah, porque foi eu e foi ele’’.

Que horror. Que horror eu digo porque é casado.

E eles contavam isso. Quando que tu vai sair contando da tua intimidade para todo o mundo? Um dia tiveram dois surdos. Eles conheciam dois surdos casados, que tinham pego duas alunas, os quatro foram para o motel ficar no mesmo quarto. E aí eles disseram para as gurias: ‘‘se beijem que a gente quer ver vocês’’. E elas disseram: ‘‘vocês primeiro’’. E eles contaram isso para nós. Eu era intérprete há seis meses. Eu já tive várias pessoas que me contaram coisas muito íntimas, mas gente... muitos anos, confiou em mim, precisava desabafar. Ok. Mas era um bar com um monte de gente olhando, um monte de surdo junto. Porque a universidade teve uma época que tinha 50 surdos. Na frente de outras pessoas. E ninguém dizia: ‘‘mas e a tua namorada? Como tu fez isso com aluna? Isto é antiético’’. Porque eram homens fazendo, ninguém fala, ninguém questionou isso. Agora, a colega que passava o rodo em tudo, todo o mundo metralhava ela todo final de semana, porque chegava na segunda-feira sempre tinha um surdo novo que ela pegou, até que uma hora esgotou porque ela pegou todos. Aí ela começou a ficar com ouvinte.

Ela casou?

Acho que hoje ela é casada com um ouvinte. Por quê? Porque ela entrou dentro daquele estereótipo da menina que não é para casar, porque ela ficou com todos os surdos da Sociedade de surdos. Ridículo. E ela nem transava com eles porque eu sabia que ela era virgem. Ela só ficava com beijo. E os caras iam até para o motel com as alunas do curso de libras, e ninguém falava nada.

É o machismo dentro da comunidade surda.

É muito forte. Teve uma vez, que situação. Eu cheguei para interpretar para um guri, e ele se retorcia inteiro. E não tava calor, e o guri suava, suava. Eu dizia: “tu não tá bem”. “Eu estou bem sim, continua traduzindo”. Aí eu falei: “vamos lá. Não dá, eu não consigo me concentrar. O que está acontecendo?” E ele: “eu não estou legal. Eu preciso ir no médico.” “O que tu tem?” “Eu estou com uma coceira que não passa nunca. Só que eu não posso chamar a minha mãe para ir, porque eu peguei essa coceira traindo minha namorada. Eu acho que é porque eu usei camisinha”. Ele teve uma reação alérgica da camisinha que ele usou com guria, e com a namorada ele não usava. Aí eu disse: “tu quer que eu vá no médico contigo?” “Vamos”. Lá foi o surdo desesperado para o médico, e ele pegou uma doença venérea duma guria que não sabe quem é, e está tudo certo. Depois um monte de gente ficou sabendo. A preocupação dele era a seguinte: ele tinha que tomar remédio, e ele não podia ter relações sexuais enquanto não ficasse curado, se não ia passar para a menina. E ele não podia usar camisinha porque a guria ia desconfiar: “como assim? Nunca usa. Está usando por quê?”, e a preocupação dele em não ser descoberto. A família fez um esquema e contou para o pai e a mãe dele que fizeram um esquema para livrar ele de ficar o final de semana com a namorada, de cinco anos. Não é qualquer namoro, cinco anos. Para ele não precisar transar com a namorada, não ter que negar, e ter que explicar o que está acontecendo.

E tu não podia também contar para ninguém por causa da questão da ética.

Eu não. Morreu em mim isso aí. E eu era intérprete da guria também. Só que a família também apoia, a cultura gaúcha é muito machista. Porque se é meu filho, eu dou uns tapas na orelha. Acabo com o guri. Como assim, pegou coisinha com quem? Está namorando a menina há anos e

apronta uma dessas? E o pessoal não está nem aí, ainda tem família para acobertar.

Não só a família também. A mãe, as mulheres vão perpetuando o preconceito.

Se sou eu de mãe, cato na orelha dele. Toma vergonha nessa sua cara. E ainda teve a cobertura do pai e da mãe para inventar todo um esquema para ele conseguir se safar. E ainda chegou na segunda saltitante para mim: “consegui escapar”. Acabou a medicação, que eram uns cinco dias eu acho de antibióticos, aí ele ficou bom e voltou tudo ao normal.

E a menina até hoje não sabe?

Até hoje não sabe. Ainda bem que separaram, ela arrumou outro rapaz, porque eu achava ele um canalha.

Pelo menos ele não passou nada para ela.

Pois é. Eu ia falar isso.

Menos mal.

Nossa, que horror.

“Coisa horrível, todo mundo viu as pregas do fulano lá. Estava lá...”. É esse tipo de coisa que o pessoal dá mais valor. Ninguém fala do quanto essa mulher deve ter sofrido com isso – ela foi exposta para toda a comunidade surda. Ele foi pego transando com outro cara – e mesmo que tivessem visto ele transando com uma mulher, ela foi traída, exposta, os filhos também foram expostos. Ninguém fala disso. Ninguém para para pensar no quanto deve ter sido sofrido para os filhos terem vivenciado esse tipo de coisa. Não, ninguém está nem aí diante da traição, entende? O escândalo foi só porque ele estava com um cara. Porque, se estivesse com uma mulher, não seria escandaloso.

E você conhece algum surdo que antes não gostava da comunidade gay e depois se assumiu gay? Ou intérprete.

Não que não gostasse da comunidade, mas eu conheço alguns intérpretes – homens – que não se assumiam de jeito nenhum.

Não se assumem nem a pau.

Aí resolveu namorar um colega. E quando namora o colega, todo mundo fica sabendo, não tem como esconder. Mas escondeu até onde pôde.

Lá tem um dos meninos que fala que não é – inclusive é evangélico, mas tem todo o estereótipo. Então, os surdos ficam falando. Eu estava conversando com o Fulano, por exemplo. Aí eu falei para ele da minha pesquisa. Ele falou que queria ser pesquisado e disse: “quem você vai entrevistar daqui”? Aí tem o Fulano, que é gay assumido. Eu falei: “não sei se vou entrevistar o Fulano. Vou perguntar para ele o que ele acha”. “Mas e o Fulano”? Eu disse: “não, o Fulano não é gay”. “É sim. Gay que é gay sabe, percebe”.

Gayzário apita e apita. O meu gayzário é bom para homens e ruim para mulheres. Eu já cantei muito hétero. Gente, que vergonha. Já cantei muitas. Sabe aquela que você colocou o olho: tem tudo pra ser.

E não é.

Eu acho que é esse caminho sim Nara. Para você, você terá que olhar para a questão de gênero para poder trabalhar machismo. Porque se você olhar só homossexualidade não, você vai acabar indo para outra direção.

Deixe-me perguntar uma coisa: depois que você se assumiu, você acha que mudou alguma coisa no seu jeito de interpretar?

Não tem nenhuma forma de criar barreira. E aí? Ninguém entra nesse assunto. Já caguei, está todo o mundo cagando para isso. E com as minhas amigas, eu comecei com essas histórias pela função da camisinha. Aí quando eu estava na graduação, eu fiz os cursos de extensão para como dar oficinas de sexualidade, aí a gente ia para os espaços. “Hoje vocês vão trabalhar com um grupo de adolescentes. Hoje vocês vão trabalhar com idosos. Hoje vocês vão trabalhar só com mulheres” e às vezes só com homens. Como é que tu vai abordar este assunto com diversos públicos? E era bem legal. Então, por isso que os surdos se sentiam à vontade de falar dessas coisas comigo. Inclusive de me perguntar da minha vida particular.

Deixa eu te perguntar outra coisa. Eu fiz a pergunta, mas tu não entendeu: tu acha que o teu jeito de interpretar mudou? Os sinais, expressão facial, movimentação.

Não.

Tem uma amiga minha que está estudando isso. Marcas de gênero na interpretação. Ela entrevistou 20 homens e 20 mulheres. Tudo misturado. Imagina. Olha que tosco, ela passou quatro anos estudando isso, para descobrir que não tem. Você acredita?

Ela confirmou.

20 homens e 20 mulheres. Ela deu um texto para cada um, para interpretar, analisando o Elan, os 40 textos, para descobrir que não. Não tem. Porque tem mais marcação de gênero, por exemplo, se é um gay muito afeminado. E faz uma libras mais expansiva. Mas isso depende muito da pessoa, porque por exemplo, eu sou uma pessoa expansiva. Eu não sou gay, e eu faço a libras mais expansiva. Não de questão sexual, está entendendo?

Sim, mas olha só, quando tu está interpretando, tu tem que estar ligada a um outro discurso. Se o dono do discurso está falando de uma forma mais enfática, tu vai ter que incorporar essa energia no seu discurso. Então, acho que tu está condicionado a um discurso que não é teu, por isso se chama intérprete. Se é uma pessoa mais solta, mais expansiva, eu acho que tu está ligada ao discurso do outro.

Eu falei, se tu pegar um intérprete que não é ético, talvez ele fique de gracinha.

Porque aí, por exemplo, vai chegar um policial para dar um aviso, ou sei lá, um bombeiro, que é uma coisa séria. Precisa dar um aviso. E eu vou ficar de firula? Bom, eu não estou respeitando a informação que está sendo passada, porque o tom de voz é que vai dar essa marcação. Eu acho que nem é uma marcação de gênero, mas de tom de discurso.

Concordo contigo.

A gente está condicionado ao dono do discurso.

É como eu te falei, ela passou quatro anos estudando para descobrir que não.

Será que o jeito como eu comecei a me relacionar com os surdos, sim, que não tem nada a ver com jeito de interpretar. Mudou. Até porque, para ninguém ficar perguntando nada da sua vida.

Essa é bem pessoal: o que tu acha que poderia ser feito para que, não sei... porque é uma nova realidade, pessoas que são homossexuais, que são transgêneras, ocuparem... porque é difícil. Gays nem tanto, mas lésbicas e transgênero é mais difícil. O que tu acha que poderia ser feito para conscientizar, não sei se é esta a palavra.

Para haver uma abertura maior para este assunto? Eu acho que para se naturalizar, a coisa tem que ser dita. Tem que ser falada. E aí acho que tu vai chegar numa naturalização, acho que vai chegar. Isso aqui é o começo. Acho que daqui a dez anos essa conversa pode ser trivial. “Que bobagem, eles pesquisavam isso em 2015?” Só o tempo e falar sobre.

Mas falar seriamente. Não ficar de curiosidade, pelo amor de Deus.

Da próxima vez que alguém me perguntar: “tu usa dildo?” Sim, o do Kid Bengala. Isso aí chama Karma. Eu fui lá para aprender algumas coisas, levar umas cacetadas da vida. Porque olha só, gente, eu fui para uma cidade onde eu morava com a minha mãe, que só ela era racista. Aí eu fui para o macro inverso, onde eu tenho várias reproduções da minha mãe no mesmo lugar.

E cê falou de algumas histórias...

Nós sabemos de um monte. Eles são bem mais discretos lá, os surdos de lá. Eu sei de um monte de surdos que traem a mulher. Que são casados há anos e traem a mulher, que ficam com discurso de que – (essa aí é punk) – na frente dos outros: “eu sou casado”, aí vem bem assim para mim: “você sabia que eu não gosto de lésbica porque o pastor falou que isso aí não é natural, na bíblia diz que não pode”. Eu digo assim: “vá ler a bíblia. Você nem sabe ler português, guri, enxergue-se. Você nem entendeu porra nenhuma do que essa bíblia quis dizer. Você nem entende, depende de um pastor que fica interpretando para ti”. Ele diz as coisas e você acredita em tudo, seu boca-aberta”. E eu sei de altas

surubas desse surdo: já pegou chefe de departamento, já pegou o professor – anda com homem e com mulher, com tudo, e paga de... Não é? Pastor e blábláblá.

Aham

Todo mundo sabe. Sabe aquelas coisas veladas? Todo mundo sabe, todo mundo comenta, e quando eles chegam: “oi fulano”. É punk. Mas quando a mulher apronta... Tem um caso do pai de um surdo, o cara é surdo também. A família de quatro surdos: pai, mãe e dois filhos surdos. O cara era, na época, da diretoria da Sociedade dos Surdos de lá, tinha a chave do local e resolveu levar seu amante para dar uma bimbadinha lá. Só que ele foi tão boca-aberta que resolveu ir em um horário muito incomum, que ninguém ia lá nunca. Os vizinhos viram que a luz estava acesa e tinha barulho, acharam que estavam assaltando. Mandaram uma mensagem para o presidente, ele chega lá e pega o outro fazendo sexo com o seu amante. Um cara casado. Esse é o escândalo da cidade.

Deixe-me perguntar uma coisa: depois que você se assumiu, você acha que mudou alguma coisa no seu jeito de interpretar?

Eu tento manter mais distância. Antes eu brincava mais, sentia-me mais à vontade. Agora, eu sou bem mais séria.

Mas porque você já espera?

Não, porque eu já não quero muito interrogatório sobre a minha vida pessoal.

Porque o fato de ser lésbica gera isso?

Muita curiosidade, muito questionamento e eu quero ser avaliada como profissional. Eu não quero ser tratada diferente por ser lésbica. Nem melhor do que eu mereço, nem pior. Eu quero ser só avaliada como intérprete.

Mas será que os surdos entenderam isso?

Não.

Ou eles sentem bastante?

Eles sentem e reclamavam bastante.

Tanto que aconteceram aqueles negócios, não é?

Reclamavam: “o que aconteceu contigo, você está muito distante”, não sei o quê. Só que é um saco, porque antes de me assumir, antes de eles saberem que eu gostava de gurias...

Nem tinha essa amizade toda, não é?

Não, eu tinha, só que ninguém me perguntava coisas sexuais, tipo: “qual o tamanho do pinto do seu namorado”? Ninguém me perguntava isso. Por que agora que eu me assumi lésbica – me descobri, nem acho que me assumi -, que eu me descobri lésbica, uma surda se acha no direito de me perguntar se eu uso pinto de borracha ou não para transar com a minha namorada. Isso é muito íntimo. Por que antes ninguém perguntava isso? E por que essas pessoas acham que agora elas têm essa – elas podem se dar essa – liberdade ou ter essa intimidade? Eu acho que isso eu que escolho. É porque, como eu trabalhei muito tempo, eu fiquei cinco anos lá no Nuances trabalhando com surdos e falando de DST, de AIDS. Nós tínhamos que falar das práticas sexuais, mas eu nunca falei das minhas práticas sexuais.

Você nunca deu liberdade, não é?

É. Nunca falei das minhas práticas. Só que os surdos sempre tiveram essa liberdade comigo, de me perguntar as dúvidas deles. Só que depois que eu me descobri e eles ficaram sabendo, eles começaram a perguntar coisas da minha intimidade. Esse limite aí eu não curti.

Você acha que é mais fetiche ou mais curiosidade?

As duas coisas. Depende de quem. Tinha gente que era fetiche mesmo, tinha gente que era curiosidade. E eu entendo que alguns surdos não têm com quem conversarem sobre isso, não têm. E aí se sentiam à vontade comigo. Mas eu até fiquei impressionada, porque eram surdos que eu nem dava muita abertura que vieram com essas perguntas. E já uma surda que é super minha amiga, e amiga pode me perguntar o que quiser, nunca perguntou. Ela nunca perguntava nem com quem eu estava

namorando. Nada. Nós falávamos coisas das nossas vidas. Nem ela, nunca ultrapassou.

Aham

F1: Exato, isso é muito íntimo. A mesma coisa as minhas amigas ouvintes: Elas não ficam me perguntando, não perguntam o que eu faço com as minhas namoradas. Normalmente quem pergunta é gente que não é muito minha amiga e aí já ganha o passaporte de: não será jamais. É porque isso, entende? Com as minhas amigas lésbicas, nós raramente ficamos falando de coisas.

Desse tipo de coisa, não é?

Esses dias, nossa, o pessoal quase morreu de vergonha. Nós falamos daqueles gelzinhos de massagem e tal e umas já ficaram meio vermelhas porque eu estava falando de coisas que eu usava com a minha namorada. Mas é uma coisinha boba, aqueles gelzinhos de comer. Aí eu brinquei e falei: “eu sou tão gorda que até na hora do sexo preciso de coisa doce”. Eu como dos dois jeitos. Porque eu gosto dessas coisas com cheirinho ou com gosto. E já foi um constrangimento light. Então, nem as gurias gostam que a gente fale essas coisas entre nós, sapateiras. Eu não sei por que algumas pessoas – e não é com todas. Mas eu senti assim, quando é aquela surda ficou me dando pressão de: “e aí, como é que transam duas mulheres e tal? Eu não tenho com quem conversar sobre isso”. Está bem, mas por que tem que ser comigo? Sei lá, eu disse para ela: “Vá, tem um monte de blogs”. E ela me disse assim: “para que blog se tem você para responder”? Como se eu tivesse essa obrigação. Não tenho essa responsabilidade, querida.

É heheh complicado!

Mas é isso Nara, qualquer coisa se quiser saber mais me avisa!

Acho que por agora eu tenho muito material seu hehehe Obrigada viu por tirar esse tempinho pra gente conversar!!!

MARLEY ENTREVISTA

(INÍCIO)

E tu volta quando? Quando acaba o teu ano?

Eu retorno em outubro. Assim, começou em outubro. Daí logo que eu entrei, começou meu afastamento, a mãe ficou doente, foi para o hospital, ficou doente, doente, doente, doente.

Eu ia perguntar.

E (morreu).

Mas tu morava com ela?

Não, não. Eu moro com o meu marido.

Ele é intérprete também?

Não.

Não, e às vezes a gente não entende as coisas, mas eu acredito que tudo, na real, tem um significado, Assim, eu acredito que as coisas acontecem quando têm que acontecer.

Pois é. Não, tudo convergiu para que eu conseguisse minimamente dar conta, ou não dar conta. Porque essa coisa do emocional, fiquei muito abalado.

Sim. Nossa, mas imagino. Mas, assim, pensa que tu tinha seu marido. Imagina se tu estivesse sozinho.

É, isso é verdade, é verdade. Foi tremendo. E está lá a minha velhinha lá no silêncio eterno, telúrico, mas está tudo bem. Daí agora que eu estou começando a retornar, escrever artigo, essas coisas do doutorado.

Quando tu tem que defender?

Eu quero defender em outubro, mas eu posso defender até 2019. Junho de 2019.

E tu não pensa, assim, mudar? Porque a tua área é de Filosofia. Não pensa em, tipo, migrar para... Não, sabe por quê? Porque assim, a maioria das pessoas que eu vejo, são meus colegas que estão meio infelizes, assim... por isso que eu queria tanto conversar contigo, porque assim, por mais que a gente tenha tido pouco contato, tu é uma das pessoas mais inteligentes que eu conheço.

Nossa.

Não, eu estou falando sério. Não, que horror, não é pressão, é que eu acho você muito inteligente, política, assim, sabe? E é muito difícil achar pessoas que são da nossa área que sejam assim, entendeu? Ou são muito assim, ou são muito "estou nem aí", entendeu?

Até um tempo atrás era todo mundo aquilo. Aquela coisa, não sei até que ponto a gente pode falar isso ainda hoje, mas, tipo, formação basicamente (banco de horas). Então o pessoal agora migrou para os espaços, assim, onde eles têm atuar como profissionais e tal, carregaram junto toda aquele ethos, de caridade...

Assistencialismo.

Assistencialismo. E também tem um pessoal assim, que está chegando (sem a menor noção de nada).

Obrigada. Esses que estão chegando é o que eu tenho mais medo.

Pois é, eu fico com medo.

Assim, de se acompanhar, com quem vão se acompanhar, entendeu?

E o que acontece, o que tem acontecido é que esse pessoal novo que está chegando vai pelo mais óbvio, pelo mais fácil, que é o discurso dominante em relação às pessoas com deficiência, que é do assistencialismo. Daí acaba dando confiança para pessoas que, enfim, estão dentro da academia.

Mas está muito complexo e eu não quero mais essa complexidade para mim. Então eu estou assim, tipo, fazendo o doutorado, querendo

terminar logo. Depois eu tenho que pagar um ano ainda no serviço público.

Ah, de afastamento, eu sei.

De afastamento.

A mesma coisa que eu tenho que fazer quando voltar.

E depois eu vou fazer outra coisa. Não vou ficar. Não vou ser intérprete, não vou. Não é para mim. Assim não é para mim.

Do jeito que está, eu não sei se tu lembra, que eu te falei da minha pesquisa. Por isso que eu falei que eu queria conversar contigo, porque assim, a maioria dos tios que são gays ou lésbicas, que querem conversar sobre isso, que são Queer, na real. A maioria dos que eu conheço é assim: "não, está tudo bem", sabe? Nunca aconteceu nada, não tem nada a relatar. E eu não quero influenciar ninguém para dizer o que eu quero ouvir,

Claro. Há surdos e surdos.

E aí elas me contaram algumas coisas, assim, que eu achei absurdo. E aí eu estou fazendo análise do que eles estão falando. E aí eu não sei, assim, se tu já passou por alguma coisa, assim, sei lá, por exemplo, algum surdo que tu foi interpretar, por tu ser gay, ter rolado algum estresse. Porque eu vejo que, assim, Facebook... que tu não tem mais.

Não.

Mas na época que tu tinha, eu via que tinha muitos embates, assim.

Muitos.

E, assim, eu não adorava os embates, eu adorava ler as suas opiniões sobre. Por isso que eu falei: "eu tenho que entrevistar esse menino, pelo amor de Deus". Porque, assim, a única pessoa lúcida era tu ali, entendeu? Para postar coisas sobre, coisas com embasamento teórico.

Sabe que isso eu vim pensando. Eu nunca consigo pensar assim, situações de preconceito isoladamente. Eu sempre penso em todo contexto que está se desenrolando. E um desses elementos que eu penso, das situações de preconceito, é essa ascensão social dos surdos, esse status de... não tem 20 anos isso, que o surdo pode olhar para si e dizer: "não, agora eu posso comprar o meu carro, eu sou professor, eu posso viajar, eu posso isso, eu posso aquilo, eu posso mandar no intérprete..."

No intérprete. Se ele for ruim, eu posso mandar trocar.

É, isso. E o quão despolitizado é todo esse processo. Eu não sei, é um processo de declarada despolitização, assumida, assim. De pessoas que vieram de um contexto de resistência, de opressão e que simplesmente, por ocupar espaços que têm uma relevância social, abdicam de toda essa história em favor de um lugar privilegiado. Então está construindo um privilégio que deslegitima toda a caminhada dos surdos. Então tem, na comunidade ali, por exemplo, é um lugar que teve sempre um movimento político presente, sabe? Muito potente, muito bacana. Muitas das coisas que aconteceram primeiro foi ali, entendeu?

Você fala em relação a surdos.

De surdos, é, de questões políticas, de conquistas mesmo, de legislação e de lugares dentro da academia. Só que eu fico confuso, então eles estavam traçando todo esse caminho de luta, mas eles estavam cegos realmente em relação ao fato que eles não estavam sozinhos nessa caminhada. Que eles estavam ganhando o espaço que lhes é de direito, mas outras pessoas estavam junto nessa caminhada. Não só em relação à comunidade surda, mas outros grupos sociais também estavam caminhando nesse sentido. Eles não conseguem se ver, por exemplo, ou traçar paralelos. Lógico que são movimentos diferentes, mas, por exemplo, o movimento LGBT. O movimento negro.

Sim.

Eles não conseguem ver a importância de traçar esses paralelos, até mesmo para definir diferenças, estabelecer identidade, mas para ver que é um movimento que é um empuxo. E o quão enriquecedor isso seria para eles. Então quem estava realmente escrevendo aqueles textos que eles escreveram? A escola que nós todos queremos, o currículo que nós todos queremos, não sei, o currículo que nós todos queremos. Quem que

estava fazendo aquilo? Quem que estava escrevendo aquelas primeiras teses?

Porque é muito... Descartável, assim. Em relação ao que eles falam hoje em dia.

Muitas vezes, eles não conseguem estabelecer paralelos, assim. Quando eu converso com surdos, assim, na minha tese eu queria trabalhar com a sigla inteira, só que foi muito complicado conseguir intérprete que fosse assumido, que quisesse falar sobre. E trans eu só conheço uma, do Rio. Acho que tu conhece ela, Só que ela não quis participar da pesquisa. Tudo bem, não tem problema. E aí eu disse: "tá, não vou mexer no T, então, eu vou focar nos gays e nas lésbicas, que é mais fácil". E assim, eu não queria nem rotular. Porque tem gente que não gosta também, está difícil, assim, achar uma nomenclatura que contemple, sabe? E tem surdos, que eles não conseguem estabelecer. E, assim, mas o que tu acha...

Ah, isso tem em vários momentos. De perguntar como é que é.

Tuas intimidades,

É, não, daí eu retorno a pergunta. E a tua vida sexual, como é que é? E como teu marido, quando ele fica como pinto duro e aí é direto, ou tem preliminares? Como é que é que funciona? "Ai, mas...", sabe?

É porque tem surdo que fala para mim assim: "mas é normal, porque falta informação"... Mas eu não estou entrando nesse contexto, eu estou entrando no contexto de que a gente está com uma comunidade dentro da comunidade.

Sim.

E que às vezes essas picuinhas são meio invisibilizadas. Essas pontinhas de preconceito do tipo: eu não vou trabalhar contigo, porque tu é veado, sabe? Ou tu não vai fazer a minha voz, porque tu voz... eu mesma já presenciei isso.

Ah, mas é incrível. Mas sabe, tem um fenômeno que eu vou te relatar agora, que é assim, a primeira vez tu acha surpreendente, mas depois tu vê que não é surpreendente. Que é o seguinte: tem um menino, no caso,

tem mestrado, e ele é uma pessoa... não, resumindo, ele é mal educado, ele é mal educado. Grosso...

Hétero?

Hétero. Liderança famosa no estado. OK. Daí eu interpreto para ele de vez em quando, quem mais interpreta para ele são as gurias, é uma dupla, que atuam na disciplina e ele é grosso, é...

Machista?

É machista. E nos trabalhos finais a gente faz um atendimento assim, de tradução, não, o que quer dizer? Aí a gente coloca...

Tipo para a dissertação dele?

Para artigo final da disciplina. E por mais que a dupla sejam essas duas meninas, ele chega na sala dos intérpretes e ele manda e-mail para o agendamento e pergunta: "ah, eu quero que alguém faça comigo a tradução do meu texto, mas eu prefiro Fulano ou sicrano".

Quer homem?

Daí, assim, perguntei para ele: "tá, mas por quê?". Porque eu prefiro homens. "Ah, não, é porque vocês conhecem bem, não sei o que, sabem português".

Argumento ruim.

Argumento muito ruim. "Ah, não, porque têm já mestrado", não, uma das meninas, inclusive, também já tem mestrado. Então não é esse o caso.

Mas ele nunca te disse, assim...

Não, ele não fala, mas é uma coisa óbvia, machismo.

Se supõe. Dá para supor.

E ele sabe que eu sou gay, ele tem essas coisas, essas resistências.

O fulano, É gay também?

Não.

Então, ah, tá, aí vamos entrar em outro patamar.

É. O colega, ele é uma pessoa assim, que...

Tem tudo para ser.

É. Está perdendo tempo.

Mas ele é religioso?

É.

Porque às vezes é isso.

Às vezes é isso. Acho que é, nesse caso. é uma coisa de: "ai, namorado". Daí todo mundo... mas daí essa coisa de desconfiança é uma coisa boba também. Muito. Daí eu fiquei pensando assim: "poxa, esse menino surdo...", quer eu e o Fulano. Ele tem essa coisa de não entender gays, ah, não, eu respeito, não respeito...

Eu respeito. Daí ele se apegava muito ao discurso da identidade, essa coisa da identidade do surdo. Ele se matriculou num semestre numa disciplina genial, maravilhosa, que é de filosofia da América do Sul, a gente pegava uns chilenos, interculturalidade, maravilhoso, assim, filosofia indígena, umas coisas assim, de arrepiar. E ele não conseguia entrar, não conseguia...

Fazer conexões,

Fazer conexões e entender o que é interculturalidade, exige um lugar onde (fala) não vai levar... sabe? Tem uma coisa mais de diferença.

De compartilhar, de entender...

De diferença, a perspectiva, até a gente está usando esse sinal aqui, diferença.

Ao invés desse aqui?

Ao invés desse daqui.

Ah, que legal.

Diferença. No sentido de diferença pura, diferença não relativa, assim.

Entra no caso ali da surdez ser uma diferença e não uma deficiência, entra esse sinal?

Entra. Mas eles não entendem isso. Eles não entendem isso. Conceitualmente eles não conseguem chegar aí, porque eles vêm com a identidade, entendeu? E ele tem esse discurso, "não, isso é assim, essência".

Ah, eu não gosto disso, eu não gosto desse discurso. Como se tu nascesse e tu fosse morrer da mesma maneira que tu nasceu.

Como é que o cara está tendo uma oportunidade de ter uma disciplina maravilhosa dessa e não está pegando, sabe? Não está pegando o negócio. E daí para falar que, apesar de ele ser uma pessoa machista, homofóbica e tal, na hora de selecionar quem vai trabalhar com ele, prefere...

Mas só pelo fato de ser homem,

Só.

E as meninas, como é que se sentem com isso? Elas falam alguma coisa?

Ficam aliviadas, porque elas odeiam o cara.

Mas, tipo, elas conseguem identificar isso do machismo? Ou elas ficam tipo: "ah, beleza".

Não, tem uma que consegue. Tem uma que consegue identificar, mas...

Mas também não fala muito.

Não fala muito. Quem fala sou eu, entendeu? Eu falei para o grupo assim assim.

Quer problematizar e ninguém quer problematizar junto.

É. Mas tem isso, esse cara é um baita de um machista, ele entra aqui, sabe? Pega como ele é, ele faz isso daqui, comigo ele nunca fez isso.

E também porque elas meio que não se posicionam,

É, talvez não se posicionam, talvez não queiram se posicionar. Talvez não vale a pena, mas daí colocou como homofobia e machismo estão ali, andam juntos.

Andam juntos. E por isso que eu estou tentando escrever, está sendo muito complicado para mim, assim, sabe? Porque, tipo, a teoria de gênero é um negócio gigantesco, E tem linhas que é para deixar a coisa mais difícil ainda. Tu tem que escolher uma linha. Assim, eu quero terminar até julho, que é quando encerra o meu afastamento, mas eu tenho até setembro. Mas eu quero terminar até julho. E assim, tem que escolher uma linha e, assim, a partir do momento que tu vai teorizar de gênero com uma diferença, de sexualidade, eu acho que entra. É muito complicado eles entenderem assim, sabe? E entenderem, por exemplo, que machismo, homofobia, racismo, todos estão meio que interligados.

É um absurdo, é outra coisa, outra coisa. Daí eu ensinei para eles o sinal de metafísica. Metafísica, sabe o que significa?

Nossa, é assim?

Daí eles pegaram o conceito assim...

Claro, querem te dar uma resposta,

Daí eu falei para eles que, tipo, quando vocês afirmam desse jeito, categoricamente, que isso é outra coisa, isso daí nada mais é do que metafísica. Vocês não têm um...

Palpável,

É.

E no caso de, tipo, das instituições que tu já trabalhou, sempre foi tranquilo em relação a isso?

Não. Teve uma instituição que eu trabalhei, que era uma faculdade. Centro universitário. Em Canoas. Eu trabalhei lá como intérprete, por um ano mais ou menos. E em relação a colegas, assim, colegas que iam. Assim, nunca foi uma questão para mim, sabe? Tipo, ah, estou sabendo que tu é gay. Não é esse o ponto, mas...

Sim, sim, sim.

Nunca foi uma questão para mim. E até por isso, todo mundo sabia. Não que eu contasse também, porque essas coisas...

Sim, mas ficam subentendidas,

É.

Até porque também não é uma característica importante para tu se relacionar enquanto...

É, exato. Eu não vou me policiar, por exemplo, para dizer: "ah, eu saí com meu marido". Eu não falo nada. Daí o que aconteceu foi que duas colegas, elas, duas idiotas, eu nem discuti com elas porque não valia a pena o desgaste. Elas chegavam, elas começaram a dar pistas de que elas sabiam o que eu era.

Mas, tipo, tentando invadir tua privacidade?

Tentando dizer, assim, como... a situação é como se elas tivessem uma carta na manga em relação a mim, para me prejudicar.

Ai, que horror.

E daí eu só fazia assim com a cabeça. Não eu não ia discutir com elas, dizendo: "ah, sua idiota, todo mundo sabe, eu não estou nem aí", só concordava, e era muito engraçado porque elas começavam a entrar em assuntos de relacionamentos...

Para ver o que tu tinha a dizer.

Para ver o que eu tinha a dizer. Daí que eu não falava mesmo naquele momento, para ver até onde elas iam.

Para conseguir,

E elas iam. E elas iam. E elas se olhavam, assim, "ah, eu conheço fulano", tipo, alguma bicha, por exemplo, tu não gostaria de conhecer?. Ah, que legal, manda um abraço. Não, ridículo. Daí até uma delas fez Letras-Libras e tinha um TCC que era o famigerado TCC que eles tiveram que fazer uma tradução de artigo, não sei se tu conhece.

Eu não sou formada em Letras-Libras.

Mas tu ficou sabendo, foi um auê na época. E daí a Fulana, que era tutora aqui do campus.

Ela era tua colega.

Minha colega. Na época, ela me chamou para ser banca. E um dos trabalhos que caiu para mim foi dessa menina, uma dessas. Mas assim, o comportamento só faltava ela se arrastar, assim. Ah, meu Deus, porque eu te admiro muito, não sei o que.

Porque tu era banca?

Porque eu era banca, querendo puxar o saco, com medo de... Fiz a avaliação, não prejudiquei ela, nem nada, enfim.

Foi justo,

Justo, fiz uma avaliação. Ela passou.

Não, o que eu acho interessante essas coisas, por isso que eu pergunto de colegas, porque é justamente o que a gente estava falando da classe ser completamente desunida. Aí os preconceitos vão aparecendo mais ainda, Porque tu já não gosta do teu colega, porque ele é teu colega, aí se ele tem uma diferença... é que nem o caso de ser nordestina, meu Deus do céu. Quer dizer, claro, não é a mesma coisa, estou fazendo só um paralelo. Por eu ter essa

diferença, tem surdos que não... meu sotaque, não querem que eu faça a voz.

Ah, é? Tem isso?

Porque, inclusive, a maioria daqui, porque gaúcho...

Ah, gaúcho, meu Deus.

Gaúcho precisa voz gaúcha, precisa sotaque gaúcho. Eu digo: "então está bom".

Que nojo disso. Mas que nojo disso.

Aqui no Rio Grande do Sul que aconteceu aquele negócio que eu te falei, de um surdo não querer que surdo gay fizesse voz. A minha voz eu quero um intérprete hétero. E está difícil, né, querido? Porque a classe que mais tem veado é intérprete.

Mas é um idiota.

Idiota.

Nada a ver,

Não, não, mulher também não, gay também não, quero um homem, hétero, com a minha voz, para combinar. Ah, para combinar, então não tem, só tem a gente, e agora? Não quer voz? Que aí você avisa lá que você não quer. Aí ele teve que escolher. Mas, assim, tu ouvir um negócio desse... aí tu fala que é machista, não, não é machismo.

Fala, fala. Tua cabeça está saindo fumaça, estou adorando.

Não, essa coisa.

Ai, meu Deus, logo...

Vamos no fundo,

Vamos no fundo. Eu não vou colocar nomes, fica tranquilo.

Vamos no cerne da coisa. É uma pessoa que merece todo o nosso respeito. Fez, construiu muita coisa, oportunizou muita coisa para os surdos e para os ouvintes.

Indiretamente.

Indiretamente. E ela faz questão de ponderar isso, que os ouvintes, indiretamente. Que nem orientar ouvinte ela orienta, deve saber disso.

Continue.

Mas ela faz questão de não sair do lugar em termos conceituais, em termos políticos, ela faz questão de reafirmar coisas que foram ditas há muitos anos atrás. Porque não sei se ela quer manter o lugar dela de quem, enfim, uma pessoa que é respeitada, que entende do assunto, se é por causa do lugar que ela ocupa na universidade, no imaginário das pessoas.

Se é por causa dessa linha de surdo que ela tem.

Não, isso é uma ferramenta, e são instrumentos, isso que ela usa, E que convence, daí vem de uma comunidade, sabe, lá do interior, do Paraná, de São Paulo.

do próprio Nordeste. Idolatram. Idolatram.

Idolatram. Daí vem para congresso, daí vem(...) E por que ela assume esse lugar?

Mas assim, eu que estou ali, é muito ego.

M1: O que que essa pessoa... O que ela acha que está ganhando com isso... O que ela acha que está ganhando com isso? E o que ela acha que os profissionais estão ganhando com isso? O que ela acha? É verdade mesmo que ela quer formar profissionais tradutores, intérpretes? É isso mesmo que ela quer? Ela quer que eles sejam formados, que eles sejam qualificados? Se sim, então tenha um olhar realista para o que a gente tem. Temos uma situação que é a seguinte: que os profissionais são provenientes ou de comunidades religiosas, ou, enfim, espalhados na sociedade, e de que sociedade que a gente está falando? A gente está falando da sociedade brasileira, em que as pessoas vêm de uma

educação deficitária. Todos nós. Principalmente os que vem do ensino público. E que a leitura não é algo difundido, as pessoas não têm o costume de ler, não têm o costume. A leitura na escola não é algo...

Incentivado.

Incentivado. Nem há qualificação de trabalho didático, de leitura, de escrita, de argumentação. Então são essas pessoas que são os profissionais de hoje.

É o que tem,

É o que nós temos. E, diante disso, o que... se a gente quer formar, então, profissionais, uma categoria, dizer que há uma categoria de profissionais tradutores e intérpretes, o que é preciso? É preciso fazer? Que atitudes que a gente tem que ter? E também será que ela não olha como é que as coisas acontecem nesses lugares que ela vai? Por exemplo, lá nos Estados Unidos, será que era assim lá? Será que os tradutores e intérpretes são expostos dessa maneira? É inútil, é inútil. Porque esse tipo de atitude só demonstra o quanto a formação de tradutores e intérpretes é uma falácia. É só porque era preciso ter um curso de Letras-Libras bacharelado. É só por causa disso.

É um papel.

É uma pessoa burra. Resumindo, é uma pessoa ignorante. É uma pessoa muito ignorante.

É. (Você não quer um doce?)

Eu quero.

Porque isso é para a posteridade. Que amor. Vai comer, depois nós vamos ter que tirar uma foto juntos, vou mostrar para nosso amigo.

ARIEL ENTREVISTA

(INÍCIO)

Então Ariel, como a gente estava falando, tem muito preconceito dentro da sociedade para com os LGBTQ, e como eu já tinha te falado, minha pesquisa gira em torno deste tema, do preconceito dentro da comunidade surda para com os ouvintes e surdos TILS LGBTQ.

De verdade Nara, eu percebo que sinto mais preconceito de surdos heterossexuais do que de surdos ou pessoas LGBTQI. A comunidade surda é uma minoria linguística, percebo que há mais facilidade de aceitarem a diversidade. Por exemplo, a gente encontra dentro da comunidade surda surdos pobres, surdos negros, surdos altos, baixos, gordos, enfim, uma variedade, a gente percebe que os surdos aceitam e acolhem a diferença, justamente por serem uma minoria.

Quando eu comecei a namorar efetivamente uma mulher, percebi que a comunidade surda ficou surpresa, é claro, mas no geral, a maioria me apoiou, continuaram a me convidar pra sair, pra visitar a casa dele... até hoje eu percebi preconceito puramente por eu ser surda, por exemplo no contexto do trabalho, não me daram responsabilidades por não me acharem capaz por eu ser surda. Mas psicologicamente essas situações não me afetaram, ficou tudo bem.

Não sei se tu já viu algumas discussões sobre questões de gênero, masculinidades e feminilidades, elas também vêm ocorrendo na comunidade surda e acredito que no teu contexto também né?

Sim, até porque minha namorada não segue os padrões da sociedade de “feminilidade”.

E da parte das famílias de vocês, como eles tratam vocês?

Então, é difícil falar disso né? Somos uma minoria e ainda assim nem todos os assuntos são discutidos com tanta clareza. No meu caso, eu como surda de família ouvinte nunca percebi preconceito para comigo. Mas temos um problema, no caso a família dela, que tem crenças religiosas envolvendo a opinião deles. Eles são evangélicos e não

aceitam minha namorada ser lésbica até hoje. A mãe dela já conversou comigo, foi tudo bem, mas até hoje ela nunca quis expor, por exemplo, fotos conosco ou em grupos de família. Ela sempre pergunta dela pra mim, mas acredito que por influência da religião que ela não detalha tanto. A gente percebe muito essa influência da religião quando a gente fala por exemplo que quer ter filho. Ela pergunta – “mas como vocês vão fazer isso? Filho é ‘produto’...” São posicionamentos diferentes das duas famílias, enquanto a minha aceita super bem, a dela não tem a mesma atitude. Percebo que há preconceito da parte deles, mas não é tão exposto, tão visível. Eu percebo por pequenas atitudes deles, não nos convidam para nada por exemplo, não gostam de expor nós duas juntas, é muito a questão da religião no meio sabe? Eu não ligo muito pra isso, mas é uma pena...

Talvez, você já pensou, se você mudasse seu jeito de se vestir, ou seu cabelo, será que a reação da comunidade surda fosse a mesma?

Não sei viu, mas eu temo mais a reação da sociedade em geral do que da comunidade surda. A gente percebe muito os olhares que são dirigidos a nós como lésbicas... por exemplo, eu evito andar de mão dada com ela, principalmente porque a gente não sabe o que vai enfrentar de preconceito por aí... quando a gente começou a namorar, minha mãe sempre me pedia ‘pelo amor de deus, cuidado Ariel, seja discreta!’ porque ela se preocupava muito com a violência, com as reações das pessoas, principalmente pelas notícias de gente apanhando, sofrendo muita violência física... a gente sempre tentou ser o mais discreta possível para a sociedade. Dentro da comunidade surda, a gente não tinha tanto essa preocupação, pois fomos super bem recebidas.

Ah, eu percebo que tem muito preconceito com o que eu penso... por exemplo, sobre o aborto, eu sou a favor do aborto. A comunidade surda mais conservadora olha pra mim como se eu estivesse muito errada, como se eu fosse um monstro! ‘mas como você tem uma filha, como você consegue ser a favor!’ Eu percebo como é complicado ter esse tipo de conversa com pessoas mais conservadoras. Eu fico louca, ela sabe! Heheh Eu sempre tenho que explicar – olha só, eu tenho filha sim, mas foi na hora que eu quis ter. Se eu engravidar num período que eu não queira ter a criança, é meu direito decidir se a gravidez vai acontecer ou não. E já foi provado por inúmeras pesquisas que, em casos de aborto com poucas semanas, não há sofrimento nenhum para o feto. Fazer o aborto é melhor do que decidir por ter a criança e ser uma criança não desejada. Imagina viver 30-40 anos com uma pessoa que eu não quero

conviver... não é saudável nem humano. No meu caso, eu tive filha porque veio na hora certa. Mas por exemplo, eu não quero mais ter nenhuma criança. Não é falta de amor, é a questão da responsabilidade mesmo. É uma escolha, é um direito e deve ser decidido inteiramente pela mãe. O corpo é meu. É o que eu sempre falo, tocar em assuntos polêmicos gera muito rebuliço dentro da comunidade surda; falar sobre ser gay/lésbica não é diferente.

- Temos casos de alguns surdos ou até mesmo colegas de trabalho que são religiosos. Você acha que isso influencia a opinião dos surdos sobre você ser lésbica?

Claro! Eu sou muito mais cautelosa com essas pessoas, não gosto de misturar minha vida pessoal com o profissional de jeito nenhum.

- E as redes sociais também estão cada vez mais mostrando qual a real opinião das pessoas... Houve uma confusão esses dias no Facebook sobre Feminismo, acho que você foi uma das que encabeçou a resposta para a surda, não foi?

Sim... ela falou um pouco sobre como não acha o Feminismo importante e que acha que as mulheres não precisam dele para viver... eu não tive como ficar calada. Respondi, mas também ao mesmo tempo já deixei de ser amiga dela no Facebook. Mas é isso. Comigo eu não consigo perceber preconceito por eu ser lésbica, mas por minhas opiniões feministas e de esquerda no geral. Talvez por eu ser uma surda muito articulada e política é que os outros não tenham coragem de me falar ou perguntar as coisas. Eu realmente não sei.

- Você já ouviu algum comentário maldoso que você não gostou sobre você, suas ideias, sua identidade de gênero?

Ah, tem alguns bem desagradáveis. Do tipo – ah que pena que vocês não podem produzir uma criança... Eu não sei, nunca nenhum surdo veio falar isso para mim, talvez não tenham coragem de falar na minha cara. O maior problema mesmo foi a questão do aborto mesmo. E isso continuou no Facebook; a coisa proliferou de um jeito... e eu não sei se é a mente fechada das pessoas, com algumas é impossível conversar sobre esse tipo de assunto. Não perco mais o meu tempo discutindo esses assuntos quando eu vejo que são as mesmas pessoas que já tive oportunidade de explicar o assunto em alguma outra oportunidade passada.

- E você percebe esse movimento de redes sociais para falar desse assunto e exporem ideias de preconceito...

Sim, eu percebo e no caso dos surdos é quase unanimidade falar que é por causa da religião. Tem um grupo de surdos de São Paulo que é de direita... Eu tenho tanta raiva! Eles manipulam muito os outros surdos... Falam mal inclusive do feminismo. Eles confundem as palavras FEMINISMO e FEMISMO. Eles acham isso, que o feminismo significa a ode ao ódio aos homens, e não é esse o significado da palavra. Já tentei explicar de toda maneira para eles, mas não adianta. Comecei a ignorar mesmo. Hoje o pessoal vem falar do Bolsonaro pra mim, antes eu ficava possessa, hoje não desperdiço mais minha energia com isso. Não adianta discutir esses assuntos com gente radical, não adianta!

- E de colegas você já percebeu algum olhar diferente ou comentário?

Não percebi nada. Eu sou professora certo? Eu trabalho em Santa Maria, que é uma cidade universitária, onde a maioria dos alunos é mais aberta em relação a assuntos polêmicos como esse. Temos alunos negros, alunos LGBT, tatuados. Eu acho que essa diversidade na comunidade universitária ajuda bastante na aceitação de todas as diferenças. Meus colegas de trabalho me receberam super bem, inclusive já levei minha esposa no meu trabalho e não houve qualquer represália. Continuo sendo convidada para participar de projetos, para dar palestras, então no meu caso, como professora universitária, eu nunca tive problema ou nunca percebi nenhum preconceito comigo no ambiente de trabalho. Até porque eu comecei a me relacionar com mulheres aos 28 anos. Então, talvez se eu fosse mais jovem, talvez eu percebesse mais ou recebesse mais represália. Atualmente estou na minha fase mais madura, em todos os aspectos. Quando comecei a me relacionar com mulheres eu já tinha minha casa, meu carro, meu emprego estável, assim, pra mim é mais fácil estabelecer limites de até onde as pessoas podem se meter na minha vida.

- E em relação a sua vida pessoal, você sente que agora que você se assumiu lésbica, a curiosidade aumentou em relação às perguntas sobre sua vida pessoal?

Claro! As pessoas acham “diferente”, acham “curioso”. Sempre perguntam – ah quem é o homem da relação? Ou perguntam - como é o sexo de vocês, como funciona? Umas perguntas bem idiotas sabe? As vezes eu acho que algumas pessoas acham que é impossível sentir prazer estando com o mesmo sexo. Teve uma mulher que me perguntou assim: olha não sei se tu sabe, mas vou te dizer, tu sabe que duas mulheres não transam né? E eu só tive que rir né...

A maioria das pessoas que me faz esse tipo de pergunta são pessoas surdas, até porque eu sou surda. Acho que pessoas ouvintes não tem coragem de perguntar alguma coisa para mim (isso no meu caso). Eu lembro de um caso de uma senhora surda já de idade que me falou assim – olha só, não tem sexo entre vocês não né, só carinho, né? Tipo, a gente vê que também falta informação pra essas pessoas sobre o assunto. Eu tive que explicar pra ela entender, até porque eles sempre falam – ah mas eu nunca vi, não tem como eu saber... enfim.

Teve outro caso que lembrei agora que um surdo homem perguntou pra gente – ei, e aí, quem é o homem da relação? Porque esse tipo de pergunta vem na maioria das vezes da parte de homem.

- Até porque para maioria é fetiche né?

Sim, demais! Um surdo já me propôs ménage e eu falei – tá louco? É uma falta de respeito!

- Mas é a cultura machista de que a gente tanto já conversou né?

Sim! É a cultura machista que objetifica a mulher. A gente recebe comentários do tipo – ah mas você é tão feminina, não deveria ser lésbica. Ou quando a gente vai pra festas ou coisas do tipo, a gente recebe convites sutis, do tipo, vamo sair os três, vamos dar uma volta, vamos pro motel... eu fico possessa! Eu sempre falo – vai procurar em outro lugar, não mexe com a gente!

Tem pessoas que pensam que a gente tá junta só por uma questão sexual. A gente se ama, quer construir um futuro juntas, nem tudo gira em torno do sexo. Não sei se é falta de informação, se é falta de experiência em conviver com a diversidade...

Outro dia eu também tive que explicar – eu estou com a minha esposa pela pessoa que ela é, não só por ela ser mulher. Eu sempre gosto de falar isso, eu estou com ela pela pessoa que ela é, não só por ela ser mulher.

- E o que tu acha desse tipo de assunto ser debatido dentro da comunidade surda? Porque como você mesma falou, há muita falta de informação, principalmente em língua de sinais...

Sim! Não há diálogo sobre esse tipo de assunto dentro das famílias de surdos. Não sabem conversar com surdos jovens, por exemplo. É papel também da família fazer essa ponte, manter o diálogo. Até porque hoje temos as redes sociais cheias de informações inúteis sobre o que é ser gay, o que é ser lésbica, feminismo, papel da mulher na sociedade... O próprio uso das palavras, como Feminismo, entender o que ele significa, como a gente pode propagar ideias (erradas ou não) pelo simples compartilhar de dados... muitos surdos não entendem e só compartilham sem entender o significado real daquilo.

Eu mesma como surda, só tive acesso aos estudos feministas na universidade, depois de começar como professora. Aqui na universidade temos um grupo de estudos feministas e eu comecei a me interessar pelo assunto. A ver que nós mulheres somos sim tratadas como um produto pelos homens. E aprendi a como me posicionar diante disso. Além disso eu também aprendi que eu sou livre para fazer minhas escolhas, para exercer meus direitos. Na minha família meu pai é o único homem, então ele sempre foi muito rígido com relação a esses assuntos dentro da minha família... é complicado, porque ao mesmo tempo que minha mãe sempre o apoiou, ela tem a cabeça superaberta pra esses assuntos, e nesse sentido, ela sempre foi um exemplo pra mim. Eu nunca vi meu pai dando flores pra minha mãe, por exemplo, no dia da mulher. Mas eu percebi que ele respeita muito nós mulheres. Também, ele nunca consegue falar nada, somos em sete mulheres hahaha. Então, me sinto muito sortuda com a postura do meu pai, sempre falo dele para as pessoas que conheço, porque eu sei que a maioria das famílias por aí tem pais machistas... teve uma amiga minha que foi pra boate e na volta o pai dela bateu na cara dela... pra mim isso é um absurdo, eu nem consigo imaginar meu pai fazendo isso comigo. Ele falou para ela que aquilo não era hora de mulher estar na rua... eu já penso que eu não aceitaria nunca meu pai falar isso pra mim. Eu lembro que nessa época, eu tinha 15 anos, meu pai sempre perguntava pra mim se eu estava bem, era isso pra ele que importava, não a hora que eu estava chegando. Quando isso aconteceu com minha amiga, ficava me perguntando – por que será que há esse tratamento diferenciado entre homens e mulheres?

Em teus posicionamentos como professora ou como figura pública, você se identifica como lésbica?

Geralmente eu sempre palestro sobre ser mulher. Quando há alguma pergunta sobre isso, eu geralmente falo que gosto de mulheres. Eu nunca palestrei sobre ser lésbica por exemplo. As vezes eu até esqueço disso sabia? Haha

Eu falo porque as pessoas gostam muito de se rotular. Eu mesma não gosto de me por numa caixinha...

Eu também não! Concordo com você! Sempre quando eu estou com minha esposa eu falo – ela é minha esposa, mas não é só por ela ser mulher. Eu a amo como pessoa. Não preciso novamente colocar em uma caixinha. A gente já é colocada em tantas caixinhas! Ser surda, ser mulher, ser lésbica...

Essa semana uma revista em São Paulo vai fazer uma capa nossa e a entrevistadora perguntou para mim: Quando você se assumiu? E eu fiquei pensando... será que eu tive tempo pra assumir? Eu acho que ninguém precisa se assumir na verdade. A gente nasce, cresce, não é uma opção, é orientação... é difícil de explicar pra quem não entende. Eu tentei falar isso com ela até porque – pra que eu preciso me assumir pra essa sociedade? A gente precisa assumir que é ser humano pra alguém? Por que eu preciso me assumir pra alguém? Um casal hétero precisa se assumir pra alguém? Por que eu tenho que fazer isso?

Obrigada viu! É muito bom conversar com uma surda militante e política como você!